

Fátima Ramos

A Missão

1498 d.C.

pele espírito de Jedail Vasconcellos

Confraria dos Livros Bons

Fátima Ramos

A Missão
pelo espírito de
Jedail Vasconcellos
1ª Edição

Curitiba, 2017.

Confraria dos Livros Bons

Copyright © 2017
FÁTIMA RAMOS

DIRETORA DE EDITORIAL
Marisa Barreto

**PROJETO GRÁFICO
E DESKTOP**
Sumaya Galvão

REVISÃO
Josiane Pykosz Holthmam Moreno

ILUSTRAÇÕES E CAPA
Sumaya Galvão

Proibida qualquer reprodução, seja mecânica ou eletrônica, total ou parcial, sem a permissão expressa do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira CRB 9-775

Ramos, Fátima

A Missão [livro eletrônico] / Fátima Ramos. - Curitiba, PR : Coração Brasil Ed., 2017. 979 Kb ; ePUB.

ISBN: 978-85-89696-70-8

1. Ciências ocultas. I. Título.

CDD: (22ª ed.)

133.9



Rua Antônio Martim Araújo, 47 – Fone/Fax: (41) 3015-1715
CEP 80210-050 – Jardim Botânico – Curitiba – Paraná – Brasil

<mailto:coracaobrasileitora@yahoo.com.br?subject=Contato>

Agradecimentos

“Como um rio, eu segui por uma época estreita. Minha vida se transformou. Eu outra vez, o passado ficou para trás, e eu não conheço as minhas margens.”

Anna Akhmtova

Agradeço à equipe espiritual que me acompanha, ampara-me e manifesta-se através das narrações escritas, compactuadas em formatos de livros, cujas páginas venho psicografando em um sério trabalho de missão. Os ensinamentos propagados para além de um alcance que imaginamos obter, que, portanto, em um grande sonho conseguimos transmutá-los e realizá-los.

Neste ínterim, se faz ímpar citar os amigos e profissionais que contribuíram para que as obras psicografadas chegassem, a contento, ao público que aprecia esta literatura, contando com o objetivo de ensinamento pautado, primeiramente, nas leis de Jesus Cristo. Como missionária, o intento não se tornaria diferente ao de transmitir aos leitores os valores, tais como: a paz, a esperança, a luta e a crença em nossas diversas vidas. E conseguimos, em equipe, produzir linhas dignas do entusiasmo a uma (ou inúmeras) leituras vindas de leitores entusiastas. A rigor, agradeço a sra Marisa Barreto, diretora de editorial, por transformar um sonho em realidade. Os livros vão “ganhando vida” e por si ganham, também o mundo, dessa maneira agradecemos o trabalho de Sumaya Galvão, devido à elaboração dos projetos gráficos e desktop, além das ilustrações e capas criadas com extrema dedicação. Extensões de agradecimentos a Josiane Pykosz Holthmam Moreno, contando que o revisor dá a vida que o texto possa ter perdido durante a escrita, a lapidação, a suavidade, a estrutura, a leitura, o entusiasmo e a clareza.

Revisar é a arte de inspecionar, de ler novamente e propor um bom entendimento ao leitor. À equipe que caminha comigo em outros segmentos do trabalho literário, igualmente receba o meu contínuo respeito e agradecimentos. Esperamos proporcionar ao leitor páginas prazerosas e fáceis ao entendimento, muito embora o objetivo principal seja o de crescer espiritualmente através das experiências narradas.

Agradeço, também, aos senhores Sérgio Cordeiro e família, assim como, a Luiz Cordeiro, Washington Caldeira, Mário Santini, Coronel Sebastião Rolim de Moura e Mário Reinaldo Teixeira, devido às suas colaborações valiosas prestadas ao desenvolvimento e trabalho em auxílio às pessoas necessitadas. Este livro, assim como os próximos, contou com os cuidadosos apoios destes amigos, verdadeiros irmãos fraternais.

Fátima Ramos

Prefácio

A Missão

Caros irmãos da fé, eu, Jedail Vasconcellos, vos saúdo em nome do grande mestre Jesus Cristo. Paz e bem!

Caríssimos, até as antigas falas soam novas e convincentes nos lábios de quem experimenta a palavra de Deus. Ele está todos os dias e noites conosco, por isso participa dos nossos atos e condutas; está em nosso espírito, pois estamos ligados a Ele. Assim, sejamos bondosos a fim de testemunhar suas inúmeras bênçãos, pois, mesmo sem vermos com nossos olhos, percebemos o grandioso e bondoso Pai agir em toda a nossa vida.

Há tanto para falar e para fazer que não podemos perder tempo, nossa vida é apenas um sopro. Tudo acaba tão rápido! Por esse motivo, o que quer que faça, faça em nome de Jesus porque, somente o nosso espírito prevalece junto do grande manancial de Deus.

Vale muito lembrar aos irmãos que, para merecermos esse grande mérito na presença de Deus, é necessário praticarmos com coragem a fé e a caridade.

O Evangelho segundo Marcos traz um ensinamento precioso sobre o que estou lhes falando. Aproveito para dizer que os Evangelhos são todos importantes e suas palavras devemos ter guardadas no coração.

“A cura de um leproso.

Aproximou-se de Jesus um leproso suplicando-lhe de joelhos: Senhor, se queres podeis me limpar!

Jesus olhou para o leproso e, naquele momento, compadeceu-se e disse-lhe: Sim, eu quero!

Jesus estendeu as mãos e tocou o leproso que, naquele momento ficou curado.”

Mc 1, 40-42.

Devemos todos ser imitadores de Jesus nos compadecendo dos nossos irmãos.

Uma história que ocorrida há tantos séculos e que ainda é tão atual pois, se abirmos bem os olhos, veremos muitos leprosos no nosso meio. Vou explicar afim de que todos os irmãos possam entender o que tenho para vos falar.

Do seu nascimento, passando por toda a sua vida e até na morte, Jesus se identificou com os marginalizados e os excluídos, uma grande expressão de sua eterna misericórdia por nós.

Eu vos convido para seguirmos juntos nessa caminhada de coragem, fé e caridade seguindo o exemplo do grande mestre Jesus. Para iniciá-la é necessário saber que é o dever de cada um defender e compadecer-se de todos os irmãos marginalizados, assistindo-os.

O termo "*lepra*", usada nas traduções de todos os livros já escritos da palavra de Deus, designava várias doenças da pele, até as que não eram, necessariamente, incuráveis. Apesar disso, uma pessoa que tivesse qualquer vestígio da enfermidade era excluída da sociedade. Ser declarado leproso era uma sentença de morte, porque todos se afastavam por não querer correr o risco de ser infectado.

Os leprosos tinham sua sina exposta:

Traziam cabelos desgrenhados.

Roupas em farrapos.

Viviam como se estivessem mortos, mesmo estando vivos.

Não tinham nome, eram chamados de impuros.

O povo não aceitava a presença dessas pessoas e os que estavam infectados eram levados a presença do sacerdote que, de longe decidia se eram impuros ou não.

Os leprosos eram obrigados a viver à margem da sociedade, vagando sozinhos ou na companhia de outros com a mesma sorte.

Moravam em cavernas, cemitérios ou ruínas; comiam todo o tipo de insetos e tomavam apenas água corrente para não infectarem os animais que bebiam no mesmo lugar no rio.

Queriam ouvir a palavra de Deus nos templos e igrejas, mas eram expulsos pelos sacerdotes. Pensavam que os cristãos se compadeceriam deles, dando-lhes esmolas ou palavras amigas; pelo contrário, eram escorraçados severamente, banidos como membros do povo de Deus.

Por tudo isso, os leprosos passaram a ter cada vez mais raiva e a proferir palavras de maldição. Não queriam que fosse assim, mas a sociedade os forçava a mudar suas identidades; roubavam e matavam por apenas um pedaço de pão e um pouco de água.

Estavam literalmente só.

Sem esperança.

Sem um lar.

Sem alimento.

Sem roupas.

Sem amigos.

Sem Deus.

Se encontravam pobres e abandonados.

Era com esses marginalizados que Jesus se identificava; não tinha nascido entre os nobres, mas entre os animais, pois não havia quem o acolhesse ou lhe abrisse as portas.

Jesus passou grande parte da sua vida no anonimato, entre as cidadezinhas da Galileia ou em montanhas desertas, ou ainda, junto com os irmãos marginalizados ou os menos favorecidos.

Por pregar a palavra de Deus foi declarado louco pelos doutores da Lei.

Blasfemo.

Charlatão.

Endemoniado.

Fanático.

Essas pessoas, julgadas pelos doutores da lei possuídas por espíritos malignos, os loucos, andavam na companhia dos leprosos longe da comunidade, também esquecidos e excluídos.

Atualmente, muitas pessoas ainda são excluídas e esse número cresce assustadoramente. Vários séculos se passaram e, querem saber, nada mudou!

Desde o início do nosso planeta há sempre uma longa e incansável batalha do bem contra o mal. Lutamos diariamente para trazer nossos irmãos rejeitados para uma sociedade de esperança, amor e fraternidade onde o alimento é para todos.

Você, leitor, deve estar pensando: O mundo mudou muito e está melhor! Mas eu vos digo que, temos ainda muito trabalho até sentirmos essa melhora. A intolerância e a discriminação, a "*lepra*", continua em nosso meio.

Os irmãos das classes mais elevadas vivem como reis e rainhas aproveitando a vida em festas e viagens, bebendo e comendo com fartura e desfrutando do conforto e da mordomia que o dinheiro pode comprar; tudo isso, infelizmente, sem se preocupar com o que está a sua volta, à margem.

Quando chamados a ajudar, logo esquivam-se alegando que o mundo é cheio de oportunidades para todos e que a responsabilidade é dos governantes. Não se dão conta que, no mundo em que vivemos, existem pessoas com fome, sede e frio.

Para esses irmãos eu pergunto: Já estiveram alguma vez, na periferia da sua cidade? Ou visitaram, numa ocasião qualquer, um hospital público? Gostaria que fossem! Só assim veriam o caos em que vive a maioria das pessoas.

Caríssimos, os desfavorecidos estão por toda a parte, mas a novidade é podermos fazer alguma coisa por eles. Se acham que à sua volta está tudo certo, peço que por um momento, observem outras partes do mundo.

Moçambique e a fome.

Índia e a má conservação de prédios e ruas.

Tailândia e a saúde.

Paquistão e o abandono da educação.

Muitos povos sofrem com esses e vários outros problemas, entre eles a escravidão, a violência, as guerras e conflitos e tantos outros. Mas a enfermidade maior encontramos nas religiões que, ao contrário dos ensinamentos de Jesus, excluem e discriminam.

Ao estender a mão para o leproso, Jesus, o nosso rei, quebrou uma barreira. Nós também podemos ultrapassar o obstáculo chamado comodismo e nos compadecer dos nossos irmãos seguindo seu exemplo.

Esse Jesus de quem vos falo não foge e nem se deixa amedrontar. Ele não afugenta, se faz simples, vai ao encontro, roga a Deus por eles, não se importa se estão “puros ou impuros” e sua misericórdia ampara a todos. A compaixão de Jesus nos aproxima daqueles que sofrem.

Muitos dizem se espelhar no exemplo de Jesus. Hipócritas! Não sabem que, ao afirmar tal atitude deixam entristecidos nós Espíritos.

O modo como o leproso, na passagem do Evangelho de Marcos, se dirige a Jesus, com fé e humildade, é um dos mais comoventes nas escrituras, pois, tinha confiança

absoluta no Seu poder; sabia que recorria a alguém que podia lhe ajudar.

Jesus ama sem fazer distinção.

Irmãos da fé, vamos nos unir em oração a fim de fazer cessar essa chaga em nosso meio. Tratemos a todos com igualdade e fraternidade pois, só assim estaremos nos espelhando verdadeiramente em Jesus, apresentando-nos como servidores dos mais necessitados.

Mas não se esqueçam:

“Não podemos usar esse método para buscarmos nossos próprios interesses.”

Deus espera que os dons de cada um possam ser repartidos e quem tem mais é chamado a compartilhar com os que não têm. Nesse momento firmemos o compromisso, que sei, exigirá muito de cada um, de identificar os “leprosos” e trazê-los de volta para o convívio em sociedade. Mas, observe que primeiro precisamos tratar da “nossa lepra”; é necessário curar-nos e aos nossos familiares para então estarmos prontos.

“Será a nossa tarefa, será a nossa missão”.

Se possuíssemos apenas a metade de um por cento do grande amor de Jesus, seríamos um só povo de um só pastor. É imprescindível nos libertar e assumir Jesus enquanto há tempo.

Tirem as amarras do comodismo e do egoísmo e curem-se da inveja, da cobiça, da intolerância, do racismo. Poderia dar inúmeros sinônimos para a lepra dos dias de hoje, mas, direi somente que deixem o amor de Deus entrar em seu coração, mente e alma.

Sejam fiéis e retos na tarefa que o Senhor lhes confiar tornando-se missionários de Deus a serviço de Jesus e assumindo essa difícil missão de jamais negar ajuda a quem vier lhes procurar.

Atendam como Jesus: *“Sim, eu quero!”* Posso vos ajudar.

Jedail Vasconcellos
(Espírito narrador do livro
psicografado pela autora Fátima
Ramos).

Sumário

[Agradecimentos](#)

[Prefácio](#)

[A Missão](#)

[Introdução](#)

[I. Família e travessuras](#)

[II. A viagem e Rosemari](#)

[III. Primeira Lição](#)

[IV. Chegada](#)

[V. Uma longa caminhada](#)

[VI. A casa do tio](#)

[VII. Em busca do Sr. Aruaque](#)

[VIII. Um amor, uma perda, uma emboscada](#)

[IX. Uma casa em Paris](#)

[X. O retorno dos irmãos](#)

[XI. Famílias](#)

[XII. A missão](#)

[XIII. A Rainha morta e a chegada](#)

[XIV. Os Aruaques](#)

[XV. Final](#)

[A Autora](#)

[Maria de Fátima Ramos da Silva](#)

[Contato com a Editora](#)

Introdução

Certa vez o apóstolo Paulo e seu amigo e irmão Sóstenes foram a uma cidadezinha chamada Corinto e lá falaram aos irmãos.

Hoje, passados vários séculos, eu vos digo as mesmas palavras, sem aumentar nem diminuir:

“Rogo-vos, caríssimos, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que todos estejais sempre em pleno acordo e que não haja entre vós divisões; vivei em harmonia, no mesmo espírito e no mesmo sentimento.

Permaneçei, pois, na coragem e na esperança, na caridade e na fé, e, o mais importante, tenham amor mútuo para com os irmãos. É no amor que encontramos a esperança, a caridade e a fé; a maior delas, porém, é a caridade.”

A palavra de Deus nos faz enxergar a verdade e a realidade dos fatos. Temos um único desejo apenas: o de contribuir para o vosso crescimento rumo à maturidade em Cristo.

Portanto, saibam esperar com paciência a oportunidade de participar da transformação no grande processo da construção de uma sociedade justa e solidária.

Ninguém nasceu para ser escravo.

Ninguém nasceu para ser senhor.

Ninguém nasceu para viver na miséria.

Ninguém nasceu para ser excluído.

Nascemos sim, para sermos irmãos em Jesus Cristo e missionários de Deus.

Nossa missão é trabalhar para o Reino de Deus pregando o amor para que todos possam ter vida plena

numa sociedade justa, fraterna e libertadora, pois *“Evangelizar é preciso!”*.

Aquele que serve ao Senhor em espírito e em verdade torna-se justo e humilde, pois o brilho de Deus deixa-se transparecer na face dos seus missionários.

Caríssimos, como é belo e nobre o trabalho dos mensageiros da paz, dos que trazem a boa notícia, dos que anunciam a salvação.

Por mais difícil que seja a nossa caminhada não podemos desistir nunca da nossa missão.

“Se alguém disser que tem fé mas não tem obras, de que lhe servirá isso?” Tg 2,14

Meus irmãos, eu vos suplico que não desistam do seu compromisso com o Reino de Deus. Meu pai sempre nos dizia:

“Lutem e lutem.

Lutem mais uma vez.

Até cordeiros virarem leões.”

Relembrar nossas vidas passadas nos dá certo desconforto pois, ninguém está isento de errar. Que bom seria poder voltar no tempo e fazer tudo melhor. Mas, por outro lado, por mais difícil que seja, há sempre algo que podemos aprender para o nosso crescimento na vida cristã.

Depois de examinarmos tudo o que se passou pensamos sempre que, desta vez, faremos melhor.

I. Família e travessuras

Inglaterra, ano de 1498.

Cidade de Orcam.

Castelo de Chamos.

Casa de Sir. William Maxsuel Bolena Marchi.

Nasci em uma família muito respeitada, tinha tios com título de Duque e até primas que se tornaram princesas e rainha; meu pai era conselheiro do Conde de Notuberland. Como o Conde possuía dois castelos meu pai trabalhava muito, mas também ganhava bem, por isso tínhamos uma vida muito boa.

Meu pai chamava-se Sir. William Maxsuel Bolena Marchi, mamãe, Seline Sufrette Marchi, e meus irmãos, Dancam Maxsuel Bolena Marchi, com oito anos, e Thomas Maxsuel Bolena Marchi, com nove anos. Como filho mais velho eu possuía o mesmo nome de papai, tinha dez anos.

Costumávamos brincar em cima de uma árvore grande onde papai havia construído para meus irmãos e eu uma bela casa da árvore. Todas as crianças da vila do castelo desejavam brincar nela. Como bons amigos, os deixávamos subir e se divertir conosco, porém, para entrar tinham que pagar.

Meu irmão Thomas dizia para nossos amigos que, em toda a Inglaterra não se via uma casa como a nossa e, por isso, o preço era alto. Mesmo assim as crianças pagavam para poder brincar.

Aos domingos, depois da missa, íamos para uma pequena feira, ali mesmo dentro dos muros do castelo, onde vendia-se de tudo e meus irmãos e eu comprávamos muitas coisas. Papai e mamãe nunca entendiam como tínhamos tanto para gastar.

Terminada a celebração, papai nos dava algum dinheiro para depositar no altar. Mas querem saber? Esse dinheiro nunca chegou até lá, e me arrependo muito disso! Mas o fato era que, sempre tínhamos algum no bolso.

Como em todos os reinados, haviam ali muitas pessoas carentes mendigando na porta das igrejas, apesar de serem muitos, esses necessitados tinham sua realidade ignorada. Éramos crianças e não entendíamos muito bem o porquê de tanta pobreza.

Após a missa de domingo, como de costume, fomos para a feira gastar nosso dinheiro. Lá, uma cena chamou nossa atenção, dois homens conversavam sobre as dificuldades que passavam.

Pelo que entendemos, um sustentava esposa e filhos e o outro a mãe idosa e doente e três filhos e, nenhum deles estava conseguindo cumprir com seus deveres dentro de casa, pois, por mais que trabalhassem, o dinheiro não era suficiente nem para comprar comida. O Conde não lhes dava outra alternativa e estavam pensando em começar a roubar, apesar de nunca terem feito isso antes.

Escutamos também que, certa vez, um deles foi acompanhar a mãe à igreja quando foram barrados na porta, o Arcebispo confundiu-os com mendigos e não puderam entrar. A mãe chorou e ele jurou vingança. Agora pensa em assaltar a igreja, pois sabe que os objetos usados nas celebrações são todos de ouro e valem muito.

Quando escutamos que bastaria um cálice apenas para comprar comida para a família toda, Thomas disse baixinho:

— William, poderíamos roubar a igreja domingo que vem, o Arcebispo não estará lá e quem vai celebrar a missa será o Padre Robert.

— Como sabe que o Arcebispo não estará? — Perguntei.

— Você não escutou quando ele disse que iria para o Castelo de Notuberland? William, eu não entendo porque você vai à missa se não ouve nada do que é falado lá dentro!

Dancam não demorou a entrar na conversa:

— Eu sei muito bem onde estão guardadas todas aquelas coisas das quais aqueles homens falavam.

Thomas continuou o raciocínio:

— Se esses objetos da igreja valem tanto, poderíamos vendê-los e ajudar esses homens. O que você acha William?

Como irmão mais velho eu era responsável pelos mais novos e meu pai sempre deixou isso bem claro. Mas nós tínhamos um amor de irmão tão forte que não deixávamos que nenhum dos três fosse castigado sozinho quando fazíamos alguma travessura. Não nos acusávamos, pelo contrário, assumíamos sempre juntos a culpa.

Então respondi:

— Acho que, no domingo que vem, poderíamos ficar na igreja para nos confessarmos com o Padre Robert. Diremos a ele que estamos cobertos de pecados e que não conseguimos nem andar por causa deles e precisamos muito que ele nos absolva.

O Padre Robert era um senhor idoso e não enxergava bem, adorava quando alguém pedia para confessar-se com ele depois da missa. Penso que o Padre era carente, pois tinha o costume de ficar conversando e falando da sua vida depois de cada confissão.

Como mamãe frequentava sempre a igreja e nós a acompanhávamos, sabíamos de tudo o que acontecia ali, também Padre Robert estava acostumado com a nossa presença.

Como as confissões duravam quase duas horas e meia, recorriamos ao Padre quando precisávamos escapar das surras de papai. Dizíamos que estávamos arrependidos

e precisávamos nos confessar para pensarmos em outro plano e ganhar tempo para mamãe convencê-lo a esquecer o castigo.

O mais engraçado era que, como Padre Robert não enxergava direito e não reconhecia as pessoas pela voz, muitas vezes nos confessávamos um pelo outro. Desta forma conseguíamos estar na igreja e fazer nossas compras na feira ao mesmo tempo. Além disso, o confessionário era uma pequena casa dentro da igreja onde só era possível se ter contato por uma janelinha onde via-se apenas os olhos de quem estava do outro lado.

Como irmão mais velho e, sabendo de tudo isso, elaborei o plano: Thomas e eu iríamos distrair o Padre no confessionário quando não houvesse ninguém na igreja, enquanto Dancam iria até a sacristia pegar todos os objetos valiosos guardados lá.

— Mas por que temos que pegar tudo? — Indagou Dancam.

— Se for para ajudar as famílias daqueles homens teremos que pegar tudo, apenas uma peça não será o suficiente. Digo que pegaremos tudo, sou o irmão mais velho e vocês tem que me obedecer, mesmo que a ideia não tenha sido minha!

— É verdade, eu pensei em roubar a igreja e vocês dois quiseram me ajudar. — Disse Thomas.

— Thomas, não se diz roubar! Nós iremos emprestar da igreja e um dia devolveremos tudo, será por uma boa causa!

Continuei:

— Dancam, você terá que pegar as peças e trazê-las para nós escondermos em nossas roupas. Será fácil, não tenha medo!

Dancam disse que não tinha medo porque os seus dois irmãos eram os mais corajosos de toda a Inglaterra.

Assegurei-lhe que era isso mesmo, que éramos todos muito corajosos.

Combinamos de, nessa mesma semana, irmos à casa daqueles homens verificar se falavam a verdade. Thomas perguntou o que diríamos a eles ao chegar em suas casas e respondi prontamente:

— Vamos brincar com os filhos deles e convidá-los para irem até a nossa casa da árvore, lá ficaremos sabendo se realmente passam fome.

Dancam insinuou que Thomas era lerdo pensando e eu o repreendi, pois, mamãe sempre nos ensinou a não nos ofendermos. Então propus que juntássemos as mãos uma sobre as outras e repetíssemos a frase que papai havia nos ensinado:

“Pela Inglaterra!
Lutem e lutem.
Lutem mais uma vez.
Até cordeiros virarem leões.”
E assim fizemos.

Então Thomas me questionou sobre o significado desses dizeres. Dancam logo repetiu que o irmão era lerdo e, novamente o adverti.

Respondendo a William, disse que tinha que perguntar à papai o que, de fato significava, mas que, para mim era algo forte como “não desista”.

Dancam não se conteve:

— É claro que essa frase significa “não desista”, não é preciso perguntar isso para papai. Está certo!

Thomas olhou para mim rindo e disse que tínhamos um mestre na família. Então olhei para Dancam:

— Estamos orgulhosos de você meu irmão, agora sabemos quem vai fazer todas as nossas tarefas diárias quando o mestre voltar...

Mas que rapidamente Dancam voltou atrás dizendo que estava apenas brincando e que não era nada inteligente:

— Thomas, me perdoe, você não é lerdo.

— Está tudo certo Thomas, Dancam voltou ao normal. — Eu disse.

— Graças a Deus! Minha vida estava quase ficando sem graça já que Dancam faria todas as tarefas para mim, que bom que ele não é mais o ser supremo da sabedoria!

O fato era que meu irmãozinho era muito inteligente e, às vezes, até parecia um adulto pelo seu modo de pensar e agir. Isso de passar fome o sensibilizava bastante, assim como a mim e Thomas. Este, por vezes, até chorava ao ouvir falar que alguém não tinha o que comer.

Bem, eu era um pouco como meu irmão, desde pequeno notava as pessoas menos favorecidas pela vida, seu ir e vir não me passavam despercebido. No meu íntimo, por todas as vidas, só tentei ajudá-los.

Caros irmãos, erámos crianças e tínhamos sonhos de crianças, brincávamos como crianças e também fazíamos travessuras, mas, vou dizer-lhes, não sabíamos discernir sobre o que seria nosso futuro. Mas, sei que foi ali, exatamente, que nossa grande missão começou.

Aliás, antes mesmo de estarmos no ventre de nossa mãe planejamos e assumimos a tarefa que irá nos guiar, porém, quando chegamos a essa terra maravilhosa, cada um faz a sua história, e essa, foi o início da minha e de meus irmãos.

Era uma noite como todas as outras, calma e serena. Estávamos tão cansados de brincar que não conseguimos nem jantar, fomos direto para a cama. Mamãe, como de costume, levou-nos um copo de leite morno. Isso é tão recente em minha memória que ainda a ouço cantando para nós e me emociono.

“Que as estrelas do céu sempre brilhem,
Que os Anjos do céu sorriam
Embalando as crianças, enfim,
Fazendo meus meninos dormir.”
A noite passou rápido.

Toda a manhã escutávamos seus passos ao subir as escadas e então abrir a porta. Sua voz doce e calma nos dizia:

— Glorifico a Deus por ver que passaram bem mais uma noite.

— Bom dia Willian, Thomas e meu bebezinho Dancam! Venham me dar um abraço.

Thomas perguntou:

— Porque abraça e beija Dancam por primeiro, mamãe?

— Se engana filho, todos os dias eu abraço e beijo um de vocês por primeiro. Ontem foi você, lembra-se? Assim todos ganham beijos e abraços por primeiro, mas, o mais importante é o amor que vocês recebem todos os dias.

Assim todos nós nos cumprimentamos.

— Olhem, meus queridos, vejam o sol: está brilhando e não é mais hora de estarem na cama. Além disso, tenho uma novidade para vocês.

— Diga o que é mamãe! — Exclamei curioso.

— O mensageiro chegou e nos trouxe uma ótima notícia esta manhã.

Thomas, impaciente, interrompeu:

— Fale mamãe, nos diga o que é!

— Tudo bem, estão preparados?

— Sim, estamos! — Dissemos em coro.

— Ouçam-me: meninos, depois de uma longa viagem, o papai está chegando!

Pulamos em cima da cama e fizemos guerra de travesseiros de tanta felicidade. Meu pai era nosso herói, ele

era tudo para nós. Costumávamos dizer que queríamos ser, exatamente, como ele quando crescêssemos.

Mamãe nos apressou:

— Corram meninos, temos que ficar prontos para irmos até os portões do castelo esperar pelo papai.

Rapidamente fomos nos banhar e trocar de roupas para o recebermos.

Mamãe tinha uma amiga que se chamava Rosemari, elas eram como irmãs. Rosemari também esperava o retorno do seu noivo, Evans. Quando nos encontramos na entrada do castelo, todos se cumprimentaram e ela nos abraçou e beijou:

— Como estão hoje, meninos? Parece que cresceram, cada dia que passa ficam mais parecidos com o Sir. Maxsuel.

Escutamos elas conversando.

— Ah! Minha amiga Seline, com certeza eles estão fazendo excelente viagem, Deus é conosco e também com eles! Sabe que horas irão chegar?

— O mensageiro disse que por volta das nove e meia.

— Só de pensar em Evans, sinto esfriar meu peito e minhas pernas tremem. Porque será que estão demorando?

— Creio que chegarão logo. Também sinto tudo isso e mais um pouco quando lembro do meu Maxsuel, mal posso esperar para correr até seu encontro e poder abraçá-lo e beijá-lo.

— Eu poderia ficar beijando Evans por toda a eternidade!

Então perguntei:

— Mamãe, poderíamos beijar alguém até a eternidade?

— Se existir muito amor sim, poderíamos. — Respondeu.

— Mamãe, Rosemari beija Evans como você beija papai? — Continuei perguntando curioso. Mamãe olhou para Rosemari sorrindo e disse-me:

— Sim, creio eu que eles se beijam como seu pai e eu.

— Que nojo! — Exclamou Dancam.

— Seline, seus filhos são muito especiais! Os três têm os mesmos olhos do Sir. Maxsuel.

— Foram pelos olhos de Maxsuel que me apaixonei primeiramente, depois, ao conhecê-lo, me encantei por todo o resto. Casamos e esses três meninos são frutos do nosso amor. Não quero vangloriar-me mas, como podes ver, eles são os meninos mais belos de toda a Inglaterra.

— Seline querida, queria poder dizer o contrário para poder vê-la corar, mas não posso mentir! Seus filhos possuem uma beleza rara, é incrível a semelhança deles com o pai.

— Eles são os meus tesouros, Rosemari, os meninos são tudo para mim!

— Queria saber que método usa na educação das crianças, toda a vila comenta o quanto são educados.

— Cara amiga, Maxsuel e eu damos a eles muito amor e a certeza de que sempre estaremos por perto. Willian, Thomas e Dancam se espelham no pai, por isso, não é preciso fazer muita coisa. Vou te confessar que eles cuidam de mim como se fossem seu pai, são, realmente, um presente do Altíssimo. Mas tenho que dizer que, apesar de educados, os três são mestres na arte de fazer travessuras.

Rosemari sorriu:

— Sei bem disso, ou se esquece que já fiquei com eles?

Mamãe aproveitou para falar sobre a viagem que ela e papai pretendiam fazer à cidade de York:

— Ficaremos, no máximo, três dias; precisamos tratar dos estudos dos garotos. Meu cunhado Thomas mandará seus filhos para a França onde encontram-se os melhores mestres, queríamos que os meninos fossem para lá também. Quero te pedir que fique com eles enquanto estivermos fora. Fico até sem jeito de pedir-lhe mais esse favor...

Rosemari interrompeu sorrindo:

— Ora Seline, você é como uma irmã para mim, ficarei com os meninos enquanto estiverem fora sem problemas! Os tenho como meus sobrinhos e, além do mais, nós sabemos bem como nos divertir na sua ausência.

Continuou...

— Será, para mim, um prazer, pois, tu bem sabes que quero muito ter filhos; Evans e eu pretendemos nos casar daqui dois anos e, enquanto isso, tomarei conta dos seus com todo prazer.

— Você é muito especial para mim, Rosemari! Que Deus, na sua imensa misericórdia, nunca nos separe!

Chamei a atenção de meus irmãos para a conversa:

— Thomas, Dancam, estão ouvindo? Papai e mamãe vão sair em viagem e ficaremos na casa de Rosemari. Será nesses dias que chamaremos aquelas crianças para brincar na casa da árvore.

Thomas me olhou rápido:

— Pela Inglaterra, fale baixo!

Nesse momento, mamãe olhou-nos desconfiada:

— Willian, quem são essas crianças, a que casa pertencem?

Dancam que respondeu:

— São amigos nossos que ainda não conhecem a casa da árvore e queremos que venham brincar conosco.

— Ora Seline, não há com o que se preocupar, que mal há em convidar crianças para brincar? — Defendeu-nos

Rosemari.

— Minha amiga, conheço bem esses três! Eles são muito educados e até parecem Anjos e, até concordo com você, mas não esqueça que eles também ganham o primeiro lugar quando o assunto são travessuras.

— Comigo eles sempre se comportaram como bons cavalheiros.

Mamãe sorriu e nos abraçou:

— Como eu amo vocês! Quer dizer que, agora viraram cavalheiros!?

Nós rimos e mamãe continuou:

— Muito bem cavalheiros, estou super orgulhosa de vocês três; sou sua mãe e os amo muito, mas, a mim vocês não enganam!

— O que fizemos? — Eu disse.

— Não é o que vocês fizeram, pois, o que está feito virou passado. O que eu temo é o que vocês pretendem fazer. Quando chegarmos em casa quero saber mais sobre essas crianças que vocês querem trazer em casa.

Dancam repetiu:

— São só nossos amigos, mamãe!

— Isso, filho, você já me disse, o que estou querendo é que me falem os detalhes.

Thomas retrucou:

— O rei da Inglaterra proíbe chamar nossos amigos para brincar?

— E você, Willian, meu filho mais velho, não tem nada para dizer?

— Sabe mamãe, nesse momento não, creio que estou muito ansioso pelo regresso de papai.

Mamãe nos olhou intrigada e comentou com Rosemari que, nem sob as piores torturas, nós nunca revelávamos as peraltices um do outro.

— Seline, são apenas crianças, e crianças gostam de brincar. Não brigue com eles!

— Não, minha amiga, não estou brigando! Mas uma coisa é certa, escute o que te digo: tem alguma coisa que não está certa, conheço meus filhos! Sei que gosta deles, Rosemari, mas quero que fique de olho enquanto estivermos fora, não esqueça que você é só uma enquanto eles são três.

Mamãe continuou explicando:

— Eu até poderia levá-los conosco, mas, será como eu disse: uma viagem de negócios e é melhor que fiquem. Morrerei de saudades; Rosemari, prometa-me que cuidará dos meus meninos!

— Não fique assim, Seline! Prometo cuidar deles como se fosse meus filhos, não se preocupe, ficará tudo bem!

— Eles são tudo para mim!

Então, fez mais uma recomendação:

— É prudente prestar atenção às conversas deles, principalmente Willian, que não consegue falar baixo. Assim saberá o que estão planejando antes de realizarem suas travessuras.

— Farei como me pede, mas, três dias passam rápido... garanto que nada vai acontecer enquanto estiver fora!

Mamãe sorriu, respirou fundo e abraçou Rosemari um pouco mais aliviada.

— Graças a Deus tenho uma amiga de verdade, meus meninos ficarão em ótimas mãos!

Nesse momento, Thomas chamou Dancam e eu mais para perto dos portões.

— Você escutou o que mamãe disse para Rosemari, Willian? Ela descobre os nossos planos por sua causa, que fala alto demais; você está proibido de falar a partir de agora, nunca mais quero ouvir sua voz!

— Acaso esqueceu-se que sou seu irmão mais velho?
Falo do jeito que quiser, então, deixe-me falar!

Dancam interveio:

— Willian, não falamos por mal, mas precisa entender que guardamos vários segredos e por isso você precisa aprender a falar baixinho.

— Thomas e Dancam, vocês dois prestam atenção nas minhas falhas e esquecem que vocês também erram.

Thomas respondeu:

— Então diga-nos, Willian, o que temos feito de errado?

— São tantas coisas que agora não me lembro de nenhuma...

Thomas insistiu:

— Agora terá de dizer!

— Tudo bem, querem mesmo saber? Aí vai então: vocês dois tomaram emprestado os espartilhos de Rosemari para transformá-los em catapultas para acertar animaizinhos na floresta; soltaram os pássaros do Arcebispo e, ainda disseram que eles fugiram por que estavam cansados de viver encarcerados; jogam fora os ovos que mamãe prepara no café da manhã, alegando que se trata de aborto de galinha; também nunca depositaram no altar o dinheiro que papai nos dá na hora da missa para doação; tiraram o vinho da garrafa do Padre alegando para todos terem sido os Anjos de Deus que vieram compartilhar da comunhão, o pobre Padre ficou todo embaraçado! E muito mais... ficaria séculos enumerando as coisas que fazem de errado. Vocês não têm conserto, serão condenados a perderem a cabeça como uma galinha! — Disse exaltado.

— Se for assim, Willian, também perderás a cabeça, ou esquece que é nosso irmão mais velho?

Dancam se defendeu:

— Você estava conosco e participou de todas essas coisas, Willian.

— Pensando bem, acho que não cometemos pecado algum... — Reconsiderarei. — É bom que vocês pensem assim: que sou o irmão mais velho e, portanto, têm de me obedecer! Lembrem-se sempre que papai nos disse que não deve haver desconfiança entre nós, nem devemos levantar a voz uns para os outros.

Me desculpei com meus irmãos por ter falado daquele jeito, também não queria que papai chegasse em casa e soubesse que tínhamos brigado.

— Também queremos o seu perdão, pois, apesar desse seu pequeno problema, te amamos! — Desculparam-se Thomas e Dancam rindo.

— Também amo vocês, e vou tentar falar mais baixo da próxima vez!

Nós crescíamos em um lar maravilhoso onde, a paz e a harmonia reinavam, e o respeito e a honestidade estavam sempre presentes. Embora, para muitos, parecêssemos três Anjos, estávamos na fase de aprender e, por isso, ainda não tínhamos todas as virtudes de papai e mamãe. O importante era o que tínhamos aprendido em casa: se feríssemos alguém com palavras, era dever nos redimir e pedir perdão; o amor nos sustentava e por isso éramos uma família feliz!

Papai era muito sábio e, sempre que estava em casa, nos reunia para orar. Nunca esquecerei:

“Pelo Santíssimo nome de Deus, Jesus, Maria sua mãe, São José, São Miguel Arcanjo, São Gabriel, São Rafael e todos os apóstolos, peço humildemente que santificai minha família e as famílias do mundo inteiro. Que, nesse momento, nos livrem de todo o mal e o afastem dessa casa e dessa família, para que permaneçamos em paz. Estamos todos sobre a proteção dos Anjos de Deus e nenhum mal ousará habitar nessa casa. Recorro à Jesus, Maria e São

Miguel Arcanjo para defender-nos; que os Anjos de Deus façam acampamento nessa humilde moradia, afim de nos preservar dos ataques de espíritos malignos. Que assim seja e assim será! Amém.”

Quando nos colocava para dormir também costumava orar:

“Senhor Jesus, nunca vamos desistir da felicidade nem de trabalhar para ti. Liberta-nos e seremos gratos, pois, viveremos verdadeiramente livres. Queremos agir conforme a Sua palavra, fazendo a Vossa vontade.”

Depois, mamãe trazia um copo de leite morno e papai nos fazia brindar pela grande benção do adormecer; também nos lembrava de, ao acordar, louvar ao Senhor pela noite tranquila que nos proporcionou. Nos ensinava a não desistir nunca dos nossos ideais e a lutar para termos uma vida plena de sabedoria e paz; fazia-nos repetir sempre essas palavras:

“Lutem e lutem.

Lutem mais uma vez.

Até cordeiros virarem leões.”

Quando já estávamos quase adormecendo, papai e mamãe beijavam a cada um de nós e nos cobriam; se abraçavam e beijavam e ele dizia o quanto à amava e era feliz.

Meu pai gostava de ser um homem simples e isso nos transmitia segurança e bem estar. Lembro-me quando nos contava sobre a devoção que tinha pelos santos e mártires, mas do que mais falava eram dos Anjos; para ele, os Anjos eram tudo e sempre nos pedia para termos cuidado com o que fazíamos, por que eles estavam perto de nós e, como mensageiros, relatavam os nossos feitos a Deus, por isso, pedia para que agíssemos sempre com

respeito e honestidade, procurando viver na verdade, coragem e fé.

Aprendi tanto com papai!

Quando está em casa costuma passar bastante tempo estudando os Anjos e, também gosta de observar as estrelas. Para nós, era mágico quando nos chamava até lá, pois, o lugar ficava num sótão onde haviam muitas figuras coloridas e imagens de Anjos por todos os lados, sem falar da imensa energia de paz que havia naquele ambiente fascinante.

Ele nos dizia que os Anjos têm uma missão muito bonita de nos proteger dos perigos e ciladas que o mal nos prepara, e que, por isso, não devemos nos esquecer deles, que são nossos melhores amigos. Nossa oração deve ser pura e sair do fundo do nosso coração, mostrando todos os nossos sentimentos, anseios, necessidades e gratidão.

Papai ensinou-nos a orar todos os dias ao deitar e ao levantar, pedindo assim:

“Meu anjo, tu sois meu amigo e companheiro de todas as horas, tanto na alegria quanto no sofrimento, guia-me e protege-me. Tu, como sábio e benevolente mensageiro de Deus, sede meu protetor. Amém.”

Nunca esquecerei dessa pequena oração...

Bem, voltando aos portões do castelo, alguém gritou de repente: “Abram os portões!”.

Meus irmãos e eu fomos em direção de mamãe gritando:

— Mamãe, mamãe, é o papai! Veja, estão abrindo os portões, ele está chegando!

— Certo, meninos, fiquem aqui comigo. — Nos recomendou mamãe.

— Thomas e Dancam meus lindos irmãozinhos, está na hora de vocês dois fazerem aquela carinha de anjo.

— Willian, não provoca seus irmãos!

Finalmente os portões do castelo se abriram e lá estavam papai e uma caravana de duzentos e trinta e cinco soldados e quatorze Sirs. Eu não parava de sorrir pois, meu pai estava chegando, estava de volta em casa!

Quando entrou pelos portões do castelo, papai aproximou-se em seu cavalo negro, procurando-nos no meio da multidão que também esperava pelo seus e, ao encontrar-nos, veio em nossa direção; desceu do cavalo e, chegando bem perto, nos disse:

— Bendito seja Deus!!

Abaixou-se e, com lágrimas nos olhos, estendeu os braços em nossa direção.

— Filhos, venham me abraçar, estou de volta mais uma vez.

Ele nos beijou e abraçou e uma emoção enorme nos invadiu.

— Oh, Senhor Deus, como é bom estar em casa! Me digam, foram obedientes à mãe de vocês? Comportaram-se como cavalheiros e cuidaram do meu tesouro?

Respondemos em coro.

— Sim, papai, fomos verdadeiros cavalheiros e cuidamos muito bem de mamãe.

Papai levantou-se e aproximou-se de mamãe abraçando-a e beijando-a.

— Eu a amo, Seline; Deus do céu, como você é preciosa para mim!

A emoção era tanta que mamãe não conseguia parar de chorar.

— Meu esposo Maxsuel, seja bem-vindo ao seio de sua família! Eu o amo muito, Deus seja louvado pela sua volta!

Aquele momento, para nós, era maravilhoso pois, meu pai estava de volta e eu não sabia medir o tamanho da

minha felicidade.

No caminho de volta para casa encontramos com Rosemari que, também estava muito feliz com o retorno de Evans; mais adiante, mas também se aproximando, vinha uma amiga de Rosemari, Benedita.

Baixinho, mamãe comentou com papai.

— Não sei porque, mas não me sinto à vontade perto dessa amiga de Rosemari.

— Não há nada com que se preocupar, Benedita é uma jovem de boas intenções, Seline. — Respondeu-lhe papai.

— Maxsuel, observe Benedita, está sempre querendo chamar atenção, principalmente perto de Evans. Veja como se veste, até parece que vai à uma festa!

— Minha amada, se trata apenas de uma má impressão, talvez, Benedita se vestiu assim para também esperar alguém. Olhe ao redor, o luxo tomou conta de todas as mulheres e, a propósito, você está linda!

— Pensei que não iria notar que me arrumei toda para você!

— É impossível não notar! Percebes, minha esposa, ela se arrumou porque veio esperar alguém.

— Penso que não entendeu, meu esposo, Rosemari e eu nos preparamos para a chegada dos nossos amados, mas Benedita, não espera por ninguém.

Nesse momento Benedita chegou.

— Bom dia! Está linda, onde vai? — Cumprimentou-a Rosemari.

— Bom dia, minha amiga, sabes que a tenho como irmã! Bom dia, Evans, é muito bom vê-lo bem! — Benedita cumprimentou a todos e, quando veio falar conosco, fomos nos esconder atrás de papai e mamãe.

— Venham me dar um abraço, meninos.

Continuamos escondidos, então, papai insistiu que fossemos abraçar Benedita e mamãe interveio.

— Perdoe meus filhos, estão envergonhados.

Dirigindo-se a papai, pediu que nos deixasse, pois, estávamos apenas sem jeito.

Benedita disse que estava tudo bem e mostrou o bolo que havia trazido.

— Fiz um delicioso doce para festejarmos a chegada de Evans, então, se ganhar um abraço de cada um de vocês, terei o prazer de dá-los um pedaço.

Dancam replicou:

— Nossa mãe faz todo o tipo de bolos para nós e não vamos trocar o nosso abraço só por um pedacinho do seu! E, esse bolo, nem é para a gente, você mesma disse que fez para o noivo de Rosemari.

Benedita sorriu.

— Nossa, esse menininho é mesmo muito inteligente! Mas não fiz o doce só para Evans, e sim, para todos.

Papai olhou para mamãe e se desculpou:

— Nos perdoem, realmente não sabemos o que deu nesses meninos hoje.

Benedita sorriu novamente e disse que crianças eram mesmo assim, então, mamãe respondeu:

— Nos perdoe mais uma vez, mas meus filhos não são assim!

Retirando o pano que cobria o bolo, Benedita entregou-o a Rosemari que pegando, agradeceu.

— Obrigado! Mas não era preciso...

A amiga de Rosemari não se deu por satisfeita:

— Para mim é mais que um prazer! Além do mais, temos que comemorar a volta dos Sirs e soldados para casa pois, com sua chegada, o castelo e a vila ficam muito mais

seguros. Não sei vocês, mas é assim que me sinto com eles aqui: protegida.

Rosemari comentou que o que Benedita dizia estava certo, que era verdade; Evans sorriu e papai nada disse. Minha mãe, ah... minha mãe ficou daquele jeito: muito desconfiada.

— Hoje, ao cair da tarde, minha família e a de Evans estará oferecendo um jantar para comemorarmos o seu retorno. Vocês, nossos amigos, estão convidados. — Anunciou Rosemari.

Antes mesmo da amiga terminar de falar, Benedita foi logo declarando que estaria lá com todo prazer. Mamãe olhou fundo em seus olhos e disse a todos que esse era um momento familiar de reencontro de cada Sir e soldado com seus parentes.

— É um dia de benção para mim e meus filhos, pois, Maxsuel voltou para casa, sendo assim, faremos nosso banquete particular hoje e reuniremos os amigos amanhã.

Papai acrescentou:

— Somos gratos pelo convite, Rosemari, mas, essa noite desejo sentar-me à mesa com minha esposa e meus filhos.

Papai agradeceu novamente a gentileza do convite, nos despedimos e fomos para casa.

Meus irmãos e eu não gostávamos de Benedita por que, em um domingo desses, depois da missa, à vimos com a Sra. Madeleine maldizendo Rosemari. Ela percebeu que ouvimos o que estavam dizendo e, aproximando-se nos ameaçou:

— Se contarem isso para alguém eu arrancarei a cabeça de vocês com minhas próprias mãos e darei para os cachorros do Conde comer.

Não falamos nada para os nossos pais, não porque estávamos com medo, mas porque, em se tratando de mamãe e papai, seria a própria Benedita a ficar sem

cabeça. Sendo assim, fizemos um voto de silêncio e não tocamos mais no assunto, porém, desse dia em diante, passamos a atormentá-la com nossas travessuras sem que soubesse que éramos nós.

Benedita, às vezes, tomava banho de cachoeira e, depois, deitava-se perto do riacho para tomar sol e acabava adormecendo. Pobre coitada! Um dia desses, percebemos que dormia profundamente e, com muito cuidado, cortamos seus cabelos deixando-a quase careca. Soubemos que disse para o povo da vila que havia feito uma promessa e, por isso, andaria com um pano na cabeça.

Outro dia, enquanto dormia perto do rio, pegamos suas roupas e ela teve que esperar escurecer para poder voltar para casa. Algumas pessoas viram-na correr nua sem cabelos e depois, se esconder; correu o boato e, no castelo de Chamos, todos começaram a pensar que Benedita era louca.

Benedita nos tratava muito bem quando estávamos na companhia de conhecidos de nossos pais, mas, quando nos encontrava sozinhos, insultava-nos: “Como vão as praguinhas das labaredas do inferno?” Nossa antipatia só crescia cada vez que nos maltratava correspondíamos à altura.

Foi casada três vezes e, em todas, seu esposo morreu misteriosamente. Como morava sozinha, numa ocasião entramos escondidos em sua casa; naquele dia, passamos muito medo porque o lugar era escuro e tinha alguns móveis cobertos. Subimos as escadas até seu quarto e, chegando lá, o que vimos nos assustou: haviam imagens, parecidas com as que tem na igreja, viradas de cabeça para baixo. Pedi a meus irmãos que saíssemos logo dali porque se tratava de uma casa pagã. Dancam não sabia o que era, mas, expliquei a ele o que papai havia me dito: “Se não houver vestígios de Deus, é um território pagão.” Saímos correndo.

Mamãe tinha razão em desconfiar de Benedita, pois ela era mesmo uma pessoa esquisita!

Como dizia, fomos para casa felizes porque nossa família estava reunida de novo. Aquele dia foi fantástico! Papai nos presenteou com brinquedos e trouxe para mamãe tecidos de várias cores além das novidades de outras cidades, mas o melhor era o aconchego do nosso lar, estava tudo perfeito!

Os empregados de nossa casa, passaram o dia todo preparando o banquete daquele dia. Estávamos sentados ao redor da mesa, saboreando o jantar, quando papai iniciou a conversa.

— Como é bom estar em casa junto de minha família! Diga-me, minha esposa, os meninos comportaram-se bem, Aro está cuidando bem deles?

— Meu esposo, surpreendo-me que pergunte do nosso empregado pois, é difícil encontrar quem consiga passar o dia todo correndo atrás dos meninos, além disso, Aro se ocupa dos afazeres da casa; quanto a nossos filhos, veja como cresceram, Willian é quase um mocinho.

— Quero que Aro permaneça junto das crianças.

— Eu também queria muito, mas, ele não consegue acompanhá-los e não é culpa dele.

Papai não se zangou.

— Deixe então que, a partir de agora, Aro permaneça apenas nos afazeres de casa, assim, meus meninos ficarão totalmente livres para brincar e desfrutar o tempo bom de criança, pois, este não volta mais.

Aro era um senhor muito bondoso que trabalhava na casa de meus pais; como não tinha família morava conosco. Apesar de haver um alojamento para os empregados da casa, que eram muitos, com Aro era diferente. Ele ajudava minha mãe a cuidar de nós quando papai estava distante e, por isso, era da família. Gostávamos dele mas, vivíamos

fugindo porque queria sempre nos impedir de realizarmos nossas aventuras.

Naquela noite papai nos colocou para dormir e conversou conosco sobre estar cansado de sair em viagem e ficar tanto tempo longe. Disse que, gostaria de ficar sempre por perto, pois sentia muito a nossa falta.

Nós é que queríamos que papai nunca mais saísse de perto de nós; papai era o nosso herói.

Mamãe entrou em nosso quarto e surpreendeu-se por estarmos acordados.

— Por Deus, meninos, fechem os olhos e durmam; agora o papai é meu!

Então o beijou e Dancam fez cara feia.

— Isso é nojento!

Papai explicou:

— Isso, meu filho, se chama amor. Quando você encontrar com o seu, vai fazer igual.

— Eu não quero encontrar com meu amor! — Dancam respondeu contrariado.

Todos nós rimos e papai alegou que mamãe estava certa e precisávamos descansar.

— Mas antes, vamos fazer uma oração agradecendo a Deus por ter nos proporcionado tantas bênçãos. Vamos meninos, desçam da cama para ajoelharmos todos juntos.

Nos ajoelhamos e papai orou com suas mãos estendidas sobre nós.

— Senhor Deus Pai todo poderoso, concedei-nos a graça de vos buscar antes de todas as coisas, pois, somente assim, poderemos viver no amor. Senhor Deus Filho, seu nome é forte e poderoso e não deixaremos de te invocar a cada segundo, Jesus. Nossa Senhora te pedimos que passe em nossa frente e não deixes de interceder por nós. Arcanjo Gabriel, portador das boas notícias; Arcanjo Miguel, guardião e guerreiro; Arcanjo Rafael, guardião da saúde e

da cura, façam-se sempre presentes em minha casa, dando-nos saúde e paz e velando nosso sono. Amém.

Depois da oração, unimos nossas mãos colocando-as uma sobre as outras e papai continuou:

— Quando houver dúvida sofrimento, dores, desânimo, ira, contenda, tristeza, doenças, ou qualquer coisa que nos aflija, nunca desistam.

Então dissemos todos juntos:

“Lutem e lutem.

Lutem mais uma vez.

Até cordeiros virarem leões.”

Deitamos e papai e mamãe nos beijaram e abençoaram. A impressão que eu tive não era a de estar dormindo em minha cama, mas nas nuvens. Tudo silenciou, meu coração estava em paz. Dei graças a Deus por ter meu pai por perto. Adormeci e a noite passou rápido.

No dia seguinte, bem cedo, nos reunimos para o café da manhã.

— Bom dia meus Anjos em forma de meninos! — Cumprimentou-nos papai.

Mamãe disse sorrindo:

— Meu amado, não tenho dúvidas que nossos filhos são mesmo Anjos.

Todos rimos e papai convidou-nos a agradecer pelos alimentos que estavam ali, pedindo a Deus que nunca nos faltasse.

“Obrigado Senhor Deus, Pai todo poderoso, pelos alimentos que vamos saborear agora; eles nos sustentarão proporcionando ao nosso corpo saúde a resistência para o trabalho e o estudo nesse dia, nos darão também disposição para servir os que precisam de nós. Amém.”

Aro chegou quando estávamos terminando nossa oração, então papai convidou-o para se juntar a nós.

— Obrigado, Sir. Maxsuel! Acabei de tomar o meu café e estou satisfeito. A propósito, é uma honra tê-lo de volta!

— Obrigado, Aro! Esta família é tudo na minha vida. Aliás, gostaria que você me ajudasse hoje no sótão, quero remover algumas imagens e trazê-las para dentro de casa.

— Estou à sua disposição! — Respondeu Aro prontamente.

— Fique por perto que, assim que terminar o café lhe chamo.

— Está certo, senhor. — Disse Aro e se retirou.

Mamãe aproveitou para comentar sobre sua preocupação com Rosemari:

— Rosemari é uma amiga valiosa, honesta e possui grande inocência em seu coração, bem diferente de sua amiga Benedita que me parece uma mulher falsa e cheia de más intenções.

— O que essa jovem lhe fez, Seline?

— Benedita não é mais nenhuma jovem, Maxsuel, ela já se casou três vezes e, apesar de nunca ter me feito nada, me passa a impressão de não ser de confiança, pois, está sempre em busca de algo que não há pertence. Temo por Rosemari.

— Penso que se trata apenas de uma má impressão, Benedita não representa perigo algum.

— Gostaria de poder alertá-la sobre essa mulher, mas tenho receio que se revolte contra mim porque está iludida pela sua amizade.

— Esposa, acredita mesmo que Benedita ofereça algum perigo?

— Pense, querido esposo, se uma amiga minha viesse acolher-te nos portões toda enfeitada e perfumada, com um bolo em sinal de boas vindas, o que pensaria?

Papai analisou e respondeu:

— Pensaria que essa sua amiga me queria para ela.

— Graças a Deus não tenho essa amiga!

— Esposo, percebeu agora o perigo que corre Rosemari, só não entendo porque Evans aceitou o agrado vindo de Benedita? Para mim, traição é um crime, se fosse comigo, eu mesmo os levaria para a guilhotina, e lá, realmente perderiam suas cabeças um pelo outro.

— Seline, calma! Veja, nossos meninos estão aqui, o que estás a dizer?

Mamãe conteve-se.

— Perdoe-me meu esposo, e vocês também meninos! Não suportaria viver sem você, meu amado, vocês são tudo o que tenho e fico irritada só de pensar se fosse comigo. Por favor, me perdoem!

— Essa conversa me fez perceber o perigo que Rosemari está passando, vejo que Benedita está com outras intenções, mas, uma coisa te digo, um homem sabe quando uma mulher o deseja. Penso que não devemos nos intrometer nessa história; analise os fatos: o noivo de Rosemari aceitou o bolo e estava feliz, se acontecer algo de errado, não será só por Benedita, e sim, por causa dos dois; um por querer e outro por aceitar.

Papai estava explicando que não existe um namoro ou casamento de uma pessoa só, para isso é preciso que os dois queiram. Disse a mamãe que, se falasse para Rosemari de Benedita, teria de falar também de Evans. Então, pediu que deixasse que cada um cumprisse com seu destino.

— Vamos falar de nós, deixe-me dizer o quanto são importantes para mim! Vendo-os aqui, penso que estou sonhando, ainda não acredito que estou de volta em casa.

— Estás certo, meu esposo, não falaremos mais desse assunto pois, temos muito para falar de nós e matar as saudades.

II. A viagem e Rosemari

Estava curioso para saber sobre a viagem, então perguntei:

— Papai, o senhor viu, Vossa Santidade o Papa? Ele é mesmo santo?

— Ah, filho, quem dera termos um santo de carne e osso entre nós! Eles não são escolhidos pelos homens, e sim, por Deus; os verdadeiros santos já o são antes mesmo de serem gerados por suas mães, eles podem até viver na riqueza e no luxo, mas nada disso os corrompe — bem diferente de Vossa Santidade o Papa que, de santo não tem nada!

Explicou-me que o penhorado papal só piora, e que, em toda a viagem, não ouviu uma só vez a palavra de Deus.

— Tributos para a igreja, ouro... seus pensamentos giram em torno de somente quatro palavras: riqueza, fama, glória e poder.

Por tudo isso, pediu que preservássemos sua casa, que também era nossa.

— Podem passar mil anos, Willian, Thomas e Dancam, mas a casa de Willian Maxsuel Bolena Marchi está alicerçada em terreno forte e será sempre abençoada, pois, desde a fundação desse lar, temos o senhor nosso Deus em primeiro lugar em nossas vidas.

Contou-nos que nossos avós e bisavós ensinaram que tudo passa nesse mundo e, por isso, temos que plantar boas sementes para colher frutos fortes. Nossa casa um dia será reconhecida por não trocarmos nosso Deus por nada.

— Amo-te, meu esposo, e mais ainda quando ensina nossos filhos a serem fiéis a Deus. Você é meu orgulho!

— Amo-te também, minha esposa, e também aos nossos meninos. Gostaria de proporcionar-lhes coisas melhores.

— Esposo, temos tudo, não é preciso mais! O Senhor nosso Deus tem sido generoso conosco.

— O que quero dizer é que não posso deixar que vocês sejam enganados sobre a nossa fé, que tem como princípio a coragem, a fé e a caridade. Não quero que os meninos se desviem dos caminhos do Senhor, para isso, temos que ficar atentos para que eles sirvam somente a Jesus e não aos homens.

Então contou-nos sobre qual era a nova lei de Roma: a corte de cada castelo e cada casa que possuir mais de cinquenta hectares deverá doar metade de tudo o que colher à igreja.

Mamãe alarmou-se:

— Mas nós já fazemos isso! Esposo, o que restará para nós?

— Creio que Roma acredite que estão tentando os enganar, por isso essa nova determinação. Nenhuma casa poderá ter mais de cinquenta hectares de terra pois, se assim acontecer, será forçado a doar todo o excedente.

— Maxsuel, o que faremos? Essas terras pertenceram aos nossos pais e são tudo o que temos; nossos empregados são muitos, para aonde irão? — Questionou mamãe preocupada.

— E não acabei, Seline, além disso, teremos que disponibilizar cem homens para servir à igreja pois, o papa pretende fazer uma última cruzada. — Completou papai.

— Mas ano passado já mandamos cem homens para Roma e eles nunca retornaram para suas famílias. Você bem sabe que suas esposas e filhos ainda tem esperança no seu regresso. Aqui conosco, estão confortadas e cuidamos para que nada lhes falte; os cardeais prometeram cuidar dessas famílias, mas nunca apareceram nem para saber como

estavam. A Igreja não se importa! Além do mais, não foi ano passado que o Papa fez sua última cruzada?

— Minha querida, sei de tudo isso... — Respondeu papai, e continuou:

— Desde que me entendo por gente, o Papa sempre está fazendo a sua última cruzada, eles só dizem isso para angariar mais homens para cuidar dos seus interesses. Estando em Roma, essas pessoas aprendem a saquear e matar sem ter remorsos. Seline, não quero isso para nossos filhos!

Papai prosseguiu dizendo como estava farto dos roubos e mentiras praticados pela Igreja e que não queria seguir por esse caminho, pois era sem volta. Então, disse que tinha planos para conseguirmos viver em paz em outro lugar.

— O que pretendes fazer, esposo? — Indagou-lhe mamãe.

— Penso em vender nossas terras para o Conde e irmos para a cidade de York, morar perto do meu irmão Thomas. Não quero mais fazer parte da sua caravana pois, nos força a fazer coisas que não agradam a Deus. Me dá náuseas ouvir o Conde dizer que o que estamos fazendo é a vontade de Jesus.

Nosso tio Thomas nos chamou para morarmos com ele, papai estava contando; disse também que lá as pessoas lutavam contra a tirania do Papa e que as grandes casas possuíam seus próprios soldados a fim de se defender, inclusive, se houvesse necessidade, os soldados se uniam para lutar contra os exércitos do Papa.

— Acredito que seremos mais felizes lá. — Falou com esperança nos olhos.

— Morar com meu cunhado, Thomas? Isso jamais daria certo! — Mamãe estava contrariada. — Pense bem, Maxsuel, tenho meu jeito de cuidar da casa e fazer as coisas, gosto de preparar nossas refeições e fazer

guloseimas. E mais, as crianças não se acostuariam em uma casa onde seriam tratados de forma diferente e, tem ainda a casa da árvore que eles adoram, sem falar nos seus amiguinhos.... Não, não daria certo!

— Minha querida, tenha calma! Quando disse morar com meu irmão, não me referi a viver dentro da casa dele; compraríamos nossas próprias terras e faríamos uma grande casa. Eu só os tiraria daqui se fosse para levá-los para um lugar melhor, jamais os faria sofrer. Amo vocês exatamente do jeito que são: William, com seu jeito de falar alto e claro; Thomas, calmo e briguento ao mesmo tempo; Dancan que, na mesma hora que está todo feliz, de repente começa a chorar e você, minha esposa Seline, que adora cozinhar e é delicada e amorosa. Fiquem tranquilos!

Então, explicou-nos como seria mais fácil se Deus nos abençoasse que conseguíssemos nos mudar para York:

— As crianças terão os melhores mestres para os formar, pois estudariam nos mais conceituados colégios da França; você, Seline, terá uma cozinha três vezes maior do que essa e poderá fazer o que quiser; nossa casa será quase do tamanho de um castelo e eu terei um grande lugar para aprofundar meus estudos, pois desejo ampliar meus conhecimentos acerca das estrelas e, o mais importante, dos Anjos. Levaremos conosco os familiares dos homens que foram para Roma, bem como todos os que quiserem trabalhar e, o melhor de tudo, não mais sairei de perto de vocês!

Ouvir tudo isso nos deixou muito empolgados:

— Aceite, mamãe, aceite!

— Sim. Lógico que, se for assim, eu aceito! Disse-nos, já bem mais tranquila.

Sendo assim, Dancan quis saber da casa da árvore.

— Papai, poderemos levá-la conosco? Diga que sim!

— Essa deixaremos para outras crianças, mas construirei outra ainda maior para vocês.

— Oba, oba!!! Iremos para York, para perto do tio Thomas e dos nossos primos! — Dancan saltitava feliz.

— Izabel, minha cunhada, tem muitos afazeres e poderei lhe ajudar com as crianças, a pequena Ana só tem dois meses; Deus não nos deu uma menina, então cuidarei dela como se fosse minha. — Animou-se mamãe.

Meu pai comentou que, nessa viagem, teve a oportunidade de ver como meus tios estavam sobrecarregados de trabalho, tanto que seus filhos eram cuidados pelos empregados, o que deixava minha tia consternada, ainda mais por Ana, que têm que deixar nos braços de desconhecidos.

— Querido, mande uma mensagem avisando que, em breve, estaremos lá. — Pediu Mamãe, decidida.

— Está tudo acertado, Seline, Thomaz e Isabel já nos aguardam, pois, lembre-se que temos uma viagem marcada para lá. A propósito, nessa viagem não poderemos levar os meninos porque iremos tratar de negócios. Temos que ver quem cuidará deles, não quero deixá-los com estranhos.

— Conversei com Rosemari e ela terá prazer em cuidar deles para nós.

— Rosemari poderá cuidar das crianças aqui em nossa casa?

— Ela tem seus afazeres e não há nada de mais em os meninos irem passar dois ou três dias em sua casa.

— Não é por Rosemari e sim por Benedita, você me fez perceber o mal que aquela mulher tem dentro de si.

Eu respondi:

— Papai não se preocupe conosco, sabemos nos cuidar!

— É verdade, sabemos nos cuidar muito bem! — Thomas confirmou, mas Dancam disse que estava com medo.

— Não está nada, Dancam, sem medo e sem choro, somos soldados de papai! - Retruquei.

Mamãe interveio:

— Será que não podemos levar Dancam conosco? Ele é pequeno ainda...

Papai concordou que Dancam fosse com eles, porém, disse que teríamos que ficar com Rosemari.

— Comportem-se! Só quero ouvir coisas boas de vocês dois quando retornarmos.

Thomas e eu respondemos que iríamos nos comportar.

— É assim que se fala! — Disse papai.

Mamãe pediu a Dancam que colocasse um sorriso no rosto, já que iria com eles; meu irmãozinho não queria dar trabalho.

— Eu sei, querido, que será bonzinho e se comportará. — E nos recomendou: William e Thomas, prestem muita atenção, vocês irão ficar com Rosemari, mas poderão vir para cá quando quiserem. Nossa casa ficará aos cuidados de Aro e, se quiserem a comida de casa, venham que, tenho certeza, Helena preparará um delicioso prato para vocês. Não quero que passem fome!

Tranquilei-a:

— Mamãe e papai, não se preocupem, não faremos nada que os possa deixar preocupados. Vamos nos cuidar e não passaremos fome.

Mamãe nos abraçou e reforçou o pedido para que nos cuidássemos. Papai juntou-se a nós.

— Não vamos ficar apreensivos, afinal, são três dias apenas e passará muito rápido, logo estaremos de volta.

Então, juntamos as mãos e, como sempre, repetimos o nosso lema de nunca desistir.

O tempo passou e o dia da viagem chegou; mamãe preparou tudo e partiram para a cidade de York levando meu irmãozinho Dancam. Aro nos levou para a casa de Rosemari com mil recomendações de meus pais. Thomas e

eu sentíamos como se o mundo estivesse aberto para nós e que faríamos o que quiséssemos.

Rosemari nos recebeu com muito carinho:

— Sejam bem-vindos, fico muito feliz por estarem aqui, fiquem à vontade! Vejam, a mesa está cheia de doces que preparei para vocês, espero que gostem pois, fiz com muito amor.

Abraçamos Rosemari muito contentes com aquela recepção tão calorosa.

Thomas cochichou em meus ouvidos:

— E agora, o que faremos com tantos doces?

— Já vou dar um jeito, Thomas.

— Rosemari, gostaria de te pedir algo: queremos muito brincar na casa da árvore.

— Queridos, vocês acabaram de chegar e já querem voltar?

— Logo estaremos de volta, temos que cuidar da casa da árvore. Deixe-nos ir, por favor! — Pedi.

— Então esperem que, logo termino meus afazeres e, então, acompanho vocês. — Se prontificou Rosemari.

— Não queremos tirar-te dos teus afazeres.

— Tudo bem, será um prazer ir com vocês.

Então olhei para Thomas.

— Pensávamos, Rosemari, que você nos prepararia um bolo e também costeletas para o jantar.

Thomas disse:

— Adoro costeletas! Será que ficarão iguais às que mamãe faz? Eu quero muito, você pode fazer pra gente?

— Meninos, vocês são mesmo dois anjinhos! Claro que farei todas essas coisas gostosas, só não vão ficar iguais às de sua mãe.

— Sua comida é boa e certamente comeremos tudo.
— Respondi.

— Mas temos um problema, não posso ir com vocês até a casa da árvore e fazer o bolo e as costeletas. Será que dará tempo de preparar tudo para o jantar depois que chegarmos?

— Acho que estamos te pedindo muito, estará bom se apenas nos acompanhar. — Eu disse.

Rosemari pensou e resolveu nos deixar ir sozinhos já que estávamos acostumados a andar pela vila.

— Vou lhes pedir só uma coisa: sem travessuras!

— Não se preocupe, não vamos decepcioná-la. Queríamos muito que fosse conosco, mas, não é certo tirá-la dos seus afazeres, além do mais, tem que preparar o jantar. Não se preocupe que sabemos nos cuidar.

— Tudo bem, mas me prometam que vão olhar um ao outro. — Recomendou-nos Rosemari e quis saber também quem comeria todos aqueles doces que havia preparado.

Pedi que arrumasse para levarmos para comer na casa da árvore com nossos amigos.

— Está certo, William, vou preparar. Creio que possa ficar despreocupada pois, como essas terras são de seus pais, estarão sobre os olhares dos muitos colonos que moram aqui.

Thomas e eu demos uma risadinha sem graça, pegamos os doces, abraçamos Rosemari e saímos. Perguntei a Thomas, enquanto caminhávamos como conseguia comer as coisas que Rosemari fazia.

— São horríveis! — Eu disse.

— Eu não como, jogo tudo embaixo da mesa e logo aparece um cachorro e come tudo. E você, William, o que faz com a comida?

— Faço a mesma coisa pois, é impossível comer o que a Rosemari prepara; umas vezes está salgado demais, outras se esquece de colocar sal, o bolo não é doce. Quer

saber? Na volta vamos passar em casa e pedir para Helena fazer algo para comermos.

— Mas William, você esqueceu que a mamãe nos pediu para comer tudo o que Rosemari preparasse?

— Thomas, mamãe disse também que poderíamos tomar um copo de leite e comer uma fruta ou pedirmos para Helena nos fazer um prato. Só precisamos cuidar para que Rosemari não saiba disso, mamãe não quer que firamos seus sentimentos.

Dei graças a Deus que minha mãe a conhece bem e sabe que, em toda a Inglaterra, não há mulher que cozinhe pior que Rosemari. Thomas então perguntou o que faríamos com toda aquela comida que estávamos carregando e respondi que poderíamos dar para outras crianças.

— William, para onde estamos indo? Esse não é o caminho de casa.

— Thomas, meu irmão, como você é lento! Será que já esqueceu que combinamos pegar emprestado os objetos que o Padre usa na missa para vendermos e ajudar aqueles homens?

— Ah! Sim, havia me esquecido. Tratamos de visitá-los para saber se realmente passam necessidades quando nossos pais fossem viajar.

Lembramos de Dancam e Thomas comentou o quanto ele ficaria arrependido de ter ido quando recordasse dos planos que tínhamos feito.

— É verdade, vai morrer de pena, mas, quem manda ser o filhinho do papai e da mamãe!? — Comentei.

— William, olha quem está ali! Bem que Rosemari disse que estaríamos sendo vigiados.

— Tem razão, quem disse a Aro que estaríamos aqui? Thomas e eu acenamos para ele e o cumprimentamos.

— O que fazem aqui, meninos? Esse não é o caminho para a casa de vocês. Perguntou-nos desconfiado.

Respondi que estávamos procurando nossos amigos:

— Veja Aro, ali está um deles. Tchau, e até mais ver!

— Disse já puxando Thomas pelo braço.

— Tchau meninos, comportem-se! Estarei sempre por perto. — Disse Aro quando já nos distanciávamos.

Então andamos na direção de um menino que aparentava ter a mesma idade que nós.

— Olá, como você se chama? — Perguntei.

— Me chamo Lucas.

— Me chamo William e esse é meu irmão Thomas. O que faz aqui?

Lucas nos disse que estava recolhendo os restos de grãos caídos na estrada. Então continuei perguntando:

— E onde você mora? Em que seu pai trabalha?

— Meu pai trabalha para o Conde, mas não ganha o suficiente para nos comprar comida. — Explicou.

No lugar onde vivíamos, o Conde privilegiava aqueles que possuíam terras, enquanto explorava o trabalho dos que não tinham nada; esses trabalhavam quase como escravos sem ganhar nem o suficiente para o sustento. Essas famílias, como não tinham para onde ir, eram mandadas para as terras dos Sirs que trabalhavam para ele, sem assistência alguma.

— Thomas, será que a família de Lucas está nas terras do nosso pai? Se estão, com certeza, ele não tem conhecimento do que está acontecendo. — Comentei com meu irmão.

Lucas então nos disse que precisava voltar para casa.

— Preciso levar esses grãos, pois será tudo o que teremos para o jantar. — Comentou.

Também nos disse que tinha três irmãos menores que dependiam dele, pois, o pai havia saído a três dias para trabalhar no castelo e até agora não tinha voltado.

— Lucas, e sua mãe? — Quis saber.

— Minha mãe morreu faz um ano.

— Sinto muito, me desculpe!

— Tudo bem, de dia passo bem, mas a noite a saudade me aperta o peito. — Me contou.

— Lucas, me perdoe! Olhe, tenho aqui muitos doces, pegue!

— Não posso, não tenho como pagar.

Entreguei o embrulho que Rosemari havia feito com tudo o que tinha preparado para nos receber a Lucas e disse que era seu, que não precisava pagar por nada. Ele saltitava de alegria enquanto experimentava os doces.

— Como são deliciosos! Posso levar um pouco para os meus irmãos?

— Claro! São todos seus e você pode fazer o que quiser com eles. — Respondi.

— Hoje é o meu dia de sorte! Meus irmãozinhos vão ficar muito felizes.

— Lucas, podemos ir com você à sua casa? — Thomas perguntou.

— Vou recolher mais um pouco dos grãos e depois podem me acompanhar.

Enquanto o ajudávamos, Thomas comentou comigo baixinho:

— William, ele deve estar com muita fome para ter gostado desses doces feitos por Rosemari, não acha?

Quando terminamos, fomos com Lucas até sua casa e, ao chegarmos, olhei para Thomas sem saber o que dizer. Aquele lugar não se parecia em nada com uma casa; haviam troncos de árvore que sustentavam uma cobertura feita de folhas de coqueiro e o chão era de terra mesmo. Nunca pensei pudesse haver famílias nessa situação vivendo nas terras de papai.

— Ele não deve ter conhecimento disso! — Falei para mim mesmo.

Lucas nos apresentou sua avó e irmãos e não deixamos de reparar que ela estava bastante debilitada, pois não andava nem falava, e que aquelas crianças tinham a mesma faixa de idade que nós.

Quando o menino desembulhou os doces e deu para seus irmãos, eles comeram com tamanha vontade que pareceu que nunca haviam provado nada daquilo antes.

De repente aproximou-se de nós um homem e Lucas e seus irmãos saíram correndo ao seu encontro.

— Papai, papai! Porque demorou tanto? Como é bom vê-lo! Que saudades, papai! — Eles diziam enquanto o abraçavam.

— Eu também estava com muita saudade de vocês, meus filhos. Cheguei a pensar que não os veria novamente. — Disse o Pai.

Estavam muito emocionados quando Lucas limpou as lágrimas do rosto e nos apresentou a ele que, com grande humildade, nos cumprimentou.

— Olá, meninos! Fiquem à vontade e sejam bem-vindos. Como podem ver, é um lugar simples, mas é tudo que temos e, por isso, chamamos de lar. Me desculpem, mas agora preciso entrar e me deitar porque estou com muitas dores.

Nós agradecemos e percebemos que Lucas ficou muito preocupado.

— O que aconteceu, papai? Trouxe algo para comermos?

— Fui ferido ajudando o ferreiro a amolar as facas e foices e me dispensaram, pois, um homem incapacitado não tem serventia nenhuma ao Conde. — Explicou e continuou dizendo que não o haviam pago e, por isso, não conseguiu trazer nada para casa.

Deitou-se sobre uns panos que estavam num canto da tapera e chorou aflito sem saber o que fazer.

— Deus, por favor, em nome de Jesus, têm piedade de mim! Não sei mais o que fazer!

— Me perdoe, senhor, por lhe importunar nessa hora de sofrimento, mas, como devo chamá-lo?

— Me chamo Ricardo. — Respondeu.

— Sr. Ricardo, não fique assim tão desesperado, pois, para tudo, há sempre uma solução. Meu pai ensinou-nos a jamais desistir por mais difícil que se apresente a adversidade; ele se chama William e essas terras são suas.

Continuei dizendo que papai estava em viagem, mas que retornaria logo e garanti que, assim que voltasse, contaria o que estava acontecendo e ele o ajudaria com prazer.

— Enquanto isso não acontece, meu irmão Thomas e eu vamos tentar fazer alguma coisa pelo senhor. — Finalizei.

O Sr. Ricardo, ainda com lágrimas nos olhos, nos agradeceu e pediu por uma outra família também:

— Que Deus abençoe vocês, meninos, mas não somos só eu e meus filhos que precisamos de ajuda, tem outra família aqui perto que está na mesma situação que a nossa.

Perguntei onde eles moravam e o senhor Ricardo me disse que perto dali e que Lucas poderia nos mostrar o caminho. Então assegurei-lhe que os visitaríamos e retornaria com ajuda. O Sr. Ricardo assentiu, nos deu sua bênção e nos despedimos.

Seguimos então para o lugar onde a família morava e, quando chegamos, Lucas bateu palmas e chamou:

— Senhor Valdir!

O lugar ficava praticamente no quintal da família do Sr. Ricardo e também não tinha aparência de casa, pelo contrário, só conseguíamos ver mato no meio de árvores grandes.

Logo o homem apareceu e Lucas nos apresentou.

— Sr. Valdir, esses são meus amigos William e Thomas.

— Olá meninos, sejam bem-vindos! Vieram brincar?

Expliquei que já tinha estado na casa de Lucas e que queríamos ajudá-los com alimentos. Combinamos que iríamos em casa buscar mantimentos e que eles nos esperariam na casa do Sr. Ricardo mais tarde para repartirem o que conseguíssemos.

Tinha dez anos nessa época e chorei ao ver tanta miséria, Thomas também ficou chocado com aquelas pessoas passando fome. Eu era pequeno, mas já tinha dentro do meu coração a vontade de ajudar as pessoas; também não entendia o porquê de algumas terem muito enquanto tantas outras, nada. Daquele dia em diante, a certeza de que nasci para isso tomou conta de mim.

Thomas e eu fomos para a casa de Rosemari e relatamos a ela tudo o que havia acontecido. Rosemari era bondosa e logo se prontificou a ajudar também, porém, queria ter certeza que aqueles homens não eram saqueadores. Ela não sabia que já os observávamos a algum tempo, então respondi:

— Temos certeza de que não são saqueadores, Rosemari, só desejam uma chance de conseguir sustentar suas famílias.

A convencemos e foi logo preparar a comida para levarmos. Enquanto isso, fomos conversar com Aro e pedir sua ajuda. Ele relutou, pois, não gostava de mexer nos pertences de nossos pais, mas mudou de ideia quando dissemos que ficaríamos felizes se agíssemos com bondade.

Aro separou alguns alimentos crus e, com Rosemari, nos ajudou a levar tudo até a casa do Sr. Ricardo. Quando chegamos, o Sr. Valdir também nos esperava; vimos o brilho nos olhos das crianças e isso nos encheu de alegria.

— Como pode, dois meninos, ainda tão crianças e já tão dispostos a ajudar. Vejam como possuem caridade em seus corações! — Comentaram o Sr. Ricardo e o Sr. Valdir.

Era muito difícil explicar o que eu estava sentindo naquele momento, pois, para nós, foi tão pouco enquanto para aquelas famílias era tanto! Gostaria de poder fazer mais, mas o fato é que, poucas coisas foram suficientes para deixá-los felizes naquele dia. Notei então, que não é preciso muito para satisfazer aqueles que mais necessitam, basta apenas agir de coração repartindo com amor e carinho.

As crianças faziam festa com os bolos e guloseimas que Rosemari havia preparado, mas a esposa do Sr. Valdir estava muito doente e não conseguia nem ficar de pé. Rosemari nos disse que ela não tinha nada, que se tratava apenas de fraqueza porque estava com fome, então foi até ela e conversaram bastante.

O Sr. Valdir disse-nos que éramos Anjos que Deus havia colocado em seu caminho, e que, apesar de ainda crianças, tínhamos atitude de adultos. Me senti muito importante quando ouvi essas palavras.

— Ouviu isso, Thomas? Realmente foi Deus quem nos enviou para socorrer essas famílias.

Thomas me respondeu:

— Gostei que Deus tenha nos enviado porque é muito bom proporcionar felicidade a alguém. William, Será que Deus nos enviará outras vezes para ajudar as pessoas?

— Esqueceu-se Thomas, das palavras de papai, que dizia que, uma vez convocados por Deus, sempre seremos enviados? Isso é chamado de missão! — Respondi.

Vimos o pai de Lucas sozinho e fomos conversar com ele.

— Sr. Ricardo, queremos lhe falar.

Ele olhava a felicidade das crianças e disse:

— Sabe meninos, sou grato pelo que fizeram por mim e pelos meus filhos, mas, por Deus, como eu gostaria que essa felicidade nunca acabasse! Queria trabalhar e poder sustentar minha família.

— O senhor está machucado, como vai fazer? Terá que se recuperar primeiro para depois poder voltar a trabalhar. Mas não se preocupe, pois papai logo voltará de viagem e, tenho certeza, saberá o que fazer.

— Que bom, meninos! Me perdoem, mas, o que mesmo queriam me dizer?

— Gostaríamos de perguntar-lhe, se trouxéssemos um objeto de valor, o senhor conseguiria vender sem que ninguém soubesse?

— Porque estão me perguntando isso? Escutem-me meninos, por favor, não quero que mexam nos pertences de vossos pais, nem dos de ninguém, pois o que fizeram hoje já tem grande valor.

Estava dizendo que não iríamos mexer nas coisas de nossos pais quando o Sr. Ricardo desmaiou. Todos correram para ver o que estava acontecendo. Rosemari viu que ele estava bastante machucado e tirou suas roupas para limpar os ferimentos.

— Pobre homem, precisa urgente de remédios e cuidados médicos! Sozinha não posso fazer muito.

Depois de algum tempo o Sr. Ricardo foi melhorando e recuperando suas forças. Esperamos que estivesse novamente sozinho e voltamos ao assunto.

— Por Deus, aceite nossa ajuda! Assim poderá comprar os remédios de que precisa, mas temos que saber se conseguirá vender os objetos que falamos sem levantar suspeita, e mais, não poderão ser vendidos por aqui.

— Sim meninos, consigo fazer isso bem longe daqui e meu compadre Valdir poderá me ajudar. Preciso dos remédios pois, se me acontecer algo o que será de meus

filhos? Mas também fico preocupado pensando o que vocês dois vão fazer!

— Não se preocupe porque vamos apenas tomar emprestado de alguém que tem muito e para quem não fará nenhuma falta. Além do mais, pretendemos devolver tudo um dia. — Tranquelizei-o.

— Que seja assim então, meninos, e que Deus vos ajude!

— Deus vai nos ajudar! — Respondi.

Estava quase anoitecendo, quando Aro disse que seria bom voltarmos para casa pois, logo não enxergaríamos mais o caminho; concordamos e nos despedimos de todos. No retorno disse á Rosemari que gostaríamos de ir até a igreja e ela nos falou que, pela manhã, poderíamos sair, então, Aro foi para nossa casa e nós a acompanhamos.

Chegando lá, qual a nossa surpresa ao encontrarmos Benedita esperando na porta.

— Boa noite amiga, quase cansei de te esperar... — Ela disse.

— Olá Benedita, uma boa noite para você também! — Estava passeando com os meninos. — Rosemari respondeu.

— Porque você tem que cuidar desses meninos sempre que seus pais saem de viagem?

— Porque Seline e Maxsuel só confiam em mim para tomar conta dos seus bens mais preciosos. Além do mais, amo esses anjinhos como se fossem meus.

— Acho que Seline faz você de tola, e essas crianças, de anjo, não tem nada!

— Não diga essas palavras Benedita, pois não me sinto tola e, acho sim que os meninos parecem Anjos. Venham, entrem que vou preparar o jantar.

Entramos e, quando Rosemari virou-se em direção à cozinha, Thomas e eu mostramos a língua para Benedita,

que nos disse baixinho:

— Suas pestes, eu odeio vocês!

Thomas não se conteve:

— Nós também não gostamos de você, sua falsa!

Da cozinha, Rosemari nos pediu para tomar banho porque o jantar logo estaria pronto e também, chamou Benedita para se juntar a ela e, assim, poderem conversar.

— Jantarão conosco, não é Benedita!?

Subimos as escadas para nos lavarmos e Thomas disse:

— É claro que Benedita ficará para o jantar já que não tem para onde ir.

— É bem isso, Thomas. — Respondi e rimos.

Após o jantar, fomos para o quarto que Rosemari havia preparado para nós e ficamos atentos ouvindo a conversa entre elas. Até onde entendemos, Benedita estava tentando persuadi-la a terminar o noivado com Evans. Depois disso adormecemos.

III. Primeira Lição

Acordamos com uma voz que dizia:

— Willian, Thomas, o café está na mesa, desçam que o dia está lindo! — Se tratava de Rosemari nos chamando para o café da manhã.

— Nossa, como a noite passou depressa! — Disse Thomas.

Logo após o café, pedi para irmos até a igreja e Rosemari nos disse que, na parte da manhã, era aberta somente para os idosos.

— Será rápido, logo estaremos de volta. — Insisti.

Ela concordou mas pediu para que não nos atrasássemos para o almoço. De repente ouvimos palmas e, mais uma vez, Benedita se encontrava lá fora, em pé — parecia que nem tinha ido embora. Seus lábios estavam roxos de frio e Rosemari a fez entrar.

— Posso passar o dia aqui com você? A solidão me sufoca.

Rosemari acolheu a amiga e a aconselhou a tentar adaptar-se seguindo seu exemplo.

— Veja, depois que meus pais morreram e meus dois irmãos casaram-se e foram para Portugal fazer a vida, tive que me habituar a viver sozinha. Não me deixo abater pela solidão: trabalho o dia inteiro para ocupar a mente e, com isso, me sinto feliz.

— Tem razão, minha amiga, mas não se sente só porque tem Evans. Porém, tenho que alertá-la que ele é uma pessoa falsa, sem nenhuma índole, um galanteador! Louvo a Deus por ser sua amiga de verdade e poder abrir-te os olhos.

Rosemari deu um pequeno sorriso.

— Não, Evans não é assim! Só eu sei as coisas que ele me fala quando estamos juntos e, além do mais, vamos nos casar em breve.

Ela ainda insistiu:

— Tenho pena de você, porque todos tentam enganá-la.

— Bendita, fique em minha casa o tempo que quiser, mas, por favor, não julgue as pessoas que amo.

— Me perdoe, amiga, vamos falar de outras coisas então. — Recuou.

— Assim é bem melhor, pois, não me sinto bem falando mal das pessoas.

Então pedi:

— Podemos ir agora?

— Sim meninos, mas antes, quero um beijo e um abraço de vocês dois. — Respondeu-nos carinhosa.

Assim fizemos e saímos.

É claro que não pensávamos em participar da missa ou falar com o Padre, o que queríamos era uma boa oportunidade de tomar emprestado os paramentos da igreja. Era dia de semana e, por isso, todos estavam trabalhando, a vila estava praticamente vazia.

No fundo da igreja havia um pomar com muitas variedades de frutas, porém, ninguém podia ir até lá ou pegar qualquer uma que fosse, a não ser duas pessoas: o Padre e o Bispo. Eram tantas frutas maduras no pé e caídas no chão que dava dó; se pudéssemos levaríamos para as famílias do Sr. Ricardo e do Sr. Valdir. Como era um lugar por onde ninguém transitava, foi por ele que passamos.

Em toda a Inglaterra, se qualquer pessoa fosse pega mexendo em algo que não a pertencia, era condenado a perder as mãos à golpe de machado.

— William, nós ficaremos sem as mãos? — Perguntou Thomas apreensivo.

— Pare de ter esse tipo de pensamento, Thomas! Já disse que não se trata de roubo, e sim, de um pequeno empréstimo; assim que pudermos, devolveremos tudo.

— Sabíamos que o Padre dormia até tarde e que a igreja ficava fechada nas quartas-feiras; por ser um dos Sirs do conde, papai possuía uma cópia da chave da porta dos fundos da igreja em casa, e que, aproveitamos para pegar quando fomos falar com Aro. Bem, nada iria nos atrapalhar!

Andamos pelo pomar com cuidado para não pisarmos em nenhuma fruta caída, deixando rastro, abrimos a porta e entramos.

Thomas sussurrou:

— Está com medo?

Respondi que não.

— E vou falar-te mais: um dia, Thomas, ainda devolveremos tudo!

De repente, ouvimos passos.

— William, são os guardas do Conde! O que faremos? Deus, quero a mamãe!... — Thomas estava apavorado.

Tentei tranquilizá-lo falando o mais baixo que pude:

— Calma, Thomas! Já estamos aqui e nada mudará isso. Venha com cuidado para não tropeçar em nada, vamos pegar algumas peças e nos esconder no confessionário. Ouça, os guardas estão apenas fazendo a vistoria e não vão se demorar.

E assim aconteceu: tomamos emprestados alguns objetos e os escondemos em nossas roupas, pois, como estava muito frio, vestíamos casacos grossos e enormes; então, não tinha como ninguém saber.

Quando entramos no confessionário, Thomas me recomendou que ficasse calado, pois, minha voz era alta e a igreja fazia eco. Balancei a cabeça concordando e esperamos.

Esperamos, rezamos, esperamos, rezamos e esperamos mais um pouco até que terminassem a ronda e

fossem embora. Quando o som de suas vozes e de seus passos ficou distante, Thomas me disse aliviado:

— Graças a Deus foram embora!

Então, olhou para suas mãos:

— William, eu amo as minhas mãos! O que seria de mim sem elas?

— Também amo minhas mãos e não sei o que faria sem elas. Pare, Thomas, você me deixa com medo!

Thomas estava parado olhando para o altar sem se mexer e me disse:

— Fomos descobertos, tem um homem no altar; não olhe agora, mas ele está olhando para cá.

— Tudo bem, venha para perto de mim, falarei com ele, não fique com medo. Esse homem não viu nada, apenas estamos aqui dentro da igreja. — Tentei acalmá-lo.

Thomas veio para perto de mim e me virei para ver o homem. “Meu Deus, que homem é esse?” — Pensei. Ele não me lembrava ninguém que conhecemos e nem se parecia com nenhum morador daqui. Ficamos parados, era um medo tão grande que começamos a tremer; o homem estava vindo na nossa direção e não conseguíamos correr.

— Não tenham medo, pois fui enviado para protegê-los! — Ele disse.

Não conseguíamos dizer nada, parecia até que uma magia grande e forte tinha tampado nossas bocas. Sendo assim, continuou a falar:

— William e Thomas, hoje vocês provaram coragem, mas, o que fizeram ontem sim, foi magnífico! Para conseguirem o que querem, não precisa ser pelo roubo; lembrem-se de ontem: naquele gesto vocês dois, realmente, mostraram coragem e caridade. Devem estar pensando agora como sei dessas coisas, mas, apenas sei e vocês não devem se preocupar.

Continuamos escutando ele falar que nossos pais chegariam no dia seguinte e, que papai era um homem bom

e honesto, justo e fiel ao verdadeiro Deus, e mamãe, uma mulher guerreira, e que jamais deixariam alguém passar necessidades em suas terras. Nos alertou também que, os paramentos que tínhamos pego, só trariam ainda mais problemas para o Sr. Ricardo.

— E tem mais: Deus precisa de vocês, precisa que os filhos da casa de Sir. William sejam íntegros, sem manchas.

Pediu que, devagar, devolvêssemos ao seu devido lugar tudo o que havíamos pego.

— Não têm que roubar para ajudar as pessoas; Deus provê tudo em nossas vidas e vocês têm condições de auxiliar quem precisa sem se valer disso. Sabe, William, te ouvi dizer a seu irmão que devolveria tudo um dia, pois bem, essa é a hora!

O homem sorriu e, com voz forte, disse:

— Ora meninos, não tenham medo de mim, eu já disse que só quero ajudá-los, enfim, vim para proteger vocês!

Paramos de tremer nesse exato momento, nosso medo foi embora e nossas pernas voltaram a nos obedecer, então, fomos fazer o que aquele senhor havia nos pedido.

Um dia eu pensava em poder devolver todas aquelas coisas, só não achei que seria tão rápido!

— Porque o senhor brilha? — Perguntei curioso.

— Se trata do brilho que vêm de Deus. — Respondeu.

— Vai contar o que fizemos a alguém?

— Não, filho, será nosso pequeno segredo. Também não devemos ficar falando ou julgando a vida de ninguém, inclusive, já esqueci; o que aconteceu hoje aqui virou passado e nem me lembro mais... Sabe, sou um velho muito idoso e esqueço rápido dos acontecimentos.

Sorrimos.

— É hora de irem, vão meus pequenos heróis! Ah! Não esqueçam de usar o mesmo lugar por onde entraram.

Vão rápido que Rosemari já terminou o almoço e os espera.
— Recomendou.

Thomas ainda perguntou:

— E o senhor, não vai para casa?

— Sim, eu irei logo atrás de vocês; vão que já é hora.

Saímos em silêncio absoluto e, quando estávamos fechando a porta, olhamos para o altar e o homem havia sumido. Mais uma vez o medo tomou conta de nós e saímos correndo sem virar para trás.

Certo momento, enquanto corríamos, Thomas me olhou e perguntou:

— William, quem é aquele homem?

— Nada de perguntas, Thomas, apenas corra! —
Respondi ainda sentindo medo.

Chegamos à casa de Rosemari muito cansados de tanto correr e ela quis saber o que tinha acontecido.

— Parece que viram um fantasma! O que aconteceu com vocês? — Perguntou preocupada.

Benedita não perdeu a oportunidade:

— Sabe, minha amiga, esses meninos estão com cara de que fizeram travessuras. Você é muito inocente... Com certeza eles aprontaram alguma coisa!

— Nada, apenas um enorme animal correu atrás de nós. — Respondi ainda tentando me recuperar.

— Ah, Rosemari, você não vai cair nessa, não é!? —
Alfinetou Benedita.

— Tudo bem, o pior já passou e estou aqui agora. Vão e lavem as mãos que o almoço já está esfriando.

Depois do almoço, Rosemari perguntou se havíamos ido à igreja e respondemos que sim, mas que estava fechada. Disse que ficamos brincando na vila com nossos amigos.

— É verdade, como pude esquecer? Hoje é quarta-feira e as portas só abrem a tarde; eu deveria tê-los

avisado, assim, nada disso teria acontecido!

— Está tudo bem, não aconteceu nada. Não se preocupe!

— Notei que não comeram quase nada, não estavam com fome? — Quis saber.

— Sabe, Rosemari, queremos levar a nossa parte do almoço para as famílias do Sr. Ricardo e do Sr. Valdir. Nós podemos?

Rosemari concordou.

— Vocês dois são mesmo uns Anjos! Vamos, me ajudem a preparar uma vasilha bem grande. Vou mandar chamar Aro para acompanhar vocês e poderão passar a tarde brincando por lá se quiserem.

— Não consigo entender porque você faz todas as vontades dessas crianças! — Benedita criticou.

— Sabe, Benedita, eu também não consigo entender porque é tão amarga! Veja como esses meninos são abençoados por Deus, não enxerga isso? Não entendo...

Benedita calou-se.

Algumas horas depois, Aro chegou para nos ajudar com os alimentos e, quando estávamos saindo, Rosemari recomendou a Aro que cuidasse de nós.

— Senhorita Rosemari, eu cuido dos meninos quando eles deixam, pois, simplesmente, somem da minha frente e não sei como explicar.

— Tudo bem, meu bom amigo Aro, apenas os acompanhe até lá e combine um horário para buscá-los, assim ficará melhor.

— Que bom! Sou um homem de idade e não tenho mais fôlego para correr atrás deles. Vou aproveitar para conversar com o Sr. Ricardo e o Sr. Valdir, também.

— Que assim seja, vão em paz! — Determinou Rosemari.

Seguimos com Aro e, no caminho, pedi para passarmos em casa porque precisava pegar alguns doces que estavam nas latas para levar para as crianças. Aro concordou e fomos. Na verdade, queríamos devolver as chaves da igreja que tínhamos pego.

Quando as colocamos de volta no lugar senti algo diferente e perguntei a Thomas se sentia o mesmo.

— Parece que estou andando sobre nuvens. — Respondeu.

— É gostoso, mas muito estranho! — Eu disse.

— Me sinto muito leve, mas não entendo nada.

— Não sei bem como explicar, papai sim, saberia nos dizer, mas acho que é porque pegamos o que não era nosso, ficamos arrependidos e devolvemos. Porém, para ficar tudo certo, precisávamos colocar no lugar também as chaves.

— Tudo bem, pode até ser isso, mas, não teve nenhum arrependimento da nossa parte.

— Como não? Nós não pegamos nada, ou melhor, pegamos, mas devolvemos.

— Você é mesmo cabeça dura, William! Digo que não houve arrependimento porque foi aquele homem que fez com que devolvêssemos o que pegamos...

— Thomas, você que é um cabeça dura! Quando o homem que encontramos na igreja falou conosco, não sei se foi medo, ou o quê, mas fez com que nos arrependêssemos e, por consequência, devolvemos os objetos. — E perguntei:

— O que você pensou quando colocamos tudo no lugar de volta?

— Ora, William, pensei que nunca deveria ter tido tal ideia.

— Quer saber o que eu pensei, Thomas? Que, nunca mais em toda a minha vida, pegarei o que não me pertence. Aquele homem nos ajudou a refletir sobre nossos atos, pois, não pegou um machado afiado para nos obrigar, e sim,

apenas conversou conosco; por isso estamos leves, porque houve arrependimento.

— Acho que estou entendendo agora...

— Se você prestasse mais atenção nos ensinamentos de papai já teria entendido, Thomas.

Nesse momento, Aro nos chamou:

— Vamos meninos, é uma longa caminhada.

Quando chegamos na casa do Sr. Ricardo, Lucas correu chamar o Sr. Valdir e, mais uma vez, vimos a felicidade estampada na face daquelas pessoas e essa sensação, não há dinheiro no mundo que pague!

Aquela tarde, Aro ficou conversando com os adultos enquanto fomos brincar com nossos novos amigos na cachoeira que havia ali perto. Foi uma tarde incrível, pena que passou tão rápido! Estava quase anoitecendo quando Aro nos chamou para ir embora; nos despedimos e prometemos voltar outras vezes para brincarmos.

— William e Thomas, venham sempre brincar conosco, vamos ficar esperando! — Pediu Lucas.

— Pode deixar que vamos cumprir o que prometemos! — Dissemos.

Nos despedimos e voltamos para a casa de Rosemari; a tarde tinha passado rápido e a noite chegou depressa.

Durante o jantar, ela observou novamente que quase não tínhamos tocado na comida e nos justificamos dizendo que já havíamos comido muito.

— Tudo bem então, meninos, depois que já estiverem acomodados para dormir, levarei um copo de leite morno para servir de complemento. — Disse-nos gentil como sempre.

— Que delícia, Rosemari fará igual a mamãe! Estou com tantas saudades dela... — Thomas falou.

— Não fique triste, Thomas, amanhã Seline estará de volta com seu pai e Dancan. Me deem um abraço, tudo

ficará bem! — Rosemari era sempre muito amorosa conosco.

Benedita ainda estava na casa e não perdeu a chance de expressar sua amargura:

— É impressionante como esses meninos se fazem de coitados! Será que não vê que faz papel de tola, Rosemari?

— Porque você não gosta deles, Benedita? Entenda que, se transmitir amor, eles te darão amor, o mesmo com a raiva. Aprenda que as crianças se espelham nos adultos.

— Amor temos que dar para quem merece! — Retrucou.

— Você não consegue entender o amor, Benedita, mas são muitos os que não o compreendem.

Elas ficaram discutindo por nossa causa e, já estávamos deitados quando a escutamos se desculpar e pedir para passar a noite ali.

— É certo que sim, porém, terá uma condição: não quero mais que fale mal das crianças porque, como bem sabe, os tenho como se fossem meus, sendo assim, deixe-os em paz! — Rosemari disse em tom definitivo.

Alguns minutos depois tudo silenciou e não ouvimos mais suas vozes. Nesse momento, Thomas me chamou.

— William, já está dormindo?

— Não consigo dormir porque estou ansioso pela chegada de papai e mamãe, também sinto muitas saudades de Dancan.

— Posso deitar junto com você? Estou com medo e meus pés estão quase congelando.

— Do que está com medo, Thomas?

— Te digo se me deixar ir até aí. — Me pediu.

— Então venha rápido por que eu é que estou começando a ter medo.

Thomas veio até minha cama e me abraçou.

— Estou morrendo de medo só de pensar naquele homem que vimos na igreja.

— Tinha medo que você lembrasse...

— Você também está com medo, William?

— Se estou com medo? Estou com muito medo, mas que isso, estou apavorado! Ele não se parece com ninguém daqui, aliás, nunca vi ninguém como aquele homem.

— William, lembra-se das penas que ele usava na cabeça e de suas vestes brilhantes?

— Chega Thomas, não vamos mais falar nada, senão o medo multiplica.

— Quando papai chegar temos que contar o que vimos.

— Ainda não sei se podemos falar, se dissermos o que aconteceu teremos que contar também o que estávamos fazendo na igreja e, penso que isso será uma péssima ideia. Me dê as mãos e vamos dizer o que papai nos ensinou:

“Lutem e lutem,

Lutem mais uma vez.

Até cordeiros virarem leões.”

— Está melhor agora? — Perguntei a Thomas.

Pedi que fechasse os olhos e tentássemos dormir. Graças a Deus a noite passou rápido!

Acordamos ansiosos pelo regresso de papai, mamãe e Dancan; tomamos o café da manhã, logo chegou a hora do almoço e, depois, o café da tarde e, não aguentávamos mais esperar.

— Willian, o tempo não passa, que horas são?

Rosemari tentou nos confortar:

— Calma meninos, pois, paciência é uma virtude! Vão tomar banho e aprontar-se para esperá-los nos portões do castelo.

Nessa hora, Benedita, que já tinha ido embora pela manhã, voltou com um bolo.

— Veja, Rosemari, para mostrar que não tenho ressentimentos preparei um delicioso bolo para os meninos levarem para casa e saborear com sua família.

— Que ótima ideia! Vejam meninos, agradeçam a Benedita.

Agradecemos e Benedita sorriu.

— Ouçam-me: Quando vocês estiverem todos reunidos, façam uma surpresa e ofereçam um pedaço de bolo para cada um. Já pensaram como todos ficarão felizes? Me prometam que irão fazer!

Respondi sorrindo:

— Nossa, que lindo bolo! Pode ter certeza que faremos a surpresa, não é, Thomas?

Thomas respondeu também sorrindo:

— Claro que sim, senhorita Benedita. Como é bondosa conosco, muito obrigado!

Benedita despediu-se e se foi. Nos arrumamos, pegamos nossas capas e saímos para aguardar a chegada de papai e mamãe, mal podíamos esperar para rever Dancan.

IV. Chegada

Chegando nos portões do castelo, Rosemari pediu para arrumar nossas capas, que estavam tortas.

— Agora sim, estão parecendo rapazinhos de verdade!

Foi quando ouvimos gritarem para que abrissem os portões.

— Thomas, são eles! Veja estão chegando, que alegria!

Dancam veio na frente correndo e nos abraçou.

— Estou com tantas saudades de vocês!

— Nós também! — Respondemos juntos.

— Dancan, temos muitas novidades para te contar.
— Disse Thomas.

— Eu também! Sabem, papai vai comprar uma enorme casa em Norfolk, perto do tio Tomas.

— Não pode ser em Norfolk, Dancan, o tio Thomas mora em York. — Respondi sem entender.

— Agora está tudo diferente, temos um tio Conde muito rico que, quer que saíamos daqui pois haverá uma guerra em breve. A mamãe trouxe presente para todos.

Então, papai e mamãe aproximaram-se e nos encheram de beijos e abraços.

— Que saudade dos meus meninos! — Disseram.

Depois, olharam para Dancan.

— Vejo que já contou todas as notícias, que bom que temos um porta voz! — E todos rimos...

Mamãe olhou para Rosemari e deu-lhe um abraço.

— Como está Rosemari, tem passado bem? E os meninos, souberam se comportar?

— Estou bem, minha amiga e, a propósito, você está ótima! Seus filhos são verdadeiros cavalheiros e

comportaram-se muitíssimo bem.

— Não sei como lhe agradecer! Só posso pedir que o Senhor Deus, todo poderoso, te abençoe em tudo. Muito obrigado por ter cuidado dos meus meninos!

— Quando precisar de mim é só dizer. Vejo que estão cansados da viagem, venham para a minha casa e preparei o jantar.

— Como é prestativa, Rosemari! Mas já combinamos com Aro a nossa chegada e Helena nos espera com o jantar. Você que é nossa convidada para ir até lá e festejar conosco, não é, Maxsuel?

— Isso sim é uma verdade e, não aceitamos não como resposta! Seu noivo Evans também está convidado. — Respondeu papai.

— Sendo assim, nós iremos. Evans está trabalhando no castelo do Conde e hoje é o dia em que vem me ver, ele ficará grato pelo convite. Podem contar conosco!

— E tem mais, trouxemos presentes para todos! Aguardaremos vocês.

Nos despedimos de Rosemari e fomos para casa, estávamos muito felizes, conversamos, sorrimos... Eu olhava meus pais e pensava que, quando crescesse queria ser como eles.

— Papai, é verdade que iremos morar perto do tio Thomas? — Perguntei.

— Sim William, mas não tão perto, iremos para Norfolk. Seu tio saiu de York e está agora em Wiltshire.

— Porque teremos que morar em outra cidade, que não a do tio Thomas? — Estava curioso.

Papai explicou que ele precisava de homens de confiança, com boa índole, em todas as cidades para ficar sabendo do que estava acontecendo, assim, teria olhos em todos os cantos; a isso demos o nome de “Visão além das colinas”. Creio que, em um ou dois anos, já estaremos de mudança para nossa casa nova.

— Que legal! Mamãe, meu primo George já está do meu tamanho? — Perguntei entusiasmado.

— Não filho, ele é apenas um garotinho e você já é um rapazinho; Maria sim, está uma verdadeira mocinha. A pequena Ana é um mimo, corre por todos os lados e já fala bem, todos perceberam que se trata de uma princesa!

Quando chegamos em casa, Aro veio nos recepcionar.

— Bem-vindos, Sr. e Sra. Marchi! Meninos, como estão? É maravilhoso vê-los novamente.

— É muito bom poder vê-lo também, Aro! — Cumprimentou-o mamãe.

— Que bom, meu amigo Aro, vejo que cuidou de tudo muito bem. — Completou papai.

— Aro, você pediu para Helena preparar algo para nós? Temos convidados para o jantar. — Mamãe perguntou.

— Sim senhora, está tudo sendo providenciado, não se preocupe com nada.

— Como é bom poder contar com você e com todos que trabalham aqui, tenho vocês como meus amigos, então, trouxe presentes para todos. É uma pequena lembrança, mas não esqueci de ninguém.

— Sra. Seline, sempre serei grato pelo que fizeram por mim, sempre poderá contar comigo para o que precisar.

— Muito obrigado Aro, aproveite e fique para o jantar; ou melhor, anuncie para nossos empregados que venham jantar conosco hoje. Assim poderei dar-lhes a lembrança que trouxe.

— Irei dar o recado agora mesmo, Sra. — Respondeu Aro, sorrindo.

Foi uma festa linda, com muita comida e bebida.

Meus irmãos e eu saímos da casa para brincar do lado de fora e levamos um susto: Benedita estava no quintal chorando e pediu para falar com Rosemari. Entramos e

contamos para mamãe que, pediu que não disséssemos nada a ela.

— Vejam como está feliz com seu noivo e, certamente, Benedita quer estragar esse momento. Voltem a brincar e, se a virem de novo, digam que Rosemari a está esperando dentro da casa.

Assim fizemos, voltamos a brincar, mas não vimos mais Benedita. Então, Thomas, se lembrou do bolo.

— William, o bolo que ela nos deu, o que foi feito dele?

— Deixamos na casa de Rosemari, temos que avisar mamãe! — Thomas ficou preocupado.

Dancam não estava entendendo nada.

— Esperem, que bolo é esse? — Perguntou.

Thomas explicou:

— Ganhamos um bolo de Benedita em sinal de reconciliação e, ela queria que déssemos para todos comerem; deve ter alguma coisa nele, porque ela não gosta de nós. Entendeu agora? Vamos, temos que avisar Rosemari para não comer o bolo.

Conseguimos alertar Rosemari e voltamos a brincar. Aos poucos o ambiente foi silenciando com o retorno de todos às suas casas.

Estávamos deitados e mamãe nos trouxe um copo de leite morno que havia preparado, papai dizia-nos palavras de sabedoria; tive a impressão de que ele estava querendo nos preparar.

— Filhos amados, quero que prestem bastante atenção no que vou dizer e se esforcem para jamais esquecer, pois, nesse mundo, é preciso aprender a sermos fortes e a nos livrarmos dos perigos e ciladas no caminho: paciência é uma virtude santa que devemos ter em todos os momentos da nossa vida; nunca esqueçam de quem vocês são e de onde vieram, aprendam a se conhecer; diante de uma batalha, não desanimem, jamais recuem e mostrem

que, pelo sangue de Jesus, são mais que vencedores; assumam responsabilidades das quais poderão dar conta, jamais aceitem nada que não consigam desempenhar bem; todos temos fraquezas e, não é fácil ignorá-las, fiquem atentos porque esses são pontos vulneráveis, portanto, precisam aprender a lidar com isso para se preservar; a vida não é fácil e, por isso, precisamos sempre estar preparados para o pior, não podemos prever o futuro, mas é importante saber como reagir quando chegar esse momento; nem sempre gostamos ou aprovamos algumas coisas mas, às vezes, é necessário apenas aceitar o fato; Não deixem que o cinismo tome conta de vocês, ajam sempre com inteligência equilíbrio e bom humor. Acreditem, vale muito ser educado.

Continuou:

— Não façam nada de cabeça quente, se descontrolar poderá pôr tudo a perder, ignore se possível — feliz daquele que aceita a missão que Deus lhe confiou; a vida é apenas um sopro e tudo se acaba, mas, quando formos chamados, ganharemos uma nova chance por que o senhor Deus é justo e misericordioso; quando estiverem cansados de lutar, rezem, recorram a Deus e peçam a interseção de Maria, mãe de Jesus — clamem por Jesus; por fim, não desistam dos seus objetivos, lembrem-se do nosso lema.

Papai nos fez decorar essas palavras e explicou o que cada uma significava; ele era o nosso grande professor e nós, seus alunos. Rezou conosco, então adormecemos ouvindo mamãe cantar.

Como era bom adormecer assim...

Bem, na manhã seguinte, conversamos com papai e mamãe sobre o que estava acontecendo com a família do Sr. Ricardo e do Sr. Valdir. Imediatamente eles se prontificaram a ajudá-los. Papai ficou irritado com a atitude do Conde, pois aquelas famílias eram de responsabilidade dele.

O Conde costumava enviar essas pessoas para as propriedades dos Sirs, que, na maioria das vezes, não tinham conhecimento delas. Papai sempre abrigou todos os que foram parar em nossas terras e, dizia que era um pecado ver um homem sem condições de dar sustento à própria família; ver tudo aquilo cortava seu coração.

Nas redondezas da cidade de Orcam, meu pai era quem mais possuía terras e, frequentemente, famílias sem teto o procuravam pedindo ajuda e um lugar para ficar. Pensando neles, meu pai tinha grande número de pequenas casas e, os que estavam só, ficavam num alojamento perto da nossa casa; todos trabalhavam por um salário justo.

Meu tio Thomas e papai estavam entre os favoritos do Rei Henrique VII, que tinha confiança nele e estava sempre colaborando com os que moravam em suas propriedades.

Meus pais trouxeram as famílias do Sr. Ricardo e do Sr. Valdir para viver nessas casas, mamãe cuidou dos ferimentos do Sr. Ricardo e papai empregou os dois. Assim que a esposa do Sr. Valdir se recuperou, minha mãe a trouxe para dentro de casa e a transformou no braço direito da nossa cozinheira Helena.

Os dias passaram e sentimos a ausência de Rosemari.

— Hoje faz treze dias que não a vejo. — Lamentou-se mamãe.

Então propus que fôssemos até a sua casa para saber o que tinha acontecido.

— Acho que Rosemari comeu o bolo envenenado de Benedita. — Lembrou Thomas.

— O que? Filho, o que está me dizendo?

Thomas explicou:

— Benedita deu-nos um bolo e pediu para que déssemos para todos comerem um pedaço.

— O que foi feito desse bolo, Thomas? — Perguntou Mamãe.

— Ficou na casa de Rosemari, esquecemos de jogar fora.

— Como vocês sabem que o bolo estava envenenado?

— Mamãe, Benedita não gosta de nós e, de repente, nos presenteou com um lindo bolo. — Respondi.

— Vamos filhos, depressa, peguem suas capas e me acompanhem até a casa de Rosemari. Estou muito preocupada com ela.

Papai perguntou que estava acontecendo e mamãe respondeu que precisávamos sair rápido e que, no caminho explicaria. Vendo sua aflição, decidi nos acompanhar. Chegando na casa encontramos tudo fechado e não se via nem rastro de Rosemari, chamamos, mas ninguém atendeu. Foi quando uma vizinha se aproximou.

— Vocês estão procurando por Rosemari?

— Sim, estamos à sua procura. A senhora pode nos informar se ela está viajando? — Mamãe perguntou.

A Mulher respondeu:

— Pobre de Rosemari! Ela e seu noivo Evans foram levados para hospital perto de Norfolk.

Mamãe perguntou o que tinha acontecido e porque haviam sido levados para tão longe.

— É muito estranho, pois eles estavam em minha casa há treze dias atrás e pareciam ótimos.

— Sei que ela estava em sua casa, nós conversamos no outro dia pela manhã e vi quando Evans chegou. Depois disso só ouvi os comentários de que foram envenenados e, levados para longe porque aqui não temos quem cuide de casos assim.

— Santo Deus! Esposo, temos que ir até lá, quero saber como Rosemari está e o que aconteceu de fato. — Mamãe estava desesperada.

Então, agradeceu a senhora e prometeu trazer notícias.

Voltamos para casa arrumar tudo para irmos à Norfolk, quando chegou a notícia da morte de Rosemari e Evans. Mamãe ficou extremamente abalada pois, a tinha como uma irmã. Nós todos ficamos muito tristes por que a amávamos. Papai organizou o velório e prometeu procurar Benedita; mesmo sem provas, todos sabiam que a morte dos dois tinha sido premeditada.

Benedita não foi ao velório e tivemos certeza que era culpada. Ela tentou de tudo para separar Rosemari de Evans e, como não conseguiu, ficou com tanta raiva que quis vê-los mortos. Papai também não descartou a possibilidade daquele bolo ser para nós, já que queria que todos comessem um pedaço, e sabia que o casal também estaria em nossa casa. Como esquecemos de trazer o bolo, os dois devem tê-lo comido pela manhã, por isso passaram mal à tarde, conforme contou a vizinha.

Benedita sumiu e nunca mais a vimos. Depois do acontecido, mamãe chorava todos os dias e contratou dois homens para nos vigiar dia e noite. O clima em minha casa estava tenso e era de preocupação.

Tempo depois, todos os Sirs do Castelo de Chamos foram convidados para se reunir com o Conde, onde o assunto era uma possível guerra em Orcam. O castelo onde vivíamos seria o mais prejudicado e meu pai estava muito preocupado, então, tratou de tomar algumas providências.

Chamou Adam, homem capaz de dar sua própria vida por nós em gratidão por papai ter lhe livrado da morte, separou todos os nossos bens valiosos dentro de um enorme baú e, depois de conversarem muito, pediu que pegasse alguns homens e levassem aquela fortuna até a casa do meu tio Thomas, afim de que ele desse avanço em nossa casa. Também pediu para Aro, o Sr. Ricardo e o Sr.

Valdir construírem um porão grande onde deveria haver comida e bebida em quantidade, tudo em segredo.

Meus irmãos e eu, junto com as outras crianças da casa, não tínhamos mais a liberdade de antes. Quando nos reuníamos, havia sempre alguém para nos vigiar. Nossos pais tinham medo que Benedita voltasse para nos fazer algum mal, mas também, da possível guerra que ameaçava acontecer; como ninguém sabia quando seria, todo cuidado era pouco. Olhávamos a casa da árvore de longe e, no fundo, sabíamos que seria muito difícil voltarmos a brincar lá de novo.

Aro, Sr. Ricardo e o Sr. Valdir, fizeram o porão subterrâneo conforme papai havia pedido. Ele ficava embaixo da dispensa, perto da cozinha de minha mãe. Olhava aquilo e me perguntava por que papai quis construí-lo.

Aproximou-se da casa o emissário do Conde avisando de uma outra reunião urgente e, desta vez fui com meu pai, pois, ele achava que, por ser o mais velho, deveria acompanhá-lo para ir aprendendo.

O Conde comunicou que o exército da Igreja estava a caminho por ordem do Papa, a fim de que cada morador pudesse fazer suas contribuições. Papai comentou que todos já haviam contribuído o bastante e, que toda a nossa fortuna havia sido levada para York pois, em breve, estaríamos de mudança para lá. E mais, que preferia morrer a continuar sustentando o clero no luxo enquanto os pobres passam fome.

Então, o Conde insinuou que papai estava possuído porque acreditava que, quem se opunha à Igreja, ia contra Deus. Meu pai respondeu que Deus jamais obrigaria alguém a dispor do que tinha para que outros vivessem na ostentação e, deixou claro que, se fosse para ajudar os desvalidos, ficaria sem roupas e feliz.

— Será que vocês não conseguem ver que Deus não quer isso? — Disse convicto.

Um outro Sir concordou:

— Tenho absoluta certeza que Sir William está correto, pois, não há coração generoso como o dele em toda a Inglaterra. Quem aqui faz o que ele faz pelos pobres?

O Conde quis dizer que a Igreja ajudava muitas pessoas, mas, Sir Cornelhos rebateu pedindo que ele relatasse um só caso de alguém beneficiado pela Igreja.

— Sr. Conde, me perdoe, mas, definitivamente, não quero nem posso colaborar com isso. — Disse.

— Mas, alguma coisa teremos que doar! — Contrapôs o Conde.

Papai contestou dizendo que todos que ali estavam já haviam contribuído menos o Conde e que, sendo assim, nesse momento teria que fazer a doação sozinho.

Todos puderam ver o quanto o Conde ficara insatisfeito, porém, ele nada disse e pôs fim à reunião.

Voltamos para casa, papai estava temeroso.

— Seline, minha esposa, receio por dias ruins.

Mamãe tentou tranquilizá-lo:

— Não temas, Maxsuel, meu amado, o que tivermos de passar, passaremos com dignidade. Será por Deus, por amor, pela honra, pelos nossos filhos e, pela Inglaterra! Enfrentaremos o que vier e venceremos, pois, nada como um dia após o outro, e mais, você mesmo sempre nos diz que não devemos ter medo da morte porque ela é só um novo começo.

Então, olhou fundo nos olhos de papai.

— Estou certa, Maxsuel, meu esposo?

— Sim, está! Ninguém morre, e sim, entra para a vida. Seline, você é bálsamo para mim, é o meu oásis.

A partir daí iniciou-se uma grande saga na minha vida e na de meus irmãos.

Outro dia estávamos todos sentados à mesa para o almoço quando papai começou a falar sobre como será quando estivermos morando em Norfolk.

— Vocês, meninos, terão os melhores mestres, pois os mandarei estudar na França; lá sim é o lugar para os filhos crescerem e se tornarem homens.

Acredito que dizia essas coisas para não nos deixar tensos, porque Adam havia retornado da casa do tio Thomas com uma notícia preocupante: aproximava-se do castelo um exército cujos senhores estavam insatisfeitos com os tributos exigidos pela Igreja e que vinham em busca de aliados. Naquela ocasião, papai disse a Adam que era a favor desses grupos porque acreditava que cada um deveria oferecer aquilo que o coração mandasse, porque não estava escrito em lugar nenhum que deveríamos ostentar a Igreja.

— É engraçado, Adam, Jesus nunca precisou de nada disso e, até hoje, as multidões que suplicam por Ele são, na sua maioria, de pessoas humildes. Roma está tomada pelo luxo, igrejas e mais igrejas sendo erguidas ou reformadas e os pobres não podem entrar. Será que é isso que Jesus quer?

Ouvimos quando soou o gongo avisando que o exército estava se aproximando do castelo, então, meu pai disse que, antes de qualquer atitude, deveríamos conversar com o general e explicar que também não éramos a favor da Igreja, mas que não queríamos briga, que lutávamos pela paz. E assim fez.

Descobriu que quem estava à frente daqueles homens era Sir Eduardo, primeiro general do grande exército do Rei Henrique VII, e que o conhecera, com seu irmão Thomas, em uma das salas do rei.

— Sir Eduardo, seja bem-vindo junto com vosso exército! Em que podemos ajudá-lo? Saudou-o papai.

— Precisamos de provisões para seguirmos adiante.

Meu pai pedia que abrissem os portões quando o Conde se aproximou de onde estávamos.

— Como ousa acolhê-los em meu castelo, Sr William?

— Sois dono do castelo, mas esqueces que oitenta por cento dessas terras me pertencem e que é delas que sai o vosso sustento? Além disso, só está aqui por determinação de Roma; tenho certeza que, se meus pais soubessem que a Igreja tramava contra os filhos de Deus, jamais teriam deixado que ocupasse esse posto. Então, se quiserem essas terras, eu as vendo, porém, será pelo preço justo. E digo mais, sou o maior produtor de grãos da região, mas, a partir de agora, daqui não sai mais numa saca sequer para Roma e, se não estão contentes, saiam vocês!

E finalizou:

— Me submeti a trabalhar para vós em nome da Igreja e deixei que fizessem o que queriam, mas agora basta! Tenho posses suficientes para ser Visconde, Conde e até Duque, mas preferi permanecer humilde. Porém, agora será assim: ou compra minha propriedade ou pegue seu castelo e sua igreja e suma daqui!

O que acontecia era que a Igreja decidia quais terras mais lhe interessavam e dizia aos donos do lugar que Deus as havia escolhido, então construía igrejas e castelos. Quando esses morriam, seus filhos continuavam trabalhando para a Igreja que, com o passar do tempo, tratava de expulsar os herdeiros tomando posse de tudo.

Porém, com meu pai aconteceu diferente pois, ao contrário da maioria, guardava as escrituras escondidas e, por mais que o Papa solicitasse, nunca as forneceu. Essas terras foram deixadas uma parte para papai, pelos meus avós paternos, e outra para mamãe, pelos meus avós maternos, e juntos, esses documentos somavam uma quantia gigantesca de terras, por isso o interesse do Papa.

Papai pediu novamente que os portões fossem abertos e o Conde tentou persuadí-lo:

— Sir William, será que não consegue notar que se tratam de saquiadores? Meu emissário chegou hoje com a notícia de que o exército do Papa não tarda e, além disso, a Igreja não vai gostar dessa sua atitude.

— Sobre esses homens que estão a caminho, com eles sim devemos nos preocupar, já que estão treinados para extorquir, estuprar e matar por onde passarem. Esses são os verdadeiros saqueadores.

— A Santa Igreja de Jesus ficará sabendo disso! — Ameaçou o Conde.

— Ainda assim abrirei os portões. — Disse decidido meu pai.

Os portões se abriram e papai pediu que Adam me levasse para perto de minha mãe e meus irmãos.

— Não é nada bom que fique aqui, filho!

O exército de Sir Eduardo entrou e lhe trouxeram comida e água para os homens, Aro também mandou que cuidassem dos cavalos. O General foi para nossa casa e, quando chegaram, o Sr. Valdir veio avisar que o emissário do Conde havia saído aquela tarde para fora dos portões do castelo.

— Estão a tramar algo! — Obrigado, Valdir!

E pediu:

— Faça-me um favor: preciso que olhe os meninos para mim, também quero que fique por aqui junto com os homens que estão cuidando da casa, peça que Aro leve todas as crianças para um lugar seguro. Creio que vem tempestade forte por aí.

Sir Eduardo e papai conversaram sobre tudo o que estava acontecendo, inclusive, a respeito de não quererem mais se submeter às vontades do Papa.

— Queremos liberdade para a propriedade, é inadmissível o que ocorre na nossa Inglaterra!

— Temos que ficar muito atentos pois, nossos inimigos são ardilosos. — Alertou papai.

Depois de conversarem, Sir Eduardo foi descansar e papai veio ter comigo.

— William, venha até aqui, quero que preste muita atenção: esses documentos são as escrituras de nossas propriedades, preciso que as guarde para mim. Haja o que houver, jamais as dê para ninguém. Esses documentos são a prova de que todas essas terras pertencem a você e seus irmãos.

Ele havia pedido para mamãe fazer uma abertura dentro do meu casaco e nele guardou os papéis.

— Você levará nossas terras para onde quer que for, só não perca jamais esse casaco! — Me recomendou.

— Papai, porque está fazendo isso?

— Por precaução filho, não sei o que pode vir a acontecer, mas, pelo menos, vocês estarão bem, e mais, mandei uma fortuna para a casa do seu tio Thomas. Não quero que se preocupe comigo nem com sua mãe, pois estaremos bem. Sabe filho, eu gostaria que estivesse na casa do seu tio agora, mas não há mais tempo...

Eu abracei meu pai já chorando e disse que estava com muito medo.

— Não tenha medo filho, seja sempre justo porque nunca se ouviu dizer que Deus, todo poderoso, desamparou algum de seus amados. Cuidem um dos outros e vivam um dia após o outro, você poderá requerer a hora que precisar a fortuna que mandei para a casa de seu tio Thomas.

— Papai, não quero que fale mais nada, tenho muito medo de perder o senhor e a mamãe.

Eu sabia que algo ruim estava para acontecer, ouvi papai e o Conde discutir e sabia que ele era aliado da Igreja. A briga toda era por causa da posse das terras e tinha certeza que meu pai nunca daria tudo o que pertencia à nossa família para Roma. Então, não tinha mais jeito: meu pai iria lutar!

— Filho, ouça-me, essa nossa vida é apenas um sopro e tudo passa, prefiro morrer lutando pelos meus do que entregar tudo para quem não fez nada para merecer. Lembre-se que, quando formos morar com Deus, o que contará será somente quem fomos e como agimos, o que importa, William, é a nossa honestidade. Saiba que não há quem escape da morte, sendo rico ou pobre, todos teremos o mesmo fim; ninguém sabe o dia que vai partir, por isso, temos que estar preparados e aceitar o que acontecer conosco. Esse é um grande mistério.

Pedi que eu confiasse nele e nessas palavras:

“Todos precisam morrer para conhecer a verdade, pois, somente ela é que vai nos libertar, depois renasceremos.”

— Então, se posso voltar e se ganharei um outro lugar onde há liberdade, porque não lutar contra os tiranos? Não podemos ter medo, essa é a vida, e sempre haverá guerras, mas também, pessoas que não desistirão de lutar pela paz.

Acompanhei meu pai para o sótão onde queria me mostrar umas escritas sobre seus estudos.

— Os Anjos sempre estiveram presentes em nossa vida, também chamados de guardiões, sua função é levar a cada pessoa um caminho de luz. Mas, não se assuste se um dia você tiver o privilégio de estar com um deles, pois, não são nada como os que estão nas igrejas; não possuem asas nem auréolas e são como nós, são pessoas que já viveram nessa terra e tiveram uma vida sábia e, agora, fazem parte de um exército santo.

Explicou-me também que, a palavra anjo, significa mensageiro, e que, eles estão associados a Deus e representam uma ligação entre o divino e o humano. Disse que existem para fazer a vontade divina de que todos os seus filhos tenham vida plena em abundância.

— Os Anjos nos ajudam a não tropeçarmos nas pedras ao longo do caminho. São também anunciadores de eventos, sejam eles bons ou ruins, nos advertem do perigo e anunciam a boa nova. Eles são belos e luminosos, suas vestes são tão brancas que, às vezes, chegam a nos cegar por alguns instantes.

Papai me chamou para o canto onde estava sua luneta.

— O que vês, filho?

— Vejo estrelas, a lua e muitas outras coisas, papai...

— Quero que continue trabalhando e estudando os Anjos. Um dos primeiros a fazer isso, William, foram Santo Agostinho e São Tomás de Aquino; eles conseguiram relacionar os planetas, as estações do ano, os meses, os dias e as horas.

— Papai, o senhor já viu um anjo?

— Sim, eu já tive essa grande oportunidade.

— E o senhor falou com ele?

— Sim, eu falei. Tive muito medo, mas, depois que conversamos, esse sentimento desapareceu. Às vezes, os Anjos se comunicam conosco através dos sonhos, por meio de alguém ou até mesmo em nosso coração. Sabe filho, você precisa acreditar nos Anjos de Deus, uma vez que, nossa vida é uma grande batalha, mas, com sua ajuda, ela se tornará mais fácil. A confiança em Deus aumenta nossa fé.

— Eu acredito nos Anjos, papai; e mais, acho até que já vi um.

— Eu sei que já viu, William, por isso sempre insisti que você e seus irmãos se mantivessem firmes no bem. Seu bisavô e seu avô também se chamavam William como nós e, desde o princípio, os William servem a Deus, não só com o corpo, mas também em espírito e em verdade.

— Só não consigo entender uma coisa: como morremos e como renascemos?

— Filho, é cedo para que entenda, mas, um dia essas palavras serão como água cristalina para você. Não esqueça de seguir sempre o seu coração e ouvir o que os Anjos têm para lhe falar; trabalhe para Deus, não deixe que o brilho do ouro faça com que você venha a trabalhar para os homens. Garanta, filho, seu lugar perto dos Anjos.

— Papai, vou seguir suas recomendações e as terei como alicerce em minha vida, buscarei a paz e a dignidade. Mas acho que estou assustado...

— Não tenha medo, estarei sempre por perto, William. Agora vamos, é hora do jantar e mamãe deve estar nos esperando.

Aquela noite passou depressa.

Acordei assustado ouvindo a voz de mamãe que dizia:

— Pegue as crianças, pegue as crianças!!

Eu levantei às pressas e fui até a janela, abri as cortinas, ouvi gritos, havia correria e, no meio do nosso quintal, uma bandeira branca com uma cruz vermelha no centro.

Meu pai gritou bem alto:

— Por Deus, por amor, pela honra, pela Inglaterra! Liberdade, liberdade, liberdade!

Essas palavras foram ditas com tanta coragem que jamais esqueci-me delas.

— Meu Deus, o que está acontecendo? Thomas, Dancan, acordem, estão em guerra!

O gongo do castelo não parava de tocar anunciando que estávamos sitiados. Mamãe entrou no quarto e nos abraçou chorando.

— Filhos, meus amados, fiquem sempre juntos. Vamos, vou levá-los para um lugar seguro. Rápido meninos, por favor! William, não esqueça de usar sempre esse casaco. Venham depressa!

Dancam perguntou chorando:

— Mamãe, o que está acontecendo?

Estávamos muito assustados então, mamãe ajoelhou-se e o abraçou.

— Dancam, você sempre será meu bebezinho. Não dá para explicar agora, só preciso que venham comigo.

— A senhora virá conosco? — Ele perguntou.

— Dessa vez não filho, temos que sair rápido. Descemos correndo as escadas e fomos para a dispensa que ficava perto da cozinha, mamãe nos deu um abraço apertado e abriu uma espécie de alçapão por onde nos fez entrar.

— Aqui estarão seguros, preciso tentar salvar mais crianças.

Entramos e, nesse lugar, haviam colchões, roupas, cobertores e muita comida; possuía um cômodo pequeno com bastante água e um outro lugar para nossa higiene. Meus pais tinham pensado em tudo.

Thomas e Dancam não paravam de chorar, tinham medo por que não entendiam o que estava acontecendo, na realidade, nem eu sabia bem. Trouxe-os para perto de mim e os acalmei, limpei suas lágrimas e abracei os dois.

— Prometo que vai ficar tudo bem!

Naquele dia tive absoluta certeza que iria tomar conta dos meus irmãos pelo resto de minha vida.

— William, mamãe está demorando muito!

Não sei explicar, mas, o que eu disse para Dancam não saiu de mim.

— Mamãe não virá Dancam, somos só nós agora.

Alguma coisa dentro do meu coração queria que eu dissesse a verdade para meus irmãos, sem dar esperança, e assim eu fiz.

De repente ouvimos uma voz.

— Vamos tentar ficar quietos! — Pedi.

Era Lucas, o filho do Sr. Ricardo, Aro o estava trazendo para se ajuntar a nós. Ele abriu o alçapão e fez o menino entrar. Disse que iria procurar as outras crianças e pediu que fizéssemos silêncio. Perguntei a Lucas como estavam as coisas lá fora e ele me respondeu chorando e soluçando.

— Meu pai está morto e meus irmãos também.

Então sentou-se em um canto do quarto, abaixou a cabeça e pôs-se a chorar ainda mais. Começamos todos a chorar em silêncio enquanto ouvíamos tudo o que acontecia lá fora. Os gritos eram de terror, as crianças eram degoladas como se faz com um animal feroz, sem nenhuma compaixão. Todos estavam sendo massacrados.

Consegui ouvir os últimos suspiros de alguém que estava morrendo e isso me embrulhou o estômago. Tudo por causa de alguns hectares de terra, porque meu Deus!? Se papai tivesse entregado as escrituras seria tão mais fácil!

Ouvi então quando alguém disse:

— Senhor, aqui estão eles!

Tentei me concentrar para escutar o que diziam.

— Fiquem quietos, parem de chorar por favor, pois, quero escutar o que está acontecendo lá fora. — Pedi aos outros.

Alguém disse:

— Dá-nos as escrituras Sir William, essas terras não vos pertencem!

Então escutei a voz de papai.

— Nunca à darei a vocês; eu propus a venda de minhas terras, porque não aceitaram?

O homem respondeu:

— Como ouças negociar com Jesus?

— Jesus não quer terra alguma, ele não precisa! Todo o mundo já é de seu Pai, Deus todo poderoso.

Eu só conseguia ouvir algumas palavras e barulhos e, de repente, escutei:

— Mate-o, mas façam como com a esposa, lentamente!

Eu não ouvi nenhum gemido ou gritos de meu pai. As lágrimas não paravam de cair dos meus olhos.

Depois de longas cinco horas de carnificina tudo foi silenciando, os gritos cessaram e só ouvia a voz do Conde.

— Seria tão mais fácil se Sir William nos entregasse as escrituras dessas terras, nada disso teria acontecido.

Escutei outra voz que disse:

— É, meu caro amigo, tratam-se de muitas terras e, você bem sabe, com elas e sua fortuna, mês que vem ele seria proclamado Conde pelo Rei Henrique e você teria que sair daqui. Creio que a conversa que teve com o Papa foi definitiva, já que todos sabem que Sir William é contra a Igreja de Jesus e, para o Papa, não interessa um Conde que não compartilhe de suas ideias. Continue a servi-lo e gozará de muitas felicidades no céu, e mais, meu caro amigo, tudo o que a igreja possui é doado de livre e espontânea vontade — não esqueça disso.

— Tens certeza de que todos foram mortos, será que não sobrou ninguém?

— Conde, por toda a Inglaterra, garanto que, da casa de Sir William, não sobrou ninguém. — Aquele alguém assegurou.

— Sir William tem um irmão que mora em York, que poderá causar problemas.

— Sei de quem está falando, seu nome é Thomas, o braço direito do Rei. Na verdade, se trata de um homem valioso já que também possui muitas terras. Mas o importante é que, essas aqui, só quem poderia reivindicar seriam o próprio Sir. William, sua esposa ou seus filhos, mas, é uma pena que estejam todos mortos. É bom

cuidarmos com esse irmão dele, pois é homem poderoso e possui seu próprio exército.

O Conde respondeu:

— Meu caro amigo, Bispo Rocoel, se o irmão de Sir William vier atrás dessas terras, o que faremos?

Esse nome ficou gravado em minha mente.

Rocoel respondeu:

— Não se preocupe, meu caro, sem as escrituras jamais poderão nos tirar daqui, isso é fato: a Igreja de Roma é dona de tudo agora!

— Bispo Rocoel, se Sir. Thomas vier atrás de seus sobrinhos?

— Penso que ainda não compreendeu, veja bem, a casa de Sir William hoje caiu e não restou nem seu cachorro! Não há necessidade de temer nada. Sorria porque tudo acabou e o Papa ficará feliz com a mais recente conquista da Igreja, além do mais, ele é justo e saberá nos recompensar. Agora, precisamos abandonar esse lugar para voltarmos e tomarmos posse de tudo depois.

O que mais me feriu foi aqueles dois levantarem acampamento felizes e sem nenhum remorso. As lágrimas caíam do meu rosto e, então pensei:

“Que Deus me ajude,

Que Jesus esteja comigo

E que Nossa Senhora interceda por mim!”

Pedi que os Anjos nunca me abandonassem porque Deus era a minha testemunha de que jamais provocaria uma guerra, mas foram eles que começaram!

— William, está falando sozinho? — Thomas perguntou.

Eu respondi que só estava pensando.

— Thomas, Dancam e Lucas, venham até aqui e prestem atenção, de hoje em diante faremos exatamente o que papai faria: viveremos juntos e, o mais importante,

tentaremos não morrer e, quem sabe um dia provar que o impossível pode ser possível.

O tempo foi passando e as vozes sumiram totalmente, não havia mais ninguém do lado de fora; como eu disse papai e mamãe pensaram em tudo.

Hoje faz oito dias que estamos aqui em baixo e acredito que seja hora de deixar esse lugar. Tinha treze anos quando tudo aconteceu e, no momento, só pensava em sair daqui porque tinha uma conta para acertar, mas parece que escuto papai me dizer: “Jamais faça nada com a cabeça quente, espere o tempo passar pois ele é nosso grande aliado. O tempo é o consolo de toda a nossa vida”.

Resolvi então esperar mais um pouco. Nas noites frias eu abraçava Dancam e tentava fazê-lo dormir com a melodia que mamãe cantava, errava a letra e acabávamos chorando. Dormíamos pensando que, se mamãe estivesse ali, com certeza teríamos um copo de leite morno e o embalo da sua voz doce e serena.

V. Uma longa caminhada

Hoje fazem treze dias que estamos aqui.

Deus, como tenho medo de sair e pensar no que podemos encontrar lá fora, temo pelos menores pois, tenho certeza que, o que verão ficará guardado em suas mentes para sempre. Resolvi esperar mais um dia.

No dia seguinte chamei Thomas, Dancam e Lucas e disse a eles que estava na hora de sairmos daquele lugar.

Thomas disse:

— William, tem certeza de que não há mais ninguém lá fora.

— Meu irmão, não podemos ficar aqui pelo resto de nossas vidas, temos que ir para a casa do tio Thomas em York.

Continuei:

— Ouçam-me, não tem ninguém lá fora, porém, previno vocês que o que vamos encontrar são somente cadáveres, de qualquer forma, temos que ir antes que eles voltem.

— William, por tudo o que você e sua família fizeram pela minha família e agora, pelo que está fazendo por mim, serei grato e te seguirei pelo resto dos meus dias. Então, se você diz que é hora de irmos, eu aceito. — Disse Lucas.

— Só fizemos o justo, Lucas. Venha conosco para York, você será tratado como membro da família, eu garanto!

Então pedi a todos:

— Procurem bolsas ou malas para pôr comida e água, peguem também cobertores e não esqueçam os casacos. Mas lembrem-se, somente o que aguentarmos

carregar, não peguem supérfluos, isso só vai nos atrasar. Vou arrumar um jeito de sairmos daqui.

Eu não sabia quando aqueles homens voltariam, mas sabia como agiam: roubavam, matavam, davam um bom tempo e depois voltavam na presença dos Cardeais; com a terra vazia e sem nenhum dono, como num passe de mágica, se apossavam de tudo.

Tinha medo de sair, mas precisava, pois, logo voltariam e poderíamos ficar presos ou nos encontrariam e acabariam nos matando. As paredes de onde estávamos eram terra, então, com a tampa de um caldeirão de ferro, fui fazendo buracos até que se formou uma escada que dava para o alçapão. Com cautela, eu subi primeiro, não estava difícil; abri o alçapão que estava debaixo de uma mesa coberto por um encerado e saí na dispensa de mamãe.

Meu pai sabia que era um lugar onde iriam à procura de alimentos, mas que, também, jamais desconfiariam que ali houvesse um esconderijo.

Puxei meus irmãos, Lucas me passou nossas coisas e depois o tirei. O que vimos é muito difícil até de relatar: corpos mutilados por todos os lados e aquele mau cheiro de sangue.

Olhei para o lado e não vi meu irmãozinho Dancam, naquela hora minha alma gelou e saí correndo, tropeçando nos corpos e gritando por seu nome. Pedi que Thomas e Lucas não saíssem dali.

O encontrei perto da casa da árvore; Dancam estava parado, imóvel, quase não respirava. Chacoalhei-o para ver se saía daquele transe.

— Dancam, fale comigo!

Ele deu um suspiro forte e apontou.

— Ali, William, é nosso pai.

Eu não queira olhar, mas tive que ser forte, lentamente me virei e vi sua cabeça caída, sem o corpo.

Que dor senti naquele momento! Não queria mais vingança, só a minha alma. No castelo e na vila não havia uma só alma viva, então gritei o mais alto que pude; acho que foi a maneira que encontrei de falar para Deus que eu estava ali e que estava sofrendo muito.

Chamei Thomas e Lucas e pedi que ajudassem a achar o corpo de papai para que pudéssemos juntar com a cabeça, procuraríamos também o corpo de mamãe para que fossem enterrados juntos.

— William, podemos procurar por meu pai e meus irmãos afim de enterrá-los? — Pediu Lucas.

— Claro, vamos sepultá-los também! É uma pena que não podemos fazer por todos. — Respondi.

Precisávamos trabalhar rápido pois não tardariam a voltar e corríamos perigo.

Quando encontramos mamãe ela estava irreconhecível, devia ter levado muitos golpes no rosto. Achamos também o Sr. Ricardo, pai de Lucas, e seus irmãozinhos, todos estavam com aparência horrível pelo inchaço decorrente do tempo que estavam ali, sem falar nas centenas de urubus que já devoravam seus restos. Enterramos todos perto da casa da árvore e colocamos folhas por cima para que ninguém desconfiasse que estavam ali.

Entramos em casa para dar um último adeus, sabia que iria demorar um bocado de tempo para voltarmos. Ficamos bastante emocionados, Dancam corria para lá e para cá no meio dos destroços e, por mais que me doesse, tive que lhe dizer que o que procurava não estava ali. Dancam começou a chorar e gritar.

— Eu quero minha mãe, quero meu pai!! Deixem-me chorar...

— Deixe-o, William, ele entenderá. — Pediu-me Thomas.

Nos abraçamos e, novamente, começamos a chorar.

O quarto de meus pais estava todo bagunçado mas, mesmo assim, consegui entrar e pegar a espada que papai ganhou do Rei Henrique quando o fizeram Sir e a medalha da nossa família onde, de um lado estava escrito: “A Casa dos William sempre será guardada pelos Anjos de Deus, o medo não nos intimida.” e, do outro, “Lutem e lutem, lutem mais uma vez, até cordeiros virarem leões.”.

Nossa casa foi a única que ficou de pé; acredito que, por ser muito bela e grande também, certamente irão usá-la e, por isso, não atearam fogo como fizeram com todas as outras. Voltamos para onde estavam nossos pais para dizer adeus, naquele momento, coloquei a medalha em meu pescoço e, depois desse dia, nunca mais a tirei.

Dancam que já era dengoso e o mais frágil de nós, nunca mais foi o mesmo: desconfiava e tinha medo de todos, por esse motivo, passamos a dar mais atenção para ele; também ficou agressivo no seu modo de nos tratar e aos outros. Ele não era assim, mas depois de ter visto a cabeça de papai separada do corpo, tudo mudou. Thomas e eu ficamos traumatizados também, mas Dancam sentiu muito mais.

Lucas procurava compreender o que tinha acontecido, mas, como nós, não conseguia entender nada, pois, até esses dias atrás estávamos todos na companhia de nossa família, sorriamos e brincávamos, nós dormíamos no embalo da voz de mamãe e, hoje, não havia mais nada, até a casa da árvore derrubaram; hoje estávamos só.

Pedi a bênção para papai e mamãe e que, de onde estivessem, olhassem por nós já que teríamos uma longa viagem até a casa do tio Thomas; jurei que, por toda minha vida, jamais os esqueceria.

Enquanto eu falava, Dancam deitou-se sobre onde estavam enterrados.

— Papai, mamãe, eu estou aqui, quero vocês comigo!

— Dancam, vamos, levante-se que precisamos ir, não é, William?! — Tentou encorajá-lo Thomas.

— Sim, é hora de irmos antes que nos matem aqui mesmo no quintal de nossa casa. — Respondi.

Amarramos o que tínhamos pego no esconderijo nas costas e partimos em direção à York. Havia uma clareira no alto de uma colina, parei, olhei para trás e jurei que um dia voltaria para aquele lugar, retornaria para minha casa.

Dancam estava doente, com muita febre e mal conseguia andar direito, então reparti o que estava levando entre Thomas e Lucas e passei a carregá-lo em minhas costas. Anoitecia, já estávamos cansados de caminhar e nem tínhamos saído das terras de papai ainda.

— Thomas, Lucas, vamos parar embaixo daquela árvore para passar a noite, forrem o chão com um cobertor para Dancam se deitar.

Ele queimava em febre e eu não sabia o que fazer.

— Dancam, não dorme, irmão; não feche os olhos, por favor, olhe para mim! — Insistia com ele.

— William, eu estou com medo! Podemos voltar para casa, lá não passaremos tanto frio! — Pediu Thomas.

— Um dia voltaremos, Thomas, prometo. Mas, hoje, temos que seguir adiante. Por favor, me dê ânimo para não desistir, me ajude meu irmão, pois temos que chegar à casa do tio Thomas todos juntos.

— Tudo bem, William, que Deus nos ajude! Vou pegar alguns galhos secos para tentarmos fazer uma fogueira para nos aquecer.

— Faça isso, pois esse frio não vai dar trégua e, a tendência é piorar. — Disse-lhes.

— William, será que vai cair neve essa noite? — Lucas perguntou.

— Olhe bem para aquelas colinas, Lucas, já é quase noite e ainda dá para ver, aquilo é neve! — Respondi.

De repente Lucas apontou para o longe.

— William, Thomas, olhem: é uma fogueira, tem uma pequena cabana ali!

Mais que rápido eu os adverti:

— Abaixem-se depressa, eles podem nos ver! Não sabemos de quem se trata.

Uma cabana por aqui, quem seriam? Depois de tanta destruição não achei que veríamos nada em pé nas terras de papai. Resolvi me aproximar para ver e pedi que os outros ficassem ali observando, se acontecesse alguma coisa comigo, a ordem era fugirem.

— Não peça para fazermos isso, William, não vou te abandonar. Lembre-se do que mamãe nos disse: “Não se separem”. — Me disse Thomas.

— Thomas, por favor, obedeça! Se digo isso é porque amo vocês!

Foi quando ouvimos outra voz:

— Quanta coragem, rapazinho! Isso é bom, muito bom!

Olhei para trás assustado e Thomas me avisou quem era:

— É aquele homem que vimos dentro da igreja, lembra-se, William?

— Deus, que susto! — Estava tremendo.

Thomas também tremia de medo e Lucas estava extasiado, sem falar nada.

— O senhor por aqui? — Perguntei àquele homem.

— Sim, estou aqui e, pelo que percebi, estão precisando de ajuda, acertei? — Ele respondeu.

— Aconteceram tantas coisas conosco; mas o que precisamos agora é que alguém nos ajude com meu irmão, Dancam, ele está ardendo em febre e precisa de cuidados. Será que o senhor pode nos ajudar?

— É certo que sim, estou aqui para isso! Peguem suas coisas que pegarei o menino. — Nos pediu.

Assim fizemos. Caminhávamos na direção da cabana quando Thomas perguntou baixinho:

— Será que ele vai nos fazer mal?

— Tenho certeza que não! Da outra vez que nos encontramos, esse homem só nos ajudou. — Respondi.

Chegando na choupana, havia uma fogueira que, de longe, parecia grande, mas era tão pequenina que pensei que não nos aqueceria. Uma mulher veio ao nosso encontro e, rapidamente, pegou Dancam nos braços, o levou para dentro e o colocou deitado em cima de folhas de coco secas. Lá dentro estava tão quente e gostoso que Thomas comentou:

— Nossa, que calor!

— São os galhos da fogueira que nos aquecem. — Respondeu a mulher.

“Será que essa quentura que sinto vem daquela fogueirinha? Não pode ser!” — Pensei.

— Sentem-se, meninos, vou buscar comida para vocês. — Ela nos disse.

Sentamos ao redor do meu irmão e, a impressão naquele momento, era de estarmos sentados em frente à uma lareira; a cada segundo que passava, sentíamos uma quentura gostosa invadindo nosso corpo e, como por mágica, em pouco tempo, estávamos todos confortados.

— A senhora, por favor, consegue fazer algo pelo meu irmão? — Pedi.

— É hora de se alimentarem; quanto ao seu irmão, ele já está sendo tratado, não se preocupe que tudo será feito na hora e do jeito certo. Nesse momento, comam, bebam e fiquem em paz.

Algumas horas depois a mulher pediu que nos deitássemos e tentássemos dormir.

— Vou cuidar do vosso irmão. — Garantiu-me.

Deitamos perto de Dancam e fiquei observando, vi quando ela pegou uma pequena bacia e colocou algumas

ervas, macerou, colocou água e mexeu. Primeiro deu para Dancam beber um pouco, depois, com um pano, foi passando em seu rosto e corpo enquanto dizia assim: “Senhor Deus, Pai todo poderoso, somos seus filhos amados; manifesta seu amor e seu poder nesse momento, porque essa criança precisa de Ti. Eu confio em Vós.”

Aproximou-se então, o homem e, com as mãos estendidas sobre meu irmão, disse:

— Ó Senhor, Tú és o nosso Deus forte, o pastor do mundo; Tú sois o grande guarda de Sião e seu filho o príncipe da paz. Deus da provisão, que cura todas as dores, auxilia-nos, todo poderoso, na cura dessa criança.

Os dois fecharam os olhos e vi saírem fumaças calmas na cor verde claro de suas mãos, elas acoplavam-se ao corpo de Dancam enquanto repetiam: “Sirrequetuiavel, gire, sirrequetuiavel, gire...” Adormeci.

Quando acordei no dia seguinte, olhei para saber de Dancam e não o vi; assustado, levantei rápido.

— Graças a Deus! — Disse aliviado quando o vi na porta da choupana.

Ele estava na companhia daquele homem, conversavam e sorriam ao redor da pequena fogueira. Me aproximei.

— Bom dia!

Dancam olhou para trás e me respondeu:

— Bom dia, irmão! Veja como estou melhor.

Abracei-o e agradeci a Deus por ele estar bem, me dirigi àquele senhor e o agradeci também.

— Bom dia! Muito obrigado ao senhor e à sua esposa por terem cuidado de nós.

Ele respondeu sorrindo:

— Bom dia, meu rapaz! Ela não é minha esposa, e sim, minha irmã.

Me desculpei e perguntei como se chamava, então, o homem abaixou a cabeça por alguns instantes, levantou-a novamente e disse:

— Podem me chamar de Aruaque.

— Aruaque? Esse nome é bem diferente... E vossa irmã, qual o nome dela?

— Podem a chamar de Aruaque também.

— Vocês dois têm o mesmo nome? É estranho, não é?!

— De onde venho, meu rapaz, todos possuem o mesmo nome, preferimos assim. — Respondeu-me.

Aproveitei o reencontro para agradecê-lo também pelo dia em que nos impediu de cometer o roubo na igreja.

— Obrigado, o senhor nos tirou de uma enrascada! Papai e mamãe ajudaram o Sr. Ricardo e o Sr. Valdir quando retornaram de viagem. Ai de nós se não fosse o senhor!

— Não agradeça, filho, só cumpri com minha obrigação.

— É um tanto engraçado: o senhor simplesmente aparece e nos ajuda. Papai pediu-lhe para cuidar de nós? Isso parece coisa dele... — Perguntei curioso.

— Penso que isso tem a ver com seu pai, sim. — Respondeu sorrindo.

Aproximou-se de onde estávamos a irmã do Sr. Aruaque.

— Veja, William, como seu irmãozinho está bem!

— É verdade, senhorita Aruaque! Muito obrigado, que Deus vos abençoe!

— Vocês são preciosos para Deus Pai e Deus Filho, não imaginam como são preciosos, meninos! — Respondeu sorrindo, e continuou:

— Mas agora precisam se alimentar, venham, já está tudo preparado.

Que lugar acolhedor era aquele, a sensação que tínhamos era de estarmos em casa, na proteção de papai e no aconchego de mamãe. Aquela senhora nos tratava muito bem, com amor e carinho, e nos passava confiança de que tudo ficaria bem. Eles eram estranhos, falavam engraçado e andavam para lá e para cá sem casacos e com enfeites de diversas cores.

O dia passou rápido e logo anoiteceu e, mais uma vez, com a barriga cheia e bem quentinhos, deitamos para dormir. O Sr. Aruaque e sua irmã vieram ver se estávamos bem e se precisávamos de mais alguma coisa.

— Não, Sr. Aruaque, está tudo bem! Mas notei que não tem lugar para vocês dormirem, nós ocupamos a choupana toda. — Disse a ele.

— Não se preocupe, meu rapaz, pois nós não dormimos; há muito o que fazer.

Então desabafei:

— Sr. Aruaque, tenho tanto medo de não achar a casa do meu tio Thomas! Vocês moram nas terras de papai e sabem o que nos aconteceu, amanhã tenho que seguir viagem com meus irmãos e Lucas e, temo que lhes falte comida e água; penso em todos que estão comigo, mas me preocupo mais com Dancam que é o mais frágil.

— Cada um de nós tem uma missão, William, e vejo que a sua será bem sucedida porque não lhe falta coragem. — Me incentivou.

— É curioso, porque nunca os vi na vila, mas parece que nos conhece tão bem.

— Por certo que os conheço, seu pai falava conosco todos os dias.

— O senhor não teve como ajudar meu pai, já que eram tão amigos?

— Ouça-me, William, cada um tem sua missão e a do seu pai acabou.

— Mas tinha que ser assim, precisava terminar dessa forma?

— Muitas terminam piores, você não viu nada! Se for para honra e glória de Jesus, William, aceitamos a missão que Ele nos confiar sem nos importarmos com a forma como acabará. Vosso pai foi, e sempre será um guerreiro, sempre trabalhará pela causa de Jesus. Não se preocupe, vossos pais estão muito bem! — Me explicou.

— Como tens tanta certeza que papai e mamãe estão bem?

— Apenas sei, meu rapaz, aliás, todos que sofreram nessa chacina estão bem.

— Fico feliz em saber disso. — Disse sorrindo e me sentindo aliviado também.

O Sr. Aruaque continuou me explicando que, o que temos de passar, outro não o fará por nós. Cada um, antes mesmo de estar no ventre de sua mãe, traça o próprio destino, no qual, sempre terá a mão de Deus abençoando afim de que sejamos fortes para cumpri-lo até o último dia.

— Lembre-se, nunca se ouviu dizer que um filho de Deus tenha ficado sem seu auxílio na hora da necessidade.

— Sr. Aruaque, meu pai era bom e justo, honesto e corajoso, então, porque Deus não veio? — Eu não conseguia entender.

— Deus, no seu eterno amor por nós, não interfere no livre arbítrio de nenhum dos seus filhos. E vou lhe dizer mais, seu pai se foi, mas os ensinou a serem fiéis a Deus; seu pai te preparou, William.

— Tens razão, nas lembranças que tenho, meu pai estava sempre nos ensinando; mesmo assim, tenho medo de sair daqui.

— William, não se preocupe! Deus, na sua imensa misericórdia, não vai deixar que nada de mal aconteça com você ou seus irmãos. Ele só permitirá que algo suceda

quando você quiser, quando aceitar que sua missão terminou.

— Todos que têm uma missão deverão morrer assim?

— Não, William, alguns morrem por uma fatalidade, e, quando deixam sua casca, ficam tristes por não terem terminado o que vieram fazer aqui na terra, outros morrem pela fúria dos homens, e outros para cumprir sua missão.

O Sr. Aruaque falou que todos morremos e que morrer é uma dádiva santa, pois, somente assim nasceremos; todos que partiram, voltam em um outro lugar, numa nova família e com uma outra tarefa.

— Somos responsáveis por nossos atos, meu rapaz, mas há pessoas que, desde cedo, recebem instruções que ajudam a bem desempenhar o que foi designado a fazer. — Continuou.

— Como ganham instruções? Eu não entendo o senhor...

Então o Sr. Aruaque me esclareceu usando como exemplo o dia que pretendíamos roubar a igreja para ajudar o Sr. Ricardo e o Sr. Valdir.

— Por que não o fizeram? — Perguntou-me.

— Porque, graças a Deus, o senhor apareceu e não deixou que concretizássemos aquele plano. — Respondi.

— Isso mesmo, William, Deus precisa muito de você, mais do que imagina, aliás, de todos vocês. Sabe, em muitos lugares, pessoas roubam para comer e acredito que isso não é considerado falta pelo divino, digo porquê, de onde venho, meu povo age assim, mas é por serem mantidos como escravos pelos senhores. Tenho certeza que, um dia, isso tudo se acabará!

— E como é que se realiza uma missão?

— Ah, William, isso é só para pessoas fortes, os valentes de coração, feito vosso pai; as vezes, demora mais de três séculos para uma alma concluir sua missão, ou até um milênio.

— Agora que não entendo nada! — Disse sorrindo.

— É um pouco cedo para digerir tudo isso, mas um dia, tenho certeza que compreenderás e vais lembrar dessa nossa conversa.

Me mostrou como Deus é misericordioso e quão grande é seu poder quando falou das aves do céu, que não plantam nem guardam comida e, mesmo assim, Deus provê. E os lírios do campo? Eles simplesmente crescem... e, como são belos!

— Não se preocupe, filho, pois tudo tem seu dia e sua hora. — Concluiu.

Já era tarde da noite e Dancam não conseguia dormir, então, a irmã do Sr. Aruaque sentou-se perto dele, deitou-o com a cabeça em seu colo e cantou como mamãe fazia. Escutando, senti uma emoção muito forte. Dancam fechou os olhos e adormeceu, Lucas estava dormindo e Thomas, que também estava acordado, veio mais para perto de mim.

— William, parece a mamãe! — Comentou.

— Na realidade, não sei o que está acontecendo, Thomas.

Nessa hora, o Sr. Aruaque pôs suas mãos sobre nós.

— Vamos tirar todo esse medo que está apavorando vocês, meninos. Como seu pai orientou que fizessem quando estivessem inquietos?

Respondi que nos ensinou a orar e dizer uma frase que era lema da nossa família. O Sr. Aruaque propôs, então, dele fazer a oração e nós dizermos a frase. E assim aconteceu.

Alguma coisa estranha sucedeu conosco, porque, depois que a irmã do Sr. Aruaque cantou para nós, ficamos apavorados, minhas pernas tremiam e fizemos grande esforço para conseguir falar.

Notei então, que os dois estavam concentrados e com as mãos sobre nós, fechei meus olhos, abracei Thomas

e adormeci.

Quando acordei no dia seguinte, parecia que tinha dormido por duas semanas, estava com o corpo leve e descansado e o medo havia desaparecido por completo. Estava muito frio, a neve não dava trégua e o Sr. Aruaque recomendou-me que não saísse da choupana por causa do tempo. Eu obedeci, pois, realmente estava bastante frio.

Dancam estava bem e ainda dormia e Thomas e Lucas comiam batatas assadas; me sentei e pus-me a pensar no quanto tudo aquilo estava bom, mas que precisava seguir viagem até a casa do tio Thomas, já que meu irmãozinho estava melhor e aguentaria a caminhada. Fiquei observando o Sr. Aruaque e sua irmã e alguns pensamentos rodeavam-me: “Como é que ela sabia da cantiga que mamãe cantava para nós? Como nunca percebemos essa choupana nas terras de papai? Quem são essa gente e, porque nos tratavam tão bem? Por que o Sr. Aruaque ensina-me como se fosse papai?” Eu não entendia o que estava acontecendo...

De repente começou a chover e comentei:

— Frio, neve e, agora, chuva! Será que vamos aguentar?

O Sr. Aruaque me respondeu sorrindo:

— A chuva vai levar tudo embora e a neve é tão fria que queima feito fogo, cicatrizando todas as feridas. Mas esquece-se do vento, William.

— É verdade, senhor, essa cabana aguentará?

— Estamos em terreno firme e, portanto, seguro; o vento ajudará a levar todas as coisas ruins para longe de nós. Observe, William, o frio, a neve, a chuva e esse vento foram enviados por Deus para endireitar os caminhos. Sempre depois de uma grande tempestade, brilha o sol; veja como a natureza é favorável a nós.

O Sr. Aruaque pediu que tudo o que eu fizesse, que fosse em nome de Deus Pai e de Deus Filho, e também me

aconselhou a ser sempre obediente para com meus intercessores.

— E quem são eles? — Quis saber.

— São os Anjos enviados por Deus, William.

Me falou sobre Nossa Senhora, a mãe de Jesus, de como sofreu calada desde o começo da sua gravidez, pois sabia o que lhes iria acontecer porque, Deus Pai, todo poderoso, havia enviado um anjo chamado Gabriel para participá-la. Disse que esse anjo porta consigo o amor divino e que ele é o príncipe dos Anjos, um grande mensageiro com o qual se iniciaram grandes profecias e, por isso, era chamado de iniciador.

Contou-me que, antes de ficar grávida, Maria recebeu a visita do anjo Gabriel e ele falou sobre o príncipe da paz que ela carregaria no ventre, que uma espada atravessaria seu coração quando o visse pregado na cruz, mas, que também se alegraria depois de tudo concluído, ao ver com seus próprios olhos, o filho tão amado brilhar como se fosse o Sol; e ele pediu que ela não temesse nada disso pois era preciosa aos olhos de Deus.

— O senhor fala igual a meu pai e me ensina como ele fazia. — Eu disse.

— Preciso que guarde tudo o que está escutando aqui em seu coração, William, será de grande importância!

— Farei isso, Sr. Aruaque.

— O meu povo está sendo massacrado por todo o mundo e sabemos que isso não terá fim, apesar de tudo, o que queremos é apenas ajudar as gerações futuras a, quem sabe um dia, ter um pouco de paz.

— Como pode sua família estar espalhada pelo mundo inteiro?

— Quando falo meu povo, me refiro a todos que são marginalizados, os chamados “leprosos”; você entenderá tudo isso, eu tenho certeza!

E disse mais, que a paciência é uma virtude muito importante dada por Deus e que, se todos a tivessem, o mundo teria mais paz.

— O que quero dizer, William, é que maus tempos virão.

— Sr. Aruaque, nós já estamos vivendo tempos ruins?

— Tempos assim nunca se acabam, meu rapaz, mas podemos amenizar algumas coisas nos apresentando para trabalhar em prol da humanidade, por honra e glória do grande mestre Jesus.

Então disse que precisaria de mim numa certa localidade para ajudar um povo em dificuldades, perguntei como se daria isso e ele me respondeu que Deus me mostraria no decorrer dos anos.

— Viva e sorria, seja honesto e obedeça às vontades de Deus, William; hoje, você e seus irmãos, foram chamados para uma vida de trabalho, de perdão e desapego material.

— Como vou me desapegar dos bens materiais se, na casa do meu tio Thomas, teremos do bom e do melhor, como era em minha casa?

— Haverá um grande momento em sua vida que terás de fazer uma escolha, meu rapaz, mas tudo isso será apenas para o futuro. Contudo, mantenha viva em sua memória essa nossa conversa, pois, os anos vêm e vão e acabamos esquecendo das coisas.

— Como saberei o momento?

— William, os mistérios de Deus são para poucos, não se apavore antes do tempo, tudo acontece no dia e hora certos; por hora, descanse, pois, sua missão não será fácil.

— Sr. Aruaque, acaso queres me assustar? Estou ficando com medo desse meu futuro...

— Perdoe-me, não foi a minha intenção, gostaria apenas que ficasse vigilante.

Questionei-o sobre vir conosco e me ajudar, todavia, o Sr. Aruaque me respondeu que, em primeiro, estava se preparando para uma grande batalha, e, em segundo, que essa missão era minha. Me contou sobre uma longa guerra e que ela não seria fácil, porém, depois de terminada, que descansaria para então assumir uma nova missão.

Eu sorri e fiz de conta que tinha entendido tudo, mas minha mente estava dando nós. Naquele instante, uma voz cheia de ternura falou:

— Irmãos, vocês estão aí?

O Sr. e sra. Aruaque correram para perto da porta.

— Sim, estamos aqui.

— Eu vos saúdo em nome do Mestre Jesus, que a paz e o bem estejam com vocês.

— Amém, e contigo também!

Notei que se tratava de uma mulher, mas o Sol havia saído e mal conseguíamos ver seu rosto, o brilho que vinha de fora era bastante intenso; então, achamos melhor não sair de dentro da choupana, de qualquer forma, estávamos apavorados de medo.

Eles conversaram muito e depois despediram-se. Foi incrível quando a mulher se retirou e pudemos ver que, na realidade, estava chovendo e caía um pouquinho de neve.

— O que aconteceu, está chovendo ou não? Achei que tinha visto um lindo Sol?! — Thomas disse.

— É estranho, William, chuva com neve nunca vimos, não é? Desde que chegamos nessa choupana neva e faz muito frio. — Falou Dancam.

— Eu tenho certeza que vi um lindo Sol, mas agora esse tempo está horrível! — Exclamou Lucas.

Eu me sentei, observei e não consegui entender nada. E novamente veio a noite.

No dia seguinte levantamos e a chuva havia passado, não tinha mais neve e apenas o frio estava conosco. Corremos para o quintal e, lá no alto da colina,

nascia alguns raios de Sol. Estávamos dispostos a esquecer o passado, mas onde quer que passávamos, se fazia presente a lembrança de papai e mamãe; havia dentro dos nossos corações uma ferida gigantesca que não parava de sangrar.

O Sr. Aruaque disse-nos que era a hora de tentar aprender a conviver com tudo o que havia acontecido e seguir em frente, de seguir viagem.

— Sra. Aruaque, nossa mãe morreu e ficamos sós, a senhora se parece tanto com ela, poderia nos acompanhar?
— Pediu Dancam.

— Ouça-me Dancam, sua mãe não morreu, só entrou para a verdadeira vida, um dia você a verá, basta ter fé e acreditar. E mais, onde quer que esteja, lá eu estarei também, não tenha medo minha criança, nessa vida tudo é vento passageiro. — Ela respondeu.

Dancam abraçou-a chorando e disse que tinha medo de seguir viagem e não encontrar o nosso tio Thomas. Ela o abraçou forte nos chamou para mais perto, sentamos todos ao seu redor e o Sr. Aruaque começou a falar.

— Meninos, quando dissemos para não terem medo e não se preocuparem é porque temos absoluta certeza que vocês terão muita ajuda em todo o caminho. Deus é onipresente, ele está conosco em todos os momentos em nosso coração e em nossa mente também, e o mais importante, nos chamados “espíritos do bem”, os guerreiros do amanhã.

Nos explicou o seguinte: que a primeira tríade é formada pelos Serafins, Querubins e os Tronos; a segunda, pelas Dominações, as Virtudes e os Potenciais; e a terceira tríade consiste nos Principados, Arcanjos e Anjos. Disse que os anjos e arcanjos fazem parte de um gigantesco exército divino comandado por três arcanjos especiais que são Miguel, Gabriel e Rafael, mas que existem muitos exércitos do bem espalhados por toda a imensidão do astral.

— Miguel, Gabriel e Rafael sempre enviaram Anjos para olhar por vocês, isso significa que o céu inteiro está orando em seu favor. — Disse-nos.

Nos alertou para que não tenhamos a pretensão de sermos donos do mundo, pois seria um erro grave, e que, quem respeita as leis de Deus e anda pelos seus caminhos, torna-se colaborador na sua obra e nunca será desamparado; Ele é grande e único, e nos acompanha com carinho de pai, Deus segura nossas mãos para que não vacilemos de cansaço ou medo, o Pai nunca abandona seus filhos.

— Não esqueçam, meus meninos, somos obra do puro amor!

Eu estava muito pensativo tentando assimilar aquilo tudo, mas fiquei intrigado quando, em certo ponto daquela conversa, o Sr. Aruaque disse que nosso tio Thomas estava à nossa procura. Então perguntei:

— Como o tio Thomas está à nossa procura?

— Vosso tio esteve onde moravam com seu exército e, procurando, não os encontraram; eles sabem que estão em algum lugar e, com certeza, está buscando vocês sem trégua.

E, olhando em nossos olhos, continuou:

— Tenho certeza de que vai ficar tudo bem, não tenham nenhuma preocupação dentro do vosso coração.

Eu não conseguia entender como o Sr. Aruaque sabia disso, já que não saiu de perto de nós. Era estranho, muito estranho! Nessa hora, a bondosa senhora nos convidou a levantarmos, dar nossas mãos e fazermos uma oração.

“Senhor, nosso Deus, nesse momento queremos pedir pelos seus pequenos servos, concedei-vos uma perpétua saúde da alma e do corpo, e que, pela gloriosa mãe de Jesus, fiquem livres de todos os pecados da carne. Pedimos ao mestre Jesus, cordeiro de Deus, que os ajude a realizar essa missão divina e que tenha piedade de nós e do

mundo inteiro. Protegei, ó prudentíssima Nossa Senhora, esses filhinhos e enviai sempre Anjos para auxiliá-los no caminho. Amém.”

Depois, pegou uma espécie de chocalho e balançou sobre nossas cabeças, fiquei com medo nesse momento.

Era hora de irmos, arrumamos nossas coisas e o Sr. Aruaque nos aconselhou sobre o caminho.

— Vocês devem seguir pela via da direita, não vão andar muito e terão ajuda.

Eu agradei muito o auxílio, os ensinamentos e o carinho por mim e meus amados.

— Espero um dia poder vos agradecer tudo que fizeram por nós. Não sei como, mas sinto que um dia poderei retribuir a ajuda.

— Disso eu não tenho nenhuma dúvida, William. Deus os abençoe, e não esqueça das coisas que conversamos. — Disse o Sr. Aruaque.

— Sempre vou estar rezando e pedindo a Deus que abençoe vocês todos os dias. — Despediu-se a Sra. Aruaque.

— Muito obrigado pelo cuidado e, principalmente, pelo que fez por meu irmãozinho Dancam. Deus vos abençoe! — Respondi.

Tentei persuadi-los a vir conosco para a casa do tio Thomas, onde poderiam se preparar com mais conforto para a tal guerra, mas disseram que aquela cabana era tudo de que precisavam. De qualquer forma, garanti que meu tio saberia do quanto haviam feito por nós e que, certamente, ficaria muito agradecido.

Depois de abraços e beijos e muitas recomendações, saímos da choupana com o coração apertado por deixá-los, tínhamos a impressão de conhecer aqueles dois irmãos desde o nosso nascimento.

Dancam não parava de chorar e resmungar por achar que nunca encontraríamos nosso tio, então pedi que

parasse de se lamentar e andasse mais rápido. Mal havíamos saído quando parei e olhei ao redor sem saber onde estávamos.

— Que lugar é esse, não estávamos nas terras de papai? — Perguntou Thomas.

Lucas respondeu:

— Nós estamos nas terras de vosso pai...

— Não, essas não são as terras de papai! — Afirmei.

— Meninos, meninos, esperem! — O Sr. e a Sra. Aruaque aproximavam-se de nós.

— Ouçam-nos, esquecemos de avisar que não comentem com ninguém para onde vão nem a que casa pertenciam. — Disseram-nos.

Entendia a preocupação deles, assenti e nos despedimos novamente.

— Vão em paz, estarei com vocês e, quando precisarem de mim, é só me chamar que escutarei. — Falou a Sra. Aruaque num abraço.

Essas palavras me fizeram ficar pensativo de novo, a Sra. Aruaque e seu irmão tinham o dom de me deixar intrigado.

Andamos cerca de meio dia e paramos para descansar. O frio da Inglaterra não dava trégua e a água dos pequenos rios estava ainda com algumas pedras de gelo, mas, mesmo assim, foi com ela que matamos nossa sede. Na beira do riacho, ficamos observando e concluimos que, de fato, não nos achávamos nas terras de papai. O que eu não entendia era que, quando chegamos na choupana, ainda estávamos nas suas propriedades, mas agora era tudo muito confuso porque eu não sabia mais onde estávamos.

Descansamos e então seguimos adiante por uma estrada que parecia não ter fim, até que, a uns cem metros de onde nos encontrávamos, avistamos uma encruzilhada, lembrei dos conselhos do Sr. Aruaque e pegamos o caminho

da direita. Não andamos muito e logo ouvimos cavalos se aproximando, haviam dois cavaleiros e uma carroça com uma senhora e duas crianças; eles pararam quando chegaram perto de nós.

— Hei, meninos, estão perdidos?

— Não estamos perdidos, estamos indo para a cidade de York. — Informe-me.

— Também estamos indo para lá, venham, subam aqui que tem lugar para todos vocês. — Disse a mulher.

— Não se preocupe senhora, estamos bem e vamos seguir andando. — Respon-di.

— Hora, deixem de fazer caso e subam, até lá é um longo caminho! — Ela insistiu.

Então o homem disse:

— Subam meninos, estão indo para o mesmo destino que o nosso e aposto como vossos pais irão gostar; a propósito, onde eles estão, porque viajam sozinhos?

Nós subimos na carroça e ele continuou a falar:

— Vou dizer-lhes, essas estradas estão cheias de saquiadores, mas conosco estarão em segurança.

Apresentou-se dizendo que se chamava Alexandro e disse que os filhos eram: o mais velho, Cláudio; e os menores dentro da carroça, Marcos e Alexia; também a esposa, Silvia.

— Bem, senhor, eu me chamo William e esses são meus irmãos Thomas e Dancam, e nosso amigo Lucas.

— Estão fugindo de alguma coisa? Ah, me perdoem, meninos, foi somente uma impressão... deixem para lá, estou perguntando demais! — Disse a Sra. Silvia.

Nós nada respondemos e a senhora continuou a falar:

— Sabe, meninos, nós recebemos uma proposta boa de um Conde que mora em York, ele está procurando famílias para trabalhar para ele em Norfolk. Dizem que é

bondoso e muito generoso, por isso deixamos o lugar onde morávamos para nos mudar com toda nossa família. Alexandro, como é mesmo o nome desse homem que está nos contratando?

— É Thomas, Silvia. — Respondeu o marido.

O filho mais velho do casal disse:

— Perdoem minha mãe, ela fala tanto que a mente não tem tempo de guardar tudo o que foi dito.

Nós rimos e eu disse que estava tudo bem.

— Parece que realmente hoje é seu dia de sorte, pois estamos indo direto para York. — O Sr. Alexandro falou.

Estava para anoitecer e dona Silvia pediu ao esposo que parassem para que pudesse preparar algo para comermos. Paramos e o senhor disse que iríamos pernoitar naquele lugar mesmo e logo acendeu uma fogueira. Ela falava o tempo todo enquanto preparava o jantar e procurava saber mais sobre nós e, vou lhes dizer, parece que aquela comida havia sido feita por Rosemari. Marcos, o outro filho do casal, falou:

— Vocês já tinham experimentado solas de sandálias?

Nós dissemos que não e ele continuou:

— Aqui se come solas de sandálias no jantar e couro de botas no almoço.

Dona Silvia respondeu:

— Onde estão as solas de sandálias e couro de botas, acaso minha comida se parece com isso?

— Não, minha querida, não se parecem, mas o cheiro e o gosto são iguais! — O Sr. Alexandro foi quem respondeu e todos nós rimos.

— Hora, hora, tratem de comer tudo que outro jantar como esse só teremos amanhã! — Retrucou dona Silvia.

Ela continuou insistindo em saber de nós e perguntou de novo para onde estávamos indo, dissemos somente que

para o mesmo lugar que eles. Nessa hora o Sr. Alexandro começou a tocar uma gaita.

— Venham, meninos, hoje vocês terão a oportunidade de ouvir tocar o melhor gaiteiro de todos. Ouçam como é fabuloso! — Convidou-nos a Sra. Silvia.

Eles dançavam e cantavam e Dancam disse baixinho:

— Céus, como ele toca mal!

— Pare de ser mau humorado, Dancam, veja como estão felizes. Vamos nos juntar a eles e participar dessa alegria, venha! — Eu disse.

— Venham, levantem os braços, batam palmas e chacoalhem os quadris; aqui conosco a tristeza pula de alegria, venham dançar! — Insistiu dona Silvia.

Foi muito bom, dançamos até cansar, era tarde da noite e a pequena fogueira já havia se apagado, mas o Sr. Alexandro ainda tinha fôlego para cantar.

“Eu tomei uma água ardente que estremeceu a minha carne

nos prados e campinas não existe mais neve,
ela se foi e um novo sol brilhou.

Ficarei rico trabalhando para o Sr. Thomas

Há, há, há... ficarei rico!”

Dona Silvia pediu ao marido que parasse de beber e fosse se deitar e nos colocou para dormir junto com seus filhos, tudo ao mesmo tempo que dizia que iria conhecer nossos pais no dia seguinte e que descobriria porque viajávamos sozinhos, até que falaria com eles sobre eu falar tão alto.

— Sabe, existe cura para isso, te darei um remédio para tomar amanhã de manhã e ficará melhor. Veja, você não tira esse casaco; sua mãe não lhe ensinou que, para dormir, temos que nos aliviar das roupas? Vou cuidar de vocês...

Ela foi falando, falando... falava tanto que adormeci.

Na manhã do outro dia conversamos e rimos da noite anterior, de tudo que tinha acontecido, mas, o que mais me marcou, foi o quanto dona Silvia falava, ela era uma tagarela. De qualquer forma, o que importava era que estávamos em boas mãos, tinha certeza que essa família tinha sido enviada por Deus para nos ajudar.

De repente, sem eu menos esperar, dona Silvia enfiou uma colher de remédio em minha boca, até levei um susto! Como era ruim, parecia até que foi feito com ervas do pântano.

— Você vai ficar bom, não quero te ouvir ficar gritando para lá e para cá; veja como meus filhos estão belos, eles tomam uma colherada desse remédio todos os dias. — Justificou.

Chamou então Thomas, Dancam e Lucas e, quando eles abriram a boca para dizer que não precisavam daquilo, ela enfiou uma colherada do remédio na boca de cada um. Eles até se arrepiaram, por causa do gosto ruim.

— Seus filhos não são belos! — Dancam ficou nervoso.

— Dancam, não fale assim com a Sra. Silvia, peça perdão a ela! — Intervi.

Ele se desculpou, dona Silvia falou que estava tudo bem e nos ofereceu um docinho para tirar o gosto horrível da boca.

— Peguem, está muito bom! — Ela disse.

Colocamos a guloseima na boca e Marcos e Alexia começaram a dar risada.

— Acho que vão preferir o remédio, pois este tomam de uma vez, enquanto o doce demora para dissolver na boca. Se não aguentarem, podem jogar fora escondido de mamãe como nós fazemos. — Disse Cláudio.

Mais que depressa jogamos aquele doce fora e fomos arrumar nossas coisas para seguir viagem. Enquanto

preparávamos tudo, ouvimos grande barulho de cavalos vindo em nossa direção e ficamos apavorados. Tentamos correr para nos esconder, mas já era tarde!

— Depressa, leve as crianças para perto da carroça!
— Pediu o Sr. Alexandre. — Meu Deus, é o exército da Igreja!
— Apavorou-se.

Quando Dancam viu que um dos cavaleiros carregava a bandeira branca com a cruz vermelha, começou a tremer de medo achando que tinham vindo para nos matar. Eu o abracei e tentei tranquilizá-lo.

— Fique calmo, meu irmão, eles não sabem quem somos nós.

Todos ficamos apavorados, mas, o medo de Dancam era tanto, que urinou em suas roupas.

— Quem são vocês e para onde vão? Quem são as crianças? — Perguntou um dos cavaleiros.

O Sr. Alexandro respondeu:

— Me chamo Alexandro, essa é minha esposa e as crianças são meus filhos. Estamos indo para York a trabalho, senhor.

— Estamos, em nome da Igreja de Jesus, arrecadando impostos. O que têm para nos oferecer?

— Não temos quase nada, senhor.

— Vocês se negam a ajudar a Igreja de Jesus? — Exaltou-se o cavaleiro. — Tenho certeza que carregam grãos para consumo, sementes para o plantio ou mesmo, quem sabe, algumas moedas de ouro.

Então olhou-nos um por um e continuou:

— Vocês não mentiriam para nós, não é?!

— Não, senhor, como eu disse, não temos quase nada! — Defendeu-se o Sr. Alexandro.

— Pois bem, teremos que revistá-los.

Dona Silvia interveio:

— O que temos mal dá para chegarmos até York, vocês não têm vergonha de pegar tudo de quem não tem quase nada? Tenho certeza que não trabalham para Jesus, não tenho medo de vocês!

Rapidamente o Sr. Alexandro colocou suas mãos na boca de dona Silvia a fim de que se calasse.

— Por Deus, perdoem a minha esposa, tenho certeza de que ela não quis ofendê-los. — Desculpou-se.

Então entrou na carroça e pegou menos de meio saco de grãos e entregou dizendo que era tudo o que tínhamos. Um dos cavaleiros subiu na carroça e, depois de revirar tudo, constatou que realmente não havia mais nada. Para nosso desespero maior, outro deles quis nossas vestes e fiquei ainda mais apavorado, pois, meu casaco carregava as escrituras das terras de papai.

Como Dancam havia urinado nas roupas e molhado o chão, cuidadosamente peguei aquela terra e passei no meu casaco e sobre a minha pele. Quando ele chegou perto de mim, quis levar o casaco, mas desistiu porque estava sujo e cheirando mal. Fiquei muito aliviado quando o cavaleiro que parecia estar dando as ordens disse que era hora de irem e pediu que deixassem as roupas para não dizerem depois que eram ruins.

O homem saiu de perto de nós e foi na direção da carroça, amarrou os cavalos e dirigiu-se ao Sr. Alexandro:

— Quer um conselho de um cardeal vivido? Cuide da boca de sua esposa, pois, pode ser que, um dia desses ela fique sem a língua.

Então se foram levando tudo, os cavalos, a carroça e o que havia dentro. Respirei aliviado por meu casaco ainda estar comigo, mas Dancam, assim como os outros, não parava de tremer.

— Deus, quando isso terá fim? Eu não suporto mais...
— Disseram dona Silvia e seu filho Cláudio.

O Sr. Alexandro sentou-se na beira da estrada desnorteado enquanto sua mulher não parava de praguejar.

— Malditos, sanguinários, costas-oca! Serão condenados a ferver no caldeirão do inferno! Como podem levar tudo que tínhamos e ainda querer nossas roupas? Esses malditos saqueadores têm que lavar a boca com cinzas para dizer o nome de Jesus, como ousam falar Nele se não têm moral!? Que o Senhor tenha visto tudo para, assim, castigá-los como merecem!

Dirigiu-se então para o marido:

— E você, Alexandro, nada fez, deixou que levassem tudo! Será que não pensou em nossos filhos, não pensou em mim? — Dona Silvia estava muito exaltada.

— Pare, pare de lamentações, pare de amaldiçoar as pessoas! O que aconteceu já foi e nada do que faça ou fale vai trazer nossas coisas de volta, será que não entende que, se não fizéssemos a vontade deles, agora estaríamos todos mortos?! — Respondeu num grito muito forte.

— Estamos vivos, mas não por muito tempo já que morreremos todos de fome. — Insistiu.

— Por Deus, Silvia, quando será o dia em que terei o prazer de te ver de boca fechada?

O Sr. Alexandro disse para seguirmos em frente e nos encorajou a caminhar, pois, dali para frente, seguiríamos a pé.

— O que é costa-oca, dona Silvia? — Thomas perguntou.

— São aqueles que viveram nesse mundo, morreram e foram para o inferno, são os que estão aqui só para perturbar o mundo, sabe Thomas, eles não trabalham para Deus, mesmo dizendo que sim. — Ela respondeu.

— Por Deus, Silvia, de onde você tira tantas besteiras? Não vê que está deixando os meninos assustados com essa conversa de inferno? — Disse o Sr. Alexandro.

— Olha Thomas, não quero te assustar, me perdoe se assim eu fiz. — Ela desculpou-se, mas continuou a falar:

— Mas todos devem saber que esses que nos roubaram não trabalham para Jesus, que, na realidade, são costas-oca e vieram do inferno.

Então contou-nos uma história: Havia um Bispo chamado Cirilo que morava em um lugar chamado Alexandria, província do Egito; esse sim trabalhava para Jesus! Com o passar do tempo, ele abriu um mosteiro, mas não desses que tiram de quem não tem, esses monges formavam um exército gigantesco e também saíam para fazer cruzadas, porém, em suas andanças, eles ajudavam e curavam todo o tipo de sofrimento. Esses monges, conhecidos como Parabolanos, eram verdadeiros trabalhadores de Jesus!

O Sr. Alexandro interveio novamente:

— Silvia, pelo amor de Deus, de onde você tirou essa história? Isso não existe, pare de narrar contos para os meninos!

— Ouça-me, Alexandro, não estou contando nenhum conto para eles, o que falo é verdade! Essa história minha mãe ouviu de minha avó que, por sua vez, escutou de minha bisavó, contada pela minha tataravó; ou seja, não tem mentira nenhuma nela, são todos fatos comprovados. — Alegou dona Silvia.

— Se você abrir a boca mais uma vez, eu juro que a tamparei com suas próprias roupas! Será que tem como seguirmos sem conversar, pois, estou precisando pensar?! — Disse o Sr. Alexandro já sem paciência.

— Eu só quis responder à pergunta do menino Thomas...

Ele deu uma olhada rápida para ela, mas dona Silvia não disse mais nada.

Continuamos em frente.

Apesar de terem perdido tudo, a família do Sr. Alexandro caminhava com ar de felicidade, eles estavam muito ansiosos pelo que o futuro os reservava no novo emprego. Dona Silvia não parou de falar, mas dessa vez, bem baixinho; ela dizia coisas sobre a grande misericórdia de Deus e as maravilhas de suas criaturas, até pediu perdão a Deus por todas as besteiras que havia dito sobre os cavaleiros que tinham levado nossas coisas.

Seguíamos juntos pela mesma estrada e a impressão que tinha era que todos aguardávamos por um milagre. Alexia começou a passar mal porque estávamos caminhando desde o amanhecer e o sol já estava para se pôr e ainda não tínhamos comido nada. Se para nós já estava sendo difícil, imagina para ela que tinha apenas quatro anos de idade...

Paramos e o Sr. Alexandro foi até um riacho buscar água, quando voltou, Alexia estava deitada no colo de dona Silvia. Ouvimos barulho de cavalos se aproximando e ficamos apreensivos, a Sra. Silvia não se conteve:

— O que será que querem de nós agora, serão nossas roupas ou nossas vidas? Querem saber, meu espírito viverá para sempre se conseguir matar um desses cavaleiros que seja!

— Minha esposa, por favor, a um minuto atrás você estava pedindo a misericórdia de Deus pelas grandes besteiras que saíram de sua boca e agora dizes coisas piores! — Retrucou.

Então tentou nos encorajar:

— Vamos confiar na misericórdia de Deus para conosco e manter a calma, não temos mais nada para oferecer para eles.

Eu me sentei perto da estrada e Dancam correu para meu colo, logo se juntaram a nós Thomas e Lucas.

— Será que são os costas oca, William? — Perguntou Thomas.

— Não sei, mas se for, Deus enviará um anjo para tomar conta de nós. Respondi.

Tirei do pescoço a medalha que carregava e pedi que lessem as inscrições nela, Thomas disse: “A casa dos Willians sempre será guardada pelos Anjos de Deus, o medo não nos intimida”; virei a medalha e ele continuou: “Lutem e lutem, lutem mais uma vez, até cordeiros virarem leões.”

— Viram, somos fortes! — Disse.

Nesse momento Dancam chamou nossa atenção.

— Olhem, são o Sr. Aruaque e sua irmã!

Procuramos e não vimos nada, então o adverti:

— Dancam, não é hora para esse tipo de brincadeira!

— Meu irmão, não estou de brincadeira; eles estavam bem ali, juro que os vi! — Ele assegurou.

— Acho que a fome está fazendo com que Dancam tenha alucinações. Lembram quando a mamãe dizia que a fome é a pior dor de um ser humano? — Falou Thomas.

O fato era que, nessa nossa pequena caminhada para a casa do tio Thomas, eu havia aprendido muitas coisas sobre os vivos e os mortos, o material e o espiritual, os Anjos e os demônios; observava umas folhas de pergaminho que papai havia deixado junto com as escrituras em meu casaco e desejava ter um lugar para estudar mais sobre tudo aquilo.

— Vamos todos ficar de pé, assim verão que somos viajantes. — Pediu o Sr. Alexandro pegando Alexia nos braços.

Guardei os pergaminhos de volta no meu casaco e coloquei a medalha por dentro das roupas, cada minuto que passava aqueles cavaleiros se aproximavam mais até que chegaram bem perto.

— William, eles não carregam aquela bandeira. — Dancam disse baixinho.

— Graças a Deus! — Respondi.

Um dos cavaleiros, muito educado, desceu de seu cavalo e nos cumprimentou, nós todos o saudamos de volta e ele disse que se chamava Cezar e pediu que não tivéssemos medo.

— O que fazem nesse lugar sem nenhum tipo de abrigo? — Perguntou.

O Sr. Alexandro disse quem era e para onde estávamos indo, contou sobre o compromisso de trabalho e que, por ter tido que pagar impostos à Igreja no caminho, estávamos a pé.

Dona Silvia interrompeu a conversa deles:

— Desculpe-me, senhor, o que o meu marido quer dizer é que fomos roubados!

O Sr. Alexandro pediu desculpas e apresentou a mulher.

— Eu sei que essa é a palavra que tem que ser dita, mas não deixe que ninguém a ouça, senhora. — Cezar respondeu cordial e perguntou para a casa de quem estávamos indo.

O Sr. Alexandro que respondeu:

— Para a casa do Sr. Thomas, temos serviços por lá e ele nos espera.

— Na realidade irão para York conhecer o Sr. Thomas e firmar o contrato, mas o trabalho os espera em Norfolk. — Disse Cezar.

— Já nos encontramos, porém ele quer conhecer também minha família afim de poder empregar meu filho mais velho e minha esposa também.

Cezar revelou então que trabalhava para Sir Thomas e que estava responsável pela construção da casa em Norfolk, que já estava por acabar, e por isso sabia sobre o serviço.

— Vocês chegaram na hora certa, pois logo teremos que ajustar os móveis e cuidar das últimas arrumações. —

Falou, depois olhou na nossa direção e perguntou quem éramos.

— Esses meninos viajam conosco, pegamos eles na estrada e, desde então, cuido como se fossem meus. — O Sr. Alexandro respondeu.

O cavaleiro contou que estava à procura de três meninos e um casal e quis saber mais sobre nós.

— Como se chamam, de que casa vieram? — Perguntou-nos.

Fomos para perto dele e eu disse que, antes de revelarmos nossos nomes, precisava saber quem era seu patrão; Cezar confirmou que era para meu tio que trabalhava quando disse nosso sobrenome “Bolena Marchi”, então contei quem éramos.

— Nossa procura acabou, finalmente achei vocês! — Falou aliviado e nos abraçou.

Quis saber de nossos pais e, foi com grande pesar que contei que haviam morrido na chacina em nossa casa. Cezar se desculpou e explicou que, como não encontraram os corpos de papai e mamãe, acreditavam que tinham conseguido escapar também.

— Eu sabia, vi que esses meninos tinham pele de gente rica, soube logo que pertenciam a uma família de posses. — Falou dona Silvia.

— Quanto ao Sr. Alexandro e sua família, receberão uma boa gratificação do meu patrão por terem cuidado desses meninos que, para ele, são muito valiosos. — Garantiu Cezar.

Dona Silvia levou a mão ao vestido, molhou com saliva e limpou o rosto de Dancam que não gostou nadinha...

— Pare, dona Silvia, pare!

— Precisa ficar limpo para encontrar-se com seu tio. — Justificou.

Todos riram muito.

Naquele dia eu percebi que, realmente, os Anjos existem e que eles são enviados por Deus para nos ajudar. Subimos todos nas garupas dos cavalos e seguimos seguros para a casa do meu tio Thomas.

Chegando lá, meu tio chorou ao saber da morte de nossos pais, mas também se alegrou ao ver que estávamos bem. Chamou o Sr. Alexandro e pediu-lhe, como grande favor, que promettesse que ele nem sua família jamais diriam nada sobre nós para quem quer que fosse.

— Farei como me pede, Sir, não se preocupe! —
Garantiu o Sr. Alexandro.

— Sou grato por tudo o que fizeram por meus sobrinhos.

— Faria tudo de novo se fosse preciso, Sir.

— Muito obrigado Sr. Alexandro e que o Sr. Deus te abençoe! — Tio Thomas agradeceu-o e ele saiu.

VI. A casa do tio

Como chegamos tarde da noite, tudo que queríamos era um banho quente e uma boa refeição, e minha tia Izabel cuidou de tudo isso para nós. Depois deitamos em uma cama boa, com lençóis limpos e cheirosos e cobertores quentes e aconchegantes, parecia que estava em casa.

Quando acordamos no dia seguinte já era de tarde e parecia que estávamos sonhando; foi exatamente nesse dia que começou mais uma etapa em nossa vida. Depois de nos alimentarmos, meu tio chamou a mim e a meus irmãos para conversar.

— Estou muitíssimo feliz por estarem aqui, mas terão que entender minha situação: vocês sabem que são herdeiros de muitas terras e, tudo o que a Igreja precisa agora é esperar mais um pouquinho a poeira baixar para poder tomar posse de tudo, por isso, para sua segurança, tomei a decisão de mandá-los para um colégio interno, assim crescerão e voltarão homens. — Meu tio iniciou a conversa. Então caiu em si.

— Meu Deus, o que estou dizendo! Vocês acabaram de chegar... meninos, venham aqui, deixem-me vê-los melhor e lhes dar um abraço. Deus sabe como procurei vocês!

Contou-nos que, quando chegou em nossa casa depois do acontecido, pensou que tinha nos perdido e, vendo todos aqueles corpos, desesperou-se. Mas agradeceu a Deus, por um instante, quando não nos encontrou e até sorriu na esperança de estarmos vivos.

Tio Thomas estava nos procurando desde aquele dia e, a cada momento, era maior a certeza que nos encontraria vivos, nos falou. Quis saber sobre nossos pais, pois também não tinha encontrado seus corpos, então,

contei que haviam sido mortos ali mesmo e que os enterramos no quintal de casa, perto da casa da árvore.

Meu tio abaixou a cabeça com lágrimas nos olhos.

— Meu Deus, por isso não os encontrei!

Perguntou como conseguimos escapar e falei sobre o esconderijo secreto que nossos pais tinham feito embaixo da despensa.

— William, meu irmão, sempre foi muito atencioso e, com certeza, sabia que algo ruim estava para acontecer. — Meu tio disse.

Aproximou-se de nós, nesse momento, minha tia Izabel.

— Estou atrapalhando a conversa, meu esposo? — Ela perguntou.

— Não, minha querida, está tudo bem, você não atrapalha.

— Vim interrompê-los por causa de Ana, desde o nascer do Sol ela só fala de vocês e não via a hora de encontrá-los. — Explicou.

Eu já tinha tido a oportunidade de ver Ana, mas aquele dia foi especial, pode ser porque ela estava maiorzinha... só sei que fiquei tomado de uma emoção tão forte, que tive que disfarçar para ninguém notar que dos meus olhos caíam lágrimas, minha impressão era que a conhecia de muitos anos. “De onde veio esse sentimento?” — Eu pensei. Não conseguia entender.

A pequena menina de cabelos pretos e pele tão branca quanto a neve da Inglaterra veio até mim e abriu os braços. Fiquei arrepiado com aquele abraço de Ana, tão bom, tão gostoso, aquela pele branca e sua face rosada.

— Deus, amo essa menininha! — Falei do meu íntimo.

— Me abrace mais, pois tenho muitas saudades; onde você andou? — Ela disse.

— Estava à sua procura. — Respondi.

— Pois bem, já me achou, agora venha brincar comigo! — Disse num sorriso.

Minha tia contou-nos que Ana chamava para brincar somente o seu irmão Jorge, e que hoje, descobrira que havia mais alguém.

— William, olhe, Ana gosta de você! — Comentou.

Ana insistiu para irmos brincar, mas minha tia disse-lhe que estávamos conversando e que não era hora.

— Já viu seus primos, agora vamos deixá-los. — Tia Izabel falou.

Ana levou suas pequenas mãos à boca e nos mandou um beijo, então retiraram-se.

— Parece que Ana afeiçãoou-se a você, William, não é com todos que ela é tão amorosa. — Meu tio comentou.

— Ela é uma garotinha adorável. — Respondi.

— Adorável, amável, briguenta e birrenta: essa é o nosso pequeno tesouro!

— De fato, tio, Ana é um lindo tesouro; ela tem porte de princesa.

— Quem a conhece tem essa mesma impressão, William, será que teremos uma Rainha? Ana realmente é muito especial!

Nosso tio chamou-nos e o seguimos por uma grande escada para um porão com cinco portas, todas bem reforçadas por várias fechaduras e guardadas por cinco cavaleiros. Então abriu uma delas e fez-nos entrar, lá havia uma grande fortuna deixada por nossos pais, conforme nos contou.

— Tio, vi quando meu pai mandou Adam trazer, mas imaginei que se tratava de apenas um baú, mas agora percebo que são vários. — Eu disse.

— Tem certeza que todos esses baús nos pertencem? — Dancam perguntou.

— Sim, Dancam, abram e vejam! — Respondeu meu tio.

Nos explicou que papai havia enviado todos aqueles baús porque pretendia comprar terras em Norfolk e construir uma casa, mas, infelizmente, não conseguiu realizar seu desejo.

— Malditos, irão pagar! Aqui ou no inferno, eu prometo, meninos! — Exaltou-se tio Thomas.

— É verdade, tio, esses malditos costas oca irão pagar! — Concordou Dancam.

Thomas e eu também dissemos coisas semelhantes que exprimiam toda a nossa revolta e sede de justiça. A partir daquele dia, a vingança entrou em nossos corações, bem como a vontade de crescer e retornar para tomarmos de volta tudo o que nos havia sido tirado. Dormíamos e acordávamos só para ver o dia em que nos vingariamos daquele maldito dia.

Meu tio mostrou-me então o baú onde estavam guardados todos os estudos de papai.

— Pelo que soube, você se interessa muito por esses estudos. — Disse.

— É verdade, tio. — Respondi.

Meu pai queria muito desvendar os segredos dos Anjos e arcanjos e se aprofundar no conhecimento dos astros, contou meu tio. Ele se interessava pelos quatro elementos fundamentais da nossa existência: a terra, a água, o fogo e o ar.

— William, penso que isso só há de interessar a você, além do mais, seu pai iria gostar de ver o filho dar continuidade no projeto de sua vida.

— Durante toda a minha vida vou estudar e, quem sabe um dia, poderei ajudar alguém com esses conhecimentos.

— Eu ficaria feliz se isso acontecesse, pois, esses estudos fazem parte da vida dos Willians de longa data.

Sabe, William, uma coisa me preocupa...

— O que é tio?

— Já busquei em todos esses baús, mas nada encontrei, falo de dois documentos muito valiosos: um são as escrituras das terras de seu pai, e o outro, são pergaminhos que seu avô garante que foram escritos por Santo Agostinho.

— Tio, trago comigo alguns documentos e acredito que são os que está procurando. - Conte-lhe.

Então desabotoei meu casaco e tirei de um bolso falso as escrituras e o pergaminho.

— Não acredito que estavam com você esse tempo todo! Quem iria desconfiar? Tinha que ser coisa do meu irmão William, Deus, como era inteligente!

Meu tio pegou aqueles papéis nas mãos e começou a chorar de cabeça baixa lamentando todas aquelas mortes.

— Acabaram com todos só por causa dessas escrituras! — E continuou baixinho:

— William, meu irmão, você tinha um coração valente e sei que Deus, em sua infinita misericórdia, reservou para ti e para todos que morreram com você um lugar de paz; descanse em paz meu irmão, pois eu farei o possível para criar seus filhos e prometo que os farei homens dignos. Deus, por que teve que acontecer isso com William?

— Não entendo também, tio!

Tio Thomas continuou conversando conosco sobre a importância de ninguém saber que estávamos vivos e pediu que eu guardasse novamente aqueles papéis no lugar, porque, por causa deles é que todos haviam morrido, e que, com ele, as escrituras corriam risco também. Combinamos de encerrar definitivamente esse assunto e não falarmos mais nele, seria nosso segredo. Como nós, meu tio também tinha o coração tomado pelo sentimento de vingança,

apesar disso, tinha consciência que nada podia fazer naquele momento.

— Estamos todos de cabeça quente e o poder da vingança nos engana, por isso precisamos ter paciência, pois os dias vêm e vão, os anos passam rápido e vocês crescerão e se tornarão homens; nada como um dia após o outro.

Seguiu dizendo que nos mandaria para um colégio interno bem longe dali, na França, mas que não nos preocupássemos, pois nada nos faltaria.

— Não me queiram mal, já que faço isso para protegê-los; entendam que, se alguém descobrir que estão vivos, poderão vir tentar tirar suas vidas por causa das terras de seu pai. Sentirei sua falta, mas é preciso!

— Tio, nós queremos estudar e crescer, nós iremos! Só peço para o senhor não nos separar, meus irmãos e eu queremos ficar juntos, inclusive no mesmo quarto, será que é possível?

— Sim, com certeza eu providenciarei tudo.

Foi quando pedi por Lucas, para que fosse conosco, pois era quase um irmão para nós e queria que, a partir de agora, fizesse parte de nossa família.

Tio Thomas concordou porque viu em Lucas um menino bom que merecia estudar e crescer, também porque agora não tinha mais ninguém por ele.

Falei também sobre os irmãos Aruaque e de tudo que tinham feito por nós, da doença de Dancam e de toda a generosidade e carinho com que cuidaram de nós.

— Sabe, tio, eu gostaria de poder voltar lá para agradecê-los, só não estou bem certo se estavam realmente nas terras de papai, houve um grande embaraço em minha mente.

— Essa confusão é natural, William, principalmente pelo que vocês passaram, não foi fácil o que viveram, mas

acredito que eles devem estar nas terras de seu pai sim, pois, de lá para cá, não existem muitas casas no caminho.

Pedi para que os ajudasse, quem sabe, oferecendo a eles serviço em uma das vilas que possuí, em alguma casa assim como está fazendo pelo Sr. Alexandro e sua família, sugeri.

Meu tio respondeu que seu grande sonho era possuir, um dia, o título de Conde, não para tirar proveito da situação, mas para poder ajudar as pessoas. Nesse caso, por exemplo, me explicou que se fosse Conde, mandaria agora mesmo buscar esse casal e os colocaria em uma casa.

— Por enquanto, tudo que posso fazer é trazê-los para morar com outras famílias; sinto muito, William, mas é tudo que consigo agora.

Disse a ele que já era suficiente, que isso já os ajudaria bastante. Mas fiquei curioso:

— Eu pensei que o senhor já fosse Conde, tio Thomas...

— Já estava tudo certo, William, até sentia esse título em minhas mãos, mas, infelizmente não foi possível. As vezes estamos pensando uma coisa, mas Deus está pensando outra.

— E o que é preciso para ter esse título? — Perguntei.

— Terras, William, muitas terras!

— Se for assim, lhe dou as escrituras e terá, então, as terras de que precisa para ser Conde. — Ofereci.

— Irresistível, William, mas nunca faria isso. Essas propriedades pertencem a você e seus irmãos e sei que, um dia, saberá o que fazer com elas. Mas me diga, quando pretende visitar esse casal de irmãos?

— Pode ser amanhã, tio? Anseio muito por ajudá-los.

— Amanhã está ótimo, sairemos logo pela manhã.

Thomas não queria ir conosco, tinha muito medo de se deparar com aquele exército, ainda mais depois que

dona Silvia disse que eles arrancam a roupa das pessoas e tiram o seu couro.

Nosso tio concordou que ele ficasse e garantiu-nos que ali estávamos protegidos, pois eram um povo livre e sem nenhum vínculo com a Igreja, por isso nosso pai pretendia mudar-se para lá. Também assegurou que, para nos defender lutaria, inclusive com o apoio de amigos e do próprio Rei Henrique que não o negaria alguns homens para se juntarem aos seus.

— O que passou não volta mais, mas agora vocês estão protegidos. A Igreja nos chama de rebeldes, mas para nós, os rebeldes são eles. Não se preocupem, apenas levantem a cabeça e acreditem em Deus, pois ele é o Pai da Luz e os vossos caminhos serão sempre iluminados.

Nesse instante, tia Izabel veio até nós novamente.

— Vocês conversaram tanto que já é hora do jantar. Vejam, meninos, tenho surpresa para vocês: Maria e Jorge chegaram essa tarde do campo, onde estavam em retiro com o Padre Demétrio.

Eu perguntei:

— Tia Izabel, achei que por aqui não tivessem vínculo com a Igreja...

— E não temos, William, mas gostamos de participar para não haverem intrigas, vivemos bem assim. É simples, aqui desse lado da Inglaterra, nós obedecemos ao Rei Henrique, não que ele seja flor que se cheire, mas é a opção menos ruim.

— Esposa, por favor, não fale demais! — Meu tio pediu.

Cumprimentamos nossos primos, mas Jorge só conseguiu nos abraçar usando um dos seus braços, pois Ana não soltava o outro, então perguntou se podíamos brincar um pouco ainda antes do jantar e tia Izabel concordou.

Foi uma festa, nós brincávamos e conversávamos ao mesmo tempo, depois comparamos nosso tamanho e

idades para ver quem era maior e quem era menor. Entre todos eu era o mais velho, com treze anos já me sentia um homem, todos diziam que me comportava como um rapaz e que sabia falar como os adultos, já entendia de vários trabalhos e cuidava bem dos meus irmãos. Bem, era o que todos diziam... depois vinham meu irmão Thomas, com doze anos, Dancam e nossa prima Maria, ambos com onze anos, Jorge com seis e Ana, a mais nova, tinha apenas quatro anos de idade. Éramos crianças e só queríamos brincar e sorrir.

Olhando Dancam, vejo como está bem no meio dos nossos primos, a pequena Ana conseguiu tirar dos seus lábios um sorriso e isso me fez muito feliz.

— Hora do jantar, crianças, a comida está esfriando!
— Chamou-nos minha tia.

Corremos todos para a mesa e nos deparamos com um banquete maravilhoso.

— Vamos comer rápido para continuarmos brincando, tem uma porção de brincadeiras novas que garanto que não conhecem. — Disse Maria.

— Aproveitem brincar bastante, pois será por pouco tempo, em breve vão todos para o colégio porque precisam estudar para um dia virarem gente de verdade. — Falou tio Thomas.

— Hora, papai, já sou gente; por acaso pareço com algum animal? Além do mais, não quero estudar em nenhum colégio. — Respondeu Maria.

— Não quis dizer isso, filha, só que precisam estudar para serem alguém nessa vida.

— Não quero estudar, vou morar com o vovô em Norfolk!

— Maria, minha filha, não fale desse jeito, você pensa que teu avô terá tempo para cuidar de você? Ele é um Duque e possui muitas atribuições.

Maria quis retrucar, mas tio Thomas encerrou o assunto:

— Basta dessa conversa, você irá estudar e não se fala mais nisso!

Após o jantar, meu tio pediu que tia Izabel arrumasse todos para dormir, mandou chamar Cezar para uma pequena reunião em seu escritório e me chamou para participar.

Já reunidos, meu tio iniciou nossa conversa pedindo a Deus que nos desse discernimento em nossas vidas e, principalmente, no assunto que precisávamos debater.

“Jesus, nosso mestre, nos disseste que a vida eterna consiste em conhecer a Vós e a vosso Pai, assim sendo, derramai hoje sobre nós a graça de poder discernir todas essas palavras. Enviai seus Anjos afim de que nos iluminem, nos guiem e nos fortaleçam no nosso seguimento, porque sois o único caminho que leva ao Pai. Fazei-nos crescer em vosso amor para que sejamos testemunhas vivas de suas palavras, juntamente com vossa mãe Maria, nossa mestra, com quem gostaríamos sempre de poder aprender. Amém.”

Essas palavras invadiram meu coração como uma flecha, foi como se alguém tivesse aberto meu peito e as colocado lá dentro.

— William, meu irmão, juntamente com os seus, lutaram até a morte, se a Igreja descobre que meus sobrinhos estão vivos, o que será que pode acontecer? — Tio Thomas expos que aquela reunião era sobre seu temor pela minha vida e a de meus irmãos.

— Estão bem guardados aqui, Sir, não se preocupe, pois, nada vai acontecer! — Cezar tentou tranquilizá-lo.

— Eu trabalho com o Rei, Cezar, vocês não conhecem os artifícios da Igreja, o próprio, as vezes cai em suas

armadilhas. Estamos falando de milhares de hectares dos quais Roma jamais vai abrir mão.

Meu tio estava muito preocupado porque sabia que precisava nos enviar para longe, porém, os colégios internos também tinham ligação com a Igreja e precisávamos achar uma solução para esse problema.

— Acho que tem uma maneira: veja bem, um rei nunca diz seu verdadeiro nome e nunca ninguém questionou isso, não acha que poderíamos fazer semelhante com seus sobrinhos?

— Não estou entendendo, como se dará isso? — Meu tio perguntou.

— Por ordem sua, eu próprio posso ir ter com o Rei Henrique VII para pedir documentos em branco para serem preenchidos aqui. — Sugeriu Cezar, e continuou:

— É simples, senhor, vou dar-lhe um exemplo: seu sobrinho mais velho se chama William Maxsuel Bolena Marchi, mas em seu novo documento, será apenas William Marchi. — Explicou.

— Sua ideia é boa Cezar, mas quando meus sobrinhos crescerem, como poderão requerer suas terras?

— Vosso irmão enviou os baús e, em um deles, haviam os documentos da família, estou certo?

— Está certo. Esses documentos estão comigo, esse baú foi o primeiro a ser desembarcado, meu irmão era muito sábio.

— O senhor guarda esses documentos para quando seus sobrinhos quiserem requerer o que os pertence, enquanto isso, usam os novos.

— Cezar, você bem sabe que se fizermos isso estaremos adulterando documentos da Igreja e, para esse crime, a sentença é a força.

— Sir Thomas, esse é um risco que teremos que enfrentar, com a aprovação do Rei Henrique, acredito que,

se acontecer algo ele próprio não vai se recusar a nos ajudar.

— Analisando por esse lado, penso que não teremos problemas, porém, esses documentos devem vir em branco e não podemos esquecer do carimbo da Igreja. Outra coisa, não podemos revelar isso a ninguém; somente o Rei pode ficar sabendo o que pretendemos fazer.

— Desculpe interromper tio, mas quero lembrá-lo de Lucas. Ele não possui documentos, como podemos ajudá-lo?
— Eu disse.

— Isso será mais fácil, William, usaremos o sobrenome de sua família e faremos documentos para ele também, pois, sem eles, não é possível matricular ninguém em colégio algum.

Nossa reunião acabou e meu tio estava contente, agora era questão de dias para colocar em prática o que planejamos.

VII. Em busca do Sr. Aruaque

Fomos dormir tarde e no outro dia, logo pela manhã, Cezar viajou para falar com o Rei Henrique conforme havia sido combinado; seria uma viagem longa porque ele estava em Londres. Enquanto isso, meu tio pediu que preparassem uma carruagem para voltarmos à Orcam visitar o Sr. e a Sra. Aruaque.

Que surpresa tivemos quando chegamos e não encontramos mais nada, não havia nem sinal que alguém um dia tivesse feito uma fogueira por ali. Eu fiquei embaraçado diante do que estava acontecendo.

— Por Deus, tio Thomas, jamais eu ou meus irmãos mentiríamos para o senhor! — Disse sem entender.

— Tio, havia uma choupana aqui, eles cuidaram de nós! — Thomas confirmou.

— É verdade, a Sra. Aruaque até cantou para dormirmos como mamãe fazia! — Garantiu Dancam.

— Não estou dizendo que vocês estão mentindo para mim, aliás, não estou dizendo nada. Fiquei apenas pensando sobre o que poderia ter acontecido, jamais duvidaria de meus sobrinhos. — Disse tio Thomas.

Para tentar entender, perguntou-nos como havíamos conhecido o casal de irmãos e respondi que, primeiro conheci ele quando estava com Thomas na igreja e o Sr. Aruaque até nos deu bons conselhos e, depois daquela tragédia, nós o encontramos mais uma vez, então conhecemos a Sra. Aruaque, sua irmã. Meu tio se mostrou muito interessado e continuou fazendo perguntas.

— Eles se apresentaram com esses nomes?

— Sim, tio, foi o que nos disseram. — Respondi.

— Como eles se vestiam, qual sua aparência?

— Bem, vou tentar descrevê-los: os dois andavam seminus e tinham vários rosários feitos de pau em volta do pescoço.

Meu tio interrompeu-me:

— Até a mulher andava seminua?

— Sim, nem sei como aguentavam o frio que fazia.

— Prossiga, William, fale mais sobre esses irmãos. —
Pedi-me.

— Eles são fortes, têm cabelos negros e lisos e pele escura, os dois gostavam muito de se enfeitar com tinta de várias cores e também usavam penas de aves na cabeça. Quando iriam orar por nós, usavam um chocalho que me dava até medo.

— Estranho, William, não conheço ninguém com a descrição que me deu, e olha que tenho andado muito em viagem por todas as partes da Inglaterra e nunca me deparei com alguém com essas características. De qualquer forma, vamos procurar mais um pouco, pois a curiosidade está me matando!

— Gostaria tanto de encontrá-los para poder mostrar minha gratidão...

— William, seu coração é muito generoso e valente como era o do vosso pai, que bom! Sabe, meu sobrinho, pode ser que essas pessoas estejam a se esconder.

— Por que pensa isso, tio? — Perguntei curioso.

— Porque os pobres e desfavorecidos são marginalizados pelos que têm poder e, quando essas pessoas, além disso, são diferentes, William, as coisas ficam bem piores, inclusive, em alguns países, tem gente sendo tratada como animais selvagens.

— Mas são seres humanos como nós, tio! Não há nada que possamos fazer por eles?

— Sinto muito, mas hoje não podemos fazer nada; mas quem sabe um dia possamos, e outra coisa, vocês

crescerão e se eu não conseguir, com certeza vocês conseguirão.

— E a igreja não faz nada a esse respeito? — Quis saber.

— Penso que não, William. Fiquei sabendo que os próprios dirigentes da Igreja mantêm muitos em cativeiro para o trabalho nas lavouras de grãos, assim não precisam pagar pela mão de obra.

— Quero que Deus me abençoe para poder salvar pelo menos um das mãos desses costas oca! — Disse Thomas indignado.

— Para isso acontecer, Thomas, você precisa estudar, crescer e se misturar aos barões, só assim, terá meios para enganá-los e poder salvar esses pobres coitados. — Meu tio respondeu.

— Um dia eu farei, tio, prometo!

Dancam também se manifestou:

— Desejo ajudar essas pessoas assim como Thomas, desde que papai e mamãe morreram, tudo que faço é pensar em uma maneira de me vingar desses malditos costas oca!

— Com vingança em seu coração, Dancam, você não vai conseguir nada, o que passou já foi e não volta mais; não será com vingança que teu coração ficará melhor, mas sim com muita fé e esperança.

Tio Thomas pediu a Dancam que esquecesse essa palavra e lembrou-o que nossos pais não iriam gostar de ela estar em seus pensamentos.

— E mais, a vingança não vai trazer seus pais de volta. — Concluiu.

— A vingança não vai trazer papai e mamãe de volta, mas eu aposto com o senhor que ficarei bem mais feliz! — Dancam disse convicto.

— Ouçam-me vocês três! Por acaso pensam que Jesus ficará feliz com esse sentimento que carregam dentro

do coração? Não, ele não ficará feliz! Deixem que o tempo se encarregue de cobrar essa dívida.

Nos falou que esse é um grande momento da nossa vida e que, um passo em falso, e aqueles homens maus saberão que estamos vivos e voltarão para dar fim em nós.

— Por favor, estudem, cresçam, depois, Deus em sua infinita misericórdia, lhes dirá o que fazer. Por hora, quero pedir que vocês três esqueçam da vingança. — Tio Thomas insistiu.

Thomas e Dancam disseram que jamais conseguiriam esquecer tudo o que fizeram com nossos pais, nossos amigos e nossa casa, ainda mais depois de saber que escravizavam pessoas.

— Não se revolte conosco, tio, mas será difícil deitar e levantar sem lembrarmos de tudo que nos aconteceu; nos perdoe! — Eu respondi.

Nosso tio olhou-nos um pouco triste e falou que só queria que tivéssemos um futuro próspero e que Deus iluminasse cada decisão que tomássemos, disse também que não tocaria mais nesse assunto mas teríamos que prometer saber esperar e fazer tudo do jeito certo.

— Eu entendo cada um de vocês e quero que saibam que podem contar comigo, pois, estarei sempre pronto para ajudar no que for preciso. Nunca esqueçam disso!

Conversamos muito durante essa procura pelo Sr. Aruaque e sua irmã e ele nos deu ótimos conselhos. Descansei meu coração pois ele me fez enxergar que não nos abandonaria em hipótese nenhuma. Não sei explicar, mas naquela tarde senti a presença de papai e de mamãe bem perto de mim, foi um pouco confuso, mas real.

Depois, Thomas e Lucas contaram, com lágrimas nos olhos, ter sentido a presença de nossos pais também.

— Eles estão aqui. — Disseram.

Meu tio falou que aquela sensação era por estarmos pensando muito neles, mas assegurei-lhe que era real.

— Meu irmão William, minha cunhada Seline, por favor, continuem na glória do Pai, vossos filhos estão muito bem guardados; descansem em paz! — Tio Thomas disse com certo medo na voz, em seguida fez uma oração.

“Em nome de Jesus Cristo e pelo poder de seu sangue, pela interseção de Maria, mãe de Jesus, rogo, meu irmão William e minha cunhada Seline, que acolham a luz; que suas almas se revistam da Luz e que os Arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael os ajudem a seguir seu caminho. Jesus, Maria e todos os Anjos, defendei-nos nessa hora! Amém!”

Depois perguntou-nos se ainda sentíamos alguma coisa e respondemos que não mais.

— Graças a Deus! A única coisa de que tenho medo nessa vida é de um dia me deparar com alguém que já passou dessa vida para a outra, morro só de pensar em ver alguém que já morreu! Meu Deus, me defenda nesse dia, que meus olhos não sejam capazes de enxergar no momento em que isso acontecer! — Meu tio disse um pouco perturbado.

— Tio, mas o senhor tem medo até do vosso irmão?
— Perguntei.

— O meu medo é tanto, William, que acho que morro!

Meus irmãos e eu começamos a rir do medo do tio Thomas, foi muito engraçado! Acredito que papai e mamãe estão na luz e só vieram nos visitar para trazer-nos um pouco de conforto porque, depois daquela hora, nós ficamos mais felizes e com uma certa paz no coração, coisa que não tinha explicação.

Confessei para meu tio que também tinha muito medo das pessoas que já haviam morrido e que, só de pensar, me arrepiava inteiro, mas que a presença de papai e mamãe só trouxeram conforto.

Thomas e Dancam disseram que tinham muito medo assim como nós, mas o do meu tio, com certeza era bem maior; ele estava tremendo, pálido e mal conseguiu fazer a oração de tanto que gaguejava, tropeçando nas palavras. Pobre do tio Thomas!

— Vamos parar de falar nesse assunto na frente dele, vejam como fica, parece até que viu um fantasma! — Disse aos meus irmãos.

— Basta desse assunto porque já se esgotou minha cota de medo por hoje! — Falou meu tio.

— Se sua cota já se esgotou, então quer dizer que o senhor não tem mais medo? — Dancam perguntou.

— Ao contrário, Dancam, eu tenho medo até de falar, mas tenho que confessar-lhes que também senti a presença de seus pais. Não quero nem lembrar!

Andamos procurando e perguntando, mas não conseguimos saber nada sobre o Sr. Aruaque e sua irmã, ninguém conhecia nem sequer tinha ouvido falar dos dois. Foi então que meu tio propôs que voltássemos para Chamos para procurar um lugar para pernoitarmos, pois não dava mais para retornarmos para York. Concordamos em ficar e voltar na manhã seguinte. Orcam não era bem uma cidade, parecia mais com um vilarejo grande, aos nossos olhos, era uma cidade pequena.

Paramos em uma pensão para podermos jantar e passar a noite, e meus olhos marejaram ao ouvir todos comentarem sobre a chacina que tinham sofrido Sir. William e sua família. Tio Thomas pediu para mantermos a cabeça abaixada até estarmos nos aposentos afim de que ninguém nos reconhecesse.

— Pedirei que tragam o jantar no quarto; conheço algumas pessoas que estão aqui no salão e precisarei ficar um pouco para falar com elas. — Avisou.

Entramos pelos fundos e meu tio disse ao dono da pensão que éramos soldados que tinham sofrido uma

emboscada na estrada e por isso precisavam de paz. O homem falou que logo pediria para levar nossa refeição, mas tio Thomas avisou que ele mesmo faria isso. O dono da pensão compreendeu e não fez mais perguntas, em gratidão pela descrição, recebeu uma boa quantia em dinheiro.

Da janela do quarto fiquei observando a noite e como são belas as estrelas e, com os braços cruzados no parapeito, o pensamento foi longe... “Essa é minha cidadezinha... um dia voltarei para cá sem me esconder, de cabeça erguida e pronto para um bom combate. Tomarei posse de tudo o que me pertence por direito!” Olhando as maravilhas de Deus e pensando em meu regresso, fiz uma oração que tio Thomas me ensinou e convidei meus irmãos para se unirem a mim e dizermos juntos as palavras que aprendemos com papai. Fazer isso nos fortalecia.

— William, será que um dia vamos poder voltar para cá? — Perguntou Thomas.

Olhei bem para meu irmão e disse a ele que poderia contar com isso. Dancam queria que aproveitássemos aquela noite para voltarmos à casa de nossos pais, pois sentia imensas saudades, mas o convenci de que era muito arriscado e de que teria que ter paciência.

— Lembre-se que papai nos dizia que a paciência é uma virtude santa! Vamos descansar, pois amanhã será um novo dia.

Fomos dormir. Tarde da noite, acordei com o choro de Dancam, preocupado, perguntei o que estava acontecendo. Ele respondeu que não conseguia dormir porque a saudade de mamãe era demais e que não achava justo ter de viver sem eles. Abraçando meu irmãozinho tentei confortá-lo:

— Vai passar Dancam, eu entendo seu sofrimento, nós estamos sofrendo muito também.

De repente alguém começou a cantar e Dancam levantou-se da cama num salto.

— Ouça, William, é a mamãe! — Falou.

— Estou ouvindo também, mas não pode ser a mamãe... — Respondi.

— Sim, é a mamãe, veja ali! — Dancam apontou com felicidade nos olhos.

— Deus do céu, é a senhora, mamãe?

— Sim filho, acalmem seus corações, pois seu pai e eu estamos bem e vim trazer-lhes paz e segurança. Ah, meu bebezinho Dancam, não chore, nada acabou, estou aqui! William, meu rapazinho, cada dia que passa está mais parecido com vosso pai. — Minha mãe disse serena.

Nesse momento, Thomas, que estava dormindo, acordou.

— Mamãe, é a senhora? — Perguntou.

— Sim filho, como você está belo! — Mamãe respondeu e chamou-nos para perto.

— Vim para falar-lhes que não olhem para trás, sigam em frente, pois, a missão de vocês é árdua. Também quero que entendam que jamais vou abandoná-los, por toda a vida de vocês vamos estar presentes, não só eu, mas vosso pai também.

— Onde a senhora está é bonito? — Perguntei um tanto assustado.

— Ah, William, nada se compara a esse lugar, a morada de Deus é linda!

Então foi a vez de Dancam:

— Mamãe, a senhora virou uma mãe fantasma?

— Não, querido, não sou fantasma, sou apenas sua mãe. Eu assustei você, meu filho? — Respondeu num sorriso.

— Não, mamãe, não assustou. Tudo o que a senhora está fazendo é me deixando feliz!

— Conte-nos mais desse lugar onde a senhora está. — Pediu Thomas.

Mamãe nos contou que havia um lindo rio brilhante com uma cascata enfeitando a cidade de Deus. Lá as flores têm muito mais cores e os pássaros não cansam de cantar.

— E como chama esse lugar? — Perguntei.

— Santuário do Altíssimo, morada de Deus Pai todo poderoso.

— E podemos ir para lá com a senhora?

— Podem sim, mas só depois que realizarem vossa missão. Estarei os esperando nesse lugar onde é tudo muito lindo e trabalhamos bastante.

— Mamãe, eu gosto de trabalhar, pode me levar agora com a senhora? Eu quero muito ir! — Dancam pediu.

— Dessa vez não pode vir com a mamãe, mas pense que poderei vir visitá-los todos os dias. Isso não é fantástico?!

Nos pediu para voltarmos para a cama e adormecemos no embalo da sua voz cantando para dormirmos.

— Boa noite filhos, que os Anjos estejam sempre vos guardando e que Deus os abençoe! — Foi a última coisa que ouvi antes de pegar no sono.

Acordei assustado.

Desde que papai e mamãe morreram essa foi a primeira noite que não tive pesadelos. Estava sentindo o cheiro de mamãe.

— Thomas, Dancam, acordem! Me digam o que estão sentindo.

Dancam, ainda meio dormindo disse:

— Estou feliz porque sonhei com mamãe e nesse sonho ela cantava para nós.

— Nada disso, eu é que sonhei com a mamãe! E como sabe que ela cantava para nós, Dancam? — Retrucou Thomas.

— Irmãos, mamãe veio nos visitar, só pode ser! Também tive esse sonho. — Concluí.

Ficamos muito felizes e com uma sensação muito boa de alívio. Então propus a Thomas e Dancam que não falássemos sobre isso para ninguém, nem para o tio Thomas, seria um segredo nosso.

— Está ouvindo Dancam, não devemos contar para ninguém! Acharão que estamos loucos, por isso, é melhor fazer como William disse. — Thomas falou.

— Não entendo porque acham que vou dizer o que aconteceu para alguém. — Dancam respondeu.

— Porque você é o único que gosta de espalhar notícias... — Insistiu Thomas.

— Pois, dessa vez vocês dois se enganaram! Da minha boca ninguém vai ficar sabendo de nada. — Garantiu.

Encerramos o assunto porque tio Thomas estava do lado de fora do quarto pedindo para abriremos a porta.

— Bom dia, meninos, dormiram bem? Trouxe o café da manhã, apressem-se em tomá-lo para sairmos antes que os outros hóspedes acordem e fiquem bisbilhotando. — Disse tio Thomas.

Voltamos para York e, no caminho, nosso tio lamentou não termos encontrado o casal de irmãos que tanto tinham nos ajudado.

— É mesmo uma pena! Mas será que aconteceu algo com vocês essa noite para estarem tão felizes e sorridentes? — Perguntou curioso.

Respondi apenas que tivemos uma noite boa e conseguimos dormir bem.

— Gosto de vê-los assim. — Respondeu.

Ao chegarmos, seguimos direto para o escritório, pois queríamos pesquisar sobre os colégios da França. Estávamos motivados pela ideia de nos capacitarmos para bem cumprir nossa missão, seja ela qual fosse; queríamos crescer e vencer. Dancam disse-nos que tinha pressa

porque queria ir logo morar com mamãe e tinha certeza que ela estava à sua espera em algum lugar lá no Santuário do Altíssimo.

— Pare de falar bobagens, Dancam! Para que você vá morar com mamãe é preciso que morra! — Advertiu Thomas.

— É verdade! Mamãe não quer que nenhum de nós morra. — Completei.

— Vou sempre dizer essas coisas e vocês não vão me impedir, vou morar com a mamãe e vocês não podem fazer nada! — Dancam disse determinado.

— Tudo bem, vá então morar com a mamãe. Nada faremos. — Respondi.

— Não cumpro ordens de vocês, vou morar com a mamãe quando eu quiser e não porque estão deixando! — Retrucou.

— Por Deus, Dancam, como você é difícil de lidar! — Thomas concluiu.

Não foi difícil encontrar o colégio que iríamos ficar pois, meu tio já havia pesquisado alguns e recolhido ótimas informações sobre o Balea. Agora só faltava Cezar regressar de Londres com nossos novos documentos para que pudéssemos partir.

Passaram-se quinze dias e nada de Cezar voltar, estávamos muito ansiosos pelo seu regresso. Durante esse tempo de espera na casa de tio Thomas, aprendemos que tudo vêm de Deus e que só precisávamos ter paciência, coragem, caridade e fé; aproveitamos para brincar bastante com nossos primos também.

Me acostumei com a presença de Ana, pois brincávamos todos os dias; ela montava em minhas costas e eu corria pelos campos verdes. “Como vou partir e deixá-la?” — Pensava. Ana era bondosa e amorosa, também briguenta e birrenta, sendo a caçula, todos a mimavam, Ana fazia o que queria e nunca levou um tapinha sequer. Minha

tia dizia que ela era uma princesa e que um dia seria Rainha. Maria, sua irmã, durante todo esse tempo que ficamos morando com eles, nunca brincou com Ana e a desprezava, bem diferente de Jorge que, ao contrário, sempre estava junto dela, brincavam felizes e estavam sempre sorrindo.

Eles eram minha família agora e sabia que queriam ver meus irmãos e eu bem.

No vigésimo oitavo dia do mês, Cezar finalmente regressou e trouxe ótimas notícias: havia conseguido nossos novos documentos e, a partir desse momento, nos chamávamos William Marchi, Thomas Marchi e Dancam Marchi.

Tio Thomas explicou-nos que esse sobrenome existia em muitas famílias, diferente de Maxsuel e Bolena, que poucos possuíam, assim sendo, podíamos ficar tranquilos porque ninguém nunca saberia quem éramos; nosso segredo estava bem guardado. Ficamos felizes e meu tio agradeceu a Cezar pelo excelente trabalho.

— Papai, eu quero um documento desses para mim, pois desejo ser duas pessoas também. — Pediu meu primo Jorge.

— Esse é o seu nome de batismo e é assim que será, filho, você não precisa ter outro documento. — Tio Thomas respondeu.

— O que eu preciso fazer para vocês me darem novos documentos? — Jorge insistiu.

— Hora, hora... você não acha que é muito pequeno para querer novos documentos? — Respondeu-lhe e, olhando para nós todos, lembrou que aqueles documentos que fizemos eram ilegais e que jamais tentássemos fazer nada semelhante.

Apesar dos documentos prontos, teríamos que esperar o ano se acabar para ingressar numa turma nova, enquanto isso, meus tios se ocupavam com os preparativos

para nossa partida. Nesse tempo só brincávamos e sorriamos tentando esquecer o passado.

Minha tia mandou fazer para nós muitas roupas finas e elegantes que juntas, somaram oito baús. Ela nos explicou que, nesses colégios, para sermos bem aceitos e tratados era preciso estarmos sempre muito bem vestidos e que, quanto mais baús com roupas e enxovais chegassem conosco, mais seríamos considerados. No total, estavam prontos para seguir com a gente oito baús de roupas, dez baús com enxovais e um baú com moedas de ouro; fora tudo isso, meu tio tinha que fazer um pagamento mensal para nos manter no colégio.

Finalmente chegou o dia da tão esperada viagem, tio Thomas mandou preparar duas de suas melhores carruagens para nos conduzir.

— Vamos sentir saudades de vocês, meninos, mas garanto que essa é a melhor opção e não deixarei que nada lhes falte. Irei visitá-los a cada dois meses, essa é uma promessa! Quero que estudem com afinco e sem levar isso como algum tipo de diversão; nessa nossa vida há um tempo para cada coisa e esse é o momento de aprender. — Meu tio nos aconselhou.

Continuou dizendo que, com a fortuna que nosso pai nos deixou, poderemos viver felizes e em paz pelo resto da vida, mas advertiu-nos para usá-la com sabedoria na intenção de dobrar ou até, triplicá-la.

— William, você é o mais velho e deve cuidar de seus irmãos; atenção às ciladas e artimanhas do maligno. Cuidem-se e estejam sempre vigilantes! Tenham certeza de que farei de tudo para sempre estar perto de vocês.

Estávamos preparados em frente à carruagem quando Ana se aproximou de mim e me entregou um botão de rosa branca.

— Volte para podermos brincar, será que vai esquecer-te de mim? — Perguntou.

Eu a abracei e disse que, mesmo que quisesse, não conseguiria esquecer uma menininha como ela e que quando precisasse de mim, em qualquer ocasião, poderia contar comigo.

— Você é como esse botão de rosa branca que logo vai desabrochar. Cuide-se Ana! — Respondi.

Então despedimo-nos de todos e entrei na carruagem onde Lucas e meus irmãos já esperavam. Seguimos viagem à França ansiosos por chegar no nosso destino. Durante o trajeto, passamos por várias cidades e vilarejos e vimos a doença e a miséria, a desigualdade estava dominando o mundo. Cesar, que viajava conosco, disse-nos que isso acontecia desde o início dos tempos.

Perguntei a ele se existia alguém que pudesse mudar isso e ele me respondeu que era possível mudar, porém, as pessoas que promoviam essa divisão precisavam nascer de novo com espírito mais evoluído, para então agir de forma diferente. E disse mais, que Deus está sempre perto de nós, mas esses homens estão tão imbuídos do egoísmo que não conseguem percebê-lo.

— Sr. Cesar, como vou saber que não sou como essas pessoas? — Perguntei.

— William, não podemos matar e nem roubar; a soberba e a avareza nos afastam do caminho que leva a Deus, a luxúria e a ira destroem nosso coração; a gula, a inveja e a preguiça devastam nossa mente e alma; ou seja, devemos nos afastar de tudo o que desagrade a Deus. — Respondeu.

— O senhor já cometeu esses pecados?

— Eu luto para não cometer, mas cada dia é um novo desafio; eu queria ser diferente e fazer somente coisas que alegrem a Deus, porém ainda não consegui.

— Não fique triste, porque, apesar de tudo, o senhor se esforça para agradar a Deus. — Encorajei-o.

— É tão simples e, ao mesmo tempo, tão difícil! Sabe, William, é preciso ter sabedoria, tolerância para com as pessoas, aconselhar para o bem, ter piedade em seu coração e o mais importante, respeitar a Deus como senhor de nossa vida.

— Se assim fizer, não terei problemas em minha vida?

— O que quero dizer é que, se com Deus já é difícil, imagine o que faríamos sem Ele! — Me esclareceu.

O colégio era gigantesco e logo fomos recebidos pelo Arcebispo Mahoney, enquanto Cezar cuidava da nossa matrícula, Pe. Verne nos levou até nosso quarto.

— Gostam de seus aposentos, garotos? — Pe. Verne perguntou.

— Está ótimo, senhor, é até muito para nós, não precisava tanto. — Respondi.

— Vosso tio pediu que fosse assim, também solicitou que no quarto houvessem acomodações para os quatro.

— É isso mesmo, sou o mais velho e prefiro eu mesmo cuidar de meus irmãos.

Padre Verne avisou-nos então que o almoço já estava sendo servido e que depois nos levaria para conhecer o colégio. Após o almoço fomos nos despedir do Sr. Cezar e o agradei por ter nos acompanhado na viagem, ele me disse que, todas as vezes que tio Thomas viesse nos visitar, ele faria questão de vir também.

De volta ao nosso quarto, Thomas comentou entusiasmado:

— É fantástico esse lugar, vocês não acham?

— É mesmo uma beleza! Nosso tio deve ter disponibilizado quase metade de nossa fortuna para nos manter aqui. Que Deus o abençoe! — Respondi.

— Tanto faz, não é o tio Thomas que está pagando por isso, esse é o dinheiro que papai e mamãe deixaram para nós. — Dancam protestou chateado.

— Porque fala assim, Dancam? Se nosso tio não se importasse conosco, essa hora ainda estaríamos lá correndo todo tipo de riscos. Lembre-se que, se quisesse, ele mesmo gastaria toda a nossa fortuna, não esqueça que todos pensam que estamos mortos, mas não, ele só pensa no nosso bem. — Retruquei.

— Já disse que tanto faz, não ligo se tenho dinheiro ou não! — Respondeu.

Dancam deitou-se na cama e começou a chorar; eu não sabia o que fazer nem como podia ajudá-lo, a única certeza que tinha era a da obrigação de cuidar de meus irmãos. Meu irmãozinho revelou-me que estava revoltado com nosso tio porque nos quis fora de sua casa. Então pedi que não pensasse assim, pois tio Thomas percebeu que corríamos perigo lá e precisava fazer algo para o nosso bem.

— Vamos desfazer nossa bagagem porque amanhã temos aula cedo e não podemos nos atrasar. — Tentei animá-lo.

Foi muito difícil para acostumarmos, pensamos que nunca conseguiríamos falar como eles, mas o tempo passou e logo estávamos falando e escrevendo em francês.

Mamãe sempre vinha nos visitar e revigorava nossa alma, principalmente a de Dancam, que não conseguia aceitar viver sem papai e mamãe. Creio que é por causa dele que ela sempre vinha nos visitar.

Meu tio Thomas e Cezar vinham sempre estar conosco e traziam notícias de meus primos, por isso, sabíamos sempre o que estava acontecendo; suas visitas eram motivo de festa para nós.

Num desses dias, contou-nos que sonhava em ver-nos formados e dizia que papai se orgulharia muito disso. Assim sendo, resolvemos cursar direito, não que gostássemos, mas queríamos alegrar seu coração que tanto havia feito por nós; na realidade, falo por mim. Meus irmãos

e eu queríamos montar um negócio para trabalharmos honestamente, mas penso que meu tio está certo e que a faculdade de direito vai nos ajudar muito, além do mais, para quem já está nesse colégio a tanto tempo, ficar mais um pouco não vai custar a vida.

Lucas estava conosco o tempo inteiro, tudo que fazíamos ele também fazia, o considerávamos como irmão e, às vezes, ele até nos aconselhava.

Participávamos da missa todos os dias, não por vontade, mas por exigência dos Bispos e Padres. Fui ficando com raiva daquilo porque acredito que ninguém pode ser obrigado a fazer algo que não queira, mas íamos felizes para que não levassem reclamações nossas a meu tio.

— Faremos tudo o que for preciso, está quase acabando e logo iremos nos formar. — Disse a meus irmãos.

— Quando sairmos daqui, nunca mais vou à missa, comprarei um desses livrinhos do Pe. Verne e estudarei em casa mesmo. — Dancam respondeu.

— Meu irmão, pela primeira vez te vejo falar algo bom! Mas esperem, você disse uma coisa que me deixou intrigado: não temos casa, voltaremos a morar com tio Thomas?

Dancam mesmo respondeu:

— Como não temos casa? Temos uma que fica em Orcam e é para lá que desejo ir.

— Compraremos o Castelo de Chamos que fica em nossas terras, o que acha William? — Thomas deu a ideia.

— Estamos prestes a finalizar nossos estudos e, se fizermos tudo certo, teremos nossas terras de volta; não somos mais meninos nem temos mais medo, nada nos impedirá! — Respondi.

— William, você acha que vamos conseguir passar nos exames finais? — Dancam perguntou.

— Claro que sim, nascemos para vencer! Só gostaria que sorrisse mais... mostre para a tristeza que aqui, com os

irmãos Marchi, ela tem que pular de alegria. Talvez percamos algumas batalhas, mas na guerra, a vitória é nossa!

Éramos rapazes belos e de boa aparência, optamos em deixar os cabelos compridos e as barbas serradas e Lucas dizia que tínhamos porte de advogados. Lucas sempre lembrava que, se não tivéssemos entrado em sua vida, ele estaria morto nesse momento e que jamais nos abandonaria, onde quer que fôssemos estaria conosco.

O tempo passou.

VIII. Um amor, uma perda, uma emboscada

Tínhamos nossa própria carruagem e andávamos livres pelas ruas da cidade, um dia desses, fomos à igreja de Santa Ana a pedido do Arcebispo Mahoney porque estavam precisando de uma colaboração generosa para o convento e poderíamos ajudar.

Thomas não queria fazer isso porque foi por causa da Igreja que mataram nossos pais, mas pedi que apenas visitássemos o lugar, pois nem todos eram iguais.

Foi nesse dia, na hora da confissão, logo após a missa, que a vi pela primeira vez. Fiquei parado contemplando sua beleza até que Lucas se aproximou.

— William, tudo bem? Está na fila da confissão, sei que não é dessas coisas... Thomas e Dancam nos esperam na carruagem. — Chamou-me.

— Diga a eles que não demoro, por favor. — Pedi.

Lucas saiu e continuei olhando até que resolvi chegar perto dela e perguntei seu nome.

— Me perdoe cavalheiro, mas não posso falar-te. — Ela respondeu e retirou-se, andou uns passos, olhou para trás e disse bem baixinho “Sinto muito!”.

Voltei para a carruagem um tanto triste e contei para meus irmãos o que havia acontecido. Voltamos para o colégio e Thomas tentou ajudar-me:

— Se você quiser, William, volto e descubro tudo sobre essa senhorita.

— Se trata de uma freira e vou fazê-la sofrer se deixar que vá. Além do mais, você não a viu e não sabe de quem estou falando. — Respondi desanimado.

— Eu vi a moça, William, posso acompanhar Thomas se quiser. — Lucas sugeriu.

Dancam resolveu o impasse:

— Por Deus, vão logo! Será que não enxergaram que o amor bateu na porta do coração de William? Vão, e não voltem aqui sem alguma coisa.

Enquanto Thomas e Lucas foram tentar descobrir alguma coisa sobre a freirinha para mim, fiz uma oração.

“Jesus, nosso mestre, nos disseste que a vida eterna consiste em conhecer a Vós e a vosso Pai, assim sendo, derramai hoje sobre nós a graça de poder discernir todas essas palavras. Enviai seus Anjos afim de que nos iluminem, nos guiem e nos fortaleçam no nosso seguimento, porque sois o único caminho que leva ao Pai. Fazei-nos crescer em vosso amor para que sejamos testemunhas vivas de suas palavras, juntamente com vossa mãe Maria, nossa mestra, com quem gostaríamos sempre de poder aprender. Amém.”

Os dois voltaram logo, estava ansioso pelo que eles haviam descoberto sobre a freirinha.

— Meu irmão, é muito difícil conseguir saber algo sobre essas moças e só o que descobrimos é que servem à igreja de Santa Ana e moram no convento que fica nos fundos. Mas todas as manhãs, algumas delas vão até o estábulo ordenhar as vacas, nesse horário não será difícil conseguir encontrá-la. — Thomas me contou o que conseguiram saber.

— Como entrarei, aqueles muros são altos demais! — Me queixei.

— Ficamos sabendo também que a igreja abre às seis horas da manhã, então não precisará pular muro nenhum, basta usar o acesso por lá. — Continuou.

Isso me fez ficar animado, pois haveria uma chance de poder encontrá-la.

Mas Lucas alertou-me:

— Só terá um problema, meu irmão, a Madre Superiora desse convento é a Sra. Sara, que todos conhecemos como a mulher mais cruel de toda a face da terra. Você a conhece e sabe do que ela é capaz de fazer caso descubra que você está de olho em uma de suas freirinhas.

— Acho que estou apaixonado por essa moça e vou correr o risco.

— Gosto não se discute, mas, por Deus William, com tantas mulheres no mundo, você tinha que se apaixonar logo por uma freira? E outra, você à viu apenas uma vez, como pode ter se apaixonado? — Dancam me questionou.

— Quer saber, não sei o que me aconteceu... simplesmente me apaixonei e pronto! — Respondi.

— Então pode tratar de desapaixonar porque isso só vai nos trazer problemas!

— Não mandamos no coração, Dancam!

Na manhã seguinte lá estava eu e, logo após a missa das seis, fui caminhando e conversando com os Padres e sacristãos que ainda estavam por ali até que fiquei sozinho no fundo da igreja. Andei por alguns minutos até achar o tal estábulo tomando todo o cuidado para que ninguém me visse, então a encontrei; estava só ordenhando as vacas e me aproximei com cuidado, meu coração estava a ponto de sair pela boca, minhas pernas tremiam e minhas mãos suavam como nunca antes, quando a olhei seus olhos brilharam de volta para mim.

— Por favor, não tenha medo de mim, pois nada te farei, só quero conversar. — Eu disse.

— Posso pagar com a vida se alguém nos vir juntos. — Ela me respondeu.

— Não tenha medo, tomei as devidas precauções.

— Não fique aí, senhor, entre e se esconda em algum lugar, eu vou trabalhando enquanto conversamos.

— Me diga como devo chamá-la.

— Meu nome é Alicia, senhor.

— Para mim é um grande prazer, Alicia; me chamo William, seu admirador.

— Penso que já conversamos muito, Sr. William, é hora de se retirar.

— Mas só sei o seu nome, por favor, deixe-me ficar mais! Também, não me chame de senhor.

Alicia ficou com a face corada de vergonha. Será que estou sendo atrevido? Não era o que eu queria...

— Terei que entrar agora, senhor, pois se aparecer alguém poderá pensar algo de errado sobre nós.

— Por favor, posso voltar amanhã para vê-la?

— Creio que não, senhor, sirvo a esse lugar há vários anos e, longe de mim desagradar a Madre. Por favor, não volte mais.

Voltei para o colégio triste, tão triste que estava febril. Thomas perguntou se tinha conseguido vê-la e conversar com ela e respondi que sim.

— Alicia é linda como uma rosa branca, acho que a amo, o que devo fazer meu irmão?

— Não sei o que te dizer, pois nunca fiquei apaixonado. — Thomas respondeu.

— Ah, meu irmão, também não sei como posso te ajudar. Já estive com algumas mulheres, mas nunca fiquei assim como você. — Lucas me falou.

— Tudo o que eu queria era mais uma chance de vê-la novamente.

— Meu irmão, se queres encontrá-la de novo, basta que participe da missa e faça da mesma forma que hoje. — Dancam resumiu.

— É arriscado, Dancam, não posso participar da missa todos os dias afim de ver Alicia, alguém vai desconfiar.

— Não vão desconfiar se nós quatro formos e ficarmos te esperando; se alguém perguntar, diremos que está no confessional. Não se preocupe que enganar os Padres é um de nossos dons, lembra-se como fazíamos quando éramos crianças?

— Vocês fariam isso por mim?

— Com todo o gosto! — Falou Dancam.

— Bem, ir na missa todos os dias e ouvir as mentiras do Pe. Verne... — Thomas riu — Tudo bem, podem contar comigo!

— Para mim não é preciso nem perguntar! — Lucas disse.

E assim aconteceu: todo dia eu ficava admirando Alicia sem que ela notasse; acabei observando também os maus tratos praticados contra as internas e fiquei sabendo o horário exato em que ela ficava sozinha no estábulo. Um dia resolvi aproximar-me novamente.

— Olá, Alicia!

Alicia me olhou apavorada.

— O que queres aqui, o que pensa que está fazendo?

— Não me queira mal, Alicia, se estou aqui é porque te amo e a quero para mim. Pretendo fazer-te minha esposa, não tenha medo!

— Não tenho medo do senhor, tenho medo da Madre!

— Não me chame de senhor, por favor, meu nome é William.

— Tenho observado que vens me visitar todos os dias.

— Você me viu? Tomei tanto cuidado...

— William, se eu pude notar sua presença, outros também o farão.

— Vou tomar mais cuidado, prometo!

— Fico feliz porque estive me observando todo esse tempo e por estar aqui agora, penso em você todos os dias

da minha vida; eu estava para fugir desse lugar quando apareceu e só continuo aqui por sua causa.

Alicia falou que o convento era como uma prisão e perguntei por que não saía dali e voltava para sua família; ela me contou que não tinha casa nem para quem voltar.

Um dia se passou e no outro eu estava lá no estábulo com minha Alicia novamente dizendo a ela o quanto a amava e queria protegê-la. Abracei-a e beijei-a, eu era correspondido!

Alicia me pediu que tomasse sempre muito cuidado pois temia o que pudesse acontecer se alguém soubesse sobre nós. Voltei para o colégio feliz, sonhando com o dia seguinte quando poderia revê-la.

— Até parece que você regrediu, está com aparência de criança e vive rindo pelos cantos sozinho. — Reparou Thomas.

O fato era que, cada dia que passava, Alicia e eu estávamos mais apaixonados.

Num desses encontros ela me contou sobre as crueldades que aconteciam no convento e fiquei assustado com tantas maldades, eu tinha que fazer algo a respeito, pois minha Alicia morava ali. Pedi que esperasse até minha formatura quando poderia levá-la para morar comigo bem distante daquele lugar, onde formaríamos uma linda família.

— Mal consigo esperar por esse dia, rezo por você e seus irmãos sempre para que Deus os proteja. — Ela me disse.

Um dia, estava no estábulo esperando Alicia chegar quando tomei um grande susto: meu Deus, você está aqui, não posso acreditar! Minhas pernas tremiam e com voz trêmula disse:

— Sr. e Sra. Aruaque, quanto tempo! Nós procuramos muito por vocês... o que fazem aqui?

— Olá, William, você cresceu e está bem. Viemos novamente para dar-te bons conselhos. — Disse o Sr.

Aruaque.

Somente nesse momento percebi que aquele casal de irmãos não era desse mundo, então tremi ainda mais.

— Que conselhos são esses? — Perguntei.

— Estamos aqui, enviados pelo anjo Gabriel, para lhe dizer que uma espada ultrapassará seu coração, mas, em nome do grandioso Deus e do bondoso Jesus, que não lute contra isso. Você e seus irmãos são muito importantes para nós e não queremos ver sangue derramado, há muitas formas de vencer uma guerra sem sujar as mãos.

— O que vai me acontecer? Por favor, preciso saber!
— Perguntei aflito.

— Apenas faça o que tiver que fazer, mas não suje suas mãos de sangue, William, não vale a pena!

— Meus irmãos e eu sentimos muitas saudades de vocês, será que poderiam nos visitar algum dia desses? Eles não vão acreditar que falei com vocês!

— William, de agora em diante, seremos visitas constantes em suas vidas, estaremos sempre por perto. Agora temos que ir. — O Sr. e a Sra. Aruaque me disseram sorrindo.

Fechei meus olhos, respirei fundo e, quando os abri, eles já não estavam mais ali comigo. Eu parei de tremer e Alicia chegou e suavizou tudo com um beijo.

— William, a Madre ganhou quinze vaquinhas e o estábulo ficou pequeno, então vamos construir um curral para elas e você terá que ficar longe até terminarmos.

— De quantos dias estamos falando? Não sei se vou conseguir ficar muito tempo longe de você.

— Penso que, em vinte ou trinta dias, esteja tudo pronto.

— Serão vocês mesmas que farão?

— Sim, começaremos amanhã antes do nascer do Sol.

— Tudo bem, mas lembre-se sempre de mim, por favor, não vá me esquecer durante esse tempo!

— Nem se eu quisesse conseguiria.

Me disse que a única pessoa dali em quem confiava era a irmã Agnes e, se acontecesse algo, poderíamos mandar recados por ela.

— A irmã Agnes estará responsável pela limpeza da igreja neste período e será fácil falar com ela. Agora é hora de ir, meu amado, pois hoje passamos de todos os limites.

Nos despedimos e retornei para o colégio, lá estando, contei para meus irmãos sobre o Sr. e a Sra. Aruaque.

— Por isso que não os encontramos quando voltamos para procurá-los! — Lembrou Thomas.

— Isso é fantástico, temos dois fantasmas só para nós! — Dancam disse.

— Dois fantasmas não, três! Você esqueceu de nossa mãe... — Thomas completou.

— São apenas dois porque minha mãe não é fantasma!

Essa conversa deixou Lucas perturbado:

— Parem de falar de gente que já morreu, será que não percebem o quanto isso me assombra?

— Lucas, tanto o Sr. e a Sra. Aruaque quanto mamãe sempre te trataram com carinho e cuidaram de nós; presta atenção meu irmão, eles ainda vivem, somente sua carne morreu. — Esclareci.

Mas o fato era que não conseguia parar de pensar um só minuto nas palavras que o Sr. Aruaque havia me dito.

Pedi para Thomas ir até a igreja e perguntar para a irmã Agnes sobre Alicia, pois faziam dezoito dias que não tinha notícias dela. Meu irmão foi e, quando voltou, contou-me que ela não estava trabalhando na igreja, e sim, duas freiras que não sabia quem eram.

Os dias passaram e voltei à igreja, lá notei que o curral estava pronto, mas não vi Alicia. Então chamei meus irmãos e conversei com eles para que investigássemos o que tinha acontecido com ela, pois estava com mau pressentimento.

Trinta e oito dias sem saber de Alicia e meu peito queima de tanta saudade.

Quarenta e três dias que não a vejo e um aperto no peito me perturba.

Hoje fazem cinquenta e nove dias que estou distante de minha amada, meu Deus, me ajude! Sr. e Sra. Aruaque, por favor, se podem me ouvir, me ajudem a encontrá-la! O que fizeram com minha Alicia; será, meu Deus, que ela não me ama mais?

Meus irmãos me chamaram e pediram que fôssemos até o quarto porque precisavam me contar algo.

— William, sente-se que o que temos para falar é grave. — Recomendou Dancam.

— Pois bem, digam-me o que está acontecendo. — Insisti.

— Thomas, conte você o que escutamos. — Dancam pediu.

— Lucas, conte você porque estou com muita raiva para falar. — Thomas disse.

Então Lucas começou:

— Tudo bem. Estávamos na biblioteca e pedimos para o Pe. Peterson que nos deixasse terminar nossas pesquisas, então ele saiu e ficamos sozinhos lá dentro. De repente entraram o Arcebispo Mahoney e o Pe. Verne e nos escondemos para poder ouvir o que conversavam. O Arcebispo comentava que a Madre o havia contado sobre a freirinha que tinha morrido por não ter aguentado o castigo; o Padre ainda respondeu que era bom para servir de lição para as outras. Disse “Cerca de cinquenta dias atrás essa freira veio confessar-se e me disse que tinha caído em

pecado e estava apaixonada. Perguntei a ela de quem se tratava, mas a freirinha foi fiel e não me disse o nome. Então me pediu a benção e respondi que era um pecado grave e que teria que falar com a Madre. A moça chorou e me implorou mas, na mesma hora, a levei pelo braço.”

— E o Pe. Verne, o que ele disse? — Perguntei.

— Não disse muito, mas concordou com tudo. — Lucas respondeu.

Fiquei apavorado e não sabia o que fazer, só pedia que não fosse a minha Alicia.

No outro dia, Dancam veio me dizer que tinha ido até a igreja naquela manhã e havia visto Agnes no curral.

— Porque não levanta dessa cama e tenta saber o que aconteceu com Alicia? — Dancam disse, e também que estavam todos revoltados com o que tinham ouvido e que me apoiariam no que eu decidisse.

No dia seguinte, bem cedo, fui à igreja; com muito cuidado consegui chegar ao curral e, graças a Deus, Agnes estava lá. Fui até ela e pedi informações sobre Alicia.

— Não esconda nada de mim, sei que é amiga de Alicia e que, por várias vezes, ajudou em nossos encontros. Irmã Agnes, eu amo Alicia, me diga para onde a levaram que irei busca-la, por favor!

— Vou te dizer porque fui testemunha do grande amor que sentiam um pelo outro, só te peço que não faça nada quando eu te contar o que aconteceu, promete?

— Prometo que nada farei, apenas quero ir até ela onde quer que esteja.

— Isso não vai ser possível. — Agnes respondeu chorando.

— Que bom, ela ainda está aqui? — Perguntei esperançoso.

Agnes chorou mais ainda e falou:

— Alicia achou melhor confessar-se com o Arcebispo Mahoney pensando que ele entenderia e daria sua benção a

essa união de vocês, mas, pelo contrário, ele a condenou e denunciou para a Madre. Tentaram arrancar dela o nome do homem por quem havia se apaixonado, mas ela nada disse, para isso usaram todos os tipos de tortura com a pobre. Isso tudo foi feito na nossa frente para servir de lição. Quando a levaram para o calabouço Alicia estava irreconhecível.

— Existe calabouço aqui? Vou tirá-la de lá agora mesmo!

— Espere, não terminei de falar: sem comida, sem água e ferida, depois de trinta dias, Alicia morreu. Me perdoe, não tive coragem de ajudá-la, sabiam que éramos amigas e me torturariam também. Sei que fui covarde, hoje penso diferente e a defenderia nem que morresse com ela se fosse preciso, mas agora é tarde demais! Me perdoe, por favor!

Eu estava chorando feito uma criança, ajoelhei aos pés de Agnes e abracei suas pernas desesperado.

— O que farei sem Alicia?

— Reze rapaz, Alicia, com certeza não gostaria de vê-lo assim; para defendê-lo ela morreu, então, não permita que tenha sido em vão, não suje suas mãos de sangue. Tem outra coisa... Alicia esperava um filho seu.

— O que disse?

— Eu sinto muito!

Fiquei ainda mais desesperado, estava com ódio, com muito ódio!

— Onde estão enterrados, Agnes?

— Quando acontece esse tipo de coisa aqui, os corpos são queimados na fornalha, a mando da Madre, para que não haja prova de nada.

— É muita injustiça, é muita crueldade! Como essas pessoas dormem a noite?

Agnes estava muito perturbada com o ocorrido e isso fez com que, mais do que nunca, quisesse sair daquele lugar; certamente esse era um desejo comum entre as

moças que ali estavam. Então me pediu que, acaso soubesse de um lugar distante dali que pudesse aceita-la, a levasse, pois, podia lavar, cozinhar e até trabalhar na roça.

— Não tenho preguiça de trabalhar, assim pagarei pela minha estadia. — Falou.

— Porque não volta para sua família? — Quis saber.

— Não tenho família, fui deixada na porta desse convento quando nasci. — Respondeu.

Agnes contou-me que, como ela, quase todas as moças que estavam ali haviam chego da mesma forma. As outras eram filhas de pais ricos que ficavam grávidas e eram jogadas naquele lugar para esconder a vergonha; quanto aos bebês, ninguém sabia o que era feito deles.

Eu chorava num desespero sem tamanho, mas, mesmo assim, prestei atenção ao que Agnes me falava e pedi que ficasse sempre atenta, pois voltaria para buscá-la.

— Isso é uma promessa! — Assegurei.

Retornei com um sentimento de raiva muito grande e deitei em minha cama pensando no sofrimento pelo qual Alicia devia ter passado, também no meu bebezinho tão pequeno e frágil que não teve a chance de se defender porque lhe tiraram a vida antes mesmo de nascer. Se fosse menino teria o meu nome e, se fosse menina, chamaria Seline como minha mãe.

Lembrei-me então da frase que papai havia nos ensinado e, encorajado, chamei meus irmãos e disse a eles que, daquele dia em diante, iríamos apenas pagar nossa mensalidade.

— Não quero mais ouvir as palavras dízimo, doações ou ajuda, o que tivermos que fazer será pelos pobres e sofredores; a nossa contribuição para o colégio e para o convento está cortada a partir de hoje! Iremos embora daqui assim que pegarmos nosso diploma nas mãos.

— Voltaremos para a casa do tio Thomas? — Dancam perguntou.

— Não, irmão, vamos para Paris. Compraremos uma casa por lá e entraremos no ramo dos tecidos. — Respondi.

Sabia que esse segmento nos faria bem sucedidos já que tudo girava em torno dos tecidos pois, todos precisavam de roupas e queriam possuir belos enxovais, com bons atoalhados, cortinados finos e tapetes luxuosos.

— Eu também ficaria feliz em poder arruinar com aquele convento. — Desabafei.

— Não entendi, William. — Disse Lucas.

— É simples, Lucas: você já pensou o quanto essas freiras sofrem, já imaginou poder ajudá-las tirando elas daquele lugar e lhes oferecendo trabalho e moradia dignos para que possam ser livres? Essas moças não estão ali porque querem, mas por falta de opção. A libertação dessas mulheres é a ruína da Madre, e não falo só do convento, falo de qualquer lugar onde hajam pessoas precisando de nós.

— William, e o que faremos com o Arcebispo e o Padre? — Dancam perguntou.

— Esse é outro caso, vamos resolver um por vez.

Conversando chegamos à conclusão que estávamos todos de acordo e assim faríamos. A saudade de Alicia me machucava, mas também me mantinha firme.

O Arcebispo Mahoney chamou-nos em seu escritório para nos lembrar que ainda não tínhamos feito a contribuição daquele mês.

— Meu irmão pagou a nossa mensalidade no colégio? — Perguntei.

— Sim, ele pagou somente a mensalidade. — O Arcebispo respondeu.

— Então não estamos em dívida com o Sr., certo?

— Certo, não estão devendo nada.

— Que bom que não há nenhum débito com o senhor!

O Arcebispo insistiu sobre a oferta e o dízimo que costumávamos dar à Igreja, mas disse que, conversando entre nós, achamos melhor cortar gastos pois estávamos enfrentando tempos ruins e precisávamos economizar.

— Pensem bem rapazes, quem ajuda a Igreja, ajuda a Deus; e mais, essa doação nos fortifica, pois auxiliamos os pobres, os marginalizados e os doentes, Jesus ficaria triste com vocês. — Tentou persuadi-nos.

— Nós sabemos o quanto vocês precisam, mas, infelizmente, não será mais possível. — Thomas falou.

Todos nós fomos muito educados, porque, com essa gente, precisamos agir com cautela e muita inteligência. Então falamos de uma vez só:

— Passar bem, Sr. Arcebispo! — E nos retiramos.

— Mais um pouquinho naquele escritório e eu enforcaria o Arcebispo! — Dancam desabafou e todos rimos.

Combinamos de seguir o Arcebispo naquela mesma noite para tentar descobrir algo que pudesse nos ajudar; quando ele mandou arrumar sua carruagem e pôs-se na estrada, o seguimos. Cavalgamos atrás dele quase a noite toda até que encontrou uma outra carruagem, quando o homem que estava nela desceu, que surpresa!

— Valha-me Deus! É o Bispo Rocuel, o que pediu a cabeça de papai! — Eu disse.

— Vou matá-lo com minhas próprias mãos! — Dancam enfureceu-se e saiu correndo.

Lucas e eu corremos atrás dele e o trouxemos de volta antes que pudessem perceber nossa presença.

— Estás louco, não vamos pôr tudo a perder agora! — Eu disse.

Eu mesmo gostaria de poder matá-lo, mas precisávamos ter paciência, ver aquele homem nos trazia uma carga muito grande de sofrimento. Dancam começou a chorar desesperadamente e Lucas tentou acalmá-lo.

Ficamos por ali observando o que iriam fazer, então Thomas sugeriu que chegássemos mais próximo para podermos escutar melhor o que estavam falando. Deixamos os cavalos ali e fomos para mais perto com toda a cautela, assim conseguimos ouvir melhor o que diziam.

O Arcebispo Mahoney queixava-se de que não poderiam mais comprar o Castelo de Chamos como haviam planejado, porque seus principais doadores não queriam mais colaborar, que estavam prestes a se formar, mas que iria fazer de tudo para mantê-los morando em uma das belas casas da Igreja.

O Bispo Rocuel perguntou quem eram e ele respondeu que se tratavam de quatro irmãos afortunados cujos pais sofriam de doença rara muito grave.

— Vieram da Inglaterra e apenas o tio vem visitá-los, suas contribuições são muito generosas; sinceramente não sei o que faremos sem elas. — Disse o Arcebispo.

— Ameace-os, diga que vão para o inferno ou que Deus vai castigá-los, o povo morre de medo que a mão de Deus pese sobre eles. — Sugeriu o Bispo.

Ouvimos que o Papa pretendia vender o castelo daqui quatro meses e que o Arcebispo já tinha metade do valor guardado.

— Até lá você já vai ter tirado tudo desses irmãos e compraremos o Castelo de Chamos. — Continuou o Bispo.

— Esses rapazes são tão generosos que nem perceberam que estão nos ajudando a comprar um castelo! — Zombou o Arcebispo.

Soubemos pela conversa que haviam outros doadores, porém nenhum como nós, e que o que arrecadavam desses seria usado para a compra de casas e lotes de terra.

Encerraram a conversa e entraram em uma das carruagens, quando saíram, estavam sem as batinas; então foram até um Salum próximo dali.

— Vamos nos divertir um pouco, afinal, foi para isso que viemos aqui. — O Bispo Rocoel falou.

Esperamos por cerca de vinte minutos até que resolvemos entrar.

— Fiquem aqui, vou entrar. — Eu disse.

— Irei com você. — Falou Thomas.

Com cuidado fomos até lá e, pelas janelas, vimos que nem um dos dois estava no salão, entramos, o lugar estava cheio e todos bebiam e dançavam.

— Nunca pensei que houvesse esse tipo de festa durante o dia. — Thomas comentou.

Fomos direto para o balcão onde havia uma jovem encantadora e fui logo perguntando:

— Por favor, alguns dias atrás haviam aqui duas moças muito formosas, pode me informar se hoje podemos encontrá-las?

— Sei de quem está falando; é mesmo uma pena, mas hoje estão ocupadas, elas são muito procuradas. — A moça respondeu.

— É mesmo uma pena, pois, justamente hoje queria ter uma delas em meus braços.

— Não vai beber nada?

— Nos dê do seu melhor whisky. — Thomas pediu.

A mulher continuou nos dizendo que todo terceiro domingo do mês essas moças já tinham compromisso e que os clientes que estavam com elas não falhavam, também que, se realmente as quiséssemos, teríamos que voltar outro dia.

— Durante esse tempo nunca falharam? — Perguntei.

— Nunca, há cinco anos, todo terceiro domingo do mês é deles, somente deles. — Ela respondeu.

— Então está tudo certo, vamos andando.

— Não vão querer mais nada?

— Por favor, me dê duas garrafas desse whisky que estamos tomando. — Respondi.

Peguei as garrafas, paguei a mulher e saímos.

— Não sei para que vai nos servir ficar sabendo que o Arcebispo e o Bispo estão a fornicar, o mundo inteiro faz isso! Por mim, entraria lá e acabava logo com esses dois; o Bispo Rocoel está velho e tão acabado que morre só com um tapa, não acredito que tem mulher com coragem para se deitar com um porco babão desse, Além de tudo é assassino! — Dancam desabafou.

— Meu irmão, pare! Assim quem será prejudicado é você. — Lucas aconselhou-o.

— Tudo no tempo certo, Dancam, paciência é uma virtude, não se esqueça! Hoje é domingo, vamos almoçar na casa de Rodolfo, nosso amigo, e passar o dia com ele. — Respondi.

Rodolfo era um de nossos amigos do colégio a quem estimávamos bastante. Íamos sempre à sua casa, pois seus pais gostavam muito de nós e moravam na mesma cidade onde estudávamos. Certa vez, seu pai ficou desempregado e pagamos sua mensalidade no colégio por dois anos, foi para nós um prazer poder ajudá-lo. Aliás, ajudávamos a qualquer amigo que precisasse de nós.

Possuíamos muitos amigos e gostávamos de passear e celebrar, festejar era conosco mesmo!

Chegávamos da casa de Rodolfo quando vimos se aproximar do colégio a carruagem do Arcebispo Mahoney.

— Tarde fria, rapazes? — Ele falou.

— Isso é verdade, está congelante! — Thomas respondeu.

— A propósito, não o vimos hoje na missa... — Comentei.

— Notamos que o senhor dificilmente falta. — Dancam completou.

— Aconteceu alguma coisa, senhor? Ficamos preocupados. — Lucas perguntou.

— Ah, rapazes, como é difícil trabalhar para Deus, como o trabalho é árduo! Um servo de Deus nunca descansa, estamos sempre viajando; ontem mesmo, fui atender a uma família muito pobre e aproveitei para rezar uma missa num vilarejo não muito distante. — O Arcebispo respondeu.

— O senhor foi levar alimento para essa família? Quando precisar, não se acanhe, pode contar conosco! — Falei.

— Não só alimentos, mas deixei umas moedas de ouro para que possam comprar remédios; sabe rapazes, eu não queria voltar nesse assunto, mas tenho que dizer-lhes que não podem parar de contribuir para a causa de Jesus, está cheio de gente por aí que realmente precisa.

— É verdade, Arcebispo, tem muita gente que precisa de ajuda nesse mundo, e o senhor está sempre querendo auxiliar a todos, como é bondoso!

— Ah, meu filho, temos que ser, como trabalhamos para Jesus, a bondade vem em primeiro lugar.

— É por isso que digo que têm que tomar cuidado, o senhor é muito bom e, vou lhe falar, o que tem de gente safada nesse mundo não dá nem para contar! — Dancam disse.

O Arcebispo sorriu.

— Não se preocupem rapazes, quem trabalha para Jesus é protegido!

Então falei:

— No próximo mês vamos tentar voltar a contribuir afim de ajudá-lo nessa grande empreitada.

— Que sublime de sua parte, William, como você é inteligente!

— O senhor não têm ideia de como meu irmão é inteligente, Arcebispo! — Dancam assegurou.

— Estou vendo, Dancam, estou vendo...

Subimos para o nosso quarto e chamei meus irmãos para conversarmos.

— Prestem muita atenção, acho que tenho uma ideia para desmascarar o Arcebispo e penso que dará certo.

— Tem que ser um ótimo plano, pois você bem sabe que essas pessoas não valem nada, tudo o que querem e falam são só doações e mais doações e nunca vi ninguém receber algo da Igreja. — Dancam lembrou.

— Eu já vi alguém receber doação da Igreja: lembra quando Pe. Verne pediu que fizéssemos uma doação para a viúva Joana e levamos grãos e banha de porco, também doces para as crianças? — Lucas comentou.

— O que fez com sua mente Lucas? Os grãos e a banha de porco foram tio Thomas quem trouxe. Aliás, Cezar vem todos os meses abastecer a cozinha desse colégio; na próxima visita, vou pedir que ele diga a nosso tio que não mande mais nada já que nem comemos aqui! — Dancam respondeu.

— Mas têm outras pessoas que comem! — Thomas lembrou-o.

— Concordo com Dancam, todos que estudam nesse colégio pagam a mensalidade e creio que o pousado e a alimentação já estão inclusos. Falarei para nosso tio que dê para quem realmente precisa. — Concordei e continuei falando:

— Mas, voltando ao nosso assunto, não pretendo desmascarar o Arcebispo para os dirigentes da Igreja, mas para o povo, que os venera e que precisa saber quem eles são de verdade. Faço isso por Deus, por amor, por honra, por Alicia e meu filho que nem conheci, faço isso por papai e mamãe e por todos que morreram naquela chacina que fizeram em nossa casa.

Nesse momento ficamos todos tomados de uma emoção muito forte e pusemo-nos a chorar. Propus então

que fizéssemos uma oração por todos os nossos amados que agora estão junto de Deus:

“Pai nosso que estai no mais alto dos céus, santificado seja sempre o Vosso nome, venha até nós que é também o Vosso reino e que seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia dai-nos hoje e para todos os necessitados, para que sejam saciados. Perdoai-nos as nossas faltas, assim como tentamos perdoar aqueles que nos ofenderam. Sr. Deus, te pedimos que não deixei que caiamos em tentações e livrai-nos sempre de todo o mal, porque Vosso é o reino, o poder e a glória por todos os tempos. Amém.”

Depois de alguns minutos ficamos melhor e Thomas perguntou:

— William, como vamos desmascará-los? Mesmo que seu plano dê certo, eles vão continuar atuando como sacerdotes, sem falar que a Igreja vai inventar algo para defendê-los. — Thomas questionou.

— Você está certo, meu irmão, mas quem os vir cometendo esse pecado ficará triste e pensará duas vezes antes de voltar a acreditar nesses homens. Também será uma vergonha para os Padres, Arcebispos e Bispos, pois imagine, meu irmão, os ungidos, os celibatários, cometendo o pecado da carne, vão ter vontade de sumir no oco do mundo! — Respondi.

Então Lucas pediu que eu contasse meu plano.

— Bem, essa última vez que tio Thomas veio nos visitar, eu contei a ele que não terminaria minha formação, expliquei meus motivos e ele entendeu. — Comecei.

— O que falas, meu irmão, estás louco? Estamos nas finais... — Thomas falou perplexo.

— Tenho pressa, Thomas, nós queremos ou não comprar o Castelo de Chamos? — Respondi.

Todos sorriram.

— Sabia que me entenderiam, mas prometi para nosso tio que vocês concluiriam o curso.

Continuei explicando que pretendia pegar a carruagem que segue para Paris no décimo dia do mês para comprar nossa casa e dar o primeiro avanço em nosso negócio.

— Enquanto isso, vocês fazem exatamente o que eu disser e, tenho certeza, dará tudo certo!

Pedi que meus irmãos espalhassem entre nossos amigos e algumas pessoas que participam da igreja que existe um lugar que está sendo dominado pelo demônio e que o pobre do Arcebispo vai sozinho tentar expulsá-lo.

— Digam que ele ficará feliz e se sentirá confortado vendo que seu povo se reuniu com água benta em punho para ajudá-lo nessa empreitada, porém, deixem bem claro que esta será uma surpresa, para que ninguém conte nada para o Arcebispo nem para o Padre.

— E se o Arcebispo não for? — Thomas perguntou.

— Para trabalhar de verdade para Deus ninguém nunca está pronto, mas para orgias e fornicações, pode ter certeza, todos estão sempre preparados; garanto que ele vai, e mais, vocês não estarão sozinhos, pois voltarei a tempo de ajudá-los. — Respondi.

— Deixe-me ir com você! — Pediu Lucas.

— Não, Lucas, fique aqui e termine seus estudos com seus irmãos. Espero que cuidem um dos outros.

— Eu quero ir com você, nunca nos separamos, William, será muito difícil! — Suplicou Dancam.

— Ah, meu irmãozinho birrento, sei que será difícil, mas é necessário visto que preciso providenciar um lugar para morarmos depois que sairmos daqui, e outra, será por apenas um mês, passará rápido, você vai ver!

— Mas, William, o tio Thomas poderia cuidar disso para nós. — Insistiu.

— Dancam, chegou o momento de andarmos com nossas próprias pernas, não podemos esperar tudo do nosso tio, precisamos caminhar sozinhos daqui para frente. — Expliquei.

Dancam enfim concordou:

— Tudo bem, eu sei que precisa ser assim.

— E mais, se alguém perguntar de mim, digam que fui visitar nossos pais e que a doença deles se agravou, entenderam?

Todos concordaram, mas Thomas estava chateado.

— Não era isso que papai e mamãe queriam, além do mais, tio Thomas faz tanto gosto em ver-nos formados. — Disse.

— Não fique triste, meu irmão, pois terei três ótimos profissionais bem perto de mim. Não se preocupe comigo, vou fazer o que for preciso para vivermos bem e, se não for agora para começar a fazer nosso nome no ramo, não vamos conseguir comprar o Castelo de Chamos tenho que pensar em nosso futuro. — Respondi.

— Eu também quero pensar em nosso futuro. — Dancam falou.

— Dancam, terá todo o tempo do mundo para pensar, eu sou o mais velho, por isso penso primeiro.

— Está certo, além do que você nem precisa de diploma, William, pois foi quem sempre nos ajudou nos deveres e provas. Tenho muito orgulho de você, meu irmão! — Disse sorrindo.

— Isso é uma verdade, então, já que não estará aqui, teremos que nos esforçar nos estudos. — Thomas lembrou.

— Deus nos ajude! — Lucas falou.

Como mais velho, sentia que tinha que cuidar de meus irmãos como se fosse um pai, por eles, decidi ir para Paris tentar dar-lhes um porto seguro. Meu coração se entristecia ao lembrar que todos voltarão para casa, para seus pais, e que nós não temos mais pai e mãe, nem

podemos voltar para a casa de tio Thomas, pois ele morre de medo que nos reconheçam.

Fico feliz pelos que podem rever seus pais e triste por meus irmãos, principalmente Dancam que até hoje não conseguiu superar a perda de papai e mamãe. Somos homens feitos e, mesmo assim, as vezes ainda pego ele chorando e cantando a melodia que mamãe cantava para nós. Dancam não faz nada sem falar comigo, nós saímos e nos divertimos muito sempre juntos. Somos conhecidos por todos como os irmãos Marchi.

Thomas disse para mim que um dia mandará fazer uma casa da árvore para uma criança, para que ela saiba o quanto é bom ter uma. Sei também que Lucas sente muitas saudades de seu pai e seus irmãos de verdade, pois já o peguei conversando sozinho: “Veja como estou bem, papai, espero que esteja feliz”. Por isso e por muitas outras coisas sinto essa necessidade de tomar conta deles.

Bem, o tempo passou e de repente me vi em Paris, uma cidade grande e fantástica. Não foi difícil comprar nossa casa, pois aqui, como em qualquer lugar do mundo, o que manda é o dinheiro. Deus é nosso Pai e fonte da vida, mas infelizmente, o que impera é mesmo o ouro.

Me informei bastante sobre o negócio que pretendemos iniciar e consegui um espaço grande para expormos nossos tecidos. No futuro, pretendo ir mais além, abrindo nossa própria tecelagem, com um tecelão competente e pessoas para nos ajudar no trabalho.

Um mês passou rápido e foi uma grande festa rever meus irmãos. Eles sentiram minha falta, mas não tanto quanto eu deles.

— Senti muita falta de vocês! Mas me contem, como está indo nosso plano? — Perguntei.

— Vai sair tudo melhor do que imaginávamos, até as beatas da igreja disseram que querem ajudar, fazem

questão de fazer essa surpresa para o Arcebispo. — Dancam me contou.

— O Arcebispo e o Pe. Verne não estão desconfiando de nada, não é?!

— De nada, nem passa pelas suas mentes sujas e desonestas o que pretendemos fazer. As beatas os adoram e não querem estragar a surpresa por nada e nossos amigos fazem questão de ir ver como se expulsa um demônio. — Thomas respondeu.

Contou também que disseram para todos que é muito importante querer ajudar e que a presença de cada um seria fundamental. Perguntaram como ficaram sabendo e falaram que através de um novato do primeiro ano e que estavam indo porque nunca tinham visto expulsar demônios.

— Combinaram o dia e o horário? — Perguntei.

— Sim, está tudo acertado. Vamos sair daqui em caravana no sábado à noite para chegarmos ao Salum pela manhã, fizemos o cálculo por aquele dia que seguimos o Arcebispo. — Lucas respondeu.

— Ótimo, tenho certeza que dará tudo certo! — Disse confiante.

Então fomos procurar um bom lugar para almoçar, pois aquele colégio me dava nojo. Começamos a conversar e logo trouxeram nossa refeição.

Lucas perguntou:

— William, o que faremos com a Madre Sara?

— Ouçam-me, meus irmãos, todos os que estão ligados ao Arcebispo serão desmascarados também, inclusive a Madre.

— Será que as torturas nesse convento acabarão? — Thomas perguntou.

— Acredito que não, as torturas vão continuar acontecendo mesmo que com palavras, essa gente sabe como mexer com a mente de uma pessoa. Quando o

Arcebispo for acusado do pecado da carne, eu mesmo vou aproveitar para falar sobre os maus tratos nesse convento.

— Mas, William, não teremos provas contra a Madre Sara. — Thomas comentou.

— Será fácil, basta pedir que as freiras mostrem seu corpo para terem a prova dos maus tratos. Alicia tinha marcas de tortura e Agnes também, inclusive, em sua nuca, Agnes tinha uma marca de ferro quente como o feito nas vacas do convento.

— É muita crueldade, como uma pessoa tem coragem de chegar a um ponto desses? Imaginem só, é muito desumano, tenho dó até dos animais! — Thomas estava indignado.

— Vamos entrar lá a noite e marcar a Madre a ferro pelo corpo todo, o que acham? Para mim é o castigo perfeito! — Propôs Dancam.

— Não Dancam, não precisamos fazer esse tipo de coisa, a Madre Sara terá o que merece, tenho certeza! — Respondi.

— Penso que para ela ter o que merece, precisamos dar uma ajudinha... — Dancam insistiu.

— Está certo, Dancam, eu concordo com você. — Lucas disse.

— Meus irmãos, vamos manter a calma, paciência, uma coisa por vez! — E continuei:

— Me digam uma coisa, ninguém quer saber as novidades de Paris?

— Claro que queremos, conte-nos, por favor! — Thomas pediu.

Contei a eles quão formidável era aquele lugar e falei sobre a casa que havia comprado.

— Ela é enorme e possui uma escada grande como a que tínhamos em Orcam, também um jardim imenso. Já mobiliei a casa toda e tem mais, cada um de nós terá seu próprio quarto.

— E quem vai nos ajudar nos afazeres da casa? — Dancam perguntou.

— Não lhes disse antes porque queria fazer surpresa, mas Agnes irá conosco para Paris.

— Como disse, levar Agnes conosco? Ficou louco William? — Thomas estava surpreso.

— Não estou louco, essa é apenas uma promessa que tinha que cumprir. Como vamos ter que contratar uma governanta e, pelo menos duas ajudantes, acredito que Agnes vai poder nos ajudar sendo a governanta da casa.

— William, meu irmão, até parece que você não conhece essa gente, são pessoas vingativas, principalmente a Madre Sara. Já imaginou o que fará com você se descobrir que está levando uma de suas freiras para longe daqui? — Thomas advertiu.

— Agnes me implorou que a tirasse daquele lugar, e mais, se você visse as marcas das torturas que ela sofre, garanto como ia querer tirar não só ela, mas todas de lá.

— E porque elas não fogem? Perguntou.

— Elas não têm família, Thomas, para onde irão se não têm para onde voltar? Essas freiras não vivem ali por opção, mas porque não têm para onde ir.

— E o que fizeram para serem torturadas?

— Torturaram Agnes por ser amiga de Alicia, mas ela me contou que sofre maus tratos desde criança. Sobre as outras não sei, mas gostaria de poder ajudar algumas delas.

Então voltei ao assunto principal:

— Bem, vamos falar de investimentos: trabalhar com tecidos é ótimo e muito lucrativo, já pesquisei. Aliás, até já consegui um bom lugar para expor os nossos.

— Poderemos abrir nosso escritório em casa, o que acham? — Sugeriu Dancam.

Thomas e Lucas concordaram.

— Bem pensado Dancam, até porque nossa casa está situada em um ótimo lugar da cidade. — Informe-me.

Também lhes disse que, durante essa minha estada em Paris, havia pensado muito e decidido que não abriríamos apenas lojas para vender os tecidos, mas também, nossa própria tecelagem.

— Sei que não será fácil, mas tenho certeza de que vamos vencer!

Dancam então levantou uma questão:

— William, pelo que podemos perceber você gastou muito em Paris. Me diga, nos sobrou algum dinheiro?

Eu peguei meu irmão pelos cabelos e o chacoalhei sorrindo.

— Temos muito, Dancam, nossos pais nos deixaram muito bem, não se preocupe! A dificuldade da qual falei se refere a trabalho, pois terão que exercer vossas profissões e também me ajudarem no nosso negócio. Mas poderei auxiliá-los se precisarem, apesar de não ter o diploma de minha conclusão. — Expliquei.

— Entendi, William, teremos que nos acostumar, certo?! — Lucas falou.

— Correto, Lucas, será difícil acostumarmos com o trabalho, mas vamos seguir em frente!

— Nunca trabalhei na minha vida, com certeza não vou acostumar! — Dancam foi logo dizendo.

Thomas retrucou:

— Mãe não deixava que você arrumasse nem sua cama, ela é culpada disso. Você é mesmo filho de dona Seline, Dancam!

— Claro, Dancam é e sempre será o bebezinho da mãe! — Falei.

Bem, o dia de “expulsar o demônio” finalmente chegou e levantamos cedo para ficar de olhos e ouvidos bem abertos. Na hora do almoço resolvemos permanecer no colégio e comer no refeitório mesmo, afim de não

perdermos nenhum movimento do Arcebispo. Quando deu duas horas da tarde, Dancam começou a ficar preocupado.

— Até agora não vi ninguém ir arrumar a carruagem do Arcebispo. — Disse.

Quatro horas da tarde e tudo quieto ainda.

— Até agora ninguém falou nada sobre a saída do Arcebispo. — Thomas comentou.

— Não sei nem como dizer isso, mas estou com medo de nosso plano falhar. — Lucas falou desanimado.

— Por favor, meus irmãos, não é hora para pessimismo! No dia que o seguimos, o Arcebispo saiu daqui às quatro horas, mas foi parando em vários lugares; pode ser que hoje ele vá direto e, por isso, sairá mais tarde. Não se preocupem. — Procurei animá-los.

Eu estava tentando tranquilizar meus irmãos, mas, na verdade, estava super preocupado, pois já eram seis horas e nada dele sair.

— Vamos para o nosso quarto, o Arcebispo não vai e já são sete horas da noite, além do mais, está fazendo muito frio aqui. — Pediu Thomas.

— Calma, paciência é uma virtude! Eu juro que ele vai, mulheres e dinheiro são sagrados para o Arcebispo. — Garanti.

Depois de mais um tempo, disse para mim mesmo: “Jesus amado, já são nove horas... onde está esse homem?” Estávamos no salão de entrada do colégio, fazia muito frio e estava ficando desesperado, porque já eram dez horas da noite. Mas, de repente, o Arcebispo se aproximou de nós.

Thomas se apavorou:

— Ai, meu Deus, ele descobriu!

— Noite fria, rapazes? O que fazem longe de seus aposentos? — Perguntou.

— Estamos esperando um amigo, senhor, vamos sair para nos divertir. — Eu respondi.

— Realmente vocês têm uma vida muito boa; eu irei trabalhar e vocês festejar!

— Nossa, Arcebispo, trabalhar a essa hora, não é um tanto tarde? — Thomas falou.

— Para você ver, Thomas, quem trabalha para Deus não tem dia nem hora, estamos sempre prontos, pois nunca sabemos quando o Senhor vai nos chamar para o trabalho.

— Me perdoe, Arcebispo, mas trabalhar como o senhor trabalha para Jesus, eu não quero! É realmente muito trabalho...

— São muitos os chamados, mas poucos os escolhidos. Bem, rapazes, eu me vou, boa noite! — O Arcebispo se despediu.

— Boa noite, senhor! — Respondemos em coro.

Esperamos alguns minutos e corremos ajudar a organizar as carruagens.

— Deus do céu, é muita gente! — Exclamei ao ver todas aquelas pessoas reunidas.

— Você queria gente, pois bem, estão aí, todos com garrafas e bacias com água benta para ajudarem a expulsar o demônio. — Lucas me respondeu.

— William, nosso amigo Rodolfo contou-me que viu o Pe. Verne sair na carruagem junto com o Arcebispo. — Dancam disse.

— Dancam, Rodolfo não sabe que estamos por trás disso, não é?! — Quis certificar-me.

— Claro que não! Rodolfo estava apenas espiando a hora do Arcebispo sair afim de ajudar a conduzir a caravana. — Respondeu.

Me desculpei com meu irmão e aproveitei para comentar:

— Se o Pe. Verne estava junto, essa será uma festa e tanto, você não acha, Dancam?!

— Aposto como será inesquecível!

Thomas veio avisar-nos que já estava tudo pronto e saímos. No meio da viagem fiquei pensativo por todas aquelas senhoras que cantavam e rezavam na intenção de ajudar o Arcebispo, em como ficariam depois do que estavam prestes a presenciar. Viajamos a noite toda e chegamos na hora prevista, estavam todos curiosos e ansiosos por ajudar a expulsar o demônio do tal lugar.

— Vejam a carruagem do Arcebispo, deve ser ali naquele Salum! — Disseram alguns.

— Vamos entrar e mandar o demônio de volta para o inferno! — Outros falavam.

Foi uma confusão! Havia gente com água benta por todos os lados e mulheres correndo para lá e para cá, quando subiram no andar de cima, chamei meus irmãos para que nos escondêssemos afim de que o Arcebispo não nos visse. De repente, foi Arcebispo, Bispo e Padre correndo só de ceroulas pelos corredores tentando escapar das beatas que jogavam água benta e gritavam:

— O Arcebispo que é o demônio!

— Nos enganaram o tempo inteiro, seus perdidos!

— Joguem água benta neles, vamos limpar esse lugar!

E foram chegando mais e mais pessoas, gente que não tinha vindo com a caravana e também autoridades religiosas.

— De onde está chegando tanta gente? — Dancam perguntou.

— Olhem ali, eles estão sendo denunciados... — Chamei a atenção de meus irmãos.

Ouvimos quando foram acusados de fornicação, orgia, luxúria e abuso de autoridade, também quando saíram com as mãos amarradas. Me aproximei de uma das autoridades e aproveitei a situação para pedir que investigassem o Convento de Santa Ana porque as freiras estavam sendo torturadas.

Bem, fomos embora daquele lugar e deixamos que cada um tirasse suas próprias conclusões.

Quando chegamos no colégio fomos direto para nossos aposentos e, que surpresa nos aguardava! O Sr. e a Sra. Aruaque estavam em pé dentro de nosso quarto nos esperando.

— Que brincadeira foi essa? — Ele perguntou.

— O senhor mesmo havia me dito que não sujasse as mãos de sangue... então foi o que fiz! — Respondi.

— Você, William, junto com seus irmãos, passaram dos limites hoje.

— Por favor, nos perdoe, mas eles precisavam de uma lição...

— Deixem que os mortos enterrem seus mortos! Nunca mais interfiram na vida de alguém desse jeito, além do mais, podiam se ferir! Quantas vezes disse que preciso de vocês com as mãos limpas e em paz para realizarem sua missão? — Nos advertiu.

— Perdoe-nos, não faremos mais! — Prometi.

— Hora, meu irmão, não seja tão duro! Foi até engraçado... — A Sra. Aruaque falou.

— Acha engraçado colocarem a vida daquelas senhorinhas em risco? Do jeito que os defende vão pensar que estavam com a razão, minha irmã. — Ele respondeu e nos chamou para perto.

O Sr. e a Sra. Aruaque nos abençoaram e se foram.

Então começamos a rir sem parar.

— Viram a cara do Arcebispo querendo explicar o óbvio? — Comentei.

— Não deu nem tempo de ele falar, pois a Sra. Anabel jogou uma bacia de água benta em cima dele e ainda bateu com ela na sua cabeça. — Dancam ria enquanto se lembrava da cena.

De repente tomamos um susto: o Sr. Aruaque apareceu novamente, nos olhou e disse:

— Vocês pensam que estão sozinhos? Pois bem, então pensem de novo! Agora, basta desse assunto!

— Não vamos mais falar sobre o que aconteceu, somente esperar para ver o que vai acontecer. — Respondi.

— Não está certo rir da ruína de nossos irmãos. Fiquem com Deus e na proteção de Jesus e sua mãe, Maria!

— Amém! — Nós todos respondemos.

Bem, a pedido do Sr. Aruaque não tocamos mais no assunto. Ele inclusive disse que me faria um remédio para falar mais baixo e fiquei feliz.

IX. Uma casa em Paris

No dia seguinte tínhamos um Arcebispo e um padre novinhos em folha para cuidar de nós, já do Bispo Rocuel não tivemos notícia nenhuma. Também soubemos de um certo alvoroço no convento depois que encontraram ossos de cento e vinte e seis freiras lá; a Madre foi acusada e condenada por tortura, assassinato e abuso de poder e será decapitada. Deus me perdoe, mas não estou arrependido, pois acredito que fiz justiça para minha Alicia e todas as outras que sofreram torturas e morreram ali.

Perguntei para o substituto do Arcebispo Mahoney o que tinha acontecido com ele e o Pe. Verne e este me respondeu que eles estavam passando por problemas familiares e, por isso, precisaram se ausentar do colégio.

— Tinha certeza de que a Igreja iria encobri-los... — Protestou Dancam.

— Eu também disse que eles iriam sumir no oco do mundo... — Respondi.

Avisei meus irmãos que teria que retornar a Paris, mas que, como só faltavam duas semanas para se formarem, logo estariam comigo. Então fui ao convento às escondidas para falar com Agnes e acertar tudo com ela.

— Como está a situação aqui no convento, Agnes? — Perguntei a ela.

— Tirando as torturas físicas, continua tudo como antes. A Madre Antônia é igual à Madre Sara, nada mudou. — Agnes me respondeu.

— Vim aqui para saber se ainda tem intenção de ir embora desse lugar.

— Claro que sim! A Madre Antônia nos humilha e diz que devemos muito ao convento, que se não estivéssemos aqui, estaríamos mortas; nos culpa pela condenação de Madre Sara; nos ofende o tempo todo e nos obriga a fazer

coisas que até Deus duvida. Com certeza não quero continuar aqui! Sabe, William, tenho noção de que a vida fora desse lugar também vai ser difícil e cheia de percalços, mas, pelo menos, poderei servir a Jesus com alegria, em espírito e em verdade.

— Então arrume suas coisas que partiremos amanhã para Paris.

— Paris, vamos para Paris? Não acredito! As pessoas falam tanto dessa cidade que até parece que a conheço... — Agnes falou com grande sorriso.

— É para lá mesmo que vamos.

— William, preciso muito que leve também mais duas amigas minhas, por favor!

Pensei por alguns minutos... “A casa é grande e Agnes não dará conta de tudo sozinha, além do mais, já havia pensado em contratar mais duas pessoas.”

— Pois bem, peça que arrumem suas coisas também. Compramos uma casa grande em Paris e já tinha pensado em contratar pessoas para os afazeres domésticos, você e suas amigas receberão um salário justo, terão liberdade para ir e vir e lá será também a casa de vocês.

— Que Deus lhe pague e abençoe a você e seus irmãos!

— Amanhã virei buscá-las às cinco e meia da manhã, iremos na minha carruagem. Vistam algo que não chame atenção. — Recomendei.

— William, mas só temos roupas assim, não possuímos mais nada além de hábitos.

— Mandarei um de meus irmãos trazer roupas para vocês hoje na igreja, fiquem preparadas. — Combinamos.

Voltei para o colégio e pedi ajuda de meus irmãos.

— Preciso que me emprestem um casaco de cada um. — Pedi.

— Mas para que quer eles? — Thomas perguntou.

— Para Agnes e suas amigas que irão comigo para Paris.

— Vai mesmo fazer isso, William? — Ele perguntou.

— Quero ajudá-las, além disso, precisaremos de alguém para os afazeres da casa.

— Podemos contratar pessoas lá em Paris mesmo. Tenho certeza que vai se meter em grande confusão e o Sr. Aruaque não vai gostar!

— Olhe com bons olhos para essas freirinhas, Thomas, precisamos fazer alguma coisa por elas...

— Se fizermos por elas, teremos que fazer por todas!

— Gostaria mesmo de poder fazer por todas, mas não posso. Talvez sejam essas que Deus quer que ajudemos...

— Por mim, tanto faz! — Disse Dancam.

— Estou de acordo, pois vamos mesmo precisar contratar quem faça os serviços domésticos. — Lucas falou.

— Se todos estão de acordo, quem sou eu para contrariar? — Thomas concordou.

Separamos as roupas e Dancam levou os casacos para as freirinhas. No dia seguinte, meus irmãos e eu fomos até o local combinado e elas já nos aguardavam.

Agnes nos apresentou suas amigas:

— Essas são Erica e Maria.

— Vocês estão nos ajudando muito hoje, não vamos decepcioná-los! — Elas disseram.

Acomodamos as três na carruagem e Thomas comentou:

— William, vou te dizer uma coisa muito estranha: nunca tinha reparado direito em Agnes antes, mas sua beleza me encanta.

Olhei para Thomas.

— É sério o que está me falando?

— Por tudo o que é mais sagrado nesse mundo! Somente agora percebo que essas freirinhas realmente precisavam de auxílio e que, se não podemos fazer por todas, ajudar a essas três já é uma grande coisa que fazemos.

— É isso mesmo, meu irmão, o Sr. e a Sra. Aruaque nos querem sempre prontos para amparar aos que mais necessitam.

Dancam disse baixinho:

— Vocês viram o que vi? Os braços delas estão cheios de cicatrizes...

— Fiquei sabendo de todo sofrimento dessas freiras pela minha Alicia e agora vocês podem ver com seus próprios olhos. Bem, mas vamos logo porque Agnes e suas amigas não veem a hora de estar longe desse lugar.

Então fizemos como papai nos ensinou.

“Lutem e lutem.

Lutem mais uma vez.

Até cordeiros virarem leões”

Sorrimos uns para os outros e nos despedimos, eu estava confiante que tudo daria certo. O medo das três moças estava visível em seus olhos e tentei acalmá-las.

Quando chegamos, Agnes e suas amigas se surpreenderam com o tamanho da casa e a beleza do lugar. Combinei de descansarmos da viagem naquele dia e saímos no seguinte para lhes comprar roupas novas, também pedi que se acomodassem nos quartos da parte térrea da casa.

— Meus irmãos não se demoram e vamos ocupar os quartos de cima, além disso, pretendo fazer uma biblioteca em um deles. — Comentei.

— Está ótimo, William, é até muito para nós. — Agnes respondeu.

Expliquei a Agnes que ela seria a responsável pelo que iríamos comer e beber e também pela compra do que

precisasse para preparar as refeições.

— Irei a primeira vez com você no armazém e mostrarei o que meus irmãos e eu gostamos de comer, depois disso, você mesma se encarregará de tudo.

Disse que Erica e Maria podiam lhe acompanhar, pois assim conheceriam outras pessoas e fariam novas amizades. O mundo é belo e não devemos viver de tristezas; elas batem à porta do nosso coração as vezes, mas devemos erguer a cabeça e seguir em frente. Confiei a casa nas mãos das três na certeza que cuidariam muito bem de tudo para nós.

— Já estava esquecendo: Dancam, meu irmão caçula, as vezes fala coisas chatas mas quero que não deem importância, ele é assim mesmo, mas, apesar disso, é um amor!

— Tudo bem William, não se preocupe que vamos fazer tudo certo, como dissemos, você não vai se arrepender! — Agnes garantiu.

Chegou o dia da formatura de meus irmãos e não poderei estar com eles porque, graças a Deus, tenho muito trabalho, mas me conforta saber que tio Thomas estará lá.

Passados alguns dias, recebi uma mensagem avisando da chegada de Thomas, Dancam e Lucas e avisei a Agnes para que se organizasse.

— Meus irmãos chegarão em três dias e quero que prepare um banquete para recebê-los. Agnes, mal posso esperar para tê-los em casa!

— Você gosta muito de seus irmãos, não é, William?!

— Ela comentou.

— Faria qualquer coisa por eles, pois são tudo para mim. Eu os amo, mas me preocupo com Dancam que é revoltado.

— Me perdoe, mas, porque ele é assim?

— É uma longa história, Agnes, mas um dia desses te conto. A propósito, Erica e Maria estão gostando de estar

aqui?

— Elas me disseram que estão no céu, mas sentem falta da igreja.

— Mas elas podem ir à igreja e participar da missa. — Respondi.

— Elas têm muito medo de serem reconhecidas, William.

— Podemos fazer uma capela só para nós no jardim, o que acha? Não terá missa, mas poderemos reservar um tempo diário para conversar com Deus, pedir ajuda a Jesus e nos espelhar em Nossa Senhora. — Sugeri.

— Será maravilhoso, William! Vou correndo dar essa notícia à Erica e Maria.

Subi para a minha sala de estudos afim de continuar minhas pesquisas e, como sempre, levei um grande susto quanto o Sr. Aruaque apareceu.

— Muito bom que esteja estudando, menino William! — Me disse o Sr. Aruaque.

— Estou estudando os Anjos e sei que eles representam uma ligação importante entre o divino e o humano, mas está muito difícil conseguir organizá-los em uma hierarquia. Queria muito poder entender um pouco mais de tudo isso. — Respondi assim que me recuperei do sobressalto.

— Bem, William, não sei de tudo, mas acredito que posso lhe ajudar.

— Ótimo, Sr. Aruaque, sou todo ouvidos. Para mim é muito importante continuar os estudos de papai, acredito que ele ficaria muito feliz se eu puder ajudar as pessoas com isso.

— Pois bem, escreva então.

E assim eu fiz:

Arcanjo Miguel: é o príncipe dos Anjos, ele traz a força divina e é quem comanda as Tríades.

Primeira Tríade

1) **Serafins:** os Anjos que fazem parte dessa Tríade são os que estão mais próximos de Deus e, por isso, nos transmitem vibrações puras do seu amor. Esses Anjos não vêm para a terra, mas nos protegem diariamente. Os Serafins cuidam das coisas de Deus.

2) **Querubins:** os Querubins são bebês, eles manifestam sabedoria e o amor de Deus.

3) **Tronos:** eles são imensos e expressam a união com Deus, também são portadores da perseverança, da harmonia e da concórdia.

Segunda Tríade

Esses Anjos também são chamados Ministros porque guardam as coisas maiores do Universo e supervisionam os demais Anjos; trazem proteção e operam milagres.

4) **Dominações:** controlam a força do trabalho celestial, organizam as atribuições de cada anjo e despertam nos homens força para superar seus inimigos. Se apresentam com um cetro e uma espada.

5) **Virtudes:** são como bebês, operam milagres e nos abençoam. Quem pedir com fé, verá todos os seus problemas desaparecerem pela sua ação.

6) **Potenciais:** afastam os maus espíritos e nos auxiliam a combater o mal através da luz divina; velam por nós. São reconhecidos pela sua armadura e espada de fogo.

Terceira Tríade

7) **Principados:** revelam o domínio de Deus sobre a natureza e se ocupam do equilíbrio entre os quatro elementos (terra, água, fogo e ar). São grandes e brilhantes.

8) **Arcanjos:** estão encarregados de manifestar a liderança de Deus e comandam a legião de Anjos, com sua autoridade governam a esfera planetária e cuidam dos animais.

9) **Anjos:** estão próximos dos seres humanos e, por esse motivo, também são conhecidos como Anjos da guarda; eles nos protegem e nos guiam sempre para o bom caminho. Aparecem envoltos em luz e possuem belas feições humanas.

Então perguntei:

— Sr. Aruaque, o senhor é um anjo?

— Faço parte da terceira Tríade de Miguel, sou um dos principados. — Me respondeu.

— Que honra é poder tê-lo aqui comigo!

— Também é uma honra para mim estar com você.

— Existem Anjos especiais, Sr. Aruaque? — Continuei perguntando.

— Existem sim, mas não são Anjos, e sim Arcanjos. Escreva.

Fiz como me pediu:

Deus os escolheu pelo trabalho que prestaram à humanidade e à terra. São eles:

Miguel: traz consigo a força divina, é o príncipe dos Arcanjos

Gabriel: portador do amor divino, é o príncipe dos Anjos

Rafael: o resplendor que cura, é o príncipe das virtudes.

Sentia-me muito agradecido por todo o conhecimento que estava recebendo do Sr. Aruaque.

— Essas informações são muito valiosas para mim, Sr. Aruaque, papai ficaria muito feliz em saber que muitas pessoas poderão conhecê-las.

— Vosso pai saberá, William.

— Como papai saberá?

— Eu mesmo irei ter com ele para lhe dar essa notícia.

Então perguntei sorrindo:

— O senhor conhece meu pai, sabe me dizer se está bem? Mamãe sempre vem nos visitar, mas meu pai nunca, sabe porquê?

— Conheço vosso pai desde a juventude, William, e agora ele está trabalhando na segunda Tríade de Miguel. Seu pai não vem visitar você e seus irmãos porque se prepara para ser um dos milhares de Anjos chamados Dominações. Apesar disso, está sempre lhes enviando boas vibrações. Quanto à sua mãe, ela pediu para ficar perto de vocês e teve sua solicitação atendida por Miguel, mas ela também trabalha e eles sempre se encontram para falar de vocês.

— Onde mamãe trabalha?

— Sua mãe trabalha em uma das colônias que fica no mais alto dos céus.

— Colônia, o que é? — Perguntei curioso.

— Digamos que é como o vilarejo onde vocês moravam, só não possuem templos, pois lá adoramos apenas ao Senhor. Nas colônias são todos bem-vindos e os que chegam doentes são tratados com amor e, por esse motivo, a recuperação é rápida. Realmente é uma beleza de lugar!

— Mamãe é feliz lá?

— Sim, ela é muito feliz, assim como todos que vão para esse lugar.

— Então, é verdade que existe outro mundo fora do que chamamos Terra?

— Sim, William.

— E porque as outras pessoas não podem vê-lo como eu e meus irmãos, onde está o mistério?

— O mistério está em cada pessoa, William, em cada coração, mente e alma, na coragem que se têm para lutar. Felizes os que acreditam sem precisar ter provas, a isso chamamos fé; dar água a quem tem sede, pão a quem tem

fome, vestir o nu, visitar os doentes e encarcerados, ser justo e tratar a todos com igualdade, é caridade; o coração generoso herdará o reino do céu, por isso vocês podem me ver.

— Não acho que sou tão generoso a ponto de merecer vê-lo, Sr. Aruaque.

— Você e seus irmãos têm a alma assim desde a infância, entende o que te digo?

— Quase... A propósito, o Sr. precisa parar de aparecer de repente.

— Não entendo, pode me explicar?

— É que todas as vezes que o Sr. aparece eu levo um grande susto. Teria como me avisar quando estiver chegando?

— Como devo fazer isso?

— Movimentando um galho ou uma folha de papel, ou até soprando meus ouvidos, assim perceberei que está por perto. Lembra-se do que ocorreu no armazém? O Sr. apareceu de repente, levei um susto e, depois, todos acharam que eu era louco porque estava conversando com o senhor. As pessoas riram de mim.

O Sr. Aruaque riu.

— Isso é muito engraçado! — Disse.

— O senhor não pode fazer isso, pois é um anjo, e dos bons!

— Todos os anjos são bons, além do mais, que mal há em rir um pouco?

— Sr. Aruaque, não vou mais conversar com o senhor quando estiver caminhando pelas ruas ou na presença de estranhos; não quero que pensem que enlouqueci. Está bem?

— Para mim, tudo bem. Você pode até não falar, mas vou continuar conversando com você não importa onde esteja. Eu gosto de você e fui enviado para protegê-lo e a seus irmãos.

— Tudo bem, se não tem outra alternativa...

Sorri e continuei:

— Sr. Aruaque, quero agradecê-lo por todas as informações que me passou hoje sobre Deus e seus Anjos.

— Foi um prazer, menino William. Fique na proteção de Deus e não se assuste mais quando eu chegar. — Se despediu e me abraçou.

Finalmente meus irmãos chegaram. Que festa fizemos!

— Que casa linda, William! Não acredito que seja nossa. — Dancam disse entusiasmado.

— Pode acreditar, meu irmão. — Eu respondi.

— Certamente pagou uma fortuna por ela. — Thomas concluiu.

— É verdade, por esse motivo, precisamos nos concentrar no trabalho. Mesmo assim, não se preocupem, de onde veio esse dinheiro ainda tem muito mais.

— Nem acredito que vou morar nessa casa. — Lucas comentou.

Nesse momento, Agnes se aproximou e cumprimentou os recém chegados.

— Sejam bem-vindos ao lar Srs. Thomas, Dancam e Lucas.

Thomas respondeu-a:

— Não precisa nos chamar assim, Agnes. Sabe o que é, me sinto um velho... deixe isso para os nossos clientes, certo?!

— Como quiser. A propósito, o jantar será servido em dez minutos.

— Ótimo! Pois estou morrendo de fome e acredito que meus irmãos também. — Respondi.

— William, me fale das freirinhas. — Lucas perguntou.

— Estão ótimas. Veja ali, elas servirão o nosso jantar.
— Lhe mostrei.

Meus irmãos conversaram com Maria e Erica e disseram a elas que nada mudaria com sua chegada, também que ficassem à vontade.

— Que bela é Agnes, acho que estou apaixonado... —
Comentou Thomas.

— Para quem não queria nem que eu a trouxesse, você se apaixonou bem rápido, meu irmão. — Eu disse.

Apenas algumas semanas depois, Thomas pediu Agnes em namoro e ela aceitou.

Com muito trabalho, nosso nome cresceu entre os representantes de tecidos e todos só queriam comprar dos “Irmãos Marchi”, que era como ficamos conhecidos; desse modo conseguimos espaço na alta sociedade, entre a burguesia da época.

Era tudo que queríamos: ter prestígio para sermos convidados para o leilão do Castelo de Chamos e podermos comprá-lo para, enfim, voltarmos para casa.

— William, estou preocupado pois ainda não chegou nenhum aviso sobre o leilão que será daqui quinze dias. Além do mais, não dará tempo para chegarmos até Chamos, como faremos? — Thomas perguntou.

Nesse momento senti que Deus existia, Dancam chegou com boas notícias:

— Meus irmãos, vocês não vão acreditar! O Monsenhor Robert pediu uma hora com os Irmãos Marchi, o que me dizem?

— Tudo o que eu posso concluir, Dancam, é que Deus, na sua infinita bondade, olha por nós. — Respondi confiante e pedi que desse mais detalhes.

— A novidade é realmente muito boa, meus irmãos, pois eles querem o que temos de melhor em cortinados, tapetes e enxovias completos. Roma será totalmente

recoberta com nossos tecidos! — Dancam falou muito animado.

— Essa será a nossa oportunidade de sermos convidados para o leilão do castelo. — Afirmei.

Pedi então a Lucas que preparasse nossa melhor carruagem, pois teríamos que causar boa impressão, e também a Dancam que tentasse marcar nossa reunião com o Monsenhor Robert para o dia seguinte.

— Acho que não entenderam, o Monsenhor não está na cidade sozinho, ele acompanha o Papa, ou seja, falaremos com vossa eminência face a face, e tem mais, disse que ele anseia por nos conhecer. — Dancam explicou.

— Claro que deseja nos conhecer, disso tenho certeza! Onde há ouro, há também muito interesse por parte da Igreja. Mas o que precisamos agora é pensar no que diremos, e você Dancam, é melhor que fique em casa. — Falei.

— Será muito difícil, mas farei o possível, prometo comportar-me! — Dancam insistiu.

No dia seguinte fomos até um dos escritórios da Igreja, o qual ficava na mesma avenida central que nossa casa. Um Padre nos recepcionou e anunciou a chegada dos Irmãos Marchi.

— Então esses são os homens que estão com nossas terras... — Dancam disse baixinho.

— Em nome de Deus, fique quieto Dancam! Apenas sorria e faça com que pensem que está sendo uma honra para nós estar aqui. Isso vale para todos! — Recomendai.

— Não sei se vou aguentar isso. — Dancam respondeu.

— Volte para casa ou cale-se! — Disse Thomas.

Fomos levados até onde estavam Monsenhor Robert e o Papa, os reverenciei dizendo o quanto estávamos honrados em poder estar em sua presença e meus irmãos fizeram o mesmo.

— Então vocês são os famosos Irmãos Marchi! — Disse o Papa Clemente.

— Sim senhor. — Respondi.

— Vocês vão conquistar o mundo com seus tecidos e quero poder sempre ser vosso amigo. — Comentou o Papa.

— Aposto que sim, vossa eminência! — Retrucou Dancam.

— Me perdoem se pergunto demais, mas são formados?

— Somos formados em Direito e advogamos em um escritório aqui mesmo nessa avenida. — Thomas respondeu.

— Hora, hora... os Irmãos Marchi fazem jus à fama que têm: inteligentes, com boa aparência e o mais importante, ricos, muito ricos, estou certo?!

— Correto, vossa eminência. — Eu disse.

Monsenhor Robert tomou a palavra:

— A propósito, por formalidade, preciso de vosso endereço.

— Moramos num casarão nessa mesma avenida, senhor. — Respondi.

— Por acaso, estamos falando do casarão de esquina?

— Exatamente esse, o senhor gosta?

— Realmente, vocês sabem como viver bem!

Então Thomas questionou sobre o porquê de precisarem saber onde residíamos já que nossas negociações eram apenas comerciais.

— Não consigo entender o que isso tem a ver com a compra dos tecidos. — Indagou.

O Monsenhor pediu que fôssemos até uma outra sala e nos ofereceu um excelente vinho enquanto continuávamos a conversar.

— Vocês já contribuem com a Igreja de Cristo? — Perguntou-nos o Papa.

— Contribuíamos através do Arcebispo Mahoney, mas há tempos não temos notícias dele. Queríamos saber como está, pois, era nosso amigo. — Eu respondi.

— Sim, lembro-me bem dele. Pobre irmão, ficou enfermo e teve de se separar do que mais gostava.

— E do que ele mais gostava? — Dancam perguntou.

— Da igreja, meu jovem, era tudo para o Arcebispo Mahoney. Mas tenho certeza que Deus lhe dará a vitória!

O Papa continuou:

— Recordo-me que ele sempre falava sobre suas doações e digo a vocês, é assim mesmo que devem agir quando se trata da Igreja de Jesus, sem dó de vossa fortuna, com generosidade! Mas me digam, a quanto tempo não fazem contribuições? Digo-lhes que já é hora de voltar a ajudar a Igreja.

— Já faz um tempo, mas é porque só confiávamos no Arcebispo Mahoney. Mas agora que temos vocês por perto, acredito que poderemos voltar a contribuir. — Lucas respondeu.

— Dá para notar quando a pessoa é leal para com a sua Igreja. Aliás, estou leiloando um castelo, isso vos interessa?

— Um castelo, pode explicar? — Pedi.

— Bem, é o castelo de um grande amigo nosso, o Conde de Notumberland, acredito que, por serem viajados, já devam ter ouvido falar dele. Acontece que o Conde pretende sair de Orcam e ficar somente em Notumberland.

— E quem tomará conta do castelo? — Perguntei.

— Será guardado por Arcebispos, Bispos e Padres da Igreja.

— E quando for leiloado?

— Por generosidade de quem comprar, continuarão lá, pois, certamente o novo proprietário será pessoa muito afortunada e não precisará dele. Estamos leiloando o

castelo porque precisamos reformar algumas igrejas em Roma. — Explicou o Papa.

— Onde fica mesmo esse lugar?

— Em Orcam, o castelo foi erguido sobre terras da Igreja. É um lugar adorável, sei que vão gostar!

— Deixe-me conversar com meus irmãos ali na outra sala e logo lhe darei a resposta. Deem-nos apenas cinco minutos. — Solicitei.

— Tudo bem, fiquem tranquilos. Família que pensa unida, vence unida; aprecio o vosso gesto.

Nos retiramos e Thomas desabafou:

— William, que canalha! Ouviu quando falou que eram terras da Igreja?

Dancam, encostado em uma parede, mal se continha.

— Tenho vontade de espancá-los! Por favor, deixem-me acabar com eles!

— Devemos manter a calma para continuarmos com o plano! — Lucas recomendou.

— Quis esses cinco minutos porque percebi que Dancam precisava esfriar a cabeça. Agora se contenham, vamos voltar lá e acabar logo com isso! — Pedi.

Retornamos para a sala onde nos aguardavam o Monsenhor e o Papa e disse que ficaríamos com o convite.

— E onde será esse leilão? — Perguntei.

— No próprio castelo, mas se houver alguma mudança serão avisados. — Respondeu o Monsenhor.

— E quanto aos tecidos, vão querer ou não? Trouxemos amostras do que temos de melhor. — Falou Thomas.

— Notei que estão preocupados, será que nem todos concordam com a compra do castelo ou não poderão ir até o leilão? — Perguntou o Papa.

— Se engana, vossa eminência, estamos preocupados é com os donos dessas terras. — Dancam disse.

“O que será que Dancam pretende com essa pergunta?” — Pensei.

— Quanto a isso não precisam se preocupar, rapazes, pois essas terras são minhas. Respondo por tudo o que pertence à Igreja e lhes asseguro que nessas terras só há gente nossa, lá só têm pessoas boas. — O Papa respondeu.

— Fico feliz em saber e, já que é assim, como meu irmão William mesmo disse, vamos aceitar o convite. O leilão será no próprio castelo, certo?!

— Está tudo acertado para que sim, porém nossos maiores interessados estão todos nas redondezas e, por isso, há grande possibilidade de que o façamos aqui na França mesmo.

— Há muito tempo atrás meus irmãos e eu passamos por lá. — Dancam comentou.

— Então conhecem o Castelo de Chamos? — O Monsenhor perguntou.

— Sim, e será para nós um grande prazer rever aquele lugar. Também ouvimos dizer que são terras muito boas, pode-nos informar se há quem queira vender um pedaço delas?

— Vocês têm interesse em comprar? — O Papa perguntou.

— Sempre pensamos em um dia adquirir terras em Orcam.

— É mesmo uma pena porque, sendo boas e valorosas como o senhor mesmo disse, será quase impossível encontrar quem as queira vender.

— Será que vossa eminência, então, poderia nos vender um pedaço de suas terras? — Dancam insistiu.

— Sinto muito, mas minhas terras não estão à venda! — O Papa respondeu com voz alta e clara.

— Perdoe-me o atrevimento, mas ainda não entendi se as terras pertencem ao senhor ou à Igreja.

— Sou o responsável pela Igreja de Jesus e, por isso, sinto-me dono de tudo.

Então sussurrei para Lucas que trocasse de assunto, pois Dancam iria nos arruinar se continuasse com essa conversa.

— Então cavalheiros, que tal voltarmos para o assunto da compra dos tecidos? — Encarou Dancam e repetiu: — Somente dos tecidos!

E continuou:

— O que vai ser, qual desses lhes chamou mais atenção?

— São todos maravilhosos, vamos ficar com tudo! Queremos cama, mesa e banho, também o seu melhor em cortinados e tapeçaria. — Disse o Monsenhor.

— Creio que entendi tudo o que precisam, mas devo lembrá-los de que todos esses tecidos são muito caros, principalmente os que escolherem. — Comentei.

— É para nós uma grande honra cobrir as igrejas do mundo todo com vossos tecidos, mas vocês vão cobrar da Igreja de Jesus? Penso que não é certo... — Respondeu o Monsenhor.

— Trabalhamos e vendemos nossos tecidos no mundo inteiro e, por onde passamos, procuramos ajudar a quem precisa fazendo o que está ao nosso alcance pelos fracos e desfavorecidos, mas o que nos pedem não podemos aceitar, já que se trata de beleza e luxo. — Respondi.

O Monsenhor e o Papa riram e nos disseram que apreciavam pessoas que conheciam o verdadeiro caminho da prosperidade e que nós tínhamos um grande futuro.

— Não importa o custo, vamos pagar metade agora e a outra quando fizerem a entrega, está bem assim?

— Está perfeito! — Eu disse.

Olhei para Dancam e percebi que estava a ponto de ter um surto de raiva, então tratei de finalizar o assunto o mais breve possível.

— Como poderemos fazer as medições de todos esses tecidos?

— Vocês são diretos e gosto disso, está tudo anotado aqui, façam o certo e terão a outra metade do pagamento. — O Monsenhor disse me entregando os escritos.

— Não se preocupe. E quanto ao convite? — Perguntei.

— Claro, estão aqui. Como podem ver, têm dia e hora, não vão esquecer... — Lembrou-nos o Papa.

— Não vamos esquecer. — Assegurei.

— Fazemos questão de ir, podem contar com nossa presença. — Dancam falou.

Nos despedimos e saímos daquele lugar, Dancam estava com náuseas e meio febril. Assim que chegamos em casa, pedi a Agnes que preparasse um chá para ele e chamei Thomas e Lucas para conversar.

— Dancam não está bem e precisamos resolver o assunto das terras sem ele porque isso o perturba muito. Tive uma ideia e acho que dará certo, mas para isso vamos contratar mais pessoas na tecelagem, quero entregar esse pedido daqui dez dias.

— William, isso é impossível, nesse pedido temos serviço para quatro meses! — Thomas respondeu.

— Me ajudem, por favor, preciso entregar o pedido nesse prazo para poder usar o dinheiro na compra do castelo. — Pedi com lágrimas nos olhos.

— Mas esse dinheiro não é suficiente para comprar castelo nenhum, ficou louco?!

— É tudo o que terão de nós, mas para isso preciso que me ajudem a entregar o pedido.

— Meu irmão, todos querem nossos tecidos e esse é um mês que temos muitos pedidos, sem falar nas

audiências, como vamos fazer? — Lucas falou.

— Coloquem seus casos em minha mesa que os ajudarei com eles, enquanto isso, preciso que me auxiliem a concretizar esse plano. Vou falar também com o Sr. Aruaque. Peço que não desanimem porque estamos na reta final, posso sentir isso.

— Tudo bem, William, mas será como você disse, teremos que contratar muita gente. — Concluiu Thomas.

— Então, que possamos começar logo!

— Estamos juntos, William, não se preocupe porque vamos conseguir! — Lucas assegurou.

— Acredito que Agnes, Maria e Erica também poderão nos ajudar, elas são estudadas e muito inteligentes. — Thomas lembrou. — Vamos conseguir, meu irmão!

— Tenho certeza disso. Há muito eu espero por esse momento...

Me retirei e fui para meu quarto, lá supliquei pela presença do Sr. Aruaque, fechei os olhos e pedi que viesse até mim porque estava preocupado, mas tive uma surpresa que jamais esqueci.

Quando abri os olhos ela estava parada em minha frente, me olhando com uma criança nos braços, vestia o mais puro branco e brilhavam como o sol, seu amor me invadiu.

— Olá, William! — Ela disse sorrindo.

Apertei os olhos, queria reconhecê-la, olhei de novo e as lágrimas começaram a correr.

— Alicia, é você?

— Sim, sou eu, ansiava por vê-lo. Vim trazer conforto para seu coração e dizer que o céu inteiro está rezando por ti, por isso, não tema.

Eu só conseguia chorar.

— Não chore mais, veja como estou bem. Olhe, esse é o nosso filho.

Olhei para ele e chorei ainda mais.

— Se chama William, feito o pai.

Eu sorri.

— Não sofra por nós, continue com sua vida e cumpra sua missão, quanto a mim e nosso filho, não se preocupe porque estamos bem.

— Eu os amo. Não teve um só dia em que não pensei em vocês.

— Sei disso, também o amamos. Você é muito importante para nós mas temos que deixá-lo agora.

— Não vá, fique mais comigo! — Pedi.

— Nunca te abandonamos, estamos com você todos os dias. Vamos voltar para que nos veja, está bem?! Fique com Deus! Nunca esqueça que te amamos... — Se despediu.

Num piscar de olhos eles desapareceram e me senti feliz por tê-los visto, mas triste por terem ido embora. Abaixei a cabeça e pus-me a chorar. “O que o Senhor quer de mim, eu não entendo...”

Nesse momento o Sr. Aruaque apareceu.

— Está precisando dos meus conselhos, William?

— Sr. Aruaque, minha Alicia esteve aqui com o nosso filho nos braços, que saudade tenho dela! Queria estar mais próximo do meu filhinho, porque teve que me acontecer isso? Não consigo entender o que Deus quer de mim...

— Você deveria ficar feliz em poder ver que estão bem.

— Eu estou feliz, mas não os tenho perto de mim.

— Isso só vem te provar que essa vida aqui na terra não passa de um grande aprendizado e que a nossa verdadeira vida é no plano espiritual. Você mesmo

comprovou como Alicia e seu filho estão bem, fique feliz por estarem sob a proteção divina, isso sim é vitória!

Me aconselhou também a parar de perguntar o que Deus quer e, em vez disso, assumir minha vida para poder concluir a missão que um dia, eu mesmo quis para mim. Me explicou que estava ao meu lado para ajudar-me e que Deus não têm nada a ver com as escolhas que fazemos.

— Mesmo sabendo que trabalhar para Deus é um risco, você o assumiu e veio para esta vida por sua vontade, sendo assim, erga a cabeça e vença, meu menino!

— Vou aceitar ficar sem Alicia e meu filho, mas hoje, estou apreensivo por causa daquele castelo, estou disposto a fazer qualquer coisa para tê-lo.

— Cuidado com o que diz, William, você não pode se dispor dessa maneira. Lembre-se do que te disse sobre estar sozinho, pois nunca estamos realmente sozinhos, o mal vaga por todos os lados e o inimigo nos observa até encontrar um ponto fraco onde nos atacar sem nenhuma compaixão, portanto, se queres fazer o certo, pense e fale o certo. — O Sr. Aruaque me advertiu.

— Mal posso esperar para poder enxotar todos aqueles que tomaram as terras de meus pais. Sabe, Sr. Aruaque, para mim, essas pessoas são como uma “lepra” que se espalhou por toda a terra.

— Não pode querer nada pensando em vingança.

— Achei que esse sentimento já tinha deixado meu coração, mas vejo que não, o que eu faço? Quero aquele castelo e nossas terras de volta, quero retirar todos aqueles “leprosos” de lá, esses malditos costas oca!

— Entendo que quer o que é seu de volta, mas não é com xingamentos que vai conseguir. Precisa trocar a vingança pela justiça em seu coração de uma vez por todas; a honra, o amor e a paciência é que fazem um homem crescer. A vingança é um sentimento sujo que prejudica seu

coração e corrompe a alma, já a justiça é como um troféu para nossa vida, não só para você, mas para todos.

Parei de chorar, respirei bem fundo e disse:

— Sim, Sr. Aruaque, em nome de Jesus eu quero justiça!

— Agora sim posso te ajudar! Existem milhões como eu e, tenho certeza, vão pegar a sua causa. Confie, William, e alcançará a vitória, eu garanto!

— Confio no senhor e espero em Deus, Sr. Aruaque. Mas será que Jesus também pode nos ajudar?

— Jesus, desde antes do ventre de sua mãe, já pegou sua causa. Acredite, menino William, dará tudo certo, mas, para isso é preciso que tenha fé, pois sem ela não podemos fazer nada.

— Tenho fé e esperança, por isso nunca desisti.

— Isso é bom, vai nos ajudar muito. Mas agora me vou.

— Fique mais comigo, sua presença me tranquiliza.

— Pedi.

— Hora, menino, tenho que ir... quer ou não minha ajuda? Voltarei com meus irmãos, e serão muitos, pode acreditar.

— Eu acredito, Sr. Aruaque.

O Sr. Aruaque me abençoou e se foi me deixando tranquilo.

Contei aos meus irmãos sobre sua visita e eles ficaram felizes e tiveram esperança na nossa vitória pelo auxílio do Sr. Aruaque e dos mensageiros do Arcanjo Miguel enviados por Jesus.

Não sei se mereço tantos privilégios, além de Jesus, dos mensageiros do Arcanjo Miguel e de ter o Sr. Aruaque cuidando sempre de mim, ainda recebi a visita de Alicia. Meu Deus, será que sou digno de tanto?

Tudo o que sei é que meus irmãos e eu somos realmente muito abençoados desde pequenos e eu tenho que fazer por merecer tudo isso, pois ouro nenhum nesse mundo pode pagar todos os benefícios que recebemos.

Às vezes eu fico a pensar o que é esse mundo se não uma grande escola. Sei que um dia não estarei mais aqui, pois esse mundo não me pertence, por isso farei tudo o que puder por honra e glória de Jesus.

A única certeza da humanidade é a morte, como Deus é perfeito! Desde o mais rico até o mais pobre, todos os tipos de raça ou cor, velhos e crianças experimentarão a morte, até os animais passam por isso. Tudo o que é vivo morre para ganhar outra vida, isso é fantástico, Deus é maravilhoso!

Por tudo isso, antes de adentrar para a outra vida, quero melhorar esta vivendo em paz comigo mesmo e tentando fazer justiça, limpando um pouco dessa “lepra” que assola o coração dos homens. Tenho consciência de que esta é uma tarefa muito difícil e que não é possível livrar o mundo todo dessa “doença”, mas vou fazer o que puder por onde eu passar.

Bem, o tempo passou e, com a ajuda do Sr. Aruaque e de todas as pessoas que contratamos, em nove dias conseguimos aprontar o pedido do Papa, faltava só entregar. Lucas também chegou até nós com uma excelente notícia:

— O leilão do Castelo de Chamos será aqui mesmo, numa das mansões do Papa.

— Isso é maravilhoso! Só pode ter sido o Sr. Aruaque.
— Comemorei.

— Tenho certeza disso. — Disse Lucas.

Todos estávamos muito felizes.

De repente, Dancam chamou nossa atenção:

— Vejam, tio Thomas está chegando, ele veio nos visitar! — Exclamou.

Que festa fizemos com sua chegada!

Apesar de termos outros parentes, a impressão que tínhamos era de que ele é quem realmente se importava conosco.

Depois de saborearmos um delicioso almoço, fomos ao escritório conversar mais com o tio Thomas, ele nos perguntou como estávamos e quis saber dos negócios, mas sua visita foi mesmo porque ficou sabendo que o Papa Clemente estava leiloando o Castelo de Chamos e ficou preocupado porque sabia que faríamos de tudo para comprá-lo.

— O senhor acertou com relação à compra do castelo, tio, porque é o que vamos fazer! — Afirmei.

— Precisa mesmo disso, William? Veja onde moram e como estão bem, são respeitados pela sociedade. Não imagina minha felicidade quando um de seus empregados passou em Wiltshire nos oferecendo aqueles tecidos maravilhosos dos Irmãos Marchi, como chamaram; para mim foi uma realização de vida. Como o tempo passou, ontem mesmo ainda eram meninos!

— É por isso mesmo que queremos o que nos pertence, como o senhor mesmo disse, não somos mais meninos, assustados, somos homens e queremos o que é nosso por direito! Acho isso justo. — Respondi.

— Ah, meninos, tenho tanto medo que sofram alguma represália...

—Tio, nesse mundo em que vivemos, nem os muito ricos querem confusão com quem tem dinheiro, além do mais, é um simples castelo perto de todas as mansões, casarões e outros castelos que a Igreja tem. Na verdade, não é por causa do castelo, mas sim por nossas terras. — Disse Thomas.

— Então requeiram só as terras que lhes pertencem e esqueçam esse castelo! O Conde de Notuberland ficará

aborrecido porque, apesar de não ficar em Chamos, a maioria dos seus irmãos e primos mora lá.

— Sabemos disso, tio, e também que são todos Padres, Bispos, Arcebispos e Cardeais e, é justamente por isso que queremos comprar o castelo, para poder enxotar a todos de lá! Apesar de estar no limite com essa gente, não vamos brigar ou assassinar como eles fizeram com nossa família, vamos apenas pedir que se retirem de nossas propriedades. Penso que papai e mamãe iriam gostar muito de saber que recuperamos nossas terras. — Eu falei.

— Só mais uma pergunta, rapazes: quem irá tomar conta do castelo e das propriedades?

— Nós mesmos! Pretendemos trazer pessoas descentes que queiram trabalhar e ganhar o justo como nos tempos de papai, a vila voltará a ser como antes. — Dancam respondeu.

— E as propriedades que vocês adquiriram aqui, a tecelagem, como farão para advogar? Vão deixar tudo para trás por causa do castelo e das terras?

— Não é apenas um castelo e terras, tio Thomas, é justiça! Vamos continuar cuidando de tudo o que construímos aqui à distância, também, logo Thomas, Dancam e Lucas se casarão e nos dividiremos, uns ficarão aqui enquanto outros irão para lá. Deus sabe de nosso futuro, além do mais, ninguém ficará para semente. Não se preocupe, pois, dará tudo certo, eu prometo!

— Nós prometemos também, tio, pode ficar tranquilo! — Garantiram Thomas, Dancam e Lucas.

— Diante disto tudo, o que posso dizer é que, Deus os abençoe e ajude. Eu os amo demais e falo tudo isso por medo de algo dar errado e acontecer alguma coisa a vocês.

— Sabemos que nos aconselha para o bem e somos muito gratos por isso. — Eu falei e aproveitei para perguntar:

— Percebo que o senhor não está bem, além de nós, o que mais lhe preocupa, tio Thomas? Saiba que pode contar conosco, podemos ajudá-lo?

— Temo por Maria, não era um destino assim que eu desejava para um de meus filhos...

— Conte-nos o que está acontecendo, o que Maria está fazendo que o desagrada tanto. — Insisti.

— Maria é muito amada por mim e por vossa tia, mas deixou-se seduzir pelos galanteios do Rei Henrique VIII, não sei mais o que fazer, pois ele é casado com Catarina e isso certamente me trará desgraça.

— Tio, vou ter com Maria e tentar resolver essa situação.

— Creio que não adiantará, William, Maria não houve ninguém. Tenho vergonha do que vou falar, mas minha filha se perdeu nas mãos do Rei e isso me traz enorme tristeza, não era isso que eu queria para ela. Maria teve de tudo e mais um pouco e penso que sou culpado pelo que se tornou.

— Não fale assim, tio, somos uma família e, como o senhor nos ajudou, também vamos ajudá-lo. — Thomas disse.

— Não sei o que Maria quer de mim, acho que minha desmoralização, pois todos já sabem que é amante do Rei. Só quero sua felicidade e sei que esse não é o caminho, tenho certeza que isso não dará certo! — Tio Thomas falou com lágrimas nos olhos.

— Tio, Maria ama o Rei? — Perguntei.

— Antes fosse, estaria feliz se estivesse ao lado da pessoa que ama mesmo essa situação sendo uma vergonha para nossa família, mas Maria está interessada apenas nas viagens, joias e vestidos caríssimos.

— Mas isso ela sempre teve! Não entendo, tio...

— Tudo para Maria é pouco, ela quer sempre mais, nunca se contentou com o que tem.

— O senhor ainda trabalha para o Rei?

— Sim, mas evito estar perto dele; o bom é que meu trabalho é viajar. Mas ainda sonho em ser um Conde, rapazes.

— É um sonho bom e espero que alcance a vitória. Mas fale-nos de Jorge e Ana, como eles estão? — Perguntei.

— Acredito que estejam bem, saindo daqui vou vê-los, estão na Áustria faz três meses. Ana está sob a proteção da Arquiduquesa Margarida e Jorge a acompanha, ele cuida bem dela para mim. Vou pedir que retornem para casa esse fim de ano, pois quero tê-los sob meus olhos. Filhos dão muito problema!

— Não pense assim, tio, tudo vai dar certo!

— Espero que dê tudo certo, meninos, mas ainda quero lhes perguntar mais uma vez: desejam mesmo comprar esse castelo, têm certeza que não vão se arrepender? Quero que pensem bem.

— Já pensamos bastante e queremos nossas terras de volta, tio Thomas. — Dancam respondeu.

— Que Deus os proteja se assim desejam!

Aquele dia tivemos uma ótima ceia, meu irmão Thomas disse a nosso tio que estava namorando Agnes e que logo ficariam noivos.

— A felicidade de vocês é também a minha, meus filhos! — Ele disse.

Então Dancam nos surpreendeu dizendo que, no mesmo dia em que Thomas noivaria, ele e Lucas também o fariam.

— E quem são as felizardas? Vamos, contem-nos! — Eu incitei.

— Bem, pretendo ficar noivo de Erica, se ela me aceitar. — Dancam respondeu.

— E eu com Maria, mas resta saber se ela vai me aceitar também. — Falou Lucas.

— Quanto a isso não devem se preocupar, tenho certeza absoluta que elas aceitarão. — Eu falei.

— Notamos que são prendadas, educadas e têm respeito próprio. Lucas e eu achamos que não encontraremos mulheres iguais a elas em nenhum lugar da França, também tenho que confessar que me apaixonei por Erica. — Dancam revelou.

— Para mim isso também é um fato, tio Thomas, não consigo mais viver sem Maria, estou apaixonado por ela. — Lucas confessou.

Tio Thomas disse que estava muito feliz por Thomas, Dancam e Lucas, mas fez recomendações:

— Quero que me garantam que vão cuidar bem dessas moças, pois, segundo o que vocês mesmos me disseram, elas já sofreram demais. — Pediu.

— Não se preocupe, pois, nossas intenções são as melhores. — Thomas garantiu.

— Isso é bom! Sejam honestos e vivam sempre felizes. A propósito, e você William, quando me fará uma surpresa dessas?

— Não pretendo noivar e muito menos me casar, tio Thomas, sinto muito. A presença de Alicia me acompanha aonde quer que eu vá, ela foi o primeiro e único amor da minha vida e não tenho intenção de enganar ninguém.

— Me perdoe por lhe trazer essas lembranças, William, sei o quanto foi doloroso para você, o quanto sofreu. Me perdoe.

— Tudo bem, tio, é que ainda me dói muito. Não consigo entender porque perdi Alicia e meu filho, porque tiraram a vida deles...

— Sinto muito, filho, não foi minha intenção trazer à tona essas lembranças tão tristes. Vejo o quanto isso machuca seu coração, me perdoe!

— Não se desculpe, tio. Penso em Alicia todas as manhãs e noites e fico entristecido por alguns instantes, mas depois passa. Se o senhor não trouxesse essas lembranças, eu mesmo o faria. Não fique triste por mim,

acho que levarei esse amor comigo até os confins do mundo; nós nos amávamos muito e esse sentimento era verdadeiro.

— Bem, por essa noite, vamos tentar esquecer o passado para nos alegrarmos e festejarmos, pois amanhã bem cedo seguirei viagem.

— Fique conosco mais uns dias para comemorar com a gente, afinal falta pouco para o leilão e, finalmente, teremos justiça. Papai e mamãe ficarão felizes, bem como todos os que morreram com eles, sentirão que justiça foi feita e, o melhor, de mãos limpas. O senhor não gostaria de poder ver isso? — Insisti.

— Justiça é uma palavra que me anima bastante, William. Acho que posso ficar mais alguns dias, mas não poderei acompanhá-los já que o Papa e os dirigentes da Igreja me conhecem. Ficarei aqui esperando por vocês e pedindo que os anjos possam interceder a seu favor e a Deus para que dê tudo certo.

— Que ótimo, tio! Será muito bom tê-lo conosco mais alguns dias. — Thomas comemorou.

— Tio Thomas, o senhor trouxe nossos documentos?
— Eu perguntei.

— Sim, William, estão aqui como me pediu.

— Obrigado, sabia que podia contar com o senhor!

X. O retorno dos irmãos

Finalmente o dia do nosso acerto de contas chegou, creio que será como ir à guerra e espero que o Sr. Aruaque juntamente com seu exército possa nos acompanhar. Tenho fé nos Anjos do Arcanjo Miguel, o único a conseguir expulsar o demônio, e que ele nos ajudará a fazer justiça. Cada dia que passa tenho mais certeza que essa gente são a doença que contamina esse mundo porque permitem que o mal tome conta de si e, por isso, fazem tudo errado.

“Senhor Deus, somos poucos e por isso suplico vossa ajuda e também proteção para mim e meus irmãos. Sei que essa guerra não terá fim, e que, se não for conosco, será com outra pessoa pois seu povo clama por justiça e paz. Seus verdadeiros seguidores aqui na terra são minoria, mas temos o coração valente e adorador em espírito e verdade, e acredito que a multidão que vos serve não é daqui, mas trabalhadores do astral que agem sob vossa proteção. Auxilia-nos para que nossas almas possam se libertar na intenção de seguirmos em frente com a nossa missão a fim de que, quando formos chamados por ti, possamos nos juntar aos Anjos do Arcanjo Miguel para trabalharmos em prol da justiça e do bem estar de todos. Eu imploro pela sua intercessão, meu Deus!”

Chamei então Thomas, Dancam e Lucas para nos fortalecermos em intenção da nossa vitória e, como em todos os momentos importantes de nossa vida, unirmos nossas mãos e pensamento para dizer a frase que sempre

nos deu força e fez com que nunca desistíssemos. Assim sendo, convidei meus irmãos para fecharmos os olhos e orarmos:

“Jesus, nosso mestre, nos disseste que a vida eterna consiste em conhecer a Vós e a vosso Pai, assim sendo, derramai hoje sobre nós a graça de poder discernir todas essas palavras. Enviai seus Anjos afim de que nos iluminem, nos guiem e nos fortaleçam no nosso seguimento, porque sois o único caminho que leva ao Pai. Fazei-nos crescer em vosso amor para que sejamos testemunhas vivas de suas palavras, juntamente com vossa mãe Maria, nossa mestra, com quem gostaríamos sempre de poder aprender. Amém.”

“Pai nosso que estai no mais alto dos céus, santificado seja sempre o Vosso nome, venha até nós que é também o Vosso reino e que seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia dai-nos hoje e para todos os necessitados, para que sejam saciados. Perdoai-nos as nossas faltas, assim como tentamos perdoar aqueles que nos ofenderam. Sr. Deus, te pedimos que não deixei que caíamos em tentações e livrai-nos sempre de todo o mal, porque Vosso é o reino, o poder e a glória por todos os tempos. Amém.”

— Ó Maria, mãe de Deus, nossa mestra, nos ensina a sermos justos e nos abençoe nesse grande momento da nossa vida!

Abrimos nossos olhos e falamos todos juntos:

“Lutem e lutem.

Lutem mais uma vez.

Até cordeiros virarem leões.”

— Thomas, Dancam e Lucas, hoje, em nome de Jesus, teremos a reparação que tanto buscamos, não pelos bens materiais, mas por justiça.

— É tudo o que quero, esperei muito por esse dia. — Thomas disse.

— Só Deus sabe o quanto esperei por isso... — Dancam desabafou.

— Estou feliz por vocês, pois acompanhei todo seu sofrimento desde o início e sei o quanto é importante. Sinto que estamos fazendo justiça pelos meus também. — Lucas falou.

— Estaremos fazendo justiça por seu pai e seus irmãos também, Lucas, esteja certo disso. E não importa o que digam, você foi e sempre será nosso irmão, pois sofreu assim como nós. — Lhe assegurei.

— Tenho vocês como meus irmãos de verdade.

— E quem foi que disse que você, não é? — Dancam retrucou.

Foi quando tio Thomas veio alertar-nos que já era hora.

— Se quiserem justiça feita, rapazes, corram porque chegarão atrasados; a carruagem já está pronta e os aguarda na entrada do casarão. Mas antes, venham aqui que quero olhar vocês. Nossa... parecem Condes de tão belos! Deus os abençoe, Jesus está do vosso lado!

Entramos na carruagem com destino à um futuro certo. Como é fantástica a sensação de poder contar com a proteção dos Anjos, Arcanjos, Querubins e Serafins; Deus, era tudo o que eu precisava! Creio que Jesus entende que tudo o que quero é somente justiça!

A caminho do casarão do Papa onde seria o leilão, perguntei a Thomas:

— O Papa e o Monsenhor gostaram das encomendas?

— Ficaram encantados, William. Disseram que nossas rendas se pareciam com nuvens do céu de tão brancas e ficaram deslumbrados com a beleza das cores dos tecidos. Só não entenderam porque entregamos tão rápido.

Inclusive, o pagamento está todo aqui nesse pequeno baú como pediu.

— Ótimo! Seja qual for o lance, vamos pagar apenas com o que está nesse baú, é assim que vai ser.

— Como faremos isso, William? — Dancam perguntou.

— Ainda não sei, Dancam, mas tenho certeza de que Deus, na sua infinita misericórdia, conduzirá tudo e tenho fé que Ele colocará palavras de sabedoria em nossos lábios na hora certa. Mas posso te assegurar que, do nosso dinheiro, a única coisa que eles vão ter será o que pagaram pelos tecidos. Dará tudo certo, Dancam!

— Sei que dará certo, afinal, é meu irmão mais velho e confio em você.

Próximo do local do leilão, tivemos que enfrentar uma fila gigantesca de carruagens que também iam para lá; Barões, Arquidukes, Duques, Princesas, Viscondes, Condes e até Cardeais e Arcebispos, todos queriam o Castelo de Chamos.

— Isso não é uma casa ou casarão, mas sim uma mansão! — Exclamou Dancam.

— Será impossível comprarmos esse castelo, vejam quantas pessoas importantes estão aqui, custará muito caro, tenho certeza! — Thomas disse.

— Essas pessoas não são mais importantes que nós porque, ao contrário de todas elas, temos as escrituras das terras onde o castelo está. E mais, Thomas, como eu disse, não importa o lance que derem, compraremos esse castelo e essa será a compra mais barata que já fizemos em toda nossa vida. — Garanti.

— William, é nossa vez, estão recolhendo os convites. — Lucas avisou.

— Irmãos Marchi, é para nós grande honra tê-los conosco essa tarde, por favor, fiquem à vontade. — Disse o Arcebispo que nos recebeu.

— A honra é toda nossa, Sr. Arcebispo, acredite, estamos muito gratos pelo convite. — Respondi.

Então entramos naquela mansão maravilhosa.

— E eu pensava que estava no luxo, olhem para isso tudo, isso sim é ostentação! — Lucas estava maravilhado.

— Meus irmãos, tudo aqui é ouro puro, castiçais, taças... vejam aquelas estátuas, são persas! — Thomas falou boquiaberto.

— Que banquete fabuloso, vamos até lá porque quero experimentar de tudo! — Pedi Dancam.

— Dancam, você acabou de comer em casa, onde cabe tanta comida? — Perguntei.

— Se não querem ir, vou sozinho.

— Por Deus, William, por toda a vida pagamos para comer, veja tudo isso, e é de graça, podemos comer, comer e não pagar nada! — Thomas insistiu.

— Parece que vocês nunca comeram na vida! Mas tudo bem, comam o quanto quiserem, pois só o que pagamos por aquele convite daria para fazer uns três ou quatro banquetes como esse. E, Thomas, preste atenção: tudo nessa vida tem um preço, nada é de graça!

— Você está com medo, William? — Dancam perguntou.

— Nem um pouquinho! Só quero que comece para acabar logo, Dancam, é somente isso que quero. — Respondi.

Então Dancam disse num sorriso:

— Deus do céu, William, olhe só para isso!

Eu olhei e não quis acreditar, depois sorri. O Sr. Aruaque e seu exército gigantesco estavam nos jardins da mansão do Papa.

— Estou muito feliz e me sinto bem protegido, vou contar à Thomas e Lucas. — Dancam falou foi avisá-los.

Deus, como eu estava feliz! O Sr. Aruaque sorria e acenou para mim:

— Estamos aqui, menino William, não se preocupe que dará tudo certo!

Nunca vi, em toda a minha vida, exército tão numeroso como aquele. Então meus irmãos chegaram perto de mim e eu disse:

— Olhem, meus irmãos, contemplem um dos mistérios de Deus, estamos seguros e protegidos porque vieram nos animar!

Nessa tarde os segundos até parecem minutos, o tempo está passando rápido e chegou a hora do leilão. Fomos para o grande salão junto com todos os outros que ali estavam, biliardários que, apesar de já possuírem seus próprios castelos, queriam mais um somente pelo fato de ter, ao contrário de nós, que desejávamos fazer justiça.

Thomas comentou que, em primeiro lugar, o que ele queria era justiça, mas que sempre sonhou em poder morar em um castelo, Dancam sentia igual e Lucas contou-nos que nunca nem sonhou em ter parte de um castelo.

Somos quatro e tudo o que temos sempre foi dividido em quatro, apesar de Lucas não possuir nosso sobrenome, ele sempre fez parte de nossa irmandade e todos o conhecem como um dos Irmãos Marchi.

— Vamos ficar em pé porque o Arcebispo vai falar, fiquem quietos para podermos ouvi-lo. — Pedi.

— Principalmente você, meu irmão, pois continua a falar alto, muito alto e poderá estragar nossos planos. — Thomas recomendou.

Balancei a cabeça em sinal de sim enquanto o Arcebispo começava a falar.

— Boa tarde, meus irmãos batizados em Jesus Cristo! Desculpem-me ter que falar nessa pequena corneta, mas é necessário para que todos possam me entender, já que estamos em grande número. Quero primeiramente

agradecê-los, nossos convites se esgotaram e estamos satisfeitos, pois, isso sim é que é ajudar a Igreja de Jesus Cristo!

Então, passou a palavra ao Papa:

— Sejam todos bem-vindos à esta tarde beneficente pela qual, através de vocês, muitos serão agraciados. Caros irmãos, eu vos convido a contribuir com essa causa nobre, pois hoje a Igreja passa por uma grande provação. Como todos sabem, o Conde de Notuberland acumulou muitos serviços e deseja ficar apenas no castelo em sua cidade, sendo assim, decidiu doar o que for arrecadado hoje com a venda do Castelo de Chamos aos cofres da Igreja para que seja distribuído entre os vilarejos carentes, aos doentes, aos pobres e a todos os que sofrem.

E continuou:

— Tenho certeza, assim como todos aqui, que o feliz dono não se importará em, generosamente, ceder o castelo aos filhos de Deus que nele residem. Quem der o lance final, sem dúvida será o dono e terá o documento de posse, mas queremos que entendam, em nome de Jesus, que a Igreja precisa desse lugar. E mais, um terço das terras irá com o castelo, por isso não haverá problema se o novo dono quiser plantar, pois o cultivo de grãos é muito próspero nelas e posso garanti-los isso, já que a vinte anos colhemos excelentes safras nessas terras.

Então finalizou:

— Senhores, entendam que se trata de uma compra nobre, de uma boa ação, por isso, vou chamar o Arcebispo Arlins para darmos logo início aos lances.

O Arcebispo nos cumprimentou e começou o leilão.

— Hoje será leiloado o Castelo de Chamos em Orcam, na Inglaterra, sob o lance inicial de dez baús de ouro. Fiquem à vontade para darem seus lances.

— Vejam, o Barão de Lion pagou o lance inicial, quem dá mais?

— Quinze baús de ouro para o Conde de Nancy.
— Lembrem-se senhores que é por uma boa causa!
— O Arcebispo instigou.

— Ótimo, o Duque de Reins dobrou o valor, ele paga trinta baús de ouro! Quem dá mais, quem dá mais?

— Que alegria para nós, o Duque de Orcam está dando o lance de quarenta baús de ouro!

— Quarenta e cinco baús de ouro para o Duque de Natuberdia!

— O Conde de Wessex ofereceu cinquenta baús!

— Quem dá mais? Vamos, senhores, é por uma boa causa!

— Conde de Nantes, sessenta baús de ouro! Muito bem, senhores!

— Minha nossa! O barão de Eubéia deu o lance de setenta baús de ouro, estão indo além de nossas expectativas!

— Quem dá mais? Não esqueçam que poderão plantar e colher ótimos grãos naquelas terras. Quem dá mais, será que vão parar por aqui?

— Claro que não, pois o Conde de Lili ofereceu noventa baús de ouro!

— Senhores, estamos emocionados com vossa generosidade! Quem dá mais?

Notei que aquelas pessoas vindas de vários países queriam comprar o castelo, porém seu maior interesse eram as terras, pois certamente começariam plantando do terço que estava indo com o castelo e, com o passar do tempo, tomariam conta do restante que, segundo o Papa, pertenciam a ele.

Pesando e medindo, a verdade é que o Papa estava tentando enganar aqueles senhores, estes, por sua vez, intencionavam enganar o Papa e nós, queríamos enganar aos dois. Espero que Deus nos perdoe por isso, pois só o que buscamos é justiça!

— William, você não está escutando? O lance já está em noventa baús de ouro, é o momento de darmos nosso lance. — Dancam falou.

— Esperaremos o lance final. — Cochichei em seus ouvidos.

— Onde quer chegar, William, é muito dinheiro! — Thomas disse preocupado.

— Todo o dinheiro que eles vão ter será somente o que trouxemos, fiquem em silêncio que o leilão não acabou ainda. — Respondi.

Foi um grande momento quando o Conde de Norflagem levantou-se e disse que pagaria noventa e cinco baús de ouro, pois, nesse momento, todos os outros silenciaram, já que não disponibilizavam de mais.

Esprei por alguns minutos.

— Bem, acho que ninguém poderá cobrir esse lance, sendo assim, agradeço a presença de todos e a disponibilidade de nos ajudar nessa causa nobre. Então, pela última vez, alguém dá mais? — O Arcebispo disse.

Meus irmãos e eu nos levantamos e erguemos o braço.

— Nosso lance é de cento e vinte baús de ouro!

— Como é? Querem, por favor, dizer mais alto? — Pediu o Arcebispo.

— Cento e vinte baús de ouro, Sr. Arcebispo, esse é o nosso lance. — Falei em meu tom normal de voz, que era bastante alto.

— Ultrapassaram todas as nossas expectativas, senhores! — Comemorou o Arcebispo e bateu o martelo. — Vendido o Castelo de Chamos, em Orcam, para os Irmãos Marchi sob o lance de cento e vinte baús de ouro.

O Papa sorriu satisfeito.

— Venham até aqui para poderem assinar as escrituras do castelo. — Nos convidou o Arcebispo e também pediu aos demais que sentassem e aguardassem

mais uns minutos e que, enquanto isso, seriam servidos de vinhos das melhores safras.

Fomos até vossa eminência, o Papa, que, diga-se de passagem, estava contente, encantado, feliz e sorridente, e estavam juntos como testemunha três Bispos, quatro Arcebispos, dois Cardeais e quatro Padres. Então, peguei o pequeno baú com o pagamento dos tecidos e lhes entreguei dizendo:

— Eis aqui, vossa eminência, a paga pelo castelo.

— Gosto de vocês cavalheiros, vejo que gostam de brincar. — O Papa disse.

— Nem eu nem meus irmãos estamos aqui para brincadeiras.

— Então, senhores, entenderam errado, pois deram o lance de cento e vinte baús de ouro.

Nesse momento o Arcebispo quis pegar a escritura do castelo e eu o adverti:

— Deixe-o aí mesmo, pois meus irmãos e eu vamos assiná-lo.

— Vocês só podem estar loucos! — O Arcebispo exaltou-se.

— Não somos loucos! — Então olhei para o Papa. — Como ousam vender um terço de nossas terras? Vocês é que são loucos!

— Creio que temos um grande mal entendido aqui, rapazes. — O Papa falou.

— Não há mal entendido algum, somos os proprietários de todas aquelas terras e as queremos de volta!

— Que terras? Chamem os guardas, por favor, alguém chame os guardas! Estou passando mal... — Irritou-se o Papa.

— Vossa eminência, essa não é hora de passar mal, mas para nós é importante que os guardas estejam aqui para ouvir o que temos a dizer. Na realidade, não queríamos

que todos soubessem, mas se fazem questão, fiquem à vontade.

— Esperem, não chamem os guardas ainda! Quem são vocês, o que querem? — Perguntou-nos.

Abri o pequeno baú e respondi:

— Pegue o dinheiro, senhor, e faça dele o que bem quiser, ou, se preferir, meus irmãos, que são excelentes advogados, podem jogar uma ação contra o Papa e a Igreja.

— Sou um homem de Deus e trabalho para a Igreja de Cristo, vão colocar um processo em mim sobre qual acusação?

— Assassinato, roubo e usufruto de propriedade que não vos pertence. Do contrário, podem deixar-nos assinar as escrituras do Castelo de Chamos que está em nossas terras.

— Impossível! Somos os donos daquelas terras e vocês só podem estar blefando! Saibam que a pena para o que estão fazendo é a decapitação!

— Então prove, mostre-nos as escrituras daquelas propriedades! — Insisti.

— De onde vieram esses senhores, isso é impossível! — Reclamou o Papa.

— Eu explico: por sua ordem, entraram em nossa casa, mataram nossos pais e sacrificaram a vida de trezentas pessoas, tudo por causa disto! — Joguei as escrituras na mesa e continuei:

— Naquele dia não conseguiram nos matar e, depois disso, esqueceram-se de nós, mas agora estamos aqui e queremos nossas terras de volta, junto com nosso castelo.

— Deus amado! Como conseguiram essas escrituras, se Sir William e sua família estão mortos? Bem... é o que todos dizem.

— Então já ouviram falar de nossos pais? Vocês não imaginam tudo o que passamos para sobreviver! — Dancam pegou os papéis e continuou:

— Essa é a prova que as terras são nossas! Sendo assim, assinaremos a escritura do castelo que acabamos de comprar agora, ou contaremos para todos os presentes o que fizeram em nossa casa naquele dia, ou será que ainda não entenderam?

— Depois de tantos anos vocês ainda brigam por terras? — O Papa retrucou.

— Não pelas terras, mas por justiça! — Dancam assegurou.

— Pois podem assinar! — Decidiu contrariado.

E assim fizemos na frente de todas aquelas testemunhas, agora, usando nossos verdadeiros sobrenomes “Maxsuel Bolena Marchi”.

O Papa ficou extasiado quando viu e disse boquiaberto:

— Jesus Cristo, eles falam a verdade! E agora são donos do castelo; por favor, senhores, deve haver algum engano.

— Os senhores fizeram uso daquelas terras sem possuir documentação legal, depois tentaram vender parte delas e agora vêm nos dizer que é um engano?! Pois saibam que não falamos nem da metade de tudo o que sofremos e do que nos fizeram passar durante todos esses longos anos. Hora, Sr. Papa, não se lamente por nada, afinal, essas propriedades nunca vos pertenceram. — Respondi.

— Por favor, rapazes, não nos queiram mal, lembrem-se que todos nós aqui trabalhamos para a Igreja de Jesus. — O Papa tentou contemporizar.

— Pois continuem a trabalhar assim para Jesus e tudo o que conseguirão é o que o demônio pode oferecer! — Dancam irritou-se.

Pegamos as escrituras e as guardamos.

— Eu posso fazer coisas com vocês que até Deus duvida! — O Papa ameaçou-nos, tentando nos persuadir.

— Disso temos certeza, mas quero que saiba que não nos intimidamos com suas palavras. A propósito, não faremos como fizeram conosco, não vamos matar nem roubar, mas exigimos que retire seus subordinados de nossas terras e do nosso castelo no prazo de trinta dias. Para o caso de isso não acontecer, aviso-lhes que entraremos com uma ação contra vocês, pois queremos aquele lugar limpo quando chegarmos lá! — O respondi e comentei:

— Horas, pessoal, sorriam... seus convidados estão começando a ficar preocupados. Vamos, ergam os braços e acenem para mostrar o quanto estão felizes.

— Vocês não perdem por esperar! Eu os excomungo da Igreja de Jesus Cristo tanto aqui na terra como no céu! — Ameaçou-nos atordoadado.

— Bem, isso só quem sabe é nosso Mestre Jesus e, graças a Deus, o senhor não tem poder sobre essas coisas. — Respondi satisfeito.

Então, com os documentos devidamente guardados, reverenciei e me despedi de todos.

— Senhores, passem bem! Até um dia, se Deus quiser!

Meus irmãos fizeram o mesmo e saímos de cabeça erguida.

Todos aqueles senhores e senhoras vieram nos cumprimentar e parabenizar pela compra do castelo e, daquele dia em diante, nos aproximamos e passamos a ser respeitados por eles, pois, não é todo o dia que cruzamos com alguém com cento e vinte baús de ouro.

Convites para jantares não paravam de chegar em nossa casa, convites para conhecermos castelos, cidades e províncias, todos queriam fazer parte das relações dos Irmãos Marchi. Quem não gostou nada disso foi o pobre Papa, que nos comia com os olhos de longe.

Vi nos olhos de meus irmãos o quanto estavam felizes, principalmente os de Dancam, que cintilavam de felicidade. Eu, naquele momento, só agradecia:

ao grandioso Deus;

a seu filho Jesus;

à mãe de Jesus, Nossa Senhora;

ao Arcanjo Miguel e, principalmente,

ao Sr. Aruaque com seu numeroso exército.

Tudo o que posso dizer é obrigado! Obrigado, obrigado, muito obrigado; nunca vou parar de agradecer, por toda minha vida serei agradecido!

Aquele dia foi proclamado por nós como o dia em que a justiça foi feita!

Por Deus, por honra, por amor, por nossos pais, por todos os que morreram com eles, pela Inglaterra, por nós, a justiça foi feita!

— Ainda não consigo acreditar que o Castelo de Chamos é nosso e que conseguimos recuperar nossas terras! — Dancam disse aliviado.

— E tem mais, de agora em diante poderemos assumir nossa verdadeira identidade, não precisamos nos esconder de ninguém, somos livres! — Thomas comemorou.

— Essa é uma verdade boa: somos os donos do castelo, temos nossas terras de volta e somos livres. Mas, diante disso tudo, não podemos nos esquecer das ameaças do Papa, devemos sempre vigiar. Não que tenho medo, mas sabemos bem o quão covardes podem ser para com seus desafetos, pois são pessoas que atacam pelas costas quando menos se espera. — Falei.

— Se querem nos atacar, é bom ficarem sabendo que estamos prontos! Agora, a expressão nos olhos do Papa quando assinamos aquela escritura foi muito engraçada, achei que ele iria enfartar. Depois de tudo, a verdade é que não importa mais o que acontecerá de agora em diante, pois nada me atingirá porque nosso sonho se tornou

realidade. Se eu morrer hoje, morrerei feliz! — Dancam estava confiante.

— Pare de falar besteiras, Dancam; nossa missão não acabou e, portanto, nada de morrer agora, ouviu?! Sobre o Papa, também achei que ia enfartar, só não sei se aquele vermelho todo foi vergonha ou vontade de nos esganar! Queria poder olhar em seus olhos e saber como se sente agora. — Lhe respondi.

O mais importante de tudo era que o Papa não poderia falar a ninguém o que aconteceu, remoendo seu pequeno baú, teria que se contentar em olhar todos aqueles nobres comendo e bebendo felizes em comemoração ao leilão bem sucedido.

— Querem saber, eu não gostaria de estar na pele dele! — Comentei.

— Que tal fazermos uma festa hoje? — Lucas propôs.

— Eu concordo, faremos uma festança! — Dancam disse.

— Comida e bebida por minha conta! — Disse Thomas.

— Beberei e dançarei com todas as mulheres convidadas, será nosso dia de ação de graça! — Eu comuniquei.

Nesse momento o Sr. Aruaque nos surpreendeu.

— Ação de graça não é bebedeira nem orgia, estão felizes e isso é fato, que querem comemorar também, mas façam direito. Já falei centenas de vezes que preciso de vocês bem para concluírem sua missão.

— Não podemos beber? — Dancam perguntou?

— Claro que podem, mas sem exagerar. Outra coisa, como vão convidar mulheres para comemorar convosco em vossa casa se Thomas está namorando Agnes, Dancam está com Erica e Lucas com Maria? Não acredito que farão essas três moças dignas servirem as desavisadas que pretendem chamar, isso é um erro.

— Entendemos, Sr. Aruaque, só queríamos nos divertir... — Respondi.

— Tudo o que fizeram até agora foi divertir-se. Celebrem esse dia com um jantar especial com vosso tio e com suas futuras esposas, bebam vinho a vontade, cantem e dancem sem convidados hostis que só querem o que vos pertence.

— Sr. Aruaque, deixe-me falar que essas amigas que pretendíamos chamar não escolheram essa vida que têm. — Comentou Dancam.

— Mas a hora que quiserem podem sair da vida que levam, pois todos temos o livre arbítrio e podemos fazer dele o que quisermos. Basta desejar justiça e querer trabalhar de forma digna, honesta e de mãos limpas e aceitar Jesus, que é o único caminho que nos leva ao Pai.

— Às vezes, Sr. Aruaque, essas pessoas não tiveram tanta sorte em ter uma pessoa como o senhor para poder direcioná-las para o bom caminho, nós tivemos essa sorte e o senhor sabe bem como somos gratos. — Eu falei.

— Não se enganem, rapazes, todas as pessoas possuem seu próprio anjo para ajudá-las, basta que se pare para ouvir sua voz. Esses anjos fazem o que podem em benefício de seu protegido, mas, a maior parte das pessoas prefere viver em pecado fazendo coisas que desagradam a Deus. — Nos explicou.

— Essas pessoas vão para o inferno? — Perguntei.

— Não, pois são pessoas boas usadas pelo mal e seus exércitos, e Deus não perde nenhum dos seus amados. Mas vou repetir ainda mais uma vez: suas almas não podem se ferir para que não se acovardem diante do que têm de fazer, vossa missão deve ter êxito. Aceitem isso e gozarão da felicidade, não aqui nesta terra, mas no céu!

Bem, tudo o que o Sr. Aruaque nos disse era uma verdade muito grande, mas é que o mundo nos oferece coisas de mais, conseguimos multiplicar o que papai e

mamãe nos deixaram, assim, somos tão ricos que temos para nós e para doar também, e isso tudo seduz. O Sr. Deus foi e continua sendo muito generoso conosco, mas creio que não são bens materiais o que Ele quer de nós, mas outra coisa.

O Sr. Aruaque nos deixou e voltamos para casa, lá chegando, fomos logo mostrar a escritura do castelo para tio Thomas.

— Hoje, meu irmão William, com sua esposa Seline e todos aqueles que morreram com ele, alcançam a tão sonhada justiça, hoje também vocês nasceram de novo, pois ganharam suas identidades. Hoje foi feita uma grande justiça, sem derramamento de sangue ou sacrifícios, de mãos limpas e coração valente! Vocês são meu orgulho, tenho muita sorte de tê-los como sobrinhos!

Aquela noite foi realmente um dia de ação de graças!

O tempo que demos ao Papa para que retirasse seus subordinados de nosso castelo e de nossas terras finalmente chegou ao fim e viajamos até Orcam, na Inglaterra, para tomar posse do Castelo de Chamos.

O castelo e as terras estavam desertos e andamos por tudo tentando disfarçar a emoção para não chorar por causa de todas aquelas recordações de nossa infância e do quanto fomos felizes naquele lugar, também as lembranças de todo o sofrimento que passamos ali não nos deixava.

O castelo era imenso e subi numa de suas torres mais altas afim de contemplar a imensidão de nossas terras, os campos estavam verdes e as árvores balançavam com o vento, não aguentei e chorei. “Deus, que saudade de mamãe e papai! Será que essa dor não passa?”

Reuni então meus irmãos para decidirmos o que fazer.

— Vejam esse castelo, é gigantesco! O que faremos?
— Perguntei.

— Pretendo formar família aqui com minha Agnes. — Thomas respondeu.

— Quero reconstruir a casa de nossos pais e viver lá com Erica. — Disse Dancam.

— Se permitirem, também desejo constituir família e morar nesse lugar, gosto muito daqui. — Lucas pediu.

— Esse é o melhor lugar do mundo! Respirem esse ar, é puro, é de nossa casa, de nossa Inglaterra! Lucas, você é nosso irmão e pode ficar onde quiser, aqui ou voltar para a França, decida como quiser, irmão! — Respondi.

— Decidi por ficar aqui com vocês, meus irmãos. Obrigado William!

— Esperam um pouco, vocês vão parar de advogar? Esse era seu sonho, não podem parar agora... — Eu disse.

— É bom que somos formados para que ninguém possa nos passar a perna, mas a verdade é que só o fizemos para agradar ao tio Thomas. Não posso negar que foi muito bom para nós, mas quero plantar e colher, quero dar a meus filhos a vida simples que tivemos, quero que possam brincar e correr com liberdade. — Revelou Thomas.

Dancam e Lucas pensavam igual.

— Teremos um problema: o que faremos com a tecelagem e as lojas de tecidos? — Apontei.

— Temos excelentes funcionários que tomarão conta de tudo para nós, creio que daremos conta de todos os nossos empreendimentos. — Thomas sugeriu.

— Isso é verdade — Concluí.

Bem, o tempo passou; Thomas casou-se com Agnes, Dancam casou-se com Erica e Lucas casou-se com Maria. O Conde de Watteau fez questão que a cerimônia e as festividades fossem realizadas em seu palácio, três casamentos em um só dia e uma festa de duas semanas onde nobres convidados não paravam de chegar com presentes requintados e caros.

Eu continuei apaixonado por Alicia que, todos os dias ao nascer do sol, vem estar comigo e traz o consolo de suas palavras de paz, sendo uma fortaleza na minha vida. Esse é para mim um consolo já que não posso tê-los comigo, ela e meu filho. Mamãe vem ver a mim e a meus irmãos uma vez por mês e ainda hoje canta para nós, quer dizer, para Dancam.

Quanto ao Sr. Aruaque, este está comigo todos os dias, é meu pai, minha mãe e meu melhor amigo, meu companheiro e parceiro em tudo. Deus, o que seria de minha vida sem a presença do Sr. Aruaque?

XI. Famílias

Deixei que meus irmãos tomassem conta de todos os nossos empreendimentos e, por um bom tempo, dediquei-me a conhecer lugares e pessoas viajando pelo mundo. Numa dessas, fui visitar tio Thomas e aproveitar para agradecê-lo novamente por tudo o que fez por mim e meus irmãos, mesmo ele sempre dizendo que não precisa porque somos para ele como filhos.

— Já sabe que temos uma Rainha na família, William?
— Perguntou-me.

— Sim tio, recebemos o convite para a coroação; não pudemos ir mas ficamos muito felizes por Ana. — Respondi.

— Ana conseguiu para mim o título de Conde.

— Era tudo o que o senhor queria, não era, tio?!

— Mas foi uma pena que Ana tenha se casado com o Rei Henrique.

— Porque tio? Não há amor nessa união?

— Há muito amor, William, aliás, nem sei de onde nasceu tanto amor, mas queria para Ana uma vida mais simples. Quando o Rei Henrique e Ana se conheceram, todos sabiam que ele tinha tantas mulheres quanto os grãos de areia da praia, mas também viram quão avassaladora foi a paixão que os uniu, tanto que ele abandonou suas amantes e se divorciou da sua esposa legítima, Catarina para ficar com ela. Não consigo entender de onde surgiu esse sentimento, meu sobrinho.

— Hora, tio Thomas, pense positivo: eles se amam!

— Queria tanto esse título e estou feliz por isso, mas não gostaria que tivesse sido dessa forma... Veja, William, até Jorge conseguiu um título de Visconde, Maria casou-se com um bom homem, mas Ana é muito encenqueira para ser Rainha; até já arrumou uma confusão com o Papa que não tem tamanho!

— Pense bem tio, Ana é uma encrenqueira do bem!

— Isso é verdade, Ana só arruma confusão por querer fazer o certo. Já a aconselhei a deixar fazerem o que querem, mas me disse que enquanto puder, irá defender os carentes e indefesos. Quer saber, essa menina está prestes a arrumar uma confusão daquelas!

— Mas se for assim como está me contando, será uma confusão por uma boa causa! Tio, o que acha se eu for visitá-la?

— É uma ótima ideia, Ana sempre fala de você! Vamos juntos. — Meu tio respondeu contente.

— E seus irmãos, William? Conte-me sobre eles. Ah... meus sobrinhos, é para mim uma realização vê-los tão prósperos. — Continuou.

— Estão todos bem, tio Thomas. Erica, a esposa de Dancam, espera um bebê e Maria, esposa de Lucas, também. Thomas e Agnes desejam muito ter filhos, mas ela é estéril.

— William, diga para Thomas e Agnes que para Deus nada é impossível e que, de um jeito ou de outro, terão seus filhos.

— Sim, tio, falarei com eles e darei o recado. Mas sinto o senhor triste, por favor, não fique assim!

— Não era para ser assim, William, queria meus filhos bem.

— Eles estão bem, tio, não se preocupe tanto, vai dar tudo certo! Cada um escolhe o que ter e não podemos mudar isso.

— Sei que não podemos mudar o destino, pois não há nada por acaso.

Então, aproximou-se de nós o empregado para avisar que um Jesuíta esperava por meu tio no salão principal. Tio Thomas pediu que eu o acompanhasse. Foi nesse dia que tive a honra de conhecer um homem incrível cuja

honestidade era seu nome e trabalhar para Deus, sua missão.

Contou-nos nessa ocasião que no distrito de Santarém, em Portugal, índios estavam sendo mantidos presos em cativeiro, vendidos como escravos e cruelmente assassinados. Mas o que mais nos chocou saber foi que os bebês eram retirados dos braços de suas mães para servirem de comida em banquetes.

— Não entendi, como é? — Perguntei atônito.

— Eles matam os bebês, assam e comem; fazem isso por pensarem que, porque vivem nas matas, os índios são animais selvagens. Mas são humanos e precisam de ajuda!
— Nos falou.

Continuou nos explicando que esses índios estão em Portugal e na Espanha e que não há ninguém por eles, mas que os jesuítas resolveram ajudar nem que isso lhes custe a vida.

— Se conseguirmos salvar apenas um, já terá valido a pena. Infelizmente a sociedade só pensa nos prazeres sociais e religiosos, quando deveria se empenhar em civilizá-los ao invés de simplesmente matar. Por esse motivo, os índios atacam e matam com flechas qualquer um que tente se aproximar, mas não os condeno, pois só estão tentando se defender.

— E de onde nasceu essa ordem tão corajosa na defesa dos menos favorecidos? — Perguntei.

— Nascemos dentro da Igreja, mas somos livres, trabalhamos para Jesus e tudo o que temos é repartido com os irmãos. Temos vários colégios de ensino fundamental e religioso, mas trabalhamos mesmo é nas aldeias e colônias ensinando e pregando. Não acumulamos ouro, nem prata e o que temos é somente para comer, por esse motivo não somos incomodados pela Igreja; tudo o que queremos é evangelizar o povo de Deus, inclusive os índios.

— Amo a ideia de praticar a justiça, principalmente se for com amor. Estamos conversando, mas ainda não sei vosso nome.

— Ah, meu Deus, não vos apresentei! — Lembrou-se tio Thomas.

Então fez as devidas apresentações; o nome do Jesuíta era Tomé de Souza.

— Fale-nos mais de seus planos, Tomé. — Pedi.

— Queremos evangelizar as pessoas, principalmente os índios, levando nossas escolas por todo o mundo, também no intuito de tentar realizar o maior dos nossos sonhos, que estes sejam reconhecidos perante a sociedade.

Me interessei pela causa.

— Quero ajudar, Tomé, acredito que é isso que Deus quer de mim. O que preciso fazer para ser um Jesuíta? — Perguntei.

— Um coração valente, William, fé e caridade são muito importantes, também coragem para deixar a vida boa que têm. — Me respondeu.

— De onde eu venho aprendi a ter muita coragem, fé não me falta e caridade tenho para com todos.

— Tudo o que posso dizer então, é bem-vindo à nossa missão!

O Sr. Aruaque, que estava perto de mim, sorriu.

Tomé veio até meu tio afim de conseguir alguma ajuda para as escolas e as crianças e jovens que nelas estudam. Disse-me que o trabalho que realizam não é nada fácil e contou-me sobre os perigos de estarem próximos aos índios.

— Onde está situada nossa colônia há constantes desaparecimentos de irmãos nossos e descobrimos que eles são pegos pelos índios que os torturam, amarram numa cruz e lançam rio abaixo. Diante desse fato, ainda deseja ir para lá?

— Sim, eu quero! Mas vocês têm certeza de que essas coisas que estão acontecendo com os jesuítas são obra dos índios?

— Sim, William, temos certeza. Eles são um povo hostil e têm muito medo de qualquer um que se aproxime, pois pensam que todos somos iguais.

— Eu vou! No íntimo do meu coração acredito que esta é minha missão.

— Mesmo sabendo que pode ser morto?

— Terei que morrer um dia, não é mesmo?! Se eu ficar aqui, talvez não consiga mudar nada, mas como Jesuíta posso fazer alguma coisa.

— William, pense bem, lembre-se que terá de viver como um Jesuíta. É isso mesmo que quer? — Tio Thomas perguntou.

— Ouro e prata não me ajudarão a entrar no reino do céu, roupas caras e mansões, tudo isso acaba, tio Thomas.

— É uma verdade. E vou lhes dizer, nem que você doasse tudo o que têm aos pobres, sem amor, nada teria valor, de nada adiantaria. É uma realidade que precisamos muito de dinheiro, mas se doar assim, como está fazendo, vale muito mais que todo o ouro que possa oferecer, não tem preço!

— Quando sairão em missão? — Quis saber.

— Devido todas as mortes de jesuítas, estamos nos preparando melhor e montando um estratagema para que os índios possam confiar em nós, queremos mostrar a eles como são importantes aos olhos de Deus, queremos que entendam que nossa intenção é somente ajudar. Será uma missão muito arriscada e longa, ficaremos talvez anos na mata e, por isso, torno a repetir que pode custar a sua vida.

— Tudo o que tenho a lhe dizer, Tomé, é: eis-me aqui; quero estar nessa missão! Quanto tempo tenho para me preparar?

— Isso não sei lhe informar, só que terá que se preparar muito bem.

— E como posso me preparar para essa missão?

— Olhando você assim, creio que já está bem preparado, mas venha para uma de nossas colônias afim de aprimorar-se ainda mais.

— Irei assim, sem falar com os dirigentes da Igreja?

— É simples assim, para trabalhar para Deus não são necessárias muitas formalidades, basta querer.

— Os dirigentes da Igreja estão sempre nesse lugar?

— Estamos praticamente abandonados, William, por isso digo que somos verdadeiramente trabalhadores de Deus. O Jesuíta Rodolfo acredita que logo a Igreja se interessará por nós, mas acho isso muito difícil visto que não temos nada além de nossa comida e bebida.

— Creio que a situação de vocês vai mudar muito, pois estão recebendo muitos colaboradores e, quando a Igreja souber disso, aposto como todos vão querer ser jesuítas também. — Tio Thomas comentou e todos nós rimos.

— E como faremos para esses índios nos aceitarem como amigos? —Continuei querendo saber mais.

— Com comida, William. Temos que presenteá-los com comida e, depois, ensiná-los a plantar e colher. Como vivem na mata, sobrevivem do que a mata lhes pode oferecer, noventa por cento dos índios sobrevive da caça. São um povo que não se interessa pelo ouro ou pela prata, querem somente ter com que se alimentar; não lutam por riquezas, mas por justiça. Esses índios não sabem o quão preciosos são para Deus!

— Desejo do fundo do meu coração estar lá com vocês, mas antes tenho que falar com meus irmãos. Como faço para lhes encontrar? Tenha certeza que irei para onde estiverem.

— É fácil: vá até Portugal na cidade de Ribatejo, de lá, procure pela província de Santarém, pergunte pelos jesuítas Descalços e, com certeza, nos achará.

— Os encontrarei, não se preocupe! — Garanti.

— Não tenha pressa, William, só lembre-se que, para ajudar aos necessitados, devemos fazer tudo em nome de Jesus; pessoas desfavorecidas e carentes vão estar sobre a terra por todo o sempre, quanto mais fazemos hoje, mais teremos para fazer amanhã.

Passei mais alguns dias na casa de tio Thomas e voltei para Orcam, para junto de meus irmãos. Conversei com os três e contei que havia conhecido um Jesuíta e que sentia que deveria estar nessa missão com eles em Portugal.

— Jesuítas, William? Portugal? Você não nasceu para isso, esses homens vivem na mais pura pobreza, é realmente isso que quer? — Dancam não entendia.

— Sim, Dancam, é exatamente isso que quero! Preciso fazer alguma coisa para Deus e sinto esse momento chegando. — Falei.

— William, nós já temos colaborado muito com os desfavorecidos, olhe à sua volta e veja nossos colonos, nós os recolhemos das ruas e hoje eles têm casa, trabalho e vivem bem com o salário que pagamos; isso também é fazer caridade. E mais, temos uma vida com tudo o que o ouro pode comprar, eu não entendo porque quer juntar-se aos jesuítas. — Thomas argumentou.

— Quero ajudá-los, colocar minhas mãos nessa missão!

— William, seja lá onde estiverem os jesuítas, podemos colaborar com eles em tudo o que for preciso. — Thomas falou.

— Essa ajuda da qual me fala, meu irmão, com certeza terão de nós, mas essa gente precisa de mim!

Então contei a Thomas, Dancam e Lucas o que o Jesuíta Tomé me falou sobre o que os Barões daquele lugar estão fazendo com os bebês índios.

— Nesse lugar não existe compaixão e a misericórdia passou longe. — Eu disse.

— Jesus Cristo, isso é assassinato! — Thomas estava perplexo.

— Isso é um pecado! A Igreja não pode fazer nada, porque o Rei não interfere? — Dancam não conseguia acreditar.

— Pobres crianças indefesas! — Lucas lamentou.

— É justamente isso que os jesuítas querem que as pessoas entendam, que são crianças inocentes, seres humanos, que não se trata de animais selvagens e que têm direito a viver como todos nós. — Expliquei.

Thomas insistiu:

— William, não vá meu irmão, pois temo por sua segurança! Você mesmo está nos dizendo o quanto é perigoso.

— A vida é um risco, Thomas, além do mais, veja o que estou a fazer: viajar e envelhecer. Sinto que preciso estar lá, preciso trabalhar para Deus, preciso fazer algo por aquela gente! Por favor, eu preciso!

Meus irmãos silenciaram e aproveitei para falar de Ana.

— Preciso lhes falar de outro assunto: pretendo visitar Ana, nossa Rainha, e gostaria muito que fossem comigo.

— Eu irei com você, William, mas creio que Agnes não vai querer nos acompanhar. — Thomas me disse.

— Eu gostaria muito de ir, mas Erica está nos dias de ter nosso bebê e não posso deixá-la nesse momento. — Dancam falou.

— Ficaria feliz em poder ver Ana como Rainha, mas Maria também está por ter nosso filho e devo ficar com ela.

— Disse Lucas.

— Deus, como sou feliz, dois sobrinhos de uma vez só! Pois bem, ficarei aqui até os bebês nascerem e depois que estiver tudo certo, vamos visitar Ana, a nossa Rainha encrenqueira.

Todos rimos.

— Dá para acreditar que aquela menina birrenta se tornaria Rainha da Inglaterra? — Thomas comentou.

— Tio Thomas me contou que Ana continua encrenqueira e que arrumou uma confusão com a Igreja que não tem tamanho. — Conteí.

— Faz tanto tempo que não a vejo... da última vez que visitei nosso tio ele me disse que ela tinha uma filha. — Falou Dancam.

— É verdade, temos uma princesa na família e ela se chama Elizabeth. Querem saber, o tempo está passando e estamos ficando velhos, isso sim! — Falei.

— Será que vou aguentar brincar com meu filho? Sou quase um ancião!

— Deixe de ser tão exagerado, Dancam, você não está velho! Mas porque tardou tanto em ter seu primeiro filho?

— Queria preparar-me para ser um bom pai, assim como papai foi conosco.

— E Erica, como está?

— Erica é muito doente e o doutor já havia nos avisado que seria uma gravidez arriscada, mas ela insistiu. Deus sabe como fiquei preocupado e agora, tudo que peço é que tenha misericórdia de nós.

Logo, Maria, esposa de Lucas, teve uma menina à qual chamaram de Alicia, linda e meiga feito a minha Alicia. Que bela surpresa me fizeram! Lucas estava muito feliz, pois tinha recebido um verdadeiro presente dos céus. Agnes se desdobrava em cuidados e não deixava faltar nada à pequena que trouxe mais luz para o Castelo de Chamos.

Quinze dias depois, Erica entrou em trabalho de parto. O Dr. Aquiles estava acompanhando tudo e nos disse que o nascimento do bebê e a vida de Erica estavam nas mãos de Deus. O povo da colônia vinha se revezar em vigília e orações pela vida da mãe e do filho.

Cinco dias se passaram e Erica agonizava em dores, Dancam já não tinha mais lágrimas para chorar. Fomos falar com o Sr. Aruaque.

— Sinto muito, menino Dancam, não há nada que eu possa fazer. — Nos disse.

— Quero falar com a minha mãe, ela sim poderá me ajudar! Mãe, mãe!!! Cadê você, mãezinha, Deus, cadê você?! — Dancam estava desesperado.

Abracei meu irmão e garanti que não estava sozinho, tentei confortá-lo.

— William, você é meu irmão mais velho e confio nas suas palavras, me diz: vou perder minha esposa e meu filho? Não pode ser verdade!...

— Só Deus sabe, Dancam. Vamos orar!

Oito dias se passaram e Erica não aguentava mais. Nós intensificamos nossas orações e reforçamos nossa fé pedindo a intervenção divina. Foi no décimo primeiro dia que Erica e seu bebê descansaram. Dancam quase perdeu os sentidos ao ver sua esposa e filho mortos. Foi muito sofrimento!

Eu não sabia o que fazer, nem o que falar para poder confortar meu irmãozinho Dancam. Tudo o que eu fazia era orar e pedir.

— Porque Deus permitiu que isso acontecesse? Eu amo Erica e meu filho. Deus não existe!!! — Dancam falava em prantos.

— Erica precisava entrar em sua vida e serviu de anjo para você, caso não fosse assim, você teria se desviado para outro caminho. — O Sr. Aruaque explicou.

— E quanto a meu filho? Ele não tinha culpa de nada!
— Dancam estava inconformado.

— Nem seu filho nem nós temos culpa de nada, somente era para ser assim. Sua missão, Dancam, vai começar agora.

— Não quero saber de nenhuma missão, não estou disposto, nem quero trabalhar para Deus! Quero minha esposa e meu filho de volta!

— Quanto a isso não posso fazer nada, sinto muito, filho!

Nossos parentes vieram e todo o povo da colônia trouxe flores para Erica e o bebê. Foi muito triste a imagem dos dois sarcófagos.

— Eles apenas dormem, logo vão acordar. Abra os olhos Erica, por favor, diz que está só dormindo! Por favor, por favor, acorde!! — Dancam estava por perder os sentidos e ver isso nos deixou despedaçados.

Dancam abraçou o bebê e lágrimas corriam de seus olhos, foi quando me disse:

— Para que tanto ouro e prata, tanto dinheiro se nada me conforta?! Nada dessas coisas vão trazer Erica e meu filho de volta.

— Calma meu irmão, vai passar! — Fazia o que podia para tentar acalmar Dancam.

Os dias foram passando e, lógico que ninguém conseguia esquecer o que tinha acontecido com a família de Dancam, mas tentávamos levar a vida com fé. Meu irmão ficou triste com Deus, não falava mais com o Sr. Aruaque e deixou de rezar. Não comia nem bebia, passava dia e noite em seu quarto balançando o berço do bebê e chorando e resolvi ficar mais para cuidar dele.

Hoje faz dois meses que aconteceu aquela fatalidade e Dancam até tenta levar a vida, mas não consegue. Então achei que uma longa viagem o faria regressar melhor, e foi o que fizemos.

Conversei com Lucas e pedi que ficasse a frente dos negócios, então chamei Thomas e Dancam.

— Vamos fazer uma viagem! Passaremos um tempo na casa do tio Thomas, depois vamos visitar Ana e seguimos de lá para Paris, o que acham?!

— Seria bom para nós, principalmente para Dancam, mas tenho certeza de que Agnes não vai. Esse castelo é tudo para ela, ainda mais depois da chegada da doce Alicia; Agnes está sempre ajudando Maria a cuidar da pequena. Mas é uma esposa benevolente e compreensiva e sei que não vai se opor. — Thomas concordou.

Então continuou falando sobre a esperança que Agnes têm de ainda poder ter filhos.

— Sabe, Agnes está à espera de um milagre e acha que a qualquer momento Deus, na sua infinita misericórdia, lhe dará os filhos que tanto queremos. Às vezes até discuto com ela por conta disso, pois filhos não nos vão cair do céu, mas ela responde que Deus os vai enviar e que serão as crianças mais amadas desse mundo. Diante desse pensar de Agnes saio até de perto por não saber o que dizer.

— Thomas, meu irmão, quer um conselho: não discuta com Agnes. Tenha paciência com ela, Agnes é mulher de muita fé e sei que Deus um dia cumprirá essa promessa.

— Eu confio em Agnes, mas o doutor já garantiu que ela não pode ter filhos e não sei como pode se dar isso. Fui à Catedral de São Camilo saber sobre uma possível adoção, mas me informaram que os candidatos são entrevistados pela Igreja e acompanhados mensalmente para saber se a criança está bem. Hora, meu irmão, não vou enfrentar Arcebispos e Cardeais mais uma vez, isso definitivamente não está nos meus planos! Só se eu roubar uma criança para trazer para Agnes, o que você acha, William?

— Roubar não, mas tem tanta criança abandonada nesse mundo que não será difícil você realizar o sonho de

Agnes, basta que tenha fé como ela, que vai dar certo.

— E então, quando vamos partir? — Dancam perguntou.

— Vocês é que podem me dizer! — Falei.

— Se é para irmos, que seja logo porque preciso sair daqui, me distrair. Esse lugar me faz pensar em Erica e no bebê o tempo todo e não consigo esquecê-los.

— Não podemos esquecer de nossos amados, Dancam, temos que lembrar deles sempre e seguir em frente. Partiremos amanhã ao nascer do Sol.

— Um passeio agora só lhe fará bem, meu irmão. — Thomas disse.

Antes de partirmos, Dancam foi até o quarto de Lucas, pegou Alicia nos braços e disse com lágrimas nos olhos:

— Amo você menininha! Será um passeio breve e logo estarei de volta, tio Dancam vai lhe trazer muitos presentes. Cuide bem do papai e da mamãe.

Depois entregou a pequena nos braços da mãe e disse:

— Essa menina é um verdadeiro tesouro, cuide bem dela! — E pôs-se a chorar novamente.

— Calma, meu irmão, calma! O tempo é um grande remédio, basta ter paciência e esperança! — Tentei acalmá-lo.

Arrumamos nossas coisas e seguimos para a casa do tio Thomas.

Nosso tio fazia de tudo para agradar Dancam, mas nada adiantava, não sabíamos mais o que fazer. Então, como nos velhos tempos, saímos os três para festejar; Dancam sorriu por alguns minutos, mas quando voltamos para casa, tornou a gritar por Erica.

O Sr. Aruaque aproximou-se de nós e pediu que fizéssemos um chá para Dancam, que déssemos a ele e o deixássemos dormir.

— Vou abençoá-lo e tenho certeza que esse sono lhe fará bem, enquanto Dancam dorme, vou estar lhes capacitando.

O Sr. Aruaque disse algumas palavras enquanto segurava um chocalho em cima de Dancam:

Gire: ó Deus da provisão;

Shalom: sabemos que o Sr. é nossa paz;

Chamá: Deus, tu és presente;

Évono: não existe outro Deus, outro igual não há.

— Mandai vossos mananciais de cura, Senhor, porque só em vós confiamos, que possam limpar a mente e o coração de Dancam. Jesus, nós te adoramos, bendizemos e louvamos, nos dá a graça da sua benção, pois sem tú não somos nada. Cura Senhor, cura! Obrigado, Jesus, obrigado Senhor!

Dancam dormiu por três longos dias e, quando acordou, estava diferente: meigo, tranquilo; meu irmão estava em paz!

— Parece que dormi por um século, estou com tanta fome!

— Está se sentindo bem, meu irmão? — Perguntei.

— Acho que nunca vou me conformar em perder Erica e meu filho, mas levantarei a cabeça e seguirei em frente na fé de Jesus.

— É assim que se fala, Dancam, como é bom vê-lo bem!

— Estou muito feliz por você, meu irmão. Agora poderemos visitar nossa prima encrenqueira. — Thomas falou e todos rimos.

— Vamos ver como aquela birrenta está se saindo como Rainha. Ana! Rainha! Só por Deus! Mal posso esperar para vê-la. — Eu disse.

— Rapazes, a carruagem está pronta. Vamos visitar a Rainha, vamos à Londres! — Tio Thomas nos chamou.

Saímos da casa do nosso tio felizes e sorrindo.

— Amo Londres! Comprarei muitos presentes para Alicia. — Comentou Dancam.

— Eu também, vou comprar tantas bonecas que ela não saberá com qual brincar! — Thomas concordou.

— Vocês são muito exagerados! Eu levarei para Alicia um cão bem branquinho, dois gatinhos da Pérsia e um pônei, que já está encomendado. — Revelei.

— Deus, como vocês são desmedidos, Alicia é apenas uma criança pequena, William! — Nosso tio disse e começamos todos a rir.

Chegamos à casa da Rainha.

— É mesmo uma beleza esse lugar! — Falei admirado.

— Vejam como essas torres são lindas! — Dancam comentou.

— É sempre um prazer vir a Londres, tudo aqui é fantástico! — Thomas concordou.

Fomos anunciados e logo Ana chegou correndo.

— Papai, que saudades!

— Hora, Ana, estou sempre com você... veja quem eu trouxe!

Ana sorriu e a felicidade estava estampada em sua face.

Meus irmãos e eu fizemos reverência e à cumprimentamos solenemente.

Ela sorriu e disse que não precisávamos de formalidades.

— Venham me abraçar, andem! Olha para vocês, como estão ótimos! Tenho saudades, precisamos pôr nossa conversa em dia.

— Falo por mim e meus irmãos, ansiávamos pôr vê-la. — Respondi.

— Por favor, fiquem comigo algum tempo.

— Não podemos, minha senhora, estamos só de passagem. — Thomas explicou.

— Por favor, pelo menos essa noite, preciso muito vos falar. — Ana insistiu.

Nesse instante aproximou-se de nós um dos seus secretários:

— Minha senhora, temos muitos compromissos para hoje, reuniões e tratados para assinar.

— Por favor, Crowel, não vê que tenho convidados? Desmarque tudo e remarque para daqui dois dias.

— Minha Rainha, são de extrema importância. — Insistiu o secretário que tinha por nome Thomas Crowel.

— Se eu não for à essas reuniões nem assinar esses tratados alguém morrerá?

— Não, minha Rainha, não morrerá ninguém.

— Então faça o que pedi!

Ana olhou para nós e disse:

— Preciso que fiquem, aliás, vocês não poderão recusar um pedido de sua Rainha. Se eu fosse outra pessoa qualquer, não haveria problema, mas como sua Rainha, acredito que terão de me obedecer!

— Minha Rainha, de onde viemos, damos a isso o nome de chantagem, com todo o respeito. — Eu respondi.

— Ela continua sendo quem sempre foi! — Com todo o respeito, minha senhora! — Comentou Thomas.

— É melhor ficarmos, pois, a Rainha poderá chamar um carrasco para nos persuadir. — Com todo o respeito! — Dancam não se conteve.

— Isso é uma crueldade com sua Rainha... entendo assim que ficarão. — A rainha disse sorrindo.

Depois baixou bastante o tom de voz e continuou:

— Preciso ter uma conversa com vocês, por isso quero que fiquem. Deus foi quem os enviou até mim, venham, quero que conheçam meus filhos.

Passamos por vários corredores até que chegamos a um jardim belíssimo.

— Minha Rainha, como disse? Seus filhos, não entendo?! — Dancam perguntou confuso.

— Sim, esses são meus filhos, vejam como são belos!

— Evangelin, por favor, traga-os até nós. — Pediu à babá.

Evangelin era a babá das crianças e obedeceu sua Rainha prontamente; Ana fez as apresentações:

— Bem, essa é Elizabeth. Diga olá a nossos parentes, Elizabeth. — Pediu a Rainha.

A menina, super educada, fez reverência para nós e depois ofereceu sua mão para beijarmos.

— Que mocinha encantadora! — Afirmei.

— Obrigado, Sir. — Ela respondeu.

Ficamos todos encantados.

A Rainha continuou:

— Estes aposto como não conhecem: Dominique. — Então tirou o véu que estava sobre um pequeno cesto. — E essa, Dominica.

— Minha senhora, não sabíamos que tinha três filhos. — Thomas comentou.

— É justamente sobre eles que preciso conversar com vocês. Esperem... vamos mudar de assunto. — Ana disse de repente ao perceber que seu secretário nos espionava.

Percebi que a Rainha não estava segura vivendo ali e que, para todos os lados haviam olhos e ouvidos a espreitar onde estávamos e sobre o que falávamos. Meus irmãos e eu ficamos preocupados.

— Faz onze anos que não os vejo, porque ficaram tanto tempo sem se comunicar? — Ana perguntou.

— A última vez que nos falamos a senhora estava prestes a se casar com o Rei. — Respondi.

— Casamento esse ao qual vocês não compareceram. Só tenho notícias de vocês por meu pai, penso que isso deve mudar e devemos nos ver sempre. — A Rainha retrucou.

— Nós também só temos notícias suas por nosso tio e, na época que se casou, estávamos em guerra com o Papa, por esse motivo não pudemos estar presentes. — Dancam explicou.

— Fiquei sabendo... gostaria de ter visto o rosto do Papa naquele momento.

— Foi engraçado, muito engraçado, achamos até que ele iria enfartar de raiva. — Dancam falava quando fomos interrompidos.

Anunciaram a chegada de um velho amigo nosso e a Rainha pediu que ele entrasse; tratava-se de Sir Thomas Vati, ou Vati, como costumávamos chamá-lo. Ficamos todos felizes com sua presença pois era um fabuloso poeta capaz de aclamar nossos corações só de abrir a boca, além de ser um homem bom e honesto. Veio trazer de presente para a Rainha um belo livro de poesias, o qual a encantou, e ficou para jantar conosco.

Foi um jantar maravilhoso onde comemoramos, bebemos, conversamos e sorrimos para valer! Logo depois, Vati despediu-se e se foi.

Então a Rainha levou-nos a uma sala e fechou as portas.

— Essa é a hora que tenho para vos falar, mas mesmo estando trancados, precisamos falar em tom baixo. — Nos disse.

— Por Deus, minha Rainha, está nos deixando assustados! — Eu falei também em tom baixo.

— Não fiquem, pois tenho o Sr. Deus em minha defesa. — E continuou. — Ouçam-me, Thomas Crowel não é um homem confiável e sinto que está a tramar contra mim e, certamente, tudo vai mudar por aqui se ele conseguir.

Vocês mesmos poderão notar que estou cercada de falsos amigos, todos mancomunados com Crowel a armar pelas minhas costas.

— Minha Rainha, não tem medo? O que podemos fazer para que se sinta mais aliviada? — Perguntei.

— Nada poderá fazer quanto a isso, William, esse é meu destino e não deve se preocupar.

— E quanto ao Rei, ele não pode fazer nada? — Thomas perguntou.

— Hoje, Thomas, eu afirmo para vocês que nunca se viu um Rei mais bondoso e amoroso como o meu senhor, ele é misericordioso, gentil e soberano. Tanto é verdade que daria minha vida por ele, por isso, farei o que for preciso para preservá-lo de qualquer intriga ou calúnia, estou tranquila pois nada devo.

— Estamos aqui e queremos ajudá-la, pode contar conosco! — Dancam assegurou.

— Bem, vocês são meus parentes e não terei vergonha de vos contar: todos na Inglaterra e arredores sabem que o Rei teve muitas amantes e, quero que saibam, hoje ele não é mais assim; acontece que uma dessas mulheres lhe deu o que mais queria, um herdeiro para assumir o trono. Dominique e Dominica são filhos do Rei, mas, como levar ao trono o filho de uma amante?!

Ana continuou nos contando que a mãe das crianças morreu no parto de Dominica e, nessa ocasião, o próprio Rei veio conversar com ela, pois os dois não tinham mais ninguém por eles. A Rainha entendeu do que se tratava antes mesmo do Rei lhe pedir e mandou que trouxessem as crianças.

— Minha Rainha, como suportou tal traição? — Dancam ficou perplexo.

— Acho que tudo o que o Rei fizer posso perdoar, pois em troca o tenho em meus braços. Como posso denunciá-lo? Além disso, amo muito essas crianças e farei

de tudo para protegê-las e a meu Rei. Dominique tem dois anos e Dominica somente cinco meses e digo que são meus filhos legítimos, sem me importar com o que possam pensar, mas temo por suas vidas e pela segurança do Rei.

— Não seria mais fácil trazer tudo isso à tona e revelar logo a identidade das crianças? — Perguntei.

— Jamais aceitarão Dominique e Dominica como filhos do Rei e mandariam matá-los certamente. Pobre dos meus bebês, não pediram para nascer...

— Como suporta tudo isso? — Questionei.

— Por amor, William. É como eu disse, daria minha vida por amor ao meu Rei.

— Porque todos pensam que as crianças são seus filhos? Não entendo.

— Como sabem, morei por vários anos na França e nesse tempo fiz muitas amizades, então, quando me tornei Rainha, passei uma boa temporada por lá afim de fazer alianças, só que fui impedida pelo Papa. Regressando para a Inglaterra, fiquei sabendo das crianças e logo mandei buscá-las. O problema é que os dois não podem ficar aqui porque ameaçam a mim e ao rei que, apesar de amá-los, está desassossegado pelo que pode vir a acontecer.

— No meio de tantas tramas e traições, como ficará Elizabeth?

— Elizabeth é minha filha com o Rei e a coroa lhe pertence, ninguém poderá tirar isso dela. Só Deus sabe a quantidade de filhos que o Rei tem espalhados por aí e eu gostaria de ajudar a todos, mas o Senhor me confiou Dominique e Dominica e por isso não quero que nenhum mal aconteça a eles, pois os amo. — A Rainha explicou e continuou em tom mais grave.

— Papai, William, Thomas e Dancam, posso sentir aqui em meu coração que algo terrível está para acontecer, acredito que Crowel está mancomunado com a Igreja, que trama contra mim por não ter aceito fazer alianças com

eles, e contra isso estou preparada, sei que meu destino é certo e nada farei, apenas levantarei minha cabeça e cumprirei o que tiver que ser, fazendo o certo. Por tudo isso temo por Dominique e Dominica e preciso que tomem conta deles para mim, é tudo o que vos peço: deem um lar aos dois, cuidem deles com amor e falem sempre de quanto os amei, prometam-me!

— Faremos tudo como nos pede, minha senhora. —
Assegurei-lhe.

— Minha Rainha, não sabe o bem que nos fará confiando seus filhos a nós, com esse gesto nos faz acreditar ainda mais na misericórdia de Deus.

Ana estava chorando, então limpou as lágrimas e disse:

— Ninguém saberá o paradeiro das crianças; quero que cresçam livres, sem intrigas e no verdadeiro amor de Deus, quero que se tornem verdadeiros adoradores de Jesus. Sinto apenas por Elizabeth, que terá de participar de tudo isso, mas com ela será diferente, porque não poderão lhe fazer mal nenhum.

— Minha Rainha, eu prometo que Dominique e Dominica serão as crianças mais bem cuidadas e amadas de todo o mundo. Minha esposa e eu queremos muito ter filhos, mas não fomos agraciados, por isso essas crianças são para nós um presente de Deus, acredite, pois falo a verdade. — Thomas falou emocionado.

— Orei a Deus com fervor e intensifiquei minhas súplicas afim de que enviasse pessoas dignas para cuidar de meus filhos, então, quando chegaram, senti que era grande sinal de Deus para mim. Suas palavras confortam meu coração e só posso agradecê-los. Precisam saber de mais uma coisa, Dominique e Dominica não possuem documentação e imploro-vos que deem vosso nome a eles, pois tive medo de fazer isso.

— Minha Rainha, por favor, não se preocupe com nada, pois darei a eles nosso nome e os criarei como se fossem meus.

— Gostaria que entendessem que não queria ter que me afastar das crianças, mas não me resta alternativa, se me acontecer algo, eles pagarão com a vida. — A Rainha disse chorando.

— Filha querida, fale a verdade, diga de quem são as crianças e salve-se. — Pediu tio Thomas.

— Papai, nunca colocarei a coroa do meu Rei em risco, além disso, não adiantaria de nada, pois esse é apenas um de meus problemas. Quero ver Dominique e Dominica bem e, somente depois que estiverem instalados e em segurança, estarei feliz.

— Existe mais alguma coisa que possamos fazer pela senhora, minha Rainha? — Eu perguntei.

— Sim, preciso que leve as crianças daqui as escondidas, pois ninguém deve saber de seu paradeiro e eu não contarei nem sob tortura. Quanto a mim, não há mais nada que se possa fazer, vou trabalhar e procurar agradar a Deus e me dedicar ao meu Rei.

— A senhora, minha Rainha, é uma trabalhadora do verdadeiro Deus e, certamente, agrada seus olhos. — Dancam disse.

— Tudo o que faço, Dancam, pretendo fazer melhor e, nesse mundo, o único medo que tenho é o de perder meu Rei, quero lhe ser comprazível até meu último suspiro.

— Não fale assim, pois somente Deus sabe de nosso futuro. Quem poderá dizer quem vai primeiro, se o Rei ou a Rainha?! — Eu falei.

— Rogo a Deus que ele permita que eu vá primeiro, porque não suportaria vê-lo fechar os olhos.

De repente foi anunciado e veio até nós um homem que era aliado da Rainha, tratava-se do Monsenhor de Pomerai, vinha trazendo notícias de outro aliado real que

estava no Vaticano. O Monsenhor tomou um café enquanto a Rainha assinava alguns papéis e logo retirou-se.

Continuamos a conversar e novamente vieram bater à porta, logo a Rainha reconheceu a voz de quem era.

— Olhem que surpresa boa, é Jorge, meu irmão! Deixem-me abrir a porta...

— Eu abro, filha. — Disse tio Thomas.

Jorge entrou e abraçou tio Thomas.

— Como está, papai? — Perguntou.

Antes mesmo de nosso tio conseguir responder, Jorge correu abraçar a Rainha. É incrível esse amor que ele tem por ela! Ele a beijava e acariciava sua face, enquanto perguntava:

— Como está, minha pequena Rainha? Ainda metendo-se em confusão?

— Hora, meu irmão, tudo o que faço é para o bem de todos! — A Rainha respondeu.

— Eu sei disso, pena que muitos não...

— Olhe quem estão aqui! — Chamou a atenção de Jorge para nós.

— William, Thomas e Dancam, continuam do mesmo jeito: sempre unidos. É um grande prazer vê-los!

— Você está ótimo, Jorge, e agora soubemos que é Visconde!

Jorge sentou-se ao lado da Rainha e, enquanto acariciava suas mãos, nos disse:

— O que seria de mim sem essa Rainha?! Sou o que sou graças a ela e, se pudesse, levaria Ana daqui e acabaria com todos esses problemas na mesma hora.

— Meu irmão, me levar daqui? Não pretendo fugir de minhas obrigações de Rainha, quero ser vencedora no campo de batalha. — A Rainha respondeu.

— Escute-me minha irmã, está ficando cada vez mais perigoso, será que não enxerga isso?

— Lutarei até o fim nem que isso me custe a vida, morrerei de cabeça erguida, jamais desistirei.

— Se é assim que pensa, minha irmã, então digo aqui, na presença de todas essas testemunhas, que morrerei com você, pois a amo e entendo tudo o que precisa fazer.

— Viram? Não precisam se preocupar comigo, pois Jorge cuidará de mim. — Beijou a testa do irmão e continuou. — Obrigado, meu irmão, eu também te amo! Nada sou sem seus conselhos. Agora, digam-me todos vocês, o que faremos para tirar as crianças daqui em segurança?

Jorge tinha um plano:

— Terão de sair bem de madrugada, enquanto todos dormem e apenas os guardas estão acordados, mas quanto a eles, não se preocupem que os distraio. Enquanto isso, vocês passam pelo portão principal e encontrarão a carruagem esperando na esquina; mas terão de ser rápidos!

— Evangelin deverá acompanhá-los, as crianças estão acostumadas com ela e assim não terão trabalho na viagem. — A Rainha pediu.

— Evangelin? Será que ela vai concordar ir embora conosco? — Thomas perguntou.

— Essa é uma pobre menina, tem quinze anos e foi abandonada num orfanato quando nasceu, não tem ninguém por ela. Quando as crianças chegaram, mandei que a trouxessem para ajudar. Evangelin é uma garota amável e dou a ela aqui seu próprio quarto, comida e um salário justo; sei que poderão fazer o mesmo. Aliás, todos vocês, se quiserem, posso vos dar títulos, Visconde, Conde, Barão... possuem todos os requisitos.

— Pensaremos em sua proposta, minha Rainha. — Eu respondi.

— Quanto à Evangelin, seria mesmo bom que viesse conosco, pois teríamos que contratar uma babá. — Disse

Thomas.

Nesse momento tivemos uma grande surpresa quando o Rei entrou onde estávamos reunidos. A Rainha fez reverência e falou:

— Meu senhor, que honra tê-lo conosco! Estou a conversar com meus parentes.

O Rei nos cumprimentou, beijou a Rainha na testa e lhe disse:

— Somente quis ver minha Rainha, pois tenho uma reunião esta noite com emissários da Igreja e poderá demorar.

— Meu senhor, com todo o respeito, pense bem se realmente deve participar dessa reunião. Lembra-se que fomos excomungados? — Ela advertiu-o.

— Quero saber sobre esse tratado que o Papa quer com a Inglaterra. Volte para seus parentes, minha Rainha, pois tenho que ir.

— Estamos resolvendo o assunto das crianças, por acaso faz alguma objeção, meu senhor?

— Amo-te cada dia mais e o que decidir para mim estará perfeito.

Naquele dia pude notar que o amor não vinha só da Rainha para com o Rei, mas era mútuo. Existia algo diferente nos dois, algo tão bom que era visível que estavam em perfeita harmonia, em uma conexão que não era deste mundo. Não sei o que aconteceu comigo, fiquei emocionado e quis chorar diante de tanto amor, diante do amor sublime, do amor verdadeiro.

O Rei despediu-se de nós e se foi.

— Bem, seria bom que ninguém dormisse essa noite, falarei com Evangelin e pedirei a ela que arrume as coisas das crianças. — Disse a Rainha.

— Minha senhora, mais uma pergunta: todos darão pela falta das crianças, o que vai fazer, o que vai falar? — Questionei.

— Nada farei, nem nada falarei, apenas vou deixar que tirem suas próprias conclusões.

— E quanto ao Rei, quando souber que levamos seus filhos?

— O Rei sabe que essa é a melhor opção para as crianças e para ele próprio, não se preocupe William, terá que ser assim. Eu morrerei de saudades e visitarei Dominique e Dominica sempre que possível.

Tudo aconteceu conforme o combinado, a Rainha despediu-se das crianças e pôs-se a chorar. Nos despedimos da Rainha na promessa mútua de nos encontrarmos com mais frequência. Jorge nos disse que gostaria muito de passar alguns dias no Castelo de Chamos afim de descansar, mas precisava ficar perto de Ana nesse momento difícil.

Nos despedimos às pressas, e partimos em direção de Orcam por volta das quatro horas da manhã. Deixamos a Rainha em prantos por causa das crianças, mas não havia o que fazer, Dominique e Dominica estavam predestinados a serem filhos de Thomas e Agnes e todos teríamos que aceitar o destino.

Sabíamos que a Rainha tinha ficado muito triste e que não haveria nada para confortá-la, mas sabíamos também da grande felicidade de Agnes quando chegássemos com as crianças. O destino é feito um quebra-cabeça, às vezes complicado, mas tudo acaba se encaixando na hora e do jeito certo, pois nessa vida não há nada por acaso, tudo já está escrito, não por Deus, mas por nós mesmos. Depois que comecei a estudar junto com o Sr. Aruaque os pergaminhos de papai e alguns livros, passei a compreender muitas coisas.

Escolhemos nossa vida bem antes de estarmos no ventre de nossa mãe, por isso devemos acreditar em nós mesmos e deixar que a graça de Deus nos envolva e nunca, mas nunca mesmo, reclamar de porquê nascemos em uma

família ao invés de outra, ou porquê está acontecendo isso ou aquilo. Lembrem-se que escrevemos nosso destino e, por esse motivo mesmo, podemos mudá-lo para sermos mais felizes, basta que confiemos e acreditemos e jamais blasfememos contra Deus, pois ele faz e fará o impossível por nós.

Deus é pai compassivo e quando sentimos o peso da vida que escolhemos, ele derrama sobre nós as bênçãos refazedoras do céu. Não devemos assim, nos preocupar com nossos pedidos, saibam que o Senhor os atenderá na hora certa e do jeito certo, basta que acreditemos em sua misericórdia.

XII. A missão

Naquela madrugada fazia frio e chovia muito, nada diferente do que já estávamos acostumados, já que aqui na Inglaterra, tipicamente, ou faz frio e neva ou chove e venta, de qualquer maneira, amo muito esse lugar e sou encantado com esse clima.

Peço a Deus misericordioso pelos que não têm como se manter aquecidos, pelos que não têm comida nem água para beber; peço que os encoragem para o despertar de um novo dia e que os prove nha. Deus está sempre conosco em sua magnitude até o último pedacinho do nosso quebra cabeça.

Bem, foi muito bom que trouxemos Evangelin conosco, Dominica não parava de chorar e, graças a Deus, ela sabia o que fazer. Para Dominique estava tudo bem, ele começou a dizer suas primeiras palavras e nos surpreendeu quando olhou para um canto da carruagem e disse:

— Ele está sorrindo.

Ele falava do Sr. Aruaque que estava conosco e era impressionante que Dominique também pudesse vê-lo.

Chegamos em casa e Agnes veio correndo na direção da carruagem assim que descemos.

— Amor, que saudades! — Ela disse a Thomas abraçando-o e depois nos cumprimentou.

— Querida, suas preces foram ouvidas, Deus vos atendeu! — Thomas disse.

— Porque minhas preces foram atendidas?

Thomas pegou o menino nos braços.

— Eis aqui a prova de que Deus existe e é todo misericordioso, Agnes, esse é Dominique, nosso filho.

Agnes começou a chorar e a glorificar a Deus, pegou Dominique nos braços com tanto carinho que deixou a todos

emocionados.

Depois Thomas pegou o cesto, retirou o véu, e mostrou a Agnes.

— Agnes, olhe nossa filha, é Dominica!

Agnes não sabia o que fazer de tanta felicidade.

Então Thomas apresentou Evangelin explicando que era a babá das crianças e que veio para ajudar-nos.

— Thomas, meu amado, hoje você tornou meus sonhos realidade e amo-te ainda mais por isso. — Disse chorando e agradecendo a Deus.

— Seja muito bem vinda à minha casa, Evangelin, esta será a sua casa também. Venha, vamos entrar com as crianças que hoje sou a mulher mais feliz do mundo!

Agnes entrou no castelo conversando com Deus: “Meu Senhor, cumpriste o que havia me prometido e hoje sou mãe graças à Sua misericórdia. Obrigado, obrigado, obrigado, Senhor todo poderoso que és Pai e Deus.”

Lucas e Maria ficaram muito felizes por Thomas e Agnes e aquele foi um dia de festa. Todos da colônia vieram comemorar conosco a alegria deles em serem pais, pois sabiam da vontade que Agnes tinha de ter filhos.

Passados quinze dias, Thomas registrou as crianças em nosso nome e deu-me uma grande surpresa quando mostrou os papéis:

“Dominique William Maxsuel Bolena Marchi

Dominica Maxsuel Bolena Marchi”

— Meu irmão, deu meu nome a Dominique! — Exclamei sorrindo.

— Os William jamais acabarão!

— Isso de sua parte foi maravilhoso, temos herdeiros!

— Temos herdeiros!

As crianças cresciam a olhos vistos e Evangelin ensinou Dominique e Dominica a chamar Thomas de pai e

Agnes de mãe, nesse dia fizemos uma bonita festa. Agnes andava orgulhosa de seus filhos e Dominica logo pegou uma idade onde andava e começou a falar, então fizemos outra festa. Alicia, filha de Lucas e Maria também já está andando e falando.

Sou um homem feliz e me sinto abençoado quando as crianças estão por perto e me chamam de tio William, para mim é a mesma coisa que ser pai; são os filhos de meus irmãos e me sinto um pouco pai também.

Estava eu olhando as crianças brincarem quando o Sr. Aruaque chegou perto de mim.

— William, é chegado o momento! — Ele me disse.

Compreendi na mesma hora e chamei meus irmãos para conversarmos.

— Meus irmãos, essa é a hora de partir, preciso fazer algo para ajudar os jesuítas com aquela gente.

— Leve-me com você, William. — Dancam pediu.

— Dancam, no lugar para onde irei as pessoas são muito pobres e vivem com bem pouco, além disso, há o risco de perder a vida, é perigoso! — Argumentei.

— É perigoso e mesmo assim queres ir, pois quero ir junto. Quero ajudar aquela gente também, preciso fazer algo para Deus como você! — Respondeu convicto.

— Se é isso que realmente quer, para mim tudo bem. Se queres trabalhar para Deus, melhor ainda!

— Para mim, estão loucos! Vocês não são jesuítas nem estão preparados para esse tipo trabalho, será que não entendem? — Thomas falou.

— Thomas, meu irmão, tente me compreender, preciso ajudar aquela gente, sinto em meu coração um ardor que faz crescer em mim, cada vez mais, a vontade de estar lá. — Respondi.

— É o que sinto também, preciso estar lá! — Garantiu Dancam.

— Quero que me deixem o endereço pois vou visitá-los sempre. Se não posso impedi-los, vou tentar compreendê-los e tudo o que posso dizer é que Deus os abençoe e proteja. Não esqueçam que têm família aqui e que estaremos sempre a vos esperar, por favor, não esqueçam de nós!

— Por Deus, Thomas, jamais esqueceremos nossa família nem de onde viemos.

— Farei o possível para ajudar nos trabalhos da família, nunca vou abandoná-lo, não se preocupe. — Lucas prometeu.

— Eu sei, meu irmão, que vai ajudar Thomas e serei sempre grato por tudo o que fez por nós, não esqueceremos de você nem de sua família e estarão sempre em nosso coração assim como Thomas. — Eu respondi.

— Eu sei que não tenho o direito de pedir isso, mas por favor, fiquem aqui conosco! Lucas insistiu.

— Tenho uma missão para cumprir e para isso é preciso que eu vá.

— Também eu preciso cumprir minha missão e a cada segundo que passa mais sinto a necessidade de estar nesse lugar. — Dancam falou.

Fizemos uma festa para nos despedirmos de todos e saímos em busca da nossa própria missão.

Seguimos para Portugal conforme o Jesuíta Tomé me havia instruído e ficamos alguns dias na cidade de Ribatejo, então nos dirigimos para a província de Santarém.

— William, estamos bem longe de casa. Que calor faz aqui! — Dancam comentou.

— Realmente estamos longe... olhe, Dancam, uma igreja, vamos até lá para saber dos Jesuítas. — Respondi.

Na igreja, conversamos com o Padre Tiago, um homem já idoso.

— Padre, estamos procurando as colônias dos Jesuítas descalços, ficamos sabendo que estão

evangelizando por aqui, sabe nos informar que direção devemos tomar? — Perguntei.

— Sim, é verdade, mas foram expulsos. E é uma pena, pois sabiam trabalhar! — O Padre respondeu.

— Porque foram expulsos?

— Tiveram um problema muito grande com a própria Igreja.

— Como assim, Padre?

O Padre Tiago nos chamou até a cozinha e preparou-nos uma xícara de chá enquanto nos contou o que havia acontecido.

— O Barão aqui da província queria comprar as terras dos Jesuítas e a Igreja não pensou duas vezes e vendeu-as. Os Jesuítas lutaram para poder ficar, pois as terras lhes foram oferecidas em doação, porém a Igreja as tomou como suas e não pestanejou em fazer negócio. Para nós que moramos aqui, a saída dos Jesuítas foi uma grande perda; em suas colônias, eles acolhiam as famílias carentes e as ajudavam, ensinavam o cultivo da terra e o que colhiam era repartido, sem falar na evangelização que faziam.

— Mas porque o Barão de Santarém quis comprar justo as terras que pertenciam aos Jesuítas?

— Isso é fácil de explicar, meu filho: o interesse dos Barões e Senhores são os índios, que aqui valem muito pois são forçados a trabalhar como escravos, deixando estes cada vez mais ricos. Só que, por um bom período, os Jesuítas estavam ajudando os índios ensinando a eles com amor a serem cristãos e trabalhar, dando-lhes um salário e prejudicando assim o negócio dos Barões que, mais do que depressa, trataram de arrumar um jeito de mandá-los embora.

— Para onde foram, o senhor sabe como podemos encontrá-los? — Dancam perguntou.

— Sim, foram para a província de Vila Real em Alto Douro; lá formaram uma nova colônia de nome Missão de São Miguel no vilarejo de São Joaquim. Creio que não será difícil para vocês, pois vejo que têm condições para isso.

— Padre, mas Alto Douro é bastante distante daqui!
— Dancam exclamou.

— Não é tão longe para quem deseja trabalhar para Deus. — O Padre respondeu.

— E como sabe que é esse o nosso desejo?

— Posso ver em seus olhos que estão sedentos de Deus, mas tenho que alertá-los que no vilarejo de São Joaquim o comércio de índios é bem pior do que aqui.

— Vamos nos acostumar com isso e tentaremos fazer algo por essa gente.

— Vejo que estão com vontade de trabalhar, isso é bom para aqueles que receberão sua ajuda e para vocês mesmos também. Fiquem aqui e almocem comigo, pois não é todo dia que recebo visitas! — Nos convidou.

A igreja era pequena e mal acabada, humilde e sem luxo algum e era fácil perceber que ali se trabalhava para Jesus. Oferecemos uma contribuição ao Padre e Dancam disse:

— Nos perdoe, Padre, mas essa contribuição é somente para o senhor e sua comunidade, queremos que melhore o aspecto de sua igreja e ajude o povo mais carente, também que compre remédios para si, pois desejamos que viva bem. Pedimos, por favor, que não envie nada para Roma, lá eles já têm muito mais que o suficiente; essa doação é para ajudá-lo a continuar com seu belo trabalho.

— Faz muito tempo que a Igreja não aparece por aqui recolher as doações, pois como podem ver, essa comunidade é extremamente pobre e, como não temos oferendas ou dízimo, cansaram de vir. Guardarei sua doação e usarei conforme as necessidades vão chegando.

— Isso mesmo, Padre. Cuide de sua igreja e de seus fiéis; é isso que temos de fazer. — Concordei.

— Que Deus os proteja e abençoe! Serei sempre grato por sua ajuda.

— Estávamos felizes e compramos vinho para alegrarmos ainda mais nosso coração.

— Cavalheiros, a muito não tomava um bom vinho, havia até esquecido como é bom... — O Padre comentou e agradecia aos céus por nossa visita, disse-nos que lhe fomos enviados por Deus.

Dava para ver a grande satisfação nos olhos do Sr. Aruaque pelo que tínhamos feito por aquele pobre e velho Padre.

Mas como tudo, aquele momento também passou e seguimos viagem na direção da cidade de Alto Douro. Lá chegando, logo ficamos sabendo o caminho para Vila Real e foi só abrir a boca para conseguirmos informações sobre os Jesuítas, pois todos sabiam deles. Fomos para o vilarejo de São Joaquim e em um instante achamos a colônia de São Miguel, no caminho para a colônia, logo notamos o verde das plantações.

— Estamos perto, deve ser ali. — Comentei apontando para mais ao longe.

— Acho que encontramos o lugar, será que é aquele barracão grande? — Dancam perguntou.

— Acredito que sim, graças à Deus chegamos na missão!

Paramos a carruagem no quintal do barracão e logo vieram nos receber com alegria e de braços abertos. Tomé não demorou a se aproximar.

— Sabia que viria logo que te conheci. Ninguém resiste ao chamado de Deus! — Ele me disse.

— Meu amigo Tomé, que prazer vê-lo! Esse é meu irmão Dancam que também veio trabalhar na missão. Me perdoe se demorei para chegar...

— Vocês chegaram na hora certa! Vamos entrar, só não reparem, pois não temos acomodações boas para cavalheiros tão distintos.

— Hora, meu amigo, não preocupe seu coração com coisas tão pequenas.

— Que bom que o luxo não lhes faz falta, esse é um bom começo!

Entramos e no barracão era tudo muito simples, tinha uma cozinha, uma pequena sala e alguns quartos. Todos os irmãos vieram ter conosco, fiquei impressionado com a hospitalidade deles para com os visitantes.

— Vieram a passeio ou para ficar? —Tomé perguntou.

— Se aqui couberem mais dois, ficaremos. — Respondi.

— A Missão de São Miguel está sempre pronta para receber os irmãos que querem trabalhar para Deus verdadeiramente. Fiquem à vontade, essa não é a minha casa, mas a vossa, podem andar tranquilos pela colônia porque aqui são todos muito amáveis. Vão demorar um pouco para se acostumar, porque se alguém não tem nada e passa a ter algo, acostuma-se fácil com essa nova condição, porém, se possui tudo e perde o que tem, então custa a se habituar com isso. Mas creio que com vocês será diferente, já que não perderam nada, apenas abandonaram o que tinham.

— Tomé, meu irmão, está certo que abandonamos uma vida muito boa, porém, desejamos muito ajudar vocês e essa gente, se nos permitir, pois queremos que tenham uma qualidade de vida melhor. No dia em que nos conhecemos na casa de meu tio Thomas, você arrecadava fundos para essa missão, e vimos o trabalho honesto que estavam realizando no vilarejo de Santarém. Gostaríamos de ajudar não só com nosso trabalho, mas também financeiramente.

— Meus irmãos, ouçam-me, ajuda e dinheiro são coisas que ninguém rejeita, ainda mais se forem para assistir aqueles que mais precisam. Mais uma vez, sejam bem-vindos à Missão de São Miguel! Agora venham, vou mostrar seus aposentos, pois devem estar cansados da viagem.

No dia seguinte, o sino da capela tocou bem cedo, quando o sol ainda nem tinha nascido, e para o café da manhã, tínhamos somente uma xícara de chá e meio pedaço de pão.

— Estou preocupado com você, Dancam, será que vai aguentar isso? Lá em casa você estava acostumado a comer a todo momento... — Perguntei.

— William, você me ensinou que nesse mundo, a tudo podemos acostumar. — Ele respondeu.

— Que bom que pensa assim, meu irmão! Mas me diga uma coisa: dormiu bem, a cama estava macia?

— Quem disse que dormi na cama? Dormi no chão, que estava muito mais macio... — Dancam respondeu e rimos muito.

— Você poderá voltar para casa a hora que quiser, Dancam.

— Nada disso me aflige, William, além do mais, quero ficar e ajudar essas pessoas; sinto em meu coração que é isso que devo fazer.

Os índios colonos nos fizeram uma festa de boas-vindas, dançaram e cantaram enfeitados com diversas cores e seus chocalhos na mão.

Quando fez um mês que estávamos ali, Tomé nos reuniu.

— Amados irmãos de fé, fui chamado para iniciarmos um trabalho na Espanha, onde fundaremos outra colônia da Missão de São Miguel. Um Jesuíta nunca recusa uma missão, então vou me juntar a outros irmãos para propagar o que fazemos aqui: dar pão a quem tem fome, vestir o nu, visitar

os doentes e encarcerados, civilizar aos índios e, o mais importante, evangelizar a todos. Peço que orem por mim, porque estarei fazendo o mesmo por vocês, os terei sempre em meu coração.

Então, continuou dando-nos recomendações sobre o funcionamento da colônia e pediu que, como ainda não éramos Jesuítas e estávamos nos preparando, tivessem paciência conosco e nos ajudassem; também pediu que cuidássemos do irmão Rodolfo, que já sentia a idade lhe pesar.

— Vos peço que saibam amar uns aos outros e que cuidem bem dos colonos, pois eles são nossa passagem para o céu. Deixo o irmão André em meu lugar para ajudar-lhes a discernir o caminho seguro, lembrando-vos que somos imitadores de Jesus, devendo nos agarrar a ele em sua simplicidade e honestidade, pois só assim alcançaremos a vitória. Nunca esqueçam que todos precisam ter o ensino fundamental e o ensino religioso, isso é o mínimo que devemos fazer.

— Irmão Tomé, precisam mesmo de você nessa missão? — O irmão André perguntou.

— Sim, hoje apenas dois Jesuítas compõem essa missão e por isso vou ajudar. Aqui vocês ficarão bem, não se preocupem! — Tomé respondeu e continuou. — Bem, para que não esqueçam de mim, fiz novos cordões para que, ao amarrarem em vossas cinturas, lembrem-se que estaremos sempre juntos.

Tomé foi entregando os cordões a cada um à medida que nos chamava:

— Meu irmão André, que Deus o proteja! — E da mesma forma com Reili, Antônio, Francisco e Pedro.

— Meu irmão Rodolfo, não precisa levantar-se, eis aqui seu cordão. Que Deus o proteja!

Quando chegou a minha vez e de Dancam, Tomé disse:

— Eis aqui, meus irmãos William e Dancam, suas vestes e cordões. Se querem ser Jesuítas, então precisam se vestir como Jesuítas, e assim todos os respeitarão como tais. Ao usarem essas vestes, terão orgulho em ser Jesuítas, mas lembrem-se: não são as roupas que fazem um homem, e sim suas atitudes para com o próximo. Façam sempre a vontade de Deus e serão Jesuítas.

Dancam e eu choramos quando colocamos nossas túnicas.

Todos nos acolheram com paz e bem e Tomé disse que teríamos uma festa. Dancam ficou todo contente porque iria tirar a barriga da miséria e não via a hora de começar. Limpamos e arrumamos tudo com a ajuda dos colonos e enfeitamos a Capela com flores.

— William, será que o irmão Tomé encomendou as guloseimas? Porque na cozinha não foi feito nada... — Dancam perguntou.

— O irmão Antônio e alguns colonos foram apanhar batatas, vi também que fizeram uma fogueira. Creio que teremos música, dança e batatas assadas. — Respondi.

— Batatas? William, mas comemos batatas o mês inteiro!

— Mas essas serão diferentes, vão ser assadas!

— Essas batatas não devem ser para nós, o irmão Tomé disse que teríamos uma festa!

— Dancam, meu irmãozinho, não espere por uma festa como as que estávamos acostumados, por favor.

— Há, William, uma festa no dia de hoje era tudo o que eu mais queria!

No final da tarde nos reunimos todos ao redor da fogueira onde comemos batatas assadas. Os colonos estavam muito felizes, então cantaram e dançaram comemorando a boa safra.

— Dancam, por favor, coma ao menos um pouco, você está desfeiteando essas pessoas, pois tudo o que têm

aqui são batatas. Por favor, honre sua túnica de Jesuíta e desfaça esse rosto triste porque todos estão notando sua carranca.

— Tudo bem, vou experimentar.

— Isso, aja como um Jesuíta!

— Nossa, estão realmente muito boas! Porque não me avisou antes, William?

— Eu tentei, mas você não quis me ouvir.

Eram por volta das dez horas da noite quando o irmão Tomé nos chamou.

— Irmãos e irmãs, vamos nos reunir na capela para festejar minha partida e a chegada dos nossos irmãos William e Dancam. Venham todos.

— Não disse, William, que teríamos uma festa hoje?!

— Dancam falou bem baixinho em meus ouvidos.

Eu apenas sorri e fomos para a capela, então Tomé começou a falar:

— Nesse momento, pedimos a São Miguel que nos defenda do grande combate, que os santos possam nos ouvir nesse momento e que os anjos desçam apanhar esses nossos pedidos.

Rezamos e oramos, intensificamos nossas preces e pedidos e cantamos até as três horas da manhã.

— Essa é a verdadeira festa que agrada os olhos de Deus. — Tomé nos disse.

Nos despedimos dos irmãos e dos colonos com paz e bem e nos recolhemos, estávamos todos cansados e com sono.

No dia seguinte conversei com Dancam.

— Não gostou da festa, não é?! — Perguntei.

— Na hora fiquei decepcionado, mas hoje percebo que foi uma festa maravilhosa, nunca participei de algo assim!

— Que bom, meu irmão, fico contente que esteja começando a sentir as maravilhas vindas de Deus.

Todas as noites os colonos faziam uma fogueira onde brincavam e se divertiam e, muitas vezes, nos chamavam para participar, pois era um gosto para eles que todos pudessem se divertir também.

Dancam e eu tínhamos que trabalhar, afinal, viemos aqui para isso! Em pouco tempo conhecemos todas as colônias, as crianças que nelas moravam, também o que deveríamos fazer.

Uma grande dificuldade que tivemos foi para conseguir entendê-los, uma vez que falavam uma língua bem diferente da nossa; mas mesmo com dificuldade, utilizando gestos íamos compreendendo o que queriam dizer.

Logo fizemos amizade com todos aqui, coisa muito fácil já que eram sempre muito amáveis. Só o que essa gente desejava era liberdade e na Missão de São Miguel eles a tinham, os índios aqui eram tratados como seres humanos.

Tomé de Souza, meu grande amigo, partiu para a Espanha afim de ajudar a fundar novas colônias da Missão de São Miguel e nós ficamos prontos para evangelizar aquele povo na busca de levarmos essa missão adiante.

Havia uma grande árvore que tinha uma sombra muito boa onde ensinávamos as crianças da colônia, lá aprendíamos sua língua e ensinávamos a nossa.

Algum tempo depois resolvemos que deveríamos ajudar um pouco mais e fomos conversar com o irmão André, pedimos a ele que permitisse que comprássemos comida para nós e as colônias pois todos se viam em grande necessidade.

Nosso irmão André concordou, então fizemos mais: além de comprar comida para todos, providenciamos também camas, cobertores, baús para que pudessem

guardar suas roupas, reformamos o barracão e fizemos uma grande sala com uma bonita decoração para que pudéssemos receber as visitas e também uma cozinha com refeitório, pois muitos peregrinos passavam por ali, além disso, as crianças ganharam roupas e brinquedos.

— Vocês trouxeram para esse lugar alegria, hoje temos tanto que podemos repartir com os outros, vocês vieram enviados por Deus; nossa evangelização ficou melhor e as crianças aprendem com mais facilidade, pois, com a barriga cheia a mente se abre! Vejam com seus próprios olhos tudo o que fizeram, as crianças estão mais felizes e os adultos trabalham motivados, e mais, com a próxima safra poderemos alimentar a colônia e trazer mais índios para viverem aqui sem precisar comprar comida, pois agora nossas dispensas estão cheias. Muito obrigado! — O irmão André nos agradeceu.

— Não fazemos mais que a nossa obrigação, irmão André. O Sr. nosso Deus foi e é muito generoso conosco e só estamos repartindo um pouco das bênçãos que recebemos. O que Dancam e eu fizemos não é pagamento nem esmola, quero que entenda, só estamos devolvendo um pouquinho do que Deus confiou às nossas mãos.

— Essas, em meio à tantas coisas, são maravilhas de Deus e somos um pouco privilegiados por isso. Sabemos que tudo vem de Deus e que temos liberdade para demonstrar nosso amor por Ele, por isso vos digo que estão no caminho certo.

— Nossa intenção é fazer muito mais, irmão André.
— Eu respondi.

— Eu só posso louvar e agradecer a Deus pela chegada de vocês aqui.

Nesse momento o irmão Antônio veio nos avisar sobre o irmão Rodolfo.

— Venham rápido, ele está morrendo!

Corremos para vê-lo e quando chegamos o irmão Rodolfo dizia suas últimas palavras.

— Sou grato a Deus por me deixar vir para esse mundo, mas agora estou pronto para o grande mistério e vou feliz, porque cumpri minha missão com êxito.

O irmão Rodolfo foi o fundador da colônia de São Miguel no vilarejo de São Joaquim e estava doente, além disso, a idade lhe pesava sobre o corpo, então veio a falecer.

Pensei que todos iriam chorar e entoar cantos fúnebres, mas aconteceu o contrário, como nunca tínhamos visto antes, os índios cantavam e dançavam e fizemos muita comida. É engraçado como em todos os rostos e lábios se via uma satisfação, não havia tristeza nem choro.

O irmão André disse-nos que o irmão Rodolfo havia conseguido concluir sua missão com sucesso e que estava sendo abraçado por Jesus agora, que o céu estava em festa e, por esse motivo, também deveríamos festejar.

Nunca achei que um dia diria isso, mas aquele foi o velório mais lindo que já vi em toda a minha vida, podem acreditar!

— William, tem certeza de que estamos em um velório? — Dancam perguntou num sorriso.

— Pode acreditar, Dancam! — Eu respondi.

Tínhamos a impressão que o próprio Deus estava ali.

No dia seguinte enterramos o irmão Rodolfo com simplicidade, quem conduziu as orações foi o irmão André. Logo após, fomos à capela continuar orando e pedindo pela alma do falecido. De repente um índio ainda adolescente entrou na capela e foi imediatamente falar com o irmão André, como falaram baixo, nem eu nem os outros irmãos entendemos nada, mas foi impossível não notar a tristeza nos olhos do nosso irmão quando terminamos nossas preces e saímos da capela.

O irmão André nos reuniu para explicar o que estava acontecendo.

— Tenho uma notícia triste para vos dar: nossos irmãos índios estão precisando muito de nosso socorro, pois os Barões e Senhores arranjaram outro tipo de diversão e estão cometendo todo tipo de crueldades contra eles. Precisamos ir até o vilarejo de São Joaquim tentar intervir junto à Dom Joaquim para que parem de cometer essas atrocidades.

— Falar com Dom Joaquim, meu irmão, tem certeza? Esse homem quer ser como Dom Sebastião e acha que pode mandar nesse país, jamais nos ouvirá. — Questionou o irmão Francisco.

— Precisamos tentar! Amanhã estarão reunidos no vilarejo, então sairemos daqui logo ao nascer do Sol para tentar impedir esses assassinatos.

E assim fizemos, logo bem cedo o irmão André nos chamou.

— Irmão Francisco, irmão William e irmão Dancam, venham comigo enquanto os outros permanecem em oração para que possamos ter êxito. Cuidem de tudo por aqui até a nossa volta, não vamos nos demorar.

Despedimo-nos de todos com a paz e o bem e seguimos viagem.

Logo que chegamos em São Joaquim, notamos um grande alvoroço na comunidade, a impressão que tivemos era que ali haveria uma festa. Estavam construindo uma jaula grande e, em cima dela, um palco; não entendemos o que estava acontecendo mas precisávamos nos inteirar o mais rápido possível, tínhamos pressa em falar com Dom Joaquim, então seguimos para a casa grande do vilarejo.

— William, olhe naquela janela, você não vai acreditar! — Dancam falou.

Tomei um susto e respondi baixinho:

— Jesus amado, Dancam, é o Arcebispo Rocuel! Então foi aqui que ele veio se esconder...

— Veja como ele está feliz, certamente terão festa logo mais.

— Não olhe, Dancam, abaixe sua cabeça porque ele pode nos reconhecer!

— Não fizemos nada para ele, porque então devo esconder-me?

— Esqueceu que armamos aquela cilada para ele, esqueceu que tomamos nossas terras de volta?

— Pense comigo: no dia da cilada, muitas pessoas participaram e, com relação à nossas terras, somente pegamos de volta o que nos pertencia, e outra, ele nem estava lá.

— Será que não se lembra como são ardilosos e perigosos?

— William, ele não vai nos reconhecer, nem eu mesmo me reconheço!

É verdade, nós estávamos com cabelos e barbas compridos e vestíamos uma túnica marrom com um cordão amarrado na cintura, não havia mesmo como o Arcebispo nos reconhecer.

Chegamos na casa grande e logo fomos anunciados, Dom Joaquim iria nos receber.

— Essa não é uma casa grande, mas verdadeiramente uma mansão! Não sabia que servia de descanso para os ordenados — Comentou o irmão Joaquim.

— Não é um lugar de descanso, mas um esconderijo. — Respondi.

— Como é? Não entendi!

— Parem de falar, vejam, já vamos entrar! — Pediu o irmão André.

Entramos e Dom Joaquim nos cumprimentou.

— A que devo a honra dessa visita, Jesuítas em minha humilde casa!

— Nós vos saudamos, caro irmão Dom Joaquim, com a paz e o bem.

— Creio que sou uma pessoa privilegiada por Deus, pois em minha casa só entram homens santos!

— Fico feliz porque abre as portas de sua casa para os santos.

— O que posso fazer por vocês?

— Viemos aqui em vossa casa, em nome de Jesus, pedir que pare de cometer tantas crueldades contra os índios.

— Eu pago por essas cabeças de índios, e todos pagam para vê-los correr.

— Por favor, Dom Joaquim, são humanos como nós!
— O irmão André implorou.

— Não são iguais a mim, o senhor me ofende com tais palavras. Eles são selvagens, perigosos, são animais e devem morrer! — Exaltou-se Dom Joaquim.

— Por favor, pare com essa matança em nome do grande mestre Jesus! — Tornou a pedir.

— Se continuarem a me importunar com isso, falarei com vossa eminência e pedirei que sejam afastados da Missão de São Miguel. Agora retirem-se de minha casa!

— Não podem nos tirar da Missão de São Miguel porque aquelas terras são nossas e não da Igreja. — O irmão André respondeu.

— Pedirei que a Igreja revogue seus votos. — Tornou a ameaçar-nos.

— Mesmo que revoguem nossos votos, vamos continuar na Missão e, quanto a isso, a Igreja não pode fazer nada, pois não precisamos dos votos para trabalhar para Deus.

— Retirem-se imediatamente de minha casa ou chamarei os guardas!

— Que Deus tenha misericórdia do senhor! — Disse o irmão André e nos retiramos, porém ficamos por perto para ver o que iria acontecer.

Os capitães do mato trouxeram os índios amarrados e nus para dentro da jaula e logo começaram a chegar carruagens com Barões e Senhores que foram acomodando-se no palco em cima de onde estavam presos. Foi servido vinho e todos sorriam e conversavam normalmente, mas de normal aquilo não tinha nada!

Logo um capitão do mato soltou um dos índios e pediu que saísse da jaula, então alguém gritou para que corresse e, nesse momento, um dos que estavam sentados no palco levantou-se com um arco em punho e, enquanto o índio corria, lhe acertou com flechas pelas costas. As flechas estavam envenenadas com peçonha de cobra e o pobre morreu na hora. E foi assim até que todos os índios estavam mortos.

Nós ficamos ali vendo tudo aquilo acontecer sem poder fazer nada.

Depois que todos os índios foram assassinados, aquelas pessoas retiraram-se para a casa grande celebrar o que tinha acontecido e o vilarejo ficou vazio, apenas com corpos pelo chão.

O irmão André foi até um capitão do mato para perguntar o que seria feito daqueles índios e soube que seriam levados para uma gruta qualquer no meio da estrada.

— Nós podemos fazer esse serviço por vocês. — Disse ao capitão do mato.

— Por mim tudo bem, temos muito o que fazer por aqui e eu e meus homens ficaremos lhes devendo.

— Não nos deve nada. — Respondeu.

Pegamos todos os índios, os colocamos na charrete e trouxemos para a Missão de São Miguel onde havíamos feito um cemitério indígena, pois era um trabalho dos Jesuítas recolher os corpos dos índios mortos na beira da estrada. Nenhum de nós conseguiu dizer uma só palavra durante todo o trajeto, estávamos extasiados.

Quando chegamos em casa, reunimos a todos para velarmos aqueles nossos irmãos que foram mortos sem qualquer compaixão. O irmão André conduziu as orações e os índios dançavam, cantavam e choravam, porque diziam que esses irmãos estavam tristes por não ter podido acabar o que vieram fazer na terra. Depois do enterro voltamos à capela para continuar orando, pois não havia mais nada a ser feito.

Não conseguia parar de pensar em tudo aquilo, haviam índios de várias idades mortos ali, adolescentes e crianças também. Meu Deus, como queria poder impedir todos esses assassinatos! Continuei orando.

No dia seguinte fui ter com o irmão André.

— Irei descer o rio e me embrenhar na mata, preciso avisar os índios para que se protejam. Quero pedir que fiquem vigiando os capitães do mato.

— É muito arriscado, irmão William, os índios pensam que somos uma ameaça e irão matá-lo, você não entende?! Esses índios não são como os que estão conosco na colônia e por isso precisamos tomar muito cuidado, você sabe que muitos Jesuítas foram mortos por eles. Precisamos de um plano para chegar até onde estão.

— Mesmo assim, se me der sua permissão, irmão André, eu irei.

— William, nenhum dos nossos irmãos Jesuítas que desceram o rio e entraram na mata voltaram, ou são mortos a flechadas ou são amarrados numa cruz e jogados no rio. Você não pode fazer isso!

— Irmão André, isso não pode mais continuar, alguém terá que ir! — Insisti.

— Sei, disso, mas pensarei a respeito, pois é um risco muito grande.

Então Dancam chegou correndo onde estávamos para avisar que havia uma carruagem no quintal e que parecia ser uma das nossas, então fomos ver de quem se tratava.

XIII. A Rainha morta e a chegada

Quando se abriu a porta da carruagem tivemos uma maravilhosa surpresa: era Thomas, nosso irmão! Corremos abraçá-lo.

— Que saudades estávamos de você! — Eu disse.

— Eu também, a saudade era tanta que meu coração doía! Deus do céu, como é difícil achá-los, estão morando ou se escondendo?!

— Hora, meu irmão, vamos entrar. Conte-nos como estão todos, as crianças, estão bem?

— Estão todos bem e as crianças crescem à olhos vistos! Maria, esposa de Lucas já teve mais dois bebês, são meninas: Débora e Mônica. Alicia está uma mocinha e Dominique e Dominica são nossos verdadeiros tesouros. Agnes fundou uma casa para dar assistência às crianças da colônia enquanto seus pais trabalham; lá em Orcam só temos motivos para agradecer a Deus. E vocês, me contem como estão!

— Estamos ótimos, principalmente porque estamos fazendo o que gostamos: trabalhar para Deus! — Dancam respondeu.

— Apesar de cabeludos e barbudos, posso ver o brilho de felicidade em seus olhos, isso é muito bom!

Thomas nos trouxe presentes e mais uma boa quantia em dinheiro.

— Imaginei que o que tinham trazido já havia se acabado. — Nos disse.

— Você adivinhou, meu irmão, pois estamos sem nenhum em nossos bolsos. — Eu respondi.

— Que bom, então cheguei na hora certa! — Thomas disse.

— Tudo é por Deus! Nós não precisamos, mas essa gente sim. — Expliquei.

Dancam saiu e foi avisar aos outros irmãos e colonos que tínhamos visita, pediu que acendessem uma fogueira porque teríamos festa. O irmão Francisco fez questão de mostrar para Thomas a Missão de São Miguel e meu irmão ficou encantado com a hospitalidade de todos para com ele.

— É mesmo uma beleza de lugar! Que pele e cabelos lindos tem essas crianças, e olhem como dançam!

— Estão lhe agradecendo a visita e os presentes que trouxe para eles, meu irmão, aliás, como soube que nessa missão haviam tantas crianças?

— O Padre de Santarém me informou.

— Você conheceu o Padre?

— Sim, um senhor muito simpático, foi ele quem me disse onde estavam e me falou sobre a colônia e as crianças.

Dancam nos convidou para nos juntarmos aos colonos em volta da fogueira:

— Venham, estão nos chamando! — Disse.

Foi uma festa maravilhosa, comemos, bebemos e dançamos. Fomos nos deitar tarde e no dia seguinte, logo após o café, nos sentamos na sala para conversar.

— Thomas, meu irmão, conte-nos sobre nossos negócios. Como vão nossas terras, a tecelagem e as lojas? — Perguntei.

— Queria mesmo conversar com vocês sobre a tecelagem e as lojas, gostaria de sua permissão para vendê-las pois o lucro que temos em nossas terras é mais do que suficiente. A tecelagem e as lojas nos dão bom lucro também, mas para mim e Lucas está sendo muito trabalhoso cuidar de tudo.

— Tudo bem, meu irmão, faça como quiser, e falo também por Dancam, pois não pretendemos voltar a não ser para visitá-los.

Dancam assentiu.

— Que bom que concordaram, mas o que me trouxe aqui, William e Dancam, não são boas notícias. Achei que já estavam sabendo, mas observando vocês e o lugar onde vivem, percebi que ainda não tomaram conhecimento de nada.

— Diga do que se trata, Thomas, podemos ajudá-lo?

— Pedi.

— Aqui nós plantamos, colhemos, cuidamos dos colonos e rezamos, não saímos desse lugar. O que quer nos dizer, meu irmão? — Dancam perguntou.

— É sobre nossa Rainha Ana.

— O que houve com Ana? — Perguntei.

— Não sei nem como vos dizer, as palavras se embaralham em minha boca.

— Vamos, coragem, meu irmão! Conte-nos o que aconteceu.

Thomas respirou bem fundo e disse:

— A Rainha Ana foi decapitada e Jorge está preso. Era isso que precisava vos contar.

— A Rainha morta, mas porquê? — Eu disse incrédulo.

— Armaram intrigas caluniosas sobre ela e, bem conhecendo-a, sabem que não se defenderia. Como costumava dizer, “que cada um tire suas próprias conclusões, que pensem o que quiserem”, e foi assim, para não envolver o nome do Rei nos escândalos, preferiu calar-se, pois fazia de tudo por ele. Mas morreu com dignidade, de cabeça erguida, mostrou a todos, até seu último suspiro de vida, que era verdadeiramente um Rainha.

— E Jorge, conte-nos tudo, queremos saber! — Dancam pediu.

— Jorge foi acusado de ter tido um filho com sua própria irmã, todos sabiam o quanto o Rei queria um herdeiro homem e que a Rainha só havia lhe dado Elizabeth.

— Não entendi. — Dancam solicitou que explicasse melhor.

— Acusaram a Rainha de ter tido um filho com Jorge e de tê-lo apresentado como sendo do Rei, ela também foi acusada de ter tido filhos fora do casamento. Foi terrível, Agnes e eu acompanhamos tudo.

— Esses filhos fora do casamento devem ser Dominique e Dominica, sabemos que não eram dela essas crianças. — Comentei.

— Dominique e Dominica são meus filhos, nunca diga o contrário! — Exclamou Thomas.

— Nunca direi nada a esse respeito a ninguém, não se preocupe, só quis falar que sabemos que trata-se tudo de blasfêmia e que Jorge e a Rainha jamais fariam tal coisa.

— Todos nós sabemos, mas de nada adianta agora, pois o fato foi consumado e a Rainha está morta. O que podemos somente, é tentar mudar o destino de Jorge que está preso e soube que tramam sua decapitação.

— E nosso tio, como está? — Perguntei.

— Arrasado! Pensa até em tirar a própria vida.

— Isso não vai acontecer, tenho certeza! Faremos de tudo para impedir que Jorge seja decapitado. Dancam, por favor, traga nosso irmão André, vou explicar a situação a ele e, certamente, saberá o que fazer.

Chorei pela morte de Ana. Também fiquei feliz porque, do jeito que era, com certeza está nos braços de Jesus agora.

— Porque Ana era assim, porque não quis se defender e deixou que todos tirassem suas próprias conclusões? — Desabafei.

— Penso como você, William, a morte de Ana foi premeditada e ela sacrificou-se para proteger alguém. — Thomas concluiu, depois deu um sorriso e continuou:

— Do jeito que ela era briguenta, deve ter brigado com todos os anjos, então, eles não aguentaram e a

puseram para dentro do céu.

— Thomas, será que até no céu Ana arrumou confusão, será que ela brigou para entrar lá? Se bem que, em se tratando de Ana, não duvido nada!

— Quem sabe ela não precisou brigar, quem sabe até já à esperavam.

— É verdade, Ana era justa e defendia os menos favorecidos. Quer saber, Thomas, aposto como todos no céu estavam-na a esperar!

— Você sabia que ela abriu sua própria igreja, William?

— Não. Do que me fala, irmão?

— De mais um dos fatos que à levaram a decapitação.

— Então é isso, Thomas! Ana abriu sua própria igreja e o Papa não deve ter gostado nada disso.

— Tantos são os motivos pelos quais Ana foi decapitada que você nem imagina, William.

— É verdade... não adianta de nada agora tentar encontrar uma causa para a morte da Rainha, mesmo porque isso não vai trazê-la de volta.

Dancam voltou trazendo o irmão André e fui logo dizendo:

— Irmão André, meu irmão Thomas trouxe notícias nada boas de nossos parentes.

— Conte-me e, se eu puder ajudar, prometo que o farei. — O irmão André respondeu.

— Nossa prima Ana, a Rainha da Inglaterra, foi decapitada por causa de várias acusações falsas e sem sentido. — Comecei explicando.

— Santo Deus, que Nosso Senhor tenha misericórdia de todos que cometeram esse assassinato! Conheci a Rainha; certa ocasião estive em sua casa com o irmão Tomé pedindo contribuições para a construção da colônia e fomos

muito bem recebidos, a Rainha também foi muito generosa conosco. Durante o tempo que lá estivemos, notamos que tratava a todos sem fazer distinção, com igualdade e respeito, inclusive os empregados. Tenho certeza que ela está com Jesus e seus mensageiros, pode acreditar! Mas estou aqui para ouvi-los, contem-me tudo.

— Precisamos de ajuda porque Jorge, o irmão da Rainha, está preso há seis meses e pretendem decapitá-lo mês que vem.

— O conhecemos também, pois conversou conosco também quando estivemos na presença da Rainha, é um rapaz formoso e generoso.

— Irmão André, existe alguma coisa que possamos fazer para resgatar Jorge? Ele é bom e honesto e tenho certeza de que as acusações que imputam a ele são caluniosas. Por Deus, se algo pode ser feito, nos ajude! — Pedi.

— Há sim uma saída para Jorge, viajaremos para a Inglaterra e eu conversarei com o responsável para pedir sua custódia para os Jesuítas. Desde que garanta que o encarcerado ficará sob vigilância, um consagrado da Igreja pode interceder pelo prisioneiro e requisitar sua tutela.

— Irmão André, mas teremos que conversar com os dirigentes da Igreja? — Thomas perguntou.

— Vocês não, mas eu falarei com quem for, não se preocupem! Terei grande prazer em ajudá-los, mas já vou adiantando que Jorge terá que ingressar na Missão de São Miguel e daqui somente a morte o poderá levar, pois darei minha palavra.

— Jorge terá mesmo que morrer um dia, só não precisa ser daqui um mês. Irmão André, então irá mesmo nos ajudar? — Perguntei.

— Irei com prazer à Inglaterra e farei o possível para trazê-lo para casa. — Garantiu.

— Teremos que nos apressar, como chegaremos lá antes da sentença? — Thomas indagou.

— Tudo é por Deus, não esqueçam! Sairei amanhã antes do nascer do Sol.

— Irmão André, pretendo ir também. — Eu disse.

— Será mais útil aqui, irmão William, fique e ajude a cuidar de todos; irei com vosso irmão Thomas e voltaremos para cá com seu parente.

— Está otimista, irmão André? — Perguntei.

— Sim, estou. Você não, não acredita na misericórdia de Deus? — Me respondeu.

— De toda a minha fé! — Assegurei-lhe.

— Acompanharei o irmão André e não voltarei até que meus olhos vejam Jorge livre, porém não retornarei para cá, pois tenho esposa e filhos que me esperam. — Thomas avisou-nos.

O irmão André retirou-se para preparar-se para a viagem e convidei Thomas para andarmos um pouco.

— Esse lugar é fantástico! E que gente hospitaleira! — Thomas comentou.

— Descobrimos aqui, meu irmão, uma nova vida em Cristo. — Dancam disse.

— Posso sentir o amor e o carinho no ar, como é bom!

— Thomas, você nem imagina o quanto essa gente já sofreu antes de chegar aqui. — Mencionei.

— Posso imaginar, meu irmão, só não consigo entender porque Dom Sebastião não faz nada para cessar com isso. — Thomas respondeu.

— O país está em ruínas, Thomas, a agricultura é um fracasso e acredito que só com a mudança para um bom Rei é que melhorará um pouco. Veja essa questão dos indígenas, são pessoas como nós, isso não pode continuar

assim! Dom Sebastião não consegue cuidar nem da própria família, quem dirá de um país inteiro! — Concluí.

— E porque a Igreja não defende esses índios?

— Não estou acreditando que me fez essa pergunta! Acaso esqueceu-se de tudo o que passamos nas mãos da Igreja?! Ontem mesmo, no vilarejo de São Joaquim, esses senhores estavam matando pobres índios aos quais não deram sequer a oportunidade de se defender, acha mesmo que a Igreja tem interesse em fazer alguma coisa por esses coitados?

— Tem razão, sinto muito William, foi uma pergunta tola!

— Não diga isso! É que em nosso íntimo sempre temos a esperança de que as coisas podem melhorar. Venha, vou lhe mostrar um lugar.

Levei Thomas até uma cabana que utilizávamos como uma espécie de enfermaria e onde cuidávamos de indígenas, principalmente crianças, que foram vítimas da maldade do homem e que só sobreviveram por vontade de Deus.

Thomas ficou parado, observando tudo sem nada dizer por alguns minutos, depois falou:

— Meus irmãos, vocês têm mesmo que estar aqui e ajudar essa gente. Que bom que eles têm vocês!

Cuidávamos de crianças e adultos que haviam perdido uma ou as duas pernas ou braços ou sofreram outros tipos de mutilação. Thomas notou que, apesar de suas perdas, todos estavam sorrindo e eram agradecidos por estarem vivos e terem sido acolhidos na Missão de São Miguel.

Thomas ficou surpreso ao ver todas aquelas crianças alegres e começou a distribuir guloseimas entre elas, outros meninos e meninas brincavam de roda e nos juntamos a eles; rimos muito e as fizemos felizes. Então meu irmão

teve a ideia de ensinarmos àquelas crianças a frase que papai havia nos ensinado.

— É verdade, William! Mas fale você porque elas o entendem melhor. — Disse Dancam.

Então chamamos as crianças e eu comecei a falar:

— Ouçam-me: sempre que estiverem amedrontados ou se achando fracos, tenho uma frase que vai fazer esses sentimentos sumirem de perto de vocês. Nosso pai nos ensinou quando éramos pequenos e serve para lembrarmos de nunca desistir de nada, nem dos nossos sonhos nem da felicidade.

Pedimos que todos juntassem as mãos e repetissem conosco:

“Lutem e lutem.

Lutem mais uma vez.

Até cordeiros virarem leões.”

— Querem saber, crianças, vocês já são mais que vitoriosos! — Concluí.

Aqueles meninos e meninas ficaram repetindo a frase uma vez atrás da outra. Peço a Deus que esse dizer possa fortificá-los cada vez mais assim como fez conosco, também que o Senhor os proteja de todos os perigos materiais e espirituais.

Então aproveitei que estávamos todos reunidos e pedi que fizéssemos uma oração:

“Pai nosso que estai no mais alto dos céus, santificado seja sempre o Vosso nome, venha até nós que é também o Vosso reino e que seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia dai-nos hoje e para todos os necessitados, para que sejam saciados. Perdoai-nos as nossas faltas, assim como tentamos perdoar aqueles que nos ofenderam. Sr. Deus, te pedimos que não deixei que caiamos em tentações e livrai-nos sempre de

todo o mal, porque Vosso é o reino, o poder e a glória por todos os tempos. Amém.”

— Ó Maria, mãe de Deus, nos ensina a sermos justos e sede nossa mestra, vós que sois a mãe do nosso mestre Jesus; nos ensina a sermos fiéis e nos ajude a cuidar dessas crianças que tanto precisam de nós. Amém.

Foi uma tarde maravilhosa e aquele, um momento de muita bênção! Logo veio a noite e outro dia nasceu.

Thomas despediu-se prometendo voltar para nos visitar. O irmão André disse que não nos preocupássemos pois, em nome de Jesus, logo voltaria e traria Jorge consigo, pediu para acreditarmos na misericórdia de Deus que daria tudo certo. Aquelas palavras serviram como bálsamo para meu coração e me tranquilizaram.

Partiram bem cedo e Dancam e eu ficamos orando e pedindo para que ficasse tudo bem. Depois fomos para meu quarto e chamei o Sr. Aruaque.

— Por favor, Sr. Aruaque, permita que possamos entender porque os anjos permitiram que matassem Ana, porque não intercederam por ela? — Perguntei.

— William e Dancam, vamos falar sobre a morte de Ana: primeiro, saibam que isso impediu milhares de outras mortes, segundo, ela cumpriu sua missão com tanta coragem e determinação que houve festa no céu quando ela chegou. Ana possui um coração valente e abrasador, sua morte foi nobre e agora ela está nos jardins de Jesus; não há motivo para tristeza, vamos, alegrem-se!

— Vamos tentar ficar felizes por Ana, mas será difícil, o senhor bem sabe! E quanto a Jorge, Sr. Aruaque, será que morrer num calabouço é mesmo seu destino?

— Jorge morrerá sim, William e Dancam, mas não será num calabouço. Isso se dará apenas quando ele cumprir sua missão, então, preparem as crianças e os

colonos, pois em breve o irmão André retornará acompanhado do seu parente.

— Muito obrigado, Sr. Aruaque! — Agradei sorrindo.

— Devo ir agora, pois pretendo ajudar o irmão André. Que Deus os abençoe, fiquem na proteção de Deus!

Ficamos orando e, por mais que quiséssemos, o tempo não passava.

Não conseguia parar de pensar na morte de Ana e em todos os que fizeram isso com ela. Essas pessoas são os verdadeiros leprosos da sociedade, e não falo da doença de pele, mas da doença que atinge o coração e a mente. Cinto que não é um mal passageiro e que, infelizmente, teremos de conviver com ela por todos os tempos e peço a ajuda de Deus para que tenhamos paciência, porque essa é uma tarefa difícil. Misericórdia, Pai todo poderoso!

Hoje fazem vinte e oito dias que Thomas e o irmão André partiram e gostaria de saber como estão sendo as negociações acerca da situação de Jorge. Talvez nem tenham chego lá ainda... estou tão preocupado!

— William, será que conseguiram libertar Jorge daquele calabouço? — Dancam perguntou.

— Penso que sim, o irmão André sabe o que fazer e o Sr. Aruaque está os ajudando, tenho certeza!

— Será que Jorge vai se acostumar a viver aqui conosco? Estamos sempre lutando para sobreviver nos escondendo dos homens de Dom Joaquim. Vivemos sob pressão, será que ele aguentará?

— Melhor morrer lutando do que sem nenhum motivo, não acha?!

— Morrer não é bom, nem com luta, nem sem luta. Acho que morrer dói muito, não quero morrer!

— O que fala, meu irmão?! Não existe morte, e sim uma passagem para nossa verdadeira vida.

— Como você sabe? Você já morreu para ter essa informação?

— Nessa vida ainda não, mas, segundo os meus estudos com o Sr. Aruaque, já vivi muitas e também morri muitas.

— De onde você e o Sr. Aruaque tiraram essa conclusão? Morreu, acabou, está escrito na Palavra de Deus.

— Tantos anos juntos e você não aprendeu nada, meu irmão. Vou dar-lhe alguns exemplos: como você explica a visita de nossa mãe e de Alicia? Agora te pego, e a presença do Sr. Aruaque, então? Dancam, você mesmo viu o exército do Sr. Aruaque, eram anjos, como pode dizer agora que “morreu, acabou”?

Dancam pensou por alguns minutos, depois disse:

— Você está certo, William, como sou tolo! A verdade está o tempo todo na nossa frente, porque temos tanta dificuldade em poder vê-la?

— Basta querer enxergá-la, Dancam, só isso!

— Não quero parecer bobo, mas como será que se vive lá em cima? Será que tem comida, será que eles fazem festa, dançam e cantam? Porque será que estou velho e, nas visitas de mamãe ela aparece tão linda e jovem? Juro que não entendo...

Eu sorri e respondi:

— Mamãe, em suas aparições, está jovem e bela porque foi assim que ela saiu desse mundo. Sobre festas, acredito que existem sim, pois o povo de Deus é alegre. Agora, com relação à comida, não se preocupe; se lá no céu não tiver, pedimos para alguém fazer só para você!

— William, quando chegarmos lá em cima, não esqueça de pedir para alguém diminuir o tom da sua voz! — Dancam respondeu e começamos a rir muito.

— Dancam, será sempre meu irmãozinho!...

De repente entrou o irmão Pedro correndo e gritando:

— Corram, depressa! A colônia de São Miguel está sendo atacada pelos homens de Dom Joaquim!

Saímos às pressas pegar as crianças e esconder os colonos em nossa casa. Levamos todos para nossos quartos e pedimos que fizessem silêncio.

— Por favor, parem de chorar e não digam uma só palavra! Não saiam daqui, nada vai acontecer a vocês!

Dancam e o irmão Francisco ficaram tomando conta dos colonos enquanto fomos tentar falar com aqueles homens. Saímos e interpelei-os:

— Saibam que vocês estão invadindo propriedade particular, o que desejam? Como ousam entrar em nosso lar e nos amedrontar?

Um dos capitães do mato que estavam lá respondeu:

— Dom Joaquim mandou-lhes um aviso para que aprendam e nunca mais se intrometam em seus negócios. Só um aviso! — Ameaçou-nos.

— Em nome de Deus, deixem-nos em paz!

Os homens de Dom Joaquim espalharam-se por nossas terras e atearam fogo em tudo, das cabanas até as plantações. Queimaram tudo, somente a nossa casa permaneceu de pé.

— Onde estão os nativos, os animais que chamam de gente? Onde os esconderam? — O capitão do mato perguntou depois de terem destruído tudo.

— Nossos irmãos índios estão em nossa casa, sob nossa proteção e vocês não têm nenhuma autoridade para invadir esse lar. Aqui é a morada de Deus e vocês não são bem-vindos!

Olhei para o lado e me deparei com o exército do Sr. Aruaque com arcos e flechas em punho. Ninguém mais podia vê-los, mas essa visão me tranquilizou e, de repente, todos aqueles homens montaram em seus cavalos e foram embora sem olhar para trás.

Os irmãos que estavam comigo não entenderam nada, mas eu sim: mais uma vez o Sr. Aruaque veio em nosso socorro.

Quando todos saíram de dentro da casa puseram-se a chorar, mas eu pedi que parassem.

— Basta, meus irmãos! Vamos ajoelhar e agradecer a Deus porque ninguém de nós perdeu a vida. Esperaremos o fogo se acabar e reconstruiremos tudo, com a graça de Deus.

E assim aconteceu, logo que o fogo se apagou começamos a reconstrução das cabanas e da capela, em seguida refizemos nossas plantações. Tínhamos muito trabalho a fazer e, por isso, nem vi o tempo passar.

Estávamos trabalhando na reforma da capela quando o irmão Francisco chamou nossa atenção para uma carruagem chegando.

— Olhem, Deus seja louvado, é o irmão André!

Imediatamente corremos na direção da carruagem e nosso irmão desceu.

— Irmãos amados, quanto tempo! Eu vos saúdo em nome de Jesus! Irmãos William e Dancam, sorriam, vejam quem está aqui. — Disse.

O irmão André havia conseguido trazer Jorge consigo, mas ele estava numa situação de dar pena, não conseguia falar, tinha as duas pernas quebradas e possuía muitos hematomas pelo corpo todo. Com a viagem, ficou ainda mais debilitado, então tratamos logo de cuidar dele.

Tiramos Jorge com todo o cuidado da carruagem e o levamos para um quarto com uma cama bem macia, depois as mulheres indígenas vieram para ajudá-lo no tratamento de seus machucados.

— Irmão André, como conseguiu tirar Jorge do calabouço? — Perguntei.

— É difícil explicar, mas senti uma força divina me auxiliando. Os guardas reais disseram-me que Jorge estava quase morto e que não aguentaria a viagem, por isso me deixaram trazê-lo. Foi uma negociação difícil, mas deu certo! — Respondeu.

Agradei ao irmão André e depois ao Sr. Aruaque.

Assim que descansou da viagem, o irmão André veio se inteirar do que havia acontecido enquanto estava fora.

— O que houve aqui meus irmãos? — Perguntou ao ver a destruição.

— Os homens de Dom Joaquim estiveram aqui cobrar o dia que o irmão foi pedir para que não matassem os índios. Ele não quer que interfiramos em seus negócios e disse que o que fizeram era apenas um aviso. — O irmão Joaquim respondeu.

— Vocês revidaram?

— Nada fizemos. O irmão William foi quem conversou com eles e, como pode ver, não tivemos mortos ou feridos, mas veja a situação em que nos deixaram. Agora estamos reconstruindo tudo, mas não sei até quando vamos aguentar.

— Irmãos, quero que ouçam-me: a Missão de São Miguel jamais se acabará! Se não estivermos mais aqui, com certeza Deus, em sua infinita misericórdia, mandará outros como nós para continuarem nosso trabalho. De forma alguma devemos deixar que a revolta invada nosso coração, confiemos em Deus porque Ele é nosso pai e jamais nos abandonará.

Então sugeriu que fizéssemos almoços e jantares comunitários, dessa forma, todos comeríamos na mesma mesa e teríamos, assim, mais voluntários para ajudar na reconstrução da Missão de São Miguel.

E assim fizemos, trabalhamos e trabalhamos e o tempo foi passando. Jorge foi ficando cada vez melhor e eu ia vê-lo todos os dias para saber como estava.

— Como passou hoje, meu irmão? — Perguntei.

— Não posso viver sem Ana, William, nada do que fomos acusados aconteceu, acredite, por favor! — Jorge desabafou chorando.

— Tudo bem, acalme-se! Eu e todos aqui sabemos que fala a verdade, não fique assim. Tudo em nossa vida passa, olhe para suas feridas, já estão quase totalmente cicatrizadas; mais difícil são as feridas de dentro, principalmente as do coração que precisam de tempo, muitas orações e muita perseverança para sarar. Acredite em Deus, tenha fé Nele que tudo melhorará!

— Sofri duras torturas e acho que jamais voltarei a andar, mas isso não me dói tanto quanto o que me fizeram por dentro, no meu coração e na minha mente, essas feridas sim, machucam e sangram a todo segundo; não consigo entender, não consigo esquecer.

— Vou lhe contar uma coisa estranha, mas acredite, existe um espírito que me acompanha desde que eu era pequeno, seu nome é Sr. Aruaque, e ele me garantiu que você voltará a andar.

Jorge sorriu e disse:

— Acredito no que me diz, William, e mal posso esperar para levantar dessa cama para poder trabalhar. Quero ingressar nessa missão e poder agradecer ao irmão André por ter me resgatado daquele calabouço, trabalhando também vou poder esquecer de tudo o que me machuca o coração e a mente.

Jorge pôs-se a chorar.

— Queriam que eu confessasse e eu não sabia o que tinha que falar, eram tantas coisas, depois fui preso... quer saber, acredito que Deus tem um propósito para mim, pois, com todas as torturas que infringiram a mim, eu deveria estar morto. — Me falou.

— Eu sei que é difícil, mas tente não lembrar mais dessas coisas, Deus cuida de você assim como de todos nós. Agora descanse que vou buscar seu jantar.

O Sr. Aruaque foi curando Jorge com seus chás de ervas e cataplasmas enquanto nós intensificávamos nossas orações e súplicas a Deus, todos na colônia vinham visitá-lo

e as crianças cantavam e dançavam para ele. Os homens e mulheres da colônia faziam uma grande roda em torno de Jorge, esfregavam as mãos uma na outra e as impunham na sua direção, diziam que o calor das mãos trazia boas energias, energias de cura.

Foi assim por três longos anos.

Certo dia uma criança veio correndo em nossa direção muito contente.

— Olhem, é Jorge!

Quando viramos para ver, Jorge estava andando com a ajuda de um pau que segurava nas mãos.

— Ei, irmãos, consegui! Vejam, estou andando! — Ele comemorava alegre.

Olhei ao lado de Jorge e lá estavam eles mais uma vez: o Sr. e a Sra. Aruaque sorrindo felizes.

— Obrigado, Deus seja louvado no mais alto dos céus! — Eu disse.

— Irmãos, mais um operário para a nossa missão! — O irmão André falou.

E mais uma vez o tempo passou sem que eu notasse. Hoje o irmão André presenteou Jorge com sua túnica e cordão, agora ele era um de nós e estava pronto para trabalhar pela causa de Jesus; seu corpo não tinha mais hematomas e estava curado das pernas. Não tocamos mais no nome de Ana nem sobre nada do que tinha acontecido, deixamos que o tempo cuidasse de suas cicatrizes, pois ele é um grande remédio, basta que acreditemos e confiemos na misericórdia de Deus.

Os índios continuaram sendo mortos e isso me incomodava muito, ainda mais porque ninguém fazia nada a respeito e também não deixavam quem quisesse fazer. O tempo passava e cada dia mais eu sentia necessidade de me embrenhar naquela mata, por várias vezes descii o rio, mas em nenhuma delas tive coragem de entrar na floresta. Tenho que conseguir fazer isso porque sei que os índios

precisam de ajuda, mas, por mais que eu pense, não me vêm nenhum plano que possa me ajudar na cabeça.

Deus, como tenho saudades dos parentes que deixei na Inglaterra, as crianças devem estar grandes e estudando já. É engraçado como sinto falta do frio e da neve caindo, lembro das noites de luar... é impressão minha, ou na Inglaterra têm mais estrelas?

Estou cansado e não tenho mais a mesma disposição da juventude, por toda a vida o Sr. Aruaque me preparou para uma missão, mas não consigo entender qual é.

XIV. Os Aruaques

Certa noite choveu muito forte, vimos relâmpagos e ouvimos fortes trovões, também pedras caíram do céu e levantamos para ver se todos os colonos estavam bem. Fiquei pensando em como os índios que moravam na mata estavam fazendo para se proteger; aqui na Missão de São Miguel estavam todos seguros, mas como estariam aquelas pessoas lá no meio da floresta? “Amanhã, com chuva ou sem chuva, descerei o rio e entrarei na mata. Será agora ou nunca!” — Pensei.

Naquela noite não dormi preocupado com os índios além do rio.

Logo pela manhã, durante o café, fui conversar com o irmão André.

— Pretendo descer o rio hoje e entrar na floresta. — Eu falei.

— Irmão William, você sabe o quanto isso é perigoso! — Ele respondeu.

— Irmão André, só lhe peço que me abençoe para que eu vá em paz.

— Se o irmão André me permitir, desejo seguir com você, William. — Dancam disse.

— Também é o meu desejo! — Falaram o irmão Francisco e Jorge.

— Bem, parece que essa não é a vontade de vocês, mas a de Deus! Muito bem, eu vos abençoo no desejo de que tenham êxito. Que Deus tenha misericórdia de vocês!

Irmão André recomendou-nos que levássemos comida e cobertores pois não sabíamos quando conseguiríamos regressar. Arrumamos nossas coisas, nos despedimos de todos, pegamos uma canoa e descemos rio abaixo.

Descendo, notei que estávamos sendo observados e isso me deu medo, mas senti que tinha que seguir em frente.

— Meus irmãos, está escurecendo e acho melhor pararmos para fazer acampamento. Ficarà tarde e não conseguiremos encontrar lenha para a fogueira. — Jorge disse.

— Procuraremos um bom lugar para pararmos, mas mesmo assim não será possível acender uma fogueira porque choveu muito e ainda está tudo molhado. — Respondi.

Dancam apontou para uma clareira que parecia um lugar seguro para ficarmos e paramos ali. Passamos a noite naquela área e a chuva não dava trégua, então pensei: “Deus, como podem morar num lugar que não lhes oferece nenhum conforto?” Ficamos em uma pequena barraca que Dancam e eu fizemos, mas não pregamos os olhos, coisa impossível de se fazer sentado. Por causa da chuva a noite ficou ainda mais escura e confesso que o medo invadiu todo o meu ser.

Quando amanheceu sugeri que seguíssemos dali a pé e todos concordaram.

— Vou amarrar bem a canoa para quando voltarmos. — Eu disse.

O irmão Francisco foi arrumar nossas coisas para partirmos e Dancam perguntou:

— William, quanto tempo para chegarmos no interior da mata?

— Pelo que o irmão André explicou, de cinco a seis dias, por isso devemos levar somente o necessário pois a caminhada é longa. — Respondi.

— Eu levarei a comida. — Dancam disse.

— Não, meu irmão, é muita, devemos repartir porque também precisamos levar cobertores e não podemos esquecer da água e da palavra de Deus.

— Levarei também esse punhal para defender-nos de alguma animal. William, será que não vou passar fome?

— Tenho certeza que não, Dancam, estamos na mata e devem haver pés de fruta no caminho. Quanto ao punhal, esconda-o muito bem para que vejam que estamos desarmados.

A chuva que caia insistentemente dificultou muito nossa caminhada, dávamos passos curtos mas, meu coração ardia de desejo de chegar logo no nosso destino; cada dia de caminhada vencido era uma batalha ganha. A noite eu passava acordado pensando em dias melhores para aquela gente.

— Irmãos, vamos parar para descansar um pouco, por favor, pois minhas pernas não suportam mais caminhar. William, faz cinco dias que estamos andando, ainda vai demorar muito para chegarmos? — Dancam queixou-se.

Nesse momento Jorge pediu silêncio.

— Ei, ouçam, ouvi passos. — Disse.

Imediatamente paramos e silenciámos.

— Jesus Cristo! Estou vendo os índios, o que faremos, o que faremos? — Jorge falou aflito.

— Vamos nos sentar e cantar as cantigas que as crianças da missão cantam para nós. Não esqueçam, nesse momento a oração é fundamental! — Tentei tranquilizá-los.

Então, dois dos índios chegaram perto de nós armados de arcos e flechas, eles falavam entre si e apontavam para nós.

— Para quem iria morrer em um mês, já vivi muito. Só peço a Deus que cuide de minha sobrinha Elizabeth, que só passem pessoas boas por sua vida, peço também por Dominique e Dominica. Senhor, cuide de meu espírito! — Jorge falou.

— Não tenho mais medo de morrer, verei mamãe e, quem sabe, até papai; certamente encontrarei Erica e meu

filhinho. Tomara que lá no céu tenha comida! — Disse Dancam.

— Estou preparado Senhor meu Deus, perdoai essas criaturas! — O irmão Francisco falou.

— Parem de dizer tantas besteiras! Esse não é o final de nossas vidas, se quisessem, esses índios já teriam nos matado. Vamos, ajudem-me a cantar! — Pedi.

Creio que ficamos sentados cerca de meia hora, depois pedi a Dancam que me passasse o saco com o pão, tirei alguns e repartí os pedaços entre nós e ofereci também aos índios. Com gestos, ia tentando dizer a eles que era comida e pedindo que experimentassem. Eles notaram que não oferecíamos perigo, que não éramos uma ameaça então, bem devagar, colocaram os pedaços de pão na boca e comeram. Depois pediram mais.

De repente começaram a se aproximar mais índios, chegaram perto de nós um total de nove pedindo mais do pão.

— Podem pegar, temos mais aqui, vejam! — Jorge disse.

Era bastante difícil de entender o que diziam pois não falavam igual aos índios da colônia, mas, bem devagar fomos tentando nos comunicar até que entendemos que queriam que os acompanhasse.

Depois de mais um dia de caminhada chegamos ao local onde estava situada a aldeia, os índios conversavam entre eles e pareciam felizes. As crianças vinham até nós sorrindo e pedindo alguma coisa.

— Dancam, você ainda tem aquelas guloseimas? — Perguntei.

— Sim, tenho. — Ele respondeu.

— Então as dê para as crianças, vamos fazer amizades. — Pedi.

Dancam distribuiu as guloseimas, eram uma novidade, todos sorriam; logo aproximaram-se também as

mulheres, elas passavam as mãos em nós e alisavam nossos cabelos.

— Estou me sentindo um rei com tantos agradados. —
Comentou Jorge.

Então nos convidaram para entrar em seus patochas e o Sr. Aruaque nos disse:

— William, Dancam, esse é o meu povo, somos os Aruaque. Hoje para mim é um dia muito importante porque logo serão libertos, fico muito feliz por vocês terem conseguido chegar até aqui de mãos limpas e mentes sadias. Só por esse motivo tiveram a coragem para realizar essa missão e por isso sou grato, mas preparem seus corações, haverá ainda muitas provações que terão de suportar, pois esse é o vosso destino e vocês mesmo o escolheram. Estarei sempre aqui para ajudá-los a seguir em frente sem desanimar.

— Sr. Aruaque, não pode nos dizer que provações são essas que teremos de passar? O senhor irá nos ajudar? —
Perguntei.

— Estarei do vosso lado para dar-lhes força e coragem na caminhada, mas não posso fazer nada além disso. — Respondeu.

— Ter o senhor perto de nós já nos faz vencedores.

— Não fui eu que os fiz vencedores, mas vocês mesmos, acreditem!

Ficamos ali e os Aruaque não sabiam o que fazer para nos agradar, parecíamos visitas importantes. Esses índios não são hostis, pelo contrário, são bons e amigáveis, não entendo porque mataram os Jesuítas, com certeza tem algo errado.

Não entendíamos nada do que eles falavam e começamos a desenhar no chão para ficar mais fácil a compreensão entre nós.

Fomos para fora porque um dos índios veio chamar-nos para o jantar. Uma grande fogueira estava acesa e em

volta dela eles dançavam e cantavam. Quando trouxeram a comida Dancam levou um susto, pois eram insetos.

— Nem sob torturas vou comer isso! — Ele disse.

— Não fale tal coisa, pois, se soubesse o que é, comeria todos os insetos do mundo! — Jorge retrucou.

— Não comerei e pronto!

— Por Deus, Dancam, veja como Jorge e o irmão Francisco estão comendo, por favor, sorria e faça como eles. — Pedi.

— Onde será que estão as frutas? — Dancam insistiu.

— Durante todo o trajeto até aqui quase não vimos pé de fruta nenhum e os que encontramos estavam verdes. Dancam, não é todo o dia que tem frutas maduras no pé! Esse alimento que estão nos oferecendo daria para alimentar todas as mulheres e crianças daqui.

— Tudo bem, eles podem ficar com a minha comida...

— Em nome de Deus, Dancam, se fizer isso vão ficar ofendidos. Agora sorria e coma! Porque você tem que ser assim??

— Coma, Dancam, tem gosto de coco, é bom! — Jorge disse.

Dancam pegou um punhado de insetos, os colocou na boca e engoliu sem mastigar.

— Está contente agora, William?

— Esqueceu de sorrir!

A chuva deu uma trégua e a noite estava linda, a lua apareceu e o céu estava estrelado.

Uma mulher Aruaque veio até mim e me ofertou uma pequena cesta com pêssegos.

— É para você, coma, é bom! — Disse usando gestos.

Eu agradei a gentileza e corri procurar Dancam, encontrei-o perto da fogueira.

— Está triste, meu irmão? — Perguntei

— Estou chateado comigo mesmo. Queria tanto ser como você, paciente e perseverante com a missão! Me perdoe por não ser como você!

— Tens um coração de ouro, Dancam! Você só está aqui porque quer e isso é coragem e determinação.

— Só estou aqui para aliviar minha dor pela perda de Erica e meu filho, William.

— Esse também é um motivo bom! Sua esposa e seu filho ajudaram você a tomar a decisão de estar aqui.

— Mas não era isso que eu queria... meu desejo sempre foi o de morar na casa que era de papai e mamãe junto com Erica e meu filho. Por Deus, William, como eu queria isso!

— Já pensou que, antes mesmo de nascer, você mesmo já havia escolhido passar por isso? Às vezes, Dancam, Deus deixa que pessoas sejam um canal de graça em nossa vida para descobrirmos o que realmente viemos fazer aqui, por isso te digo que, se o Senhor nosso Deus permitiu que Erica e seu filho fizessem parte de sua vida, era porque você tinha que estar aqui ajudando essa gente, trabalhando na Missão de São Miguel. — Expliquei.

— Acho que começo a entender.

— Se Erica e seu filho ainda estivessem aqui nessa terra, com certeza você não se encontraria aqui hoje, mas o Senhor Deus precisava de você realizando esse trabalho maravilhoso junto desse povo. Além disso, o que você conseguiu com suas habilidades de advogado, passando todas aquelas terras para os Jesuítas e afastando qualquer possibilidade de a Igreja tomá-las, foi extraordinário! E todas aquelas coisas que escreveu em defesa dos índios, lembra-se?!

— Espero que as autoridades tenham olhos para ver e ouvidos para escutar tudo o que escrevi naqueles papéis:

“Os índios têm direito à vida; é preciso que tenham condições de trabalho, alimentação, saúde e educação

garantidos, bem como o direito de serem tratados com igualdade, sem distinção de raça. Os índios precisam de proteção especial para seu pleno desenvolvimento, precisam possuir seu próprio nome e uma moradia digna, precisam de amor e de compreensão por parte da sociedade. Os índios devem ser educados, socorridos e protegidos para que cresçam num espírito de solidariedade, compreensão, amizade e justiça.”

— Só pelas coisas que você colocou naqueles papéis, Dancam, já deve se sentir muito importante, pois, através delas, um dia ainda haverá muitas mudanças em favor dos índios. Veja, se estivesse em Orcam jamais teria feito esse trabalho.

— Não gosto de dizer isso, mas porque você sempre tem razão em tudo? Do fundo do meu coração, a verdade é que, se eu puder salvar apenas um aqui na terra, já estarei feliz!

— Está aí uma verdade, muitas pessoas vêm para essa terra para salvar uma só pessoa, mas é o que vale. Se todos fossem assim, o mundo seria mais doce. Escute, está chateado por causa dos insetos ainda?

— Depois dessa nossa conversa, não mais, mas ainda estou com fome, será que tem mais insetos por aí?

Levei as mãos atrás das costas e peguei o pequeno cesto com pêssegos.

— Tenho uma porção deles aqui dentro desta cesta, você quer?

— William, onde arrumou esses pêssegos?

— Uma senhora me deu, coma, estão deliciosos!

— Você não quer?

— Não, estou satisfeito.

Dancam pegou a cesta sorrindo e disse:

— Vou repartir com Jorge e o irmão Francisco.

— Vá, meu irmão, vá!

Fiquei observando Dancam, seu coração era bondoso e generoso; que Deus cuide desse meu irmãozinho!

Bem, começamos a ensinar os índios a plantar e colher e também que, lá em cima no céu, havia um Deus que cuidava de nós.

Hoje faz um mês que deixamos a Missão de São Miguel e preciso voltar para discutir com o irmão André o que fazer, se ficamos aqui ajudando ou se os levamos para a colônia. Também precisamos de mantimentos, pois essas pessoas não têm o que comer.

— William, se não se importar, eu irei buscar os mantimentos. — Disse o irmão Francisco.

— Posso ir também para ajudar, William. — Dancam se ofereceu.

— Tudo bem, podem ir, mas, por Deus, tomem cuidado! — Pedi.

— William, não se preocupe, não tenho medo de mais nada, sei que irei para o céu quando o Senhor Deus achar que terminei o que vim fazer nessa terra!

— Prometam-me que irão se cuidar e, Dancam, nunca esqueça que será sempre muito amado por mim, nunca mesmo esqueça-se disso!

— Não esquecerei! Mesmo sem você querer, sempre será meu irmão mais velho e cuidará de mim.

— Se essa for minha missão, não se preocupe, farei com honra! — Respondi.

— Dancam, irmão Francisco, cuidem-se, por favor! — Falou Jorge.

— Venham, me deem um abraço! Esperaremos pela volta de vocês, vão com Deus e estejam sempre preparados para os desafios desse mundo.

Com eles, foram juntos três índios até a margem do rio onde havia ficado nossa canoa. Eles deixaram a aldeia logo pela manhã e Jorge e eu ficamos orando para que desse tudo certo na viagem.

Cada dia que passava nós fazíamos mais amizades com os índios que, não eram hostis como pensávamos, mas muito bons.

Dancam e o irmão Francisco saíram já faz dez dias e os índios que estavam com eles ainda não voltaram, estamos ficando preocupados.

— William, será que aconteceu alguma coisa com eles? — Jorge perguntou.

— Deus queira que não, irmão! — Respondi.

De repente houve um alvoroço e fomos ver o que estava acontecendo. Um dos índios que tinham saído com Dancam e o irmão Francisco havia voltado e estava todo ferido, muito machucado. Ele falava enrolado e não consegui entender o que dizia; pobre homem, estava apavorado! Uma índia veio em seu socorro, entendemos que iria curá-lo.

— Por favor, diga-nos o que aconteceu, onde estão Dancam, o irmão Francisco e os outros? — Perguntei aflito.

O índio começou a desenhar no chão tudo o que tinha ocorrido e fomos tentando decifrar o que ele ia rabiscando. Entendi que haviam encontrado o capitão do mato e seus homens no caminho e que estes mataram Dancam e o irmão Francisco, colocaram eles numa cruz e os lançaram rio abaixo e levaram os índios embora.

Eu gritei, com toda minha força eu gritei!

— Deus do céu, porque? Porque, Jesus? Sr. Aruaque, como deixou que isso acontecesse?

— Eu não podia fazer nada, William, eles completaram sua missão e você deve seguir com a sua. — O Sr. Aruaque me respondeu.

— O senhor pensa que é fácil perder um irmão assim? O que farei sem Dancam?

— Tente compreender, William, essa foi uma escolha dele, Dancam quem determinou, muito antes de estar no

ventre de vossa mãe, que seria assim e não posso interferir em seu livre arbítrio.

— Porque não quis nos avisar que isso iria acontecer? Eu teria impedido e Dancam e o irmão Francisco estariam aqui, agora... — Disse chorando.

— Meu filho, nem tudo eu sei, nem tudo posso responder-te. O dia em que partiremos dessa terra ninguém sabe, somente Deus tem esse poder, William.

Olhei para Jorge que estava em prantos e não conseguíamos acreditar no que estava acontecendo, então, disse aos índios que iria voltar para procurar por meu irmão e os outros.

O índio que havia conseguido fugir voltou a desenhar no chão querendo que entendêssemos que não adiantava voltar porque eles estavam mortos.

— Está errado, sei que está errado! — Eu disse inconformado.

A mulher que estava cuidando do índio ferido fez gestos para dizer que sentiam muito.

Jorge e eu deixamos a aldeia desesperados, não queríamos acreditar no óbvio, tínhamos que ver para crer. Eu me sentia culpado porque tinha trazido Dancam para aquele lugar, mas iria descer o rio até encontrá-los, tinha certeza que conseguiria. “Deus, o que faço agora? O que vou dizer a Thomas?” — Eu pensava.

Andávamos, as vezes corríamos para tentar chegar o mais rápido possível à beira do rio e é incrível como, quanto mais temos pressa, mais o processo é lento. Depois de tanto andar chegamos às margens, mas nem sinal de nossa canoa e ficamos ainda mais desesperados porque não conseguiríamos atravessar.

Vimos então que, logo atrás de nós estavam três Aruaques que vieram nos ajudar. Desenhei no chão que precisávamos de uma canoa e, para a nossa surpresa, eles logo entenderam e foram para perto de umas folhagens

onde tinham escondido muito bem, embaixo de paus, gravetos e folhas, uma canoa em ótimo estado.

Eles à puxaram para dentro do rio, nós entramos e seguimos. Eu agradei com um gesto e eles bateram a mão no peito e depois as ergueram para cima, acredito que esse seja um sinal para “até mais ver”.

Nos pusemos a remar com toda a força que tínhamos e, depois de algum tempo, chegamos à Missão de São Miguel.

— Irmão André, onde está meu irmão Dancam e o irmão Francisco? Onde estão, me diga, por favor! — Pedi em desespero.

— Calma, meu irmão William, calma! — O irmão André respondeu.

— Não me peça para ter calma, onde está meu irmãozinho?

— Em nome de todos os Jesuítas, só posso dizer que sentimos muito.

— Isso é tudo que tens para me dizer? Vocês tentaram encontrá-los?

— William, meu irmão, desde que vocês saíram daqui, todos os dias íamos até a beira do rio para ver se conseguíamos saber se tinha acontecido algo e, outro dia, encontramos vosso irmão Dancam e o irmão Francisco mortos numa cruz. Fizemos seu enterro no cemitério indígena; sinto muito, mas eles partiram dessa vida.

Entrei para meu quarto e durante vinte dias chorei a morte de meu irmão Dancam. Queria poder ter só mais um segundo para poder dizer o quanto eu o amava. Deus, porque não eu, porque teve que ser meu irmãozinho?! Que peso na consciência eu sinto por não ter ficado tão triste quando o acontecido foi com outros irmãos Jesuítas! É incrível como nossos sentimentos são diferentes quando se trata de nossos entes queridos.

Preciso sair desse quarto e aceitar a realidade, visitarei hoje a sepultura de Dancam e do irmão Francisco. Jorge aproximou-se de mim, nos abraçamos e choramos juntos, depois fomos até o cemitério indígena. Sabia que Dancam não estava ali, mas mesmo assim conversei com ele e deixei um pedaço de pão: “Não passe fome, querido irmão”.

Horas depois fomos falar com o irmão André.

— Como é difícil tirar do coração esses sentimentos, dói demais! — Desabafei.

— Conheço vossa dor, irmão William, pois também já perdi entes queridos, sei que é difícil, mas tenho certeza de que Dancam e o irmão Francisco estão bem. — Me respondeu.

— Também tenho essa certeza, irmão André!

— Não consigo entender porque os índios fazem isso se os Jesuítas entram na mata em paz, não compreendo porque tantos irmãos nossos morreram assim.

— Todos esses Jesuítas, assim como Dancam e o irmão Francisco não foram mortos pelos índios, mas pelos homens de Dom Joaquim.

— Está errado, irmão William, esses índios são muito perigosos!

— Isso é o que Dom Joaquim quer que todos pensem, mas Jorge estava comigo e viu o quanto eles são hospitaleiros. Esses índios fazem parte de uma tribo chamada Aruaque e precisam muito de nossa ajuda. Vou contar-lhe o que realmente está acontecendo!

Então contei o que havia acontecido quando estávamos na aldeia e falei que os homens de Dom Joaquim matam todos os que querem ajudar os índios e põem a culpa nos pobres coitados fazendo com que sejam temidos, ficando assim à sua mercê. Foi a forma que encontrou de poder fazer o que quiser com esses índios sem ter ninguém para atrapalhar.

— Temos que reunir nossas forças, descer o rio e entrar na mata até a aldeia para poder ajudar esse povo! — Concluí.

— Tudo o que falou faz sentido...

— Irmão André, temos que trazer esses índios aqui para a colônia para que a morte de Dancam e de todos os outros Jesuítas não tenha sido em vão!

— Está certo, meu irmão, vamos arrumar nossas coisas, levaremos alguns colonos também para que se sintam mais seguros em vir para cá.

— Quando está pretendendo ir?

— Se temos que fazer isso, então que seja logo. Sairemos amanhã bem cedo, sendo assim, preparem-se que assim que nascer o sol desceremos o rio e resgataremos nossos irmãos indígenas e, se Deus quiser, voltaremos para a Missão de São Miguel.

— Deus quer, irmão André, Deus quer! Não vejo a hora de poder dar a esses nossos irmãos índios uma nova vida. Mas precisamos tomar muito cuidado com os capitães do mato de Dom Joaquim.

— Tens razão, temos mesmo que nos preocupar com os homens de Dom Joaquim, pois são matadores perigosos.

— Estou em paz com Deus, irmão, e se for para morrer, me sinto preparado para isso. Apesar de tudo, tenho pena desses homens que trabalham caçando os índios como se fossem animais, porque a sociedade os criou para isso, eles são meros instrumentos do próprio destino. Acredito que se morremos em Jesus Cristo, amém, mas do contrário, somente Deus poderá nos salvar.

— Não pense em morte, irmão William, pois ainda temos muito o que fazer.

Em alguns dias já nos encontrávamos no seio da mata, caminhávamos, mas o irmão André ainda estava muito apreensivo.

— Irmão, esses índios são pacíficos, pode acreditar, falo a verdade! — Tentei tranquilizá-lo.

— Tenho medo porque os índios que estão hoje conosco na colônia eram hostis e foi muito difícil colonizá-los. — Me respondeu.

— Não tenha medo, pois esses aqui são diferentes, acredite em mim! Verá que logo virão para nos observar.

— Porque virão nos observar?

— Para sabermos se somos amigos ou não.

E como eu disse, logo apareceram três índios que bateram com a mão no peito e depois as ergueram para cima.

— Veja, estão nos cumprimentando. — Eu disse.

— Graças a Deus! Conheço esse sinal, quer dizer que somos bem-vindos. Eu conheço essa linguagem!

— E o que querem dizer agora? — Perguntei.

— Querem alguma coisa para comer, algo que trouxeram da outra vez que estiveram aqui.

— Sei do que se trata, eles querem pão. Diga que temos bastante, que trouxemos muito dessa vez.

Distribuímos os pães e o irmão André já estava bem mais tranquilo.

— Realmente, irmão William, eles só são hostis com quem também é com eles.

Na companhia dos índios, nos dirigimos para a aldeia onde fomos muito bem recebidos, assim como da outra vez.

— Misericórdia, Senhor! Essa gente está vivendo abaixo da pobreza. — O irmão André surpreendeu-se com o que encontrou.

— Por isso queria que visse com seus próprios olhos, eles passam a vida toda a se esconder e precisam muito de nossa ajuda. — Eu falei.

Trouxemos muita comida e isso foi motivo de festa na aldeia.

Entramos em um dos patachos em que estava o líder daquele povo e fomos conversar com o cacique. O irmão André ia falando com ele enquanto traduzia o que estavam dizendo para nós. Reconhecemos o índio que estava sentado junto do cacique, era o mesmo que conseguiu escapar da emboscada dos homens de Dom Joaquim quando Dancam e o irmão Francisco foram mortos, tratava-se do filho do chefe da aldeia.

— Meu povo é grato pela comida que trouxeram para nós. Chalaco os conduziu até aqui.

O irmão André nos disse que eles rezavam pedindo chuva, muita chuva, porque, ao final dela, viria o Oacantaca e com ele, a libertação do povo. Disse também que éramos esperados por toda a aldeia.

O cacique continuou a falar e o irmão André a traduzir.

— Todos os dias perdemos nossas crianças violentadas, mortas ou levadas para servirem de diversão para alguns, nossos jovens estão morrendo, nossos homens desaparecendo e as mulheres tem medo até de ir ao riacho tomar banho. Não sabemos mais para onde ir nos esconder, pois há homens mais ferozes que o rei da selva nos caçando e matando para se divertirem. Temo que um dia possamos desaparecer da face da terra.

— Temos um lugar seguro onde não precisaram mais se esconder, nesse lugar cuidamos uns dos outros. Venham conosco para a Missão de São Miguel! — O irmão André falou ao cacique.

— Para nós não existe lugar seguro.

— Há outros índios vivendo nesse lugar, a segurança é melhor que aqui e terão uma qualidade de vida melhor.

— Aqui ou lá estaremos em perigo da mesma forma, sabemos que todos morrerão um dia, então que seja aqui.

Disse ao irmão André que precisava falar e pedi que traduzisse minhas palavras.

— Queremos ajudá-los para que tenham uma vida melhor. Fácil não será, mas na Missão de São Miguel todos trabalham e as crianças estudam. Tentamos viver em paz, apesar dos riscos, mas isso há em toda a parte; morrer todos vamos, mas que seja com dignidade.

— Falarei com toda a aldeia e decidiremos.

Os Aruaque fizeram uma grande reunião e, acreditem, falavam todos ao mesmo tempo; nós não entendíamos nada do que estavam conversando, mas acho que é assim que eles se entendem.

Ficaram conversando a noite toda e quando amanheceu o cacique nos chamou em sua patacho.

— Decidimos ir com vocês. — Falou-nos.

— Foi uma ótima decisão! — O irmão André respondeu.

O cacique nos levou para fora e disse:

— Estão vendo aquelas montanhas bem além do rio? Existe mais do nosso povo perdido lá, eles também serão convidados para seguir conosco?

— Sim, dou minha palavra de que os encontraremos e levaremos para a Missão de São Miguel. É uma promessa!

Pela primeira vez vimos o cacique sorrir.

— Minhas seis filhas estão lá. — Contou-nos.

Os Aruaque nos acompanharam até a Missão de São Miguel, levamos quarenta e oito dias para conseguir levar toda a aldeia para a colônia. Nunca vi o Sr. Aruaque tão feliz!

Os colonos os acolheram com festa e as crianças em pouco tempo já estavam brincando juntas. Isso nos deixou muito contentes, a Missão de São Miguel crescia a cada dia que passava.

Reunimos os Aruaque e os colonos para que fossem apresentados e o cacique disse algumas palavras que o irmão André foi traduzindo.

— Nasci índio e quero morrer índio. Me tornei cacique por querer o bem de meu povo, sou um guerreiro e busco a paz. Estou feliz por estar aqui nessa Missão de São Miguel e, na minha ausência, poderão contar com meu irmão Morubichaba. O pajé cura as feridas do corpo e da alma e poderão contar com ele também.

Quando terminou de falar, convidou a todos para cantarem e dançarem em homenagem de Oacantaca, que quer dizer “Grande Espírito do Sol”. Depois os índios recolheram-se para seus Patachos e o irmão André foi ter com o cacique.

— Meu irmão, Oacantaca é mais uma das maravilhas de Deus, mas só ele é merecedor de toda honra e toda glória.

— Oacantaca nos trouxe até aqui, por isso agradecemos a Oacantaca.

— Irmão André, ainda é cedo para o cacique entender essas coisas, haverá dias de compreensão. — Eu disse.

Então o irmão André nada mais disse, pois concordou que eu estava certo e que somente o tempo iria os ajudar a entender, mas que não podíamos desistir de fazê-los compreender.

A Missão de São Miguel parecia uma grande aldeia, com exceção de nossa casa que ficava de frente para os Patachos, que era como chamavam suas casas. As tarefas eram bem divididas entre homens e mulheres: os homens plantavam e colhiam, pescavam e caçavam e as mulheres cozinhavam e cuidavam das crianças e também nos ajudavam a coletar frutas e raízes.

Com o passar do tempo fomos formando rebanhos e criávamos gado, porcos e possuíamos um grande galinheiro, o lugar também tinha um pomar gigantesco e fazíamos nossas próprias canoas.

Jorge e eu reservávamos três horas do nosso dia para ensiná-los a ler, escrever e também a falarem uma só língua. Nossa preocupação era para que todos tivessem uma boa formação moral e espiritual, queríamos que todos fossem educados e para isso não medíamos esforços.

A maior dificuldade que enfrentamos era com relação à Oacantaca, que não era Deus, mas que os índios insistiam em cultuar como tal. Mesmo assim, em nenhum momento fomos agressivos porque eles não pensavam como nós.

Era muito bonito de ver quando eles pintavam o corpo e enfeitavam de penas seus cocares, tocavam uma pequena flauta feita de bambu, cantavam e dançavam com seus chocalhos na mão para agradecer a Oacantaca.

— Ora, William, deixe que se divirtam, eles não fazem mal a ninguém! — Jorge falou.

— Meu irmão Jorge, eles não fazem nenhum mal, mas um dia terão que entender que Oacantaca é apenas uma das maravilhas de Deus e não o próprio Deus. — Respondi.

Certo dia o irmão André foi até o vilarejo de São Joaquim para dizer a Dom Joaquim que tínhamos descoberto que não eram os índios que estavam matando os Jesuítas, mas sim seus homens. Falou que ele teria de parar de uma vez por todas de torturar e assassinar os índios.

Dom Joaquim, por sua vez, ficou ainda mais irritado e ameaçou o irmão André de morte e também a todos que moravam na Missão de São Miguel. Depois que trouxemos os Aruaque para viver na colônia, não haviam mais muitos índios para os capitães do mato caçarem e isso só fez aumentar sua ira. Nosso irmão disse a Dom Joaquim que só pararia de proteger os índios depois que morresse.

O irmão André falou-nos que deveríamos seguir em frente no resgate dos nossos irmãos indígenas espalhados por aquela mata gigantesca e que não tivéssemos medo, pois, se nossa missão cair por terra, certamente haverá

alguém para levantá-la. Deus é nosso pai e nunca nos abandonará.

— Se Oacantaca me levar hoje, irei feliz, pois o tempo que estive aqui valeu por toda minha vida. Sou feliz porque meu povo é feliz e estamos todos preparados para o dia em que Oacantaca virá nos buscar. — Disse o cacique e retirou-se cantarolando contente.

Repentinamente veio até nós uma mulher Aruaque chorando muito pelo desaparecimento de sua filha de nove anos. Todos os índios da missão estavam querendo ir buscá-la pois sabiam onde estava, então tentei acalmá-los.

— Não meus irmãos, vocês devem ficar aqui porque é o que eles querem. Se deixarem a colônia irão matá-los todos de uma vez. Eu vou, não se preocupem!

— Irei com você, William. — Jorge se prontificou.

— Também irei. — Se dispôs nosso irmão Antônio.

Saímos naquela tarde em direção do vilarejo de São Joaquim e, chegando lá, notamos que havia uma festa na residência de Dom Joaquim. Todos na casa estavam muito preocupados com os convidados que chegavam e, por estarem muito ocupados, não foi difícil conseguirmos entrar e chegar até os fundos.

Quando entramos na cozinha, encontramos algumas mulheres chorando e outras passando mal.

— Por favor, não se alarmem com nossa presença, viemos em paz! — Eu disse, mas elas nada responderam.

— O que está acontecendo, porque estão assim? — Insisti.

— Dom Joaquim pediu que preparássemos algo diferente para os convidados comerem. — Uma delas respondeu.

— Mulher, o que tem isso de ruim?

A mulher então levantou o pano que cobria os assados e ao ver o que tinham feito levei um grande susto.

— Deus do céu, o que é isso? Jesus Cristo, Nossa Senhora, todos os Anjos, o que é isso? — Falei pasmo e com náuseas.

Os irmãos Jorge e Antônio imediatamente caíram de joelhos pedindo que tornasse a cobrir aquilo.

— Jesus Cristo, tem misericórdia! — Disseram.

— Deus tem de nos perdoar! Não tivemos culpa, fomos obrigadas! — A mulher respondeu.

— Tudo bem, acalmem-se, agora já está feito. Deus, na sua infinita misericórdia, com certeza vai lhes perdoar! — Tentei tranquilizá-las.

Não podia acreditar na cena que acabara de presenciar: eram três indiozinhos ainda bebês assados no fogo a lenha para serem servidos aos convidados de Dom Joaquim.

Nada do que dizíamos fazia aquelas mulheres pararem de chorar, nenhum de nós conseguia entender aquela atrocidade e a única coisa que conseguíamos pronunciar era “Porquê?”. Porque Deus permitiu uma coisa dessas? Eu não conseguia parar de lembrar do Sr. Aruaque dizendo que cada um de nós escolhe o próprio destino, será que aquelas crianças tinham escolhido morrer dessa maneira?

Então o Sr. Aruaque aproximou-se de mim.

— O inimigo é sujo, William, não deixe que nada disso interfira na sua missão, pois tudo o que ele faz é para vê-lo caído por terra. — Me falou.

— E não é para ficar assim? O que essas crianças fizeram para merecer isso, Sr. Aruaque? — Respondi.

— O inimigo faz coisas de que duvidamos, meu filho. Agora desencoste-se dessa parede e saia desse canto, levante a cabeça e siga em frente!

Naquele momento eu estava totalmente descrente de Deus, mas mesmo assim ergui a cabeça e disse:

— Ouçam-me, mulheres, somos só três homens contra centenas de Dom Joaquim e, por esse motivo, não podemos fazer nada além de orar por vocês e por essas crianças. Agora, precisamos de sua ajuda para encontrarmos uma menina de nove anos que foi trazida para cá essa manhã. Acaso sabem nos dizer se ela ainda vive e onde podemos encontrá-la?

— Sei de quem falam, ela está no cativeiro junto com outras crianças da mesma família desses bebês que estão aqui sobre a mesa. — Uma das mulheres contou e pôs-se a chorar novamente.

— Por Deus, vos peço que não digam a ninguém que estivemos aqui! — Pedi.

— Guardaremos segredo. — Responderam.

Sáímos daquela cozinha e, confesso, estava atordoado como se tivesse levado uma paulada na cabeça, sentia tudo rodar. Deus, como estava passando mal! Meus irmãos Jorge e Antônio, por um momento, chegaram a perder os sentidos e mal sabiam onde estávamos.

Era muita crueldade, aqueles indiozinhos eram apenas bebês e não puderam ao menos se defender. Acredito que o Sr. Aruaque tem razão quando diz que Dom Joaquim está sendo usado pelas forças do mal, pois, quem em sã consciência faria tal barbaridade?!

Precisei chacoalhar os irmãos Jorge e Antônio para que voltassem a si.

— Ouçam-me, vamos fazer o que viemos fazer! Temos que ir até o cativeiro.

— Não estou bem, acho que vou desmaiar. — Jorge disse.

— Pense em Deus! Se você cair estaremos perdidos, agora vamos até esse cativeiro! — Respondi.

O irmão Antônio e eu ajudamos Jorge a caminhar até que finalmente encontramos o lugar, ele era grande e tinha vários tipos de animais, num canto também estavam as

crianças. Nos escondemos para esperar anoitecer e os dois se sentaram e puseram-se a chorar com as mãos no rosto.

— Não vamos machucá-las, viemos para tirar vocês daqui, não chorem, por favor! — Eu tentava confortá-las com lágrimas nos olhos.

Encontramos ali a menina de nove anos e outras duas, uma com cinco e a outra com três, quase morta. Todas elas haviam sido violentadas e estavam muito machucadas.

Aproveitamos para descansar um pouco daquele terror que presenciámos e, quando escureceu, cada um de nós pegou uma daquelas crianças no colo e corremos o mais que pudemos. Quando chegamos no portão da Missão de São Miguel todos estavam à nossa espera.

O pajé correu para atender as crianças, mas a menina de três anos faleceu e a enterramos no cemitério indígena. A menina de nove anos se recupera bem, mas a de cinco não poderá mais andar, pois teve as duas pernas quebradas.

O cacique reconheceu a criança de cinco anos como sendo sua neta, filha de uma de suas filhas que morava nas montanhas. Todos na colônia choraram.

A matança continuou e Dom Joaquim fazia questão de queimar os índios vivos bem perto da Missão de São Miguel para que todos pudessem perceber sua autoridade. Nada do que ele fazia nos amedrontava, mas ficávamos muito abalados em ver nossos irmãos sofrendo tantas crueldades na nossa frente sem poder fazer nada.

Os Senhores e Barões era quem mandavam e a lepra moral corroía suas mentes e corações de forma implacável, todos queriam ser como Dom Joaquim, a ganância não tinha limites e a busca pelo poder era justificativa para trapacear, roubar e matar; tinham prazer em impor sua autoridade e subjugar os pequenos e desvalidos.

XV. Final

Bem, recebemos em nossa casa três homens dispostos a trabalhar como Jesuítas e o irmão André os aceitou.

— William, às vezes não entendo Deus. — Jorge comentou.

— Porque está falando assim, meu irmão? — Perguntei.

— Precisamos muito de ajuda aqui na Missão e Deus nos envia apenas três homens, enquanto Dom Joaquim recebe centenas dispostos a trabalhar para ele. Juro que não entendo!

— Meu irmão, trabalhar para Deus é a coisa mais difícil desse mundo, ninguém quer!

— A Igreja de Roma tem muitos trabalhadores, porque não podem nos ajudar aqui?

— É cômodo para eles estarem lá, já nós, o que temos a oferecer aqui além de trabalho?

Decidimos descer o rio novamente para irmos em busca dos índios que ainda estão na mata e moram nas montanhas, então fomos conversar com o irmão André.

— Pois bem, irei com vocês, pois precisaram de um porta voz, deixarei a Missão de São Miguel aos cuidados do nosso irmão Antônio e sairemos amanhã bem cedo. — O irmão André nos respondeu.

Fui para meu quarto com o coração apertado de saudades de Dancam, fiquei pensando em Alicia e no filho que não tive oportunidade de conhecer e em papai e mamãe. Deus, como sinto a falta de Thomas, Agnes, Lucas, Maria e as crianças. Tenho saudades de Ana, será que ela está fazendo muita bagunça no céu? Sorri, depois sorri mais um pouco. Elizabeth já deve estar casada, faz tanto tempo que não a vejo... O que será que o Rei Henrique está

fazendo, será que já morreu? Se morreu foi de desgosto por não ter feito nada para impedir a morte de Ana. Adormeci nesses pensamentos e a noite passou ligeira.

Logo estávamos descendo o rio novamente, andamos por vinte e seis dias até conseguirmos chegar às montanhas na aldeia dos Aruaque. Não foi difícil conseguirmos nos aproximar porque o irmão André falava com eles e traduzia para nós. Foi nesse tempo que o Sr. Aruaque veio falar comigo.

— William, amado filho, minha missão com você termina aqui, não poderei mais vir estar com você porque preciso renascer.

— Mas o senhor é um espírito, como poderá renascer e viver?

— Precisarei de você para que isso aconteça.

— Sr. Aruaque, não pode me deixar... e nossos estudos, nossas conversas à noite, como ficarei sem o senhor?

— Tenho uma nova missão e você está finalizando a sua.

Jorge veio até onde estávamos e me disse que estava vendo o Sr. Aruaque.

— O Sr. Aruaque veio despedir-se, Jorge, não ficará mais comigo. — Eu lhe contei.

— Agora que tenho a grande oportunidade de poder vê-lo o senhor nos diz que vai embora?! — Jorge disse.

— Não se preocupe, Jorge, eu os acharei na hora e do jeito certos. William, agora tenho que ir porque preciso me despedir também de Thomas, daqui seis meses vamos nos encontrar mais uma vez. Não fique assim, nunca esqueça que tudo é por Deus e que Ele nos auxilia em nosso destino. Vou lembrar-me sempre de vocês, até mais!

Naquele dia o Sr. Aruaque partiu, mas foi bem diferente, pois saiu andando por sobre as pedreiras e

cachoeiras até que desapareceu por completo. Fiquei triste, mas ainda tinha uma missão para cumprir.

O irmão André falava para os índios da Missão de São Miguel e do quanto era perigoso para eles permanecerem ali, então Jorge e eu notamos que quase não haviam homens na aldeia.

— Irmão André, pergunte para elas onde estão os homens da aldeia. — Eu pedi.

— Foram caçados, levados ou mortos, estamos só. Precisamos de ajuda, salvem-nos e a nossos filhos! Salvem-nos! — Uma das mulheres respondeu em prantos.

— Calma, não chore, vamos ajudá-las. — Eu disse.

Nosso irmão conversava com os índios enquanto eu observei uma coisa.

— Jorge, está vendo?

— Sim William, também notei que quase todas essas mulheres estão grávidas. Como vamos tirá-las daqui assim?

— Não tenho nenhuma ideia, mas uma coisa é certa, se Deus nos trouxe aqui é porque tem um plano.

Distribuímos alimentos e para aquele povo foi um dia de festa.

Na manhã seguinte fui surpreendido pela visita de Alicia, ela estava mais radiante do que nunca, parecia que o próprio Sol havia descido para a terra. Então chorei.

— Tenho saudades! — Disse.

— Vim pedir-lhe um favor que será difícil.

— Peça-me que eu farei qualquer coisa.

— Tenha coragem e aguente firme que tudo acabará logo. Estarei contigo.

— Estou com tanto medo, o que farei com essas mulheres? Como farei para tirá-las daqui?

— Tudo vai acontecer no momento certo, só lhe peço coragem, fé e caridade para com essas mulheres. — Alicia me respondeu.

— Eu terei, esteja certa disso. — Lhe assegurei.

Alicia beijou-me e saiu de perto de mim. Meu coração ardeu de saudades e pedi aflito:

— Alicia, por favor, espere... tenho uma missão para realizar, pode me dizer qual é?

Ela apenas sorriu e depois desapareceu por completo.

Fiquei ali pensando: “O que será que Deus quer de mim? Como tirar essas mulheres dali? É uma longa caminhada até a Missão de São Miguel, Deus, precisamos de ajuda!”

Estávamos conversando e tentando encontrar uma maneira de levar aquelas mulheres para a colônia quando uma curandeira Aruaque veio até nós. O irmão André traduziu para nós o que ela queria dizer:

— Como perceberam, temos muitas mulheres grávidas e entendo que será difícil salvar a todas. Todos os dias os caçadores aparecem para roubar e matar as pessoas dessa aldeia. Oacantaca me mostrou através de sonhos que passaremos por uma grande tormenta, sabemos dos perigos e estamos preparados.

— Quando estiverem na Missão de São Miguel não correrão mais perigo. — O irmão André disse.

— Gostaria muito de conhecer essa colônia, mas receio que não conseguirei, que não terei vida para desfrutar desse lugar maravilhoso. O que preciso que entendam é que não vamos conseguir sair daqui.

— Creia irmã, e conseguiremos!

A curandeira continuou:

— Temos entre as grávidas uma mulher Aruaque que é guerreira desde que nasceu, tudo o que vos peço é que fiquem até que ela se recupere e possa seguir viagem com vocês. Ela está grávida de dois meses e não suportaria, Chalaco é a única entre nós que possui seu próprio nome. — Nos falou.

Continuou nos contando que sua aldeia era longe dali e que era um tempo de muita seca, quando Chalaco nasceu trouxe a chuva com ela e depois disso nunca mais precisaram pedir pela água porque tinham Chalaco, que ficou conhecida por todos como a menina que fazia chover.

— Tenho certeza que ela carrega no ventre um menino Aruaque que crescerá e se tornará um cacique que protegerá nosso povo. Por favor, só mais alguns meses e Chalaco estará pronta para seguir com vocês. — Ela pediu.

— Podemos ir devagar, com passos curtos e assim, Chalaco e as outras grávidas poderão nos acompanhar. — Respondeu o irmão André.

— Vocês não entenderam! Quando Chalaco engravidou, seu marido saiu com os outros para caçar, mas nunca voltaram. Então a menina achou que tinha que ir atrás do marido, mas só o que encontrou foram mais caçadores. A pobre lutou bravamente com dois deles e conseguiu voltar para a aldeia, porém estava muito ferida. — A curandeira nos falou e pediu que a acompanhássemos até o seu patocha.

Quando entramos e olhei para aquela menina que não devia ter mais de quinze anos, fiquei assustado. Jorge também ficou aterrorizado com a crueldade que tinham feito contra aquela jovem.

— Misericórdia, Senhor! — Foi só o que o irmão André conseguiu pronunciar.

Chalaco não tinha uma das pernas nem uma das mãos e seu corpo ainda sangrava, seus ferimentos eram muito grandes e ela mal conseguia abrir os olhos.

— Como essa menina está conseguindo resistir a todos esses ferimentos? Depois do que fizeram com ela era para estar morta! Não consigo entender... — Sussurrei no ouvido do irmão André.

— Eu também não entendo, irmão William, mas cada um de nós tem seu próprio destino e Deus, em sua

misericórdia infinita, não nos abandona na nossa grande caminhada. — Me respondeu.

— Estou cuidando das feridas de Chalaco e logo ela ficará bem, mas mesmo assim terá de sair daqui carregada. — A curandeira nos falou.

O irmão André assentiu e decidiu atender àquela mulher.

— Nós ficaremos. Pedirei somente que alguém vá até a colônia para avisar que nos demoraremos um pouco mais.

Durante o tempo que ficamos na aldeia fizemos todo o possível para ajudar aquela gente que, além de tudo, estavam doentes, infectados por uma doença chamada escarlatina. As pessoas não conseguiam respirar e se afogavam em sua própria saliva, a pobre curandeira se desdobrava para cuidar de todos trabalhando dia e noite, mas não víamos resultado algum.

Conforme o tempo passava, Chalaco ia melhorando, suas feridas já não sangravam mais e a criança em seu ventre crescia. Nesse tempo muitas mulheres tiveram seus filhos, mas a doença também atingia as crianças que nasciam e duas mulheres não sobreviveram ao parto.

Fui para uma das cachoeiras perto dali e gritei pelo Sr. Aruaque, mas ele não veio. “Estou só...” — Pensei.

Naquela noite tive um sonho que pareceu uma visão: estava repousando em um patocha quando um espírito apareceu, parecia com minha mãe, mas sabia que não era ela, pois senti calafrios e o medo me tomou. Esse espírito dizia que eu era um tolo porque, em vez de me tornar um Barão ou Duque, eu tinha entregue todas as minhas terras e fortuna para meu irmão Thomas, deixando de lado todo ouro e luxo para ficar entre os mortos. Respondi que não estava entre os mortos e que aquelas pessoas precisavam de mim, mas o espírito insistiu em dizer que, para ele, já estavam todos mortos e que eu deveria abandonar tudo aquilo e ir desfrutar da vida. “Tudo o que ganhará ficando

aqui é a morte. Vá, meu filho, seu irmão Thomas precisa de você!” — Me disse a voz.

Passei o dia todo pensando no que tinha acontecido aquela noite. O espírito me chamou de “meu filho”, será que era minha mãe? Mas não podia ser, pois, sempre que vem me ver mamãe está radiante e o espírito que esteve comigo em sonho tinha a aura negra. E como sabia de minha fortuna e de meu irmão Thomas? Deus, me ajude, me sinto muito confuso!

Jorge reparou que eu estava diferente naquele dia e veio conversar comigo.

— O que tens, meu irmão William, algo te perturba?
— Perguntou.

— Estou cansado e confuso, acho que é saudades de casa... — Respondi.

— Eu também... esses dias tenho pensado muito em Elizabeth, minha pequena e doce princesa!

— Fazem quatro meses que estamos nessa aldeia e ainda não sei como tirar essas pessoas daqui.

— E com tantas crianças nascendo, ficará ainda mais difícil descer a montanha!

— Jorge, meu irmão, não sei o que Deus quer de mim! Olhe essas mulheres e crianças, todos doentes... desde que chegamos não paramos de enterrar corpos, os idosos todos já se foram e não sei se restará alguém para levarmos para a Missão de São Miguel! — Desabafei.

— Acho que também contraí a doença, não me sinto bem. — Jorge me revelou.

— Sinto muito meu irmão!

— Não sinta, sou um privilegiado por Deus!

Fiquei pensando naquelas palavras de Jorge e ele está coberto de razão, somos privilegiados pelas mãos de Deus.

Inesperadamente uma criança apareceu correndo e gritando coisas que não conseguíamos entender, o irmão

André chegou logo atrás avisando que os homens de Dom Joaquim estavam subindo a montanha e que a aldeia seria invadida. Precisávamos nos apressar em fazer alguma coisa.

A curandeira veio até nós pedir por Chalaco e nos ensinou um caminho seguro por onde poderíamos fugir.

— E vocês, não posso deixá-las! — Falei.

— Não pense você que essa é a minha vontade, porque gostaria de poder fugir também, mas não posso, tenho que ficar. Agora, vão rápido! — Insistiu.

— Ficarei aqui para tentar proteger esse lugar. — O irmão André disse.

Tentei demovê-lo:

— Não podes ficar aqui, tens a Missão de São Miguel para cuidar!

— A Missão de São Miguel está em boas mãos, mas essas pessoas precisam de mim, ficarei e lutarei com eles.

— Não vê que é tolice, que vai morrer com todos?

— Tolice é eu deixar esse povo morrer só! Vá irmão William, aceite sua missão, salve Chalaco.

Sem esperarmos, uma flecha passou por nós atingindo Jorge. Ele caiu e tornou a levantar-se, pegou um arco e flecha na mão e gritou para que eu corresse.

— Vá William, ficarei para ajudar a retardá-los! — Pediu.

Corri para o patocha de Chalaco e a peguei nos braços, então continuei correndo o mais depressa que pude. Começou a chover e eu conseguia ouvir ao longe os gritos de socorro dos Aruaque sem nada poder fazer. Conforme fui me distanciando aquele som silenciou e agora já estava bastante afastado da aldeia.

A chuva continuava, mas agora mais forte e parei para descansar. Encostei Chalaco em uma árvore e tentei acalmá-la dizendo que não tivesse medo porque logo tudo acabaria. A menina chorava de dor por causa dos ferimentos que ainda tinha.

— O bebê vai nascer. — A menina me disse.

— Não pode, essa ainda não é a hora, o bebê tem só seis meses! — Respondi alarmado.

— O menino vai nascer, cuide de meu filho! — Ela insistiu.

Nesse momento Chalaco e eu fomos atingidos por flechas, os homens de Dom Joaquim estavam perto. Chalaco foi ferida no peito e eu, por duas vezes, nas costas. Ela chorava muito de dor. Eu estava assustado.

— Fique aqui, eu volto logo. — Disse.

Estava com tanta raiva e tanta dor que levantei-me, escondi Chalaco embaixo de folhas e galhos e, tomado pela fúria, fui na direção dos capitães do mato disposto a caçar.

Rastejei pelo chão até que os encontrei, os dois vieram para cima de mim como se fossem animais selvagens e eu me defendi de tal maneira que acabei matando aqueles homens. Me sentei encostado numa árvore e chorei desconsolado.

— Deus, meu Deus, hoje matei dois homens! Era isso que o Senhor queria que eu fizesse? Não entendo o que queres de mim, meu Deus!

Gritei o mais alto que pude:

— Deus do céu, Jesus Cristo, me ajudem!!

Alguns minutos se passaram e resolvi levantar, “Tenho que seguir em frente!” — Disse para mim mesmo.

Quando voltei para onde tinha deixado Chalaco eu a encontrei agonizando de dor, peguei-a novamente nos braços e continuei a caminhar. A noite chegava e o dia nascia e eu não chegava às margens do rio, a chuva não dava trégua.

Eu estava com muita dor e sangrava bastante, Chalaco tinha um ferimento grave e gritava de dor. “Deus do céu, cadê os anjos? Sr. Aruaque, por favor, me ajude!” — Eu pensava desesperado.

Paramos para descansar e coloquei a menina deitada embaixo de uma árvore, continuava chovendo e eu não sabia mais o que fazer, então tentei aquietar Chalaco.

— Tente se acalmar, são apenas mais alguns passos até a margem do rio, por favor, não desista!

Ela novamente falou comigo através de gestos:

— Meu filho está nascendo, por favor, cuide dele para mim! Dê ao menino o nome de Chalaco, é assim que desejo que seja chamado.

Passei a mão em seus cabelos tentando confortá-la.

— Está tudo bem, vai ficar tudo bem...

Chalaco apertou minha mão com força e me agradeceu, dizendo isso o bebê nasceu e, no mesmo minuto ela se foi. Fiquei desesperado, nunca havia passado por uma situação assim, não tinha ideia do que fazer.

— Deus do céu, é um bebezinho! O que devo fazer agora, o que faço com ele?

Aquela criança não estava pronta para nascer, será que iria sobreviver? Do meu jeito eu terminei de fazer o parto, peguei as roupas encharcadas de Chalaco, torci e embrulhei o bebê, penso que ela não precisará mais delas.

O bebê chorava alto e forte.

Enterrei Chalaco e fiz uma prece, peguei a criança e continuei andando. Olhei para as montanhas ao longe, sabia que os homens de Dom Joaquim já deveriam ter descido e logo se aproximariam de mim. Não conseguia mais correr e meus passos ficaram lentos, além disso, continuava a chover.

Eu sangrava muito e o bebê não parava de chorar, acredito que deve estar com fome, só que eu não tinha nada para saciá-lo! Peguei uma folha, deixei que a chuva a enchesse e dei a ele.

— Bebezinho, é tudo o que posso te oferecer nesse momento, mas prometo te levar a um lugar onde nunca mais vai chorar de fome.

Jesus Cristo, deu certo! Graças a Deus ele parou de chorar! Devia estar com sede... será que os bebês têm sede? Bom, isso eu não sei, mas o que importa é ele parou de chorar. Pus meus ouvidos perto de sua pequena boquinha e me pareceu que não estava respirando; de repente o bebê torceu seu corpinho que cabia na palma de minhas mãos e fiquei aliviado.

— Graças a Deus está tudo bem com você pequenininho. Seguiremos em frente.

Eu já estava com vontade de parar e morrer ali mesmo, pois não suportava mais minha dor, quando avistei finalmente as margens do rio. Agradei a Deus e andei mais rápido até que consegui chegar no leito. Ali estavam as canoas dos homens de Dom Joaquim, agarrei uma delas e coloquei no rio, acomodei o bebê no casco e pus-me a remar usando o restante de minhas forças e com apenas uma das mãos, pois a outra estava muito ferida da luta com aqueles dois capitães do mato.

Remei e remei; ao longe, olhei para trás e vi os homens de Dom Joaquim nas margens.

— Viu bebezinho, agora ninguém nos pega! — Eu sorri.

Depois de muito remar, parei a canoa na outra margem, peguei o bebê nos braços e segui caminhando. Ao longe avistei a Missão de São Miguel.

— Estamos quase lá! — Disse ao bebezinho.

Chegando perto da colônia comecei a gritar o mais alto que pude por socorro e os irmãos vieram correndo ao meu encontro. Será que estou vendo demais? É meu irmão Thomas... sim, é ele mesmo!

Caí de joelhos com o bebê nos braços exausto e disse:

— Entreguem ao cacique!
Desmaiei.

Fui acordando lentamente e escutei a voz de meu irmão.

— Está melhor, meu irmão? — Ele me perguntou.

— O que fazes aqui? — Eu disse meio sem forças.

— Vim visitá-lo.

— Thomas, já sabe de Dancam?

— Não fale nada, meu irmão, você está muito ferido e precisa descansar.

Pela primeira vez eu estava falando baixo, não conseguia movimentar as pernas e me sentia esquisito. Escutei Thomas chorar.

— Thomas, irmão Antônio, onde está o bebê, ele está bem? Quero vê-lo. — Eu perguntei.

— Não se preocupe, ele está bem! É uma criança privilegiada, pois tem muitos pais e mães aqui na colônia. — O irmão Antônio respondeu.

— Traga-o para que eu o veja. — Pedi.

Alguns instantes depois trouxeram o bebê para que eu pudesse vê-lo e, quase sem fala eu disse:

— Prometa-me, Thomas, que ajudará a cuidar desse bebê dando-lhe tudo de que ele precisar.

— Prometo que não faltará nada para esse bebezinho. — Thomas me assegurou.

— Chalaco é o seu nome, é assim que queria a mãe dele.

Todos estavam em silêncio, eu olhei bem para aquela criança e observei nela traços conhecidos, mas nada disse. Aquele bebezinho tinha características do Sr. Aruaque e, como iria explicar uma coisa dessas, certamente diriam que eu estava louco!

Será que eu estava vendo direito? Ele era apenas um bebê...

Definitivamente estou vendo!

Olhei bem para aquele bebezinho e disse:

— Missão cumprida, Sr. Aruaque!

Então me dirigi a Thomas, e disse:

— Meu irmão, seja simples e prove seu amor por Deus. Encare seus inimigos face a face e ajude sempre os fracos e desvalidos.

Vi e ouvi uma correria, tiraram o bebê de perto de mim e Thomas estava chorando novamente.

Então vi Alicia, mamãe, Dancam e Ana em volta de mim e uma luz tão forte que mal conseguia abrir os olhos. Levantei da cama e fui na sua direção, andei por ela de mão dadas com Alicia e mamãe, Dancam e Ana seguiram em nossa frente. Eles olhavam para mim e sorriam e pensei que estava sonhando. Que sensação boa, não sentia mais dor e aquela luz era tão acolhedora!

Me levaram para uma grande reunião e reconheci a Sra. Aruaque.

— Ei... Sra. Aruaque!

Ela acenou para mim e todos nos sentamos.

Alguém disse:

— Dois homens foram para o limbo do terceiro umbral por causa de William, eles não conseguiram se regenerar em vida na Terra.

— Eu mesmo irei resgatá-los e os trarei para um de nossos hospitais, supervisionarei pessoalmente essa recuperação, mas é preciso que eles aceitem. — Disse outro de nome Miguel.

O propósito daquele encontro era revermos meu período na terra, Miguel queria que todos vissem que minha vida inteira foi uma missão, então todos fecharam os olhos.

Depois de passados alguns minutos, todos abriram os olhos, levantaram-se e começaram a bater palmas para mim. As pessoas estavam felizes e sorriam e eu também sorri.

Aquele homem então levantou-se e se dirigiu a mim dizendo:

— William, seja, pois, bem-vindo de volta ao seu verdadeiro lar. Tens algum pedido especial para fazer-nos?

Naquele instante eu havia compreendido o que tinha acontecido comigo e entendi que, desde que nascemos, assumimos uma missão.

— Onde eu estava éramos todos seres humanos, isso era o que tínhamos em comum, porque então, mesmo assim, éramos tão diferentes? O que gostaria é que todas as pessoas fossem mais dóceis umas com as outras, isso me bastaria. — Eu respondi.

— Trabalhamos todos os dias, por todo o sempre, nessa causa William, acredite! Como você, na terra, todos nós aqui também temos uma missão; você realizou a sua, está pronto para iniciar uma outra? — Me disse Miguel.

Olhei para meus amados que estavam comigo e para aquela imensa reunião, respirei fundo e respondi:

— Eis-me aqui!

— Sua coragem é admirável!

Saímos da reunião e seguimos conversando.

— Veja como esse lugar é lindo, William, como é maravilhoso! — Alicia disse.

— É mais que maravilhoso, é um sonho... é isso, só posso estar sonhando! — Eu respondi.

— Não é um sonho, William, essa é a verdadeira realidade.

— Aqui é o céu?

— É como todos chamam...

Continuamos andando e vi muitas pessoas e tudo parecia muito bom. Quando chegamos na quarta colônia Ana disse:

— Eu fico aqui.

— Tens que continuar conosco, Ana. — Alicia insistiu.

— Preciso ficar e me preparar para esperar por meu Rei.

— Tu bem sabes que será perigoso!

— Miguel permitiu que eu ficasse para me preparar, pobre de meu amado, não virá para cá! — Ana lamentou.

— Nós sabemos, por esse motivo vamos todos lhe ajudar a resgatá-lo.

— Para onde irá o Rei? — Eu perguntei.

— Para alguma parte do Umbral. — Mamãe respondeu.

— E o que é isso?

— É o lugar que todos chamam de inferno, William. — Alicia me disse.

— Irei lhe ajudar também, Ana, pode contar comigo! — Me prontifiquei.

Ana ficou naquele lugar fabuloso enquanto segui em frente com Alicia, mamãe e Dancam até a sexta colônia. Lá chegando eles me abraçaram se despedindo.

— Quando precisar de mim é só me chamar. — Alicia disse.

— Vocês não ficarão comigo? — Perguntei.

Alicia disse que mamãe e Dancam precisavam voltar para a segunda colônia para serem adormecidos e que ela iria ajudá-los. Mamãe passou as mãos em meu rosto com carinho.

— Ficaremos bem, meu menino, não se preocupe! — Ela me confortou.

— E porque precisam adormecer?

— Eles renascerão em breve, William. — Alicia explicou.

Era impressionante como eu conseguia entender do que Alicia estava falando, realmente essa era a minha verdadeira casa e eu sabia exatamente o que deveria fazer. Me despedi de todos e segui por aquele lugar incrível, tinha muita vontade de voltar ao meu posto, pois estava com saudades de meus irmãos.

Havia um lindo gramado verde e Miguel esperava por mim, meu espírito ansiava por estar ali.

— Que bom que chegou, William, temos uma missão muito grande aqui na Segunda Tríade e agora você é um dos chamados Dominações. — Miguel me acolheu.

Olhei em volta e vi meus irmãos, milhares de anjos com seu cetro e espada nas mãos, eles brilhavam e suas vestes eram branquíssimas. Fiquei emocionado e pus-me a chorar, então eles vieram me abraçar e naquele momento me senti em casa.

Miguel me entregou meu cetro e minha espada e eu me ajoelhei.

— Irmão William, você supervisionará essa força de trabalho celestial ajudando a organizar os deveres de cada anjo que a compõe, auxiliará o despertar nos homens da força para superar as adversidades da vida, colaborará para curar as doenças que afligem o mundo e ajudará a combater o mal. Estás pronto, é de sua vontade aceitar essa missão?

Eu levantei, me juntei a meus irmãos que estavam enfileirados, prontos para a batalha como verdadeiros soldados do grande exército de Miguel, mandados por Jesus Cristo, e respondi:

— Sim, estou pronto, aceito essa missão!

Estava com meus irmãos pronto para a batalha.

Em outro momento fui até a segunda colônia levar energias de cura para todos que estavam adormecidos, eram milhares de pessoas deitadas em leitos transparentes esperando a hora de renascer. Todos eram meus amados, mas fiquei ao lado de onde estavam mamãe, Dancam e Jorge, velando seu sono. Alguns dos irmãos Jesuítas ainda permaneciam no hospital.

Encontrei Ana toda vestida de branco e com um arco brilhante na cabeça, ela ainda aguardava por seu amado. Meu pai, Sir. William, trabalha na quarta colônia.

De vez em quando eu descia na terra para visitar a Missão de São Miguel, Chalaco, aquele bebezinho tão pequeno, estava maior cada vez que eu o via. Meu irmão Thomas cumpriu o que prometeu e nunca desamparou aquela gente.

A “lepra” ainda corroía os corações e mentes dos Senhores e Barões e penso que esse tipo de doença sempre dominará os fracos.

Somos todos seres humanos e isso nos torna semelhantes, então o que nos faz tão diferentes? Homens, mulheres, crianças, ricos, pobres, brancos, pardos, negros, cada um tem uma crença e um modo de pensar, mas o que não podemos nunca esquecer é que o Deus é um só!

Tenho o sonho de que, um dia, ninguém seja vítima de nenhum tipo de negligência, discriminação, exploração, violência ou opressão. Deus não interfere em nossas escolhas; através do livre-arbítrio definimos nosso caminho e tomamos nossas próprias decisões, por isso precisamos ter discernimento para irmos na direção correta e devemos permitir sempre que Deus nos auxilie, pois Ele nos conhece intimamente.

Bem antes de nascermos nós escolhemos nossa missão aqui, sendo assim, vivam bem, vivam felizes.

Lutem e lutem.

Lutem mais uma vez.

Até cordeiros virarem leões.

Assumam vossas missões e a responsabilidade de serem bons cristãos.

Dancam, meu irmãozinho, onde quer que esteja, sempre velarei por seu sono, não tenha medo.

Thomas, meu irmão guerreiro, sempre estarei contigo.

Lucas, jamais esqueça que sempre foi, é e sempre será meu irmão.

Meus pais, de onde estou posso vê-los e sei que, a cada dia que passa, crescem mais no amor de Deus.

Ana, minha rainha, por todos os tempos será sempre uma rainha, vejo isso nos seus passos e na sua conduta.

Jorge, teu coração guarda muitos segredos e creio terem sido por causa deles que se tornou tão forte, tão capaz.

Tenho intercedido por todos vocês, meus amados, e também por todos os habitantes desse planeta maravilhoso, pois essa é a minha missão.

Sr. Aruaque, sou muito grato por ter intercedido por mim nessa vida, que Deus sempre vos abençoe!

Sra. Aruaque, que Deus sempre a proteja!

Dominique e Dominica, estão no caminho certo.

Alicia, não tenho nem palavras, pois eu a amo.

Caríssimos, tudo quanto fizerem, façam por Deus, por amor, por honra e por vocês mesmos, não esqueçam! Não tenham medo, vossas casas serão sempre guardadas pelos anjos de Miguel, basta que tenham fé.

Bem, tudo que vos contei aconteceu em uma de minhas encarnações, foi minha vida em uma de minhas passagens pela terra. Hoje sou o que sou graças ao mestre Jesus.

Continuem sempre, por todos os tempos
“rompendo em fé”!

Pelo espírito de
Jedail Vasconcelos.

A Autora

Maria de Fátima Ramos da Silva

Nasceu na Bahia, em 07/06/1970, na cidade de Belmonte, entretanto, mudou-se para Londrina - PR com três anos de idade. Aos 22 anos concluiu o curso de missionária na RCC - Renovação Carismática Católica. Logo após, transferiu-se para o município de São Sebastião da Amoreira - PR, fundando a ACBV - Associação Comunitária Bom Viver de assistência aos menos favorecidos.

Um fato triste aconteceu com Maria de Fátima, pois uma criança de cinco anos veio a falecer em seus braços devido à desnutrição. A partir desse momento, a missionária passou a ver essa criança diariamente e, em seguida, a comunicar-se com outras entidades, dentre as quais o espírito da Dra Júlia, uma médica americana de aparência oriental, junto à sua equipe. Dra Júlia alertava para que Fátima não temesse, porque essa equipe viria com o intuito de auxiliar às pessoas necessitadas. Na sequência, compareceu o espírito de Jedail Vasconcelos, confirmando que seria o mentor de Maria de Fátima. O livro psicografado convida-nos a conhecer a história de uma das vidas de Jedail.